CHICO MONTE

DR. JOSÉ SABOIA

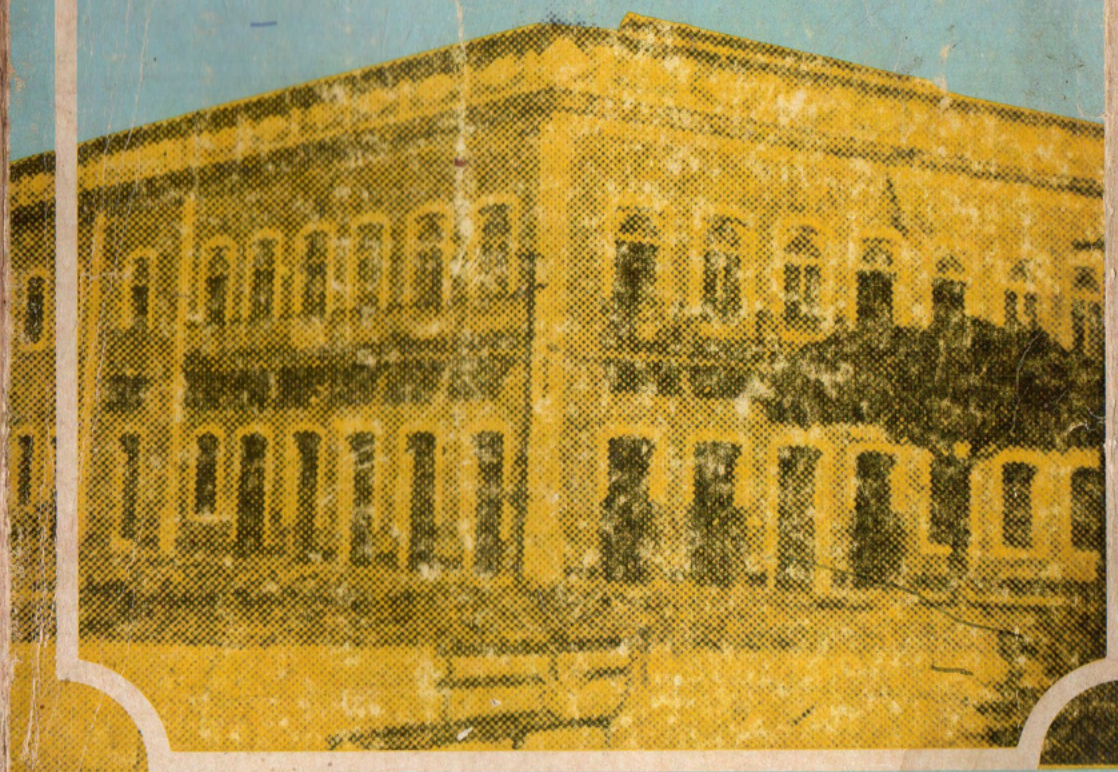
D. JOSÉ TUPINAMBÁ DA FROTA

PARSIFAL BARROSO

PLÍNIO POMPEU

Sobral do meu tempo

LUSTOSA DA COSTA (II)



OUTRAS OBRAS DO AUTOR:

1. *"A Descapitalização do Nordeste no Setor Privado"*. Fortaleza, 1961. (Seminário de Estudos do Nordeste, promovido pela SUDENE.)
2. *ANUÁRIO* do Estado do Ceará, coautoria com Dorian Sampaio. Fortaleza, 1971-72.
3. *ANUÁRIO* do Estado do Ceará, coautoria com Dorian Sampaio. Fortaleza, 1973-74.
4. *"Ideologia do Favor — Curral e Cabresto"*. Fortaleza, Stylus Comunicações Ltda., 1977.
5. *"Por que sou candidato"*. Fortaleza, 1978. (Edição do autor.)

Sobral do meu tempo

Lustosa da Costa

BRASÍLIA — DF
1982

Coleção: *LIMA BARRETO*
Comitê de Imprensa — Senado Federal

Capa: *Edmun*
Diagramação: *Lourival R. C. Filho*
Revisão e composição: *Flávia Isa Obino Boeckel*

COSTA, Fcº José Lustosa da, 1938 — Sobral do meu tempo. Brasília — Senado Federal, 1982. (Coleção: Lima Barreto.)

Crônicas e artigos.

Índice

Pág.

Apresentação 7
Cerco e Queda de uma "Praça Forte", prefácio de Frota Neto 9

Diário de um Repórter Político 41
Fantasia de Menino 45
Má Coisa, a Memória 47
Velhos Casarões 49
Sobral, a Campinas do Norte 51
Fotos sem Filmes 54

O que eu lia 65
Sobral 38 graus: a Formação de um Repórter 67
Cheiro de Sacristia 69
Pressão do Clero 71
Aniversário da Cidade 72
Eu, um Cavalo Velho e a Serra 74
O Derradeiro Triunfo 76
O Último dos Coronéis 79
Os Heróis da Decadência 82
Matando Saudades 85
Vice Assume em Sobral 87
O Delfim 89
O Impulsivo Bispo-Conde 91
Um Padre Burro 92
O Divino Balzac 94
Radicalismo com Honra e Lugar 96

Expedições Nostálgicas 97
Sobral dos meus Nove Anos 99
O "Bon Vivant" 102
Acaraú: Imagens Antigas e Novas 103
Os Doze do Beco 105

Vila Distinta e Real de Sobral 117
Grandeza e Decadência de Sobral 120
Pastoreio e Escravidão 124
Política em Sobral 126
Sobral: obsessão por um Tema 128
Nordeste: Tradição e Preconceito 130
Sobral é Viável 134
Trilha do Galo na Caatinga 136
A Pecuária no Ceará 140
O Boi: o Maior dos Cearenses 143

CHICO MONTE, por Parsifal Barroso 163
JOSÉ SABÓIA, por Prudenciana Sabóia Mont'Alverne 165
JOSÉ SABÓIA E A IGREJA CATÓLICA, por Plínio Pompeu 167
JOSÉ MARIA MONT'ALVERNE, por Prudenciana S. Mont'Alverne .. 174
JOHN SANFORD, por Francisco Ferreira Costa 176

Índice Remissivo de Assuntos e Onomástico 193

Apresentação

SOBRAL DO MEU TEMPO reúne crônicas de reminiscências, levantamentos bibliográficos e artigos, escritos em épocas diferentes, sobre a Princesa do Norte, que conheci no declínio econômico, social e político. Não tem, assim, a linearidade que alguns possam exigir. Muitos personagens vão e voltam, de tal maneira cativaram minha memória e se enovelaram na escrita rápida, nervosa e nostálgica do cearense exilado em Brasília.

Todo o santo dia, minha mulher, Verônica, me cobrava um livro. A oportunidade apareceu: o primeiro centenário do Bispo-Conde de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota. *SOBRAL DO MEU TEMPO* servirá, ainda, para chamar a atenção do País para um de seus mais preciosos legados, o Museu Diocesano, tão pilhado e furtado em sua vida e, mais, depois que morreu.

A sorte foi que à procura de um bom datilógrafo, na Câmara dos Deputados, para copiar os originais, encontrei uma de suas mais qualificadas assessoras, Flávia Isa Obino Boeckel, que se ofereceu para localizar esse raro profissional e rever o material de que dispunha. Ela e o poeta Roberto Aurélio, recém-chegado de Paris, deram-me corda para engordar o material que possuía.

Bati um fio para Frota Neto, em Genebra, e o enregelado filho de Ipueiras remeteu-me prefácio originalíssimo. Em Sobral, velhos companheiros como Edward e Rosa Maria Dias, José Maria Soares e José Monte juntaram-se à dinâmica jornalista Silvana Frota e cascavilharam arquivos à cata de fotografias e documentos antigos. Também José Luiz Melo, filho do Seu Tabajara, de quem meu pai adquiriu a Fábrica Santa Catarina. Mons. Sadoc Araújo enviou-me alguns de seus preciosos livros de história da terrinha.

De uma ou de outra maneira ajudando na coleta de dados ou divulgando minhas carências, colaboraram com *SOBRAL DO MEU TEMPO* os jornalistas: Ciro Saraiva (que conseguiu fotos no arquivo de Nirez), Edilmar Norões, Francisco Bilas, José Rangel, Lúcio Brasileiro, Luciano Diógenes, Margareth Lima, Sônia Pinheiro, Francisco Alves Maia e o ex-Deputado Régis Barroso, do Ceará e, de Brasília, os jornalistas: Abdias Silva, Dário Macedo, Gilberto Amaral, João

Emílio Falcão, Paulo José e Sérgio Chacon, que leram os originais e deram bons palpites. Meus agradecimentos aos fotógrafos: Stênio Saraiva, do *Diário do Nordeste,* Luiz Alencar Monteiro e Sérgio Borges, do *O Estado de S. Paulo,* bem como Jorge Rosa, da Câmara dos Deputados, que ajudaram na cópia de alguns documentos antigos.

Soube que o perfil do falecido Padre José Palhano de Sabóia, pupilo do Bispo Dom José, que praticamente mandou na Diocese de Sobral nos últimos vinte anos de vida de seu preceptor, foi considerado cruel, mas verdadeiro, pelo Padre Egberto Andrade, diretor da Rádio Educadora de Sobral. O Bispo, Dom Valfrido Teles, parece ter gostado. Só ficaria triste, realmente, se o considerassem falso. Aliás, estou pronto a acolher, para uma segunda edição, se houver, fatos que desfaçam quaisquer de meus juízos ou informações obtidas.

Creio que *SOBRAL DO MEU TEMPO* dificilmente agradará à unanimidade dos filhos de Sobral. Nem era esse, tampouco, meu objetivo. Não se trata de livro de história, nem obra de sociologia, embora pretenda deixar no ar indagações oportunas, mesmo que importunem uns e outros.

Sobral, que Antônio Bezerra denominou Campinas do Norte, me fascina por haver sido a mais expressiva mostra da *civilização do couro,* de que fala Capistrano de Abreu. Nela se instalou brilhante e pretensiosa cidade, de rígida estratificação social e racial. Da riqueza da pecuária veio a progênie de seus senadores do Império e da República, símbolos de um período de fastígio hoje ultrapassado. No século dezenove, Sobral dispunha de teatro, telégrafo, telefone e jornais. Abastecia o País de eminentes figuras do clero, da política e da medicina. Seus barões tinham poder, inclusive, para forçar a construção de estrada de ferro até o porto de Camocim, objeto de ácidas críticas de Antônio Sales, em suas "Notas de Viagem".

Em *SOBRAL DO MEU TEMPO,* ao lembrar um passado glorioso, pretendo estimular os sobralenses à luta contra o marasmo, em prol do desenvolvimento, liderado por quem se afirmou, com seus próprios méritos e não mais pela tradição ou títulos de nobreza. Trago estórias, de que fui testemunha nesse retrato parcial de uma sociedade clerical, beata, racista e conservadora, da cidade que me acolheu, de 17 de setembro de 1942 até fins de 1955, e que, para sempre, continuará povoando docemente meus sonhos na Corte.

Brasília, 1982.

Lustosa da Costa

Lustosa e "Sobral do Meu Tempo": Cerco e queda de uma "praça forte"

Em 1938 fez-se a catálise do petróleo, inventou-se a caneta esferográfica, patenteou-se a xerox e nasceu Francisco José Lustosa da Costa. Em 1942, deu-se a primeira reação nuclear em corrente, e enquanto eu nascia nos sertões das Ipueiras, Lustosa chegava a Sobral. No período em que o raio *lazer* foi desenvolvido, dali ele partiu. No ano seguinte (1957) entrou em órbita terrestre o primeiro satélite artificial.

Faz muito tempo? Na lembrança do Homem, faz. Contudo, assim como o Carbono 40 serve ao arqueólogo para identificar a idade dos fósseis, as memórias de Lustosa neste "Sobral do meu Tempo" enfocam formas precisas de um processo de dominação que não resistiu à modernização do Brasil.

Afora isso, o que dizer do que aconteceu de 1938 para cá? Começou e terminou a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-45) e o Estado Novo que se implantara (1937) com Lustosa embrião caiu (1945). Dutra foi eleito e empossado Presidente da República (1946). Vargas voltou ao poder (1951) para, depois, suicidar-se (1954). Brasília foi instalada capital da República por Juscelino Kubitschek no ano mesmo em que Jânio foi eleito Presidente (1960), mas já, então, Lustosa havia deixado Sobral.

Feita esta escala, devo registrar que me sinto envaidecido com o convite para fazer esta apresentação à guisa de prefácio. Mas não é minha encomenda a montagem de uma cronologia dos eventos, que cabe à memória de Lustosa voltada para os seus tempos de Sobral.

E o que foi/teria sido Sobral nessa memória?

O primeiro endereço a que remeto o privilegiado leitor do que vai aqui narrado por Lustosa é o de que Sobral não é — como não foi — tão-só um aglomerado urbano onde as paixões humanas se formaram ao fogo lento do tempo, e se consumiram sem residual. Particular, exclusivo, quase único, diria que Sobral dos tempos de Lustosa foi *um modo de vida, um sistema de valores, uma expressão de*

poder regional que se tocava, sem se contaminar, com a realidade nacional. Diria mesmo que Sobral foi uma espécie de *praça forte,* uma cidadela de muros invisíveis, onde residiam os senhores da região. Dali eles faziam a articulação possível do exercício do poder entre um meio urbano, de hábitos e costumes já não muito encontradiços no Brasil da época, e um meio rural ainda não totalmente eliminado.

Nessa *praça forte* residia um bispo-conde cujo poder era presente sobre uma vasta diocese tão grande quanto poucos feudos da Europa medievel. Lá, também, conviviam os agentes econômicos do poder regional. Era assim que a *cidade-Estado* atuava como pólo: um grande empório comercial-exportador para dentro e para fora de sua área de influência. Para dentro, na medida em que produzia, importava e distribuía para toda a Zona Norte do Ceará e para boa parte do Piauí e do Maranhão. Para fora, quando enviava — na interligação ferroviária — pelo porto de Camocim, o resultado agropecuário ao exterior sem ponto de contato com a economia da simbólica capital política — Fortaleza — a que deveria estar ligada e subordinada.

O poder político se desenvolvia nessa mesma direção. A oligarquia se ligava direto ao poder central tal como a preparação, a duração e o resíduo do Estado Novo fomentara. O papel exclusivo da Igreja não foi identificado só à sede. Em cada paróquia-município, a diocese tinha um pároco representando o seu poder. E, ora complementando ora questionando essa coesão, as lideranças intermediárias em Sobral disputavam-se dentro do sistema de dominação para fazer a ponte (elos de um sistema único de poder) entre o governo nacional e as lideranças municipais que subordinava. Como cenário, fortalecendo laços, exigindo e cobrando fidelidade, tornando mais nítidas as identidades, havia o esplendor de riqueza que alguns procuram alçar mesmo a uma fatia específica de cultura local — *a civilização do couro.*

Internamente tudo se movia, é claro. O poder político se exercitava por fazendeiros, de que houve talvez seu último grande representante na época de Lustosa. A estes fazendeiros cabia fazer a ligação entre o agregado municipal da Zona Norte e o poder central, sob a sigla-legenda do PSD. Ligação que se fortalecia no encaminhamento e no atendimento das demandas, com a Igreja, nesse aparato, garantindo e dando retaguarda.

Na ponta do tapete que começava a se levantar, a emergência dos agentes da produção modernizadora e urbana — a indústria, na sigla e legenda possível da UDN. Mas, os partidos não serviam de abrigo. Eram um uso apenas, mascarando o vínculo direto entre o grande feudo e o poder nacional.

Sob tais influências e em tais condições hegemônicas, o tecido interior da *praça forte* não poderia ter outro estrato.

A cidadela de Sobral era, a partir de suas dominações, clericalmente obediente, manifestadamente beata. Religiosa, contudo, sem ser fanática e sem ofender — antes, preservando — ortodoxia. Hábitos e costumes diferenciavam a sociedade. Havia *lugar* para o branco e para o rico nas igrejas e nos passeios-avenidas. Como havia *lugar* para o pobre e para o preto numa região em que o escravo de origem africana não foi presença forte porque — vale anotar a curiosidade — a economia que dominou Sobral foi a do couro, e as fazendas de criar exigem do vaqueiro algum tipo de liberdade de ação. De movimento que seja, mas que impedia a senzala. Assim, a ocupação e o tráfego no espaço físico urbano reproduzia as formas de dominação que existiam nas relações econômicas. Dominação e discriminação, registre-se, que existe em toda a estrutura urbana brasileira e que, nos diferentes espaços e tempos tem variado no conteúdo, nível e forma.

Mas, como e por que se deixou vencer Sobral?

Arriscaria um palpite no que é relatado neste "Sobral do meu Tempo" por Lustosa. Submetida ao cerco das forças modernizadoras a vida econômica, social e política do País, que passavam a pressionar todo tecido social estratificado, Sobral não desceu sua ponte levadiça. Não permitiu que se desse a entropia. Não realizou trocas sociais nem econômicas com o que estava acontecendo em sua volta e que teriam possibilitado a modificação de suas formas ultrapassadas.

O final não poderia ser outro: Sobral dos tempos de Lustosa sucumbiu. Na decadência, a perda de poder e expressão política, religiosa e comercial. Em seu redor, o feudo viu desenvolverem-se outros sítios econômicos e urbanos enquanto o universo regional que se achava sob seu abrigo — sua proteção-dominação — se manteve isolado, estagnado.

Seria simplificar o modo como o fenômeno ocorreu, falar tão-só em industrialização e modernização exteriores à cidade. Efetivamente esses dois rótulos no caso da decadência sobralense podem conter o tudo e o nada. Mas é preciso não esquecer como existia e como Sobral reagia a cada passo no processo de transformação.

A indústria local era, em si mesma, uma força interior de mudança. Seus donos eram também líderes da comunidade. Portanto, eles em dado momento passaram a disputar o poder regional. Mas sem modernizarem as formas de organização econômico-financeira e a tecnologia, sem evoluir em relação ao universo externo, eles foram se deixando dominar. Paralelamente ou mesmo sobre esses passos, o sistema de comunicações que facilitava a dominação foi se modificando de modo a enfraquecer a hegemonia de Sobral.

Como isso se terá dado? Em seu apogeu, Sobral distribuía para a Zona Norte do Ceará e parte do Piauí e do Maranhão. Assim acontecia com sua produção interna e no fluxo econômico-comercial que mantinha com o exterior regional pelo porto de Camocim. A rota da decadência está registrada com o novo sistema viário — pelo novo traçado e/ou pela construção pavimentada, além de outros sistemas de comunicação mais modernos como o avião, o telefone, a televisão

que criaram elos entre o Brasil em modernização e os núcleos antes dominados sem fortalecer esses mesmos vínculos com Sobral. Pelo contrário, excluindo-o, substituindo-o por igual.

Enquanto isso, em seu interior o social se conservava. E se conservava em especial no sistema de dominação. O sistema de dominação interno não se exercia pelo dinheiro enquanto tráfego (o poder de comprar) mas enquanto capacidade de coerção (o poder da propriedade) que dava emprego e sobrevivência ao *voto* nas terras, nos centros de comércio e na burocracia do Estado.

E qual, num modelo possível, a razão ou a explicação para, a partir daí, a decadência de Sobral? São possíveis e são identificáveis várias. Nesse processo de escolha que junta em um só nó o "Sobral do meu Tempo" de Lustosa e uma vivência relativa na região dominada por Sobral, faço minha escolha.

Repetiria, assim, que a *praça forte* caiu porque não alterou seu sistema de defesas; porque desejosa de preservar seu sistema de valores que fez sua opulência e grandeza no passado. Sobral caiu porque não se deixou modernizar por dentro; porque não admitiu a modernização que vinha de fora.

A esse propósito, detalho. A primeira visão é de que a complexidade e a sofisticação da sociedade econômica brasileira são coisas de agora. Essa mudança se tornou evidente já quando Lustosa havia deixado Sobral. Mas, efetivamente, começou bem antes. Neste começo/meados de século, a urbanização dos investimentos — e Sobral era uma urbs dominando o rural — expandiu a atividade econômica geral. A economia urbana passou a remunerar tão bem ou melhor o capital do que o exportador-rural em que se apoiava a Sobral católica que não poderia tornar-se, num salto sem degraus, capitalistamente calvinista.

Nessa modificação da produção/consumo que ocorria no mundo externo a Sobral, a *praça forte* tornou-se, para seu consumo, cada vez mais dependente do que se produzia fora. O que produzia internamente foi se reduzindo pela incapacidade de competir nos seus mercados externo e regional face às mudanças tecnológicas e os atributos novos organizacionais, seja financeiro, seja dos canais/vias de distribuição.

Todo esse processo envolvia, por igual, variantes e condicionantes que aceleraram seu processo de esvaziamento. Com a geração/emergência de núcleos urbanos mais atrativos, as populações para lá foram atraídas. Como a população que migra é, via de regra, a mais capaz de sobreviver (porque, inclusive, renunciando ao previsível de um sistema de regras que a protege), deu-se a despolarização regional. E, como uma das suas conseqüências, um moto-contínuo reforçado pela repressão à mobilidade econômico-social. Esse moto-contínuo pode ser assim simplificado: num primeiro momento, há redução das demandas/necessidades do núcleo urbano, permitindo que se reduza os investimentos públicos e privados. Num segundo momento, essas demandas/necessidades se tornam mais

amortecidas/enfraquecidas, com novos cortes nos investimentos até que o núcleo urbano se aproxima do esvaziamento/estagnação total. Esse circuito acontece, também em direção diferente ao que se deu em Sobral, ou seja, tal como se tem dado por exemplo desde o primeiro instante do gigantismo de São Paulo.

Mas, para seguir o impulso de "Sobral do meu Tempo" de Lustosa, devo privilegiar o político nestas anotações que se pretendem prefácio. O que terá acontecido ao mundo político enquanto a construção, antes tão sólida, começou a ruir e se tornar escombro? Mais uma vez gravito em torno de uma série de relações possíveis sem me ater, com exatidão, onde são conseqüências e onde foram causas.

O primeiro grande foco foi o que chamaria de desaparecimento ou ausência de elos nas interligações das lideranças entre o municipal da área sob influência e dominação de Sobral toda a Zona Norte — e o poder central, então e ainda no Rio de Janeiro. A falta desse elo ou a perda de sua força/consistência começou a tornar difícil e conflitante, vulnerável e cambiante o relacionamento entre as cúpulas e as lideranças que se posicionavam em Sobral e nos municípios de sua área. Por seu turno, a Igreja havia começado a perder sua força coercitiva que implicava em mando e obediência. Os que ela apoiava, por conseqüência, sofreram esse reflexo. Por que tal se deu?

Um dos meus entendimentos possíveis é de que a par da articulação vertical interna dos quadros partidários e da baixa capacidade governativa dos partidos, o fenômeno começou a acontecer dentro mesmo de Sobral. Começou a haver, ao lado do PSD (e do que representava como aglutinação de forças políticas do passado) uma influência cada vez maior dos maquinistas. Eram eles pequenos industriais, especialmente de algodão, beneficiando em primeiro grau as matérias-primas agrícolas. Como tal, emergiram em cada município mais vinculados à UDN (e o que ela significava no passado) como substitutos ou disputando as lideranças municipais ocupadas por nomes tradicionalmente vindos da propriedade rural.

Por que esses maquinistas não se abrigaram, eles também, no PSD ou o que ele representava? Essa legenda já estava ocupada, e como eles eram uma força nova municipal que aspirava disputar o poder local (na condição de quem *acabava de chegar* econômica, política e socialmente) tinham que procurar outra legenda para uso. A única possível na região era a UDN, embora mais tarde — mas ainda nos tempos de Lustosa — Sobral permitisse o PTB que, no fundo e na forma, era/foi o PSD de expressão/mando urbano.

Um outro entendimento é de que simultâneo ao começo do colapso econômico, as modernas comunicações permitiram e facilitaram o corte e a eliminação desse intermediário regional (localizado em Sobral) no processo de influência do poder político-eleitoral. Ou, se se preferir, ocorreu uma aceleração, dando uma

velocidade nova ao momento da emergência de lideranças municipais e sua tentativa de perfilação nos cenários estadual/nacional.

Desse feixe de variáveis não poderia excluir que há sinais de que houve *perda de interesse* — e tudo o que esse termo pode expressar — da parte de determinados líderes em continuar na atividade política. Para tanto, contribuiu o ter se tornado mais difícil sentir e definir quem estava *(os de cima)* e quem não estava *(os de baixo)* no governo. Isso porque se tornaram mais freqüentes (e sofrendo sanções mais suaves no corpo político) as negociações pós-eleitorais que faziam perder a identidade de fidelidade aos chefes e suas siglas/legendas partidárias. E era precisamente na fidelidade que estava baseado o sistema de distribuição de poder, prestígio e privilégio e, o que contava para as lideranças municipais, os sistemas de distribuição dos benefícios e recompensas nos estamentos burocráticos da administração pública.

É possível que todas essas causas/conseqüências aqui simples, ligeira e superficialmente tocadas tenham construído o cenário para a decadência que se deu. É possível, contudo, mas é pouco provável, que não haja nenhuma relação entre o que aconteceu em Sobral e o que pressuponho nesses efeitos e causas. Do que não há como fugir é da constatação de que Sobral não tem hoje nenhum líder regional capaz de empolgar um agregado de municípios que, no passado — pela Igreja e pela política — pertenceram à sua área. Era na tipificação dessa liderança que se enclavava o poder de Sobral, a partir da qual os chefes municipais seguiam suas decisões e apoiavam seus candidatos, candidatos que Sobral apresentava para os planos estadual e nacional.

Antes de cair na tentação de ponderar cada uma das variáveis, reconheço que as lideranças assumidas pelos maquinistas — notadamente de algodão — e seus assemelhados não eliminaram os escalões intermediários que foram as lideranças regionais. Fizeram, isso sim, transferir parte do comando da antiga legenda pessedista (habitante da cidade que era proprietário de terras) para o udenismo face ao controle do crédito para o plantio e do financiamento na entressafra. Esse mecanismo político-econômico só os maquinistas ou os elos a ele vinculados (já então em Fortaleza) como exportadores tinham condições de atender pelas relações econômicas (e políticas) geopoliticamente mais amplas com centros urbanos mais ricos. Foi quando ganhou expressão própria a Capital.

O resultado final de toda essa transformação, a que Sobral pagou tributo em forma de decadência, foi o se chegar a um quadro referencial de lideranças menos estáveis.

Não pretendo, mesmo porque a honra que o Lustosa me dá tem um limite (tento lhe prefaciar), me estender mais. Os fatos, os nomes, as ocorrências, deixo a ele relatar, anunciar, enfocar, tão bem sabe ele fazer no detalhe de sua lupa sobre Sobral. Ir mais adiante seria tentar sistematizar (o que, de propósito, me furtei) e assim costurar uma camisa-de-força, sob o nome de *modelo,* para seu conhecimento, sua vivência, e, sobretudo, sua memória sufocar. O relato, contudo,

como toda saga da vida e morte dos grupos sociais é doloroso, mesmo porque no social mais amplo e por menos contínuo que seja há o humano individualizado.

"Sobral do meu Tempo", porém, trata de uma época de fausto, riqueza e opulência dos grupos que lhe foram, então, privilegiados. Se hoje há decadência, nem assim deixo de acreditar que haja formas possíveis para Sobral encontrar um espaço novo para expressar uma riqueza nova e uma nova importância regional. Para tanto, a indicação única que encontro é que se expresse em vontade política de sua sociedade civil, do seu povo organizado. É nesta direção, me parece, que aponta o que aqui, em seguida, por Lustosa vai contado.

FROTA NETO —

Genebra/setembro de 1982.

Algumas páginas
dos cadernos em que Lustosa fazia suas
anotações políticas,
ainda menino.

02
21

Termo de abertura

Este livro que contém cincoenta folhas devidamente numeradas servirá para assentamento dos termos de todos os concursos de viola, ainda incipiente, do querido discípulo, Francisco José Gomes, o qual impetra na dita data a proteção do grande taumaturgo São Francisco de Assis.

Natal, 4/10/47

Francisco José Gomes

Hoje foi solto um rojão (foguete) por encarregados da campanha do candidato Dr. Getulio contra o boletim que foi solto ontem à noite isto é o caso de se dizer assim = já foi tarde = e ou assim = doido maluco! deixem-no etc = isto este protesto quem o inventou foi o candidato a vereador pela Aliança Democratica Nacional que é o advogado que se diz Doutor que é o José Maria Mont! Alverne.

Hoje na escolha na minha classe 2º Ano Serie "B" fiz prova de 2ª Noção de Ciencias e tirei grau 10

Hoje é dia de Quinta feira Amanhã é dia de Sexta feira a semana

São 7 horas e 30 minutos do dia 12 de Novembro de 1945 Quinta feira Hoje é dia de Finados Amanhã será Sexta feira 13 Dia de Azar

Hoje é dia 13 de Novembro de 1945 Terça feira

Hoje o dia amanheceu chuvoso e de aparencias de mau tempo

a cadidatura a presidente de Estado pla U.D. o que é o atual Snr. Faustino de Albuquerque e Sousa e a mesma é mesma coisa u-denista.

Hoje o Snr. José Maria Mont'alverne que eu suponho fez um boletim contra o nosso digníssimo cadidato a prefeito pelo P.S.D que é o Dr. Jacinto Anturnes Ferreira da Silva e titulo é este "E' menas verdade" pois este titulo é do Snr. José Sabóia as expressões são as mesmas, pois ele deve ser se dar mal pois o esse dista ou mesmo Dr. Jacinto deverá fazer um boletim defendendo Defendendo o Jacinto) Pois está agora a porta aqui uma roda que era Snr. Edmir Gomes Parente e sua esposa e Raimundo Correia Lima.

Dia 23 de Novembro de 1947

Hoje é o 10º aniversario do casamento do papai com a mamãe.

Hoje é domingo fui a missa na Igrejinha de São Vicente. quem celebrou a missa foi o Padre Gonçalo Epifanio de Oliveira, pois ele é muito ordenista.

Hoje vou ao Catecismo.

Dia 23 à noite

Minhas de pessoas compareceram ao grandioso e monstro comicio do Partido Social Democratico compareceram pois falou primeiro o Snr. Pedro Mendes Carneiro o Dr. Jacinto Anturnes candidato a prefeito, Dr. Francisco Gallery candidato a vereador que foi um dos melhores oradores, falou Pedro Mendes Carneiro como chefe do Partido do Sen Pedro, como disseram num boletim anonimo com o titulo de "perguntas ao Operariado pois o Snr. Pedro Mendes Carneiro que é homem muitissimo inteligente e conhece a historia do Sobral todinha falou como 2º orador o Snr. Jacinto Anturnes que comparou este boletim digo que falou sobre este boletim "E' menas verdade que é anonimo pois ele falou que fez diversas comparações assim foram só 3 tres assim como segue: "O anonimo meus senhores e senhoras que fica nasses de pés de arvores e em veredas para assaltar um homem ou um ticho qualquer, O anonimo meus senhores é como o cachorro que morre de furto, O anonimo ainda é assim: Uma pessoa que se esconde na estrada para atacar traiçoeiramente um inimigo ou um amigo mesmo mata de emboscadas foi assim ou mais ou menos. O Snr. Pedro Mendes falou muitissimo bem e disse mais ou menos assim: "Venha aqui o anonimo para falar neste comicio dizendo alguma coisa, A minha moral publica e privada como diz este anonimo que ela é feia quanto mais se qualquer um Snr. João Melo qual é a moral publica e privada

deles? respondam? E foi mais ou menos assim; falou depois o Snr. Eduardo Almeida Sanford que disse que o Sr. João Melo, João do Gás ou João do Calçamento pedia uma rez e apanhou de vacas emprestadas ao Cel. Francisco Monte e faltou uma vaca e ele disse fazendo ciche tes para o Cel. Francisco Monte dizendo que paga hoje paga amanhã e nunca pagam, pois de pode-se e deve-se chamar João da Vaga e João Miscelania, pois eu acho que não disse assim não mais parecido foi. Pois continuando o discurso do Dr. Jacinto que ele elogiou o Dr. Francô do Glafey de Alcantara disendo assim: Basta ser filho de José Pedro de Alcantara; pois o Dr. Francredo falou também um bom e Otimo orador eu não gravei bem direito. Depois que o Snr. Pedro Mendes estava falando antes de falar como chefe do Partido do Sr. Pedro começou a chuviscar pois já ia terminar quando parou mais e depois parou mesmo de todo a chuvinha e o Dr. Francô do disse assim: Esta chuva faz nós acabar mos com o comicio mais é muito bom para o nosso irmão sertanejo. Pois o Padrinho Francisco Monte não pode ir pois tinha ido a Marco po um caso urgente e ficou digo foi pra lá sem jantar depois foi que foi e jantar e não pode ir. Pois este comicio

foi um dos melhores realizado naquele bairro do Coração de Jesus pois o Espechi dizia assim ou mais ou menos: Hoje o Centro da Igreja do Coração de Jesus celebra mais uma vez este grande comicio pois o espechi não nega ser irmão do Revdmo. Pe. Epedito Lopes aqui o Espechi se chama Capelido de ve ser Rosa. Pois depois antes um momentos de acabar o comicio nós saimos andando logo na frente e depois fomos a casa do candidato a vereador mesmo pelo P.S.D. Diogo Honorio Gomes Parente pois ele estava lá no comicio pois nós sabiamos ia mos pra conversar com a esposa dele que é a D. Biliquinha pois estava na casa o Edmir Ribeiro Parente que é Seu filho e as filhas pois todos são pessedistas e irmãos dele estavam todos no comicio só as duas filhas que não foram pois digo mais ela são pessedistas mesmo só pois estão cansadas de brigar com os tios e primos dele são antipor Ferreira Gomes que veiu com a familia para o P.R.P. pois ele se diz que é da ala desidente do P.S.D. o filho que era o Zé Ferreira pois o Partenor queria que ele fosse ser o preferido mais o Padrinho Francisco ainte no começo um agosto mais ou

Dia 25 de Março

Hoje fiz anos o Sr. Dr. Ernesto Pereira Coutinho. Dei-lhe um abraço e os parabens. Foi para o Rio de Janeiro. Hoje fiz anos o Sr. Dr. Ernesto Pereira Coutinho. Dei-lhe um abraço e os parabens. Foi para o Rio de Janeiro.

Dia 26 de Março

Hoje recebemos uma carta do Dilia de 25 de Março de Mendonça de minha avó Rosa pois antes pelo Tinoca recebido tambem uma carta de Paraisens pelo 10º aniversario de casamento Adino e Rosa Salvador. Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Março

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Março

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Março

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Março

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 31 de Março

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 1 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 2 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 3 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 4 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 5 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 6 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 7 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 8 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 9 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 10 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 11 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 12 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 13 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 14 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 15 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 16 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 17 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 18 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 19 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 20 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 21 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 22 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 23 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 24 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 25 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 26 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Abril

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 1 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 2 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 3 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 4 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 5 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 6 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 7 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 8 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 9 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 10 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 11 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 12 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 13 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 14 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 15 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 16 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 17 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 18 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 19 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 20 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 21 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 22 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 23 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 24 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 25 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 26 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 31 de Maio

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 1 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 2 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 3 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 4 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 5 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 6 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 7 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 8 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 9 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 10 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 11 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 12 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 13 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 14 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 15 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 16 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 17 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 18 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 19 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 20 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 21 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 22 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 23 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 24 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 25 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 26 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Junho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 1 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 2 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 3 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 4 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 5 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 6 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 7 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 8 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 9 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 10 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 11 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 12 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 13 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 14 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 15 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 16 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 17 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 18 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 19 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 20 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 21 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 22 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 23 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 24 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 25 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 26 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 31 de Julho

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 1 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 2 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 3 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 4 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 5 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 6 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 7 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 8 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 9 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 10 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 11 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 12 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 13 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 14 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 15 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 16 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 17 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 18 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 19 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 20 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 21 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 22 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 23 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 24 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 25 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 26 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 31 de Agosto

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 1 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 2 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 3 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 4 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 5 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 6 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 7 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 8 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 9 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 10 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 11 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 12 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 13 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 14 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 15 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 16 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 17 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 18 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 19 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 20 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 21 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 22 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 23 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 24 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 25 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 26 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Setembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 1 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 2 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 3 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 4 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 5 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 6 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 7 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 8 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 9 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 10 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 11 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 12 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 13 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 14 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 15 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 16 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 17 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 18 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 19 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 20 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 21 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 22 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 23 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 24 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 25 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 26 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 31 de Outubro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 1 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 2 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 3 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 4 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 5 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 6 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 7 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 8 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 9 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 10 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 11 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 12 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 13 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 14 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 15 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 16 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 17 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 18 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 19 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 20 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 21 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 22 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 23 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 24 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 25 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 26 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Novembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 1 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 2 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 3 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 4 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 5 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 6 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 7 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 8 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 9 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 10 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 11 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 12 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 13 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 14 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 15 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 16 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 17 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 18 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 19 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 20 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 21 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 22 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 23 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 24 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 25 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 26 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 27 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 28 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 29 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 30 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

Dia 31 de Dezembro

Hoje não tive aula porque fiquei em casa a tratar do meu irmão Fernando que está doente.

CAFE FILHO SOBE AO CATETE

Rio (25) — O Sr. João Café Filho subiu às 11 horas de hoje ao palacio do Catete. Logo após a saida do corpo do ex-presidente Getulio Vargas, o Sr. Café Filho, antes de qualquer outra manifestação de sua vontade, fez questão de assumir o cargo, como compromisso de homenagem e saudade ao grande morto. E, em seguida, o Sr. Café Filho fez questão de frisar que estava sempre a prestigiar a memória suprema do presidente Getulio Vargas.

PEQUENAS NOTICIAS

—As estações de Rádio do Rio, notificaram que a Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, interpretando os cânones, está atendendo a várias consultas, é sumamente favorável à concessão de missas, neste caso particular em sufragio da alma do Presidente Vargas.

—Sobral centenorada lealdade ao chefe do grande estadista Getúlio Vargas.

—Estiveram em Sobral, dia 25, os artistas da Rádio Nacional, do Rio, Carlos Matos e Adelaide Chiozo, e da Rádio Nacional de S. Paulo, Homero Marques e Sandra Samara. Os artistas promoveram dois shows, no Rangel às 20,30 e no S. João as 22 horas.

—Foi lançada a candidatura do jornalista dr. João Ribeiro Ramos, para prefeito de Sobral.

—Já tomou posse o prefeito Sobralense João Café Filho.

—Reina agora calma completa em todo o Brasil.

—Em virtude de morte de Vargas, não se commemora o 7 de Setembro. Soldado.

CORREIO DA SEMANA

Ano XXXVII — Sobral, Sabado 28 de Agosto de 1954 — Numero 36

GETULIO VARGAS

Não quisesste mais viver, Presidente. Renunciaste a vida mas não ao poder. Num momento de fraqueza, perciditou a tua coragem. E envergonhaste-nos profundamente as tuas atitudes da morte. O teu gesto extremo decerto não se haveria consumado se, melhor meditaras e melhor refletiras sôbre a realidade das coisas terrenas e o poder inflexivel do tempo, que transforma, em breves instantes, o conceito e a opinião dos homens, sempre vários e impetuosos nas suas sentenças e julgamentos. Morreste Getulio, e, digam o que disserem, contigo perdeu o Brasil um grande amigo. Sempre estivestes com o povo, ao lado do fraco e do oprimido. Mesmo à hora suprema, vocu para Ele o teu último pensamento. E' que não houve ninguem que, no momento, austeriesse o seu braço, impedindo o teu trágico.

Na psicologia das gentes e das raças aprende-se que a ideia muda e se controverte, e o homem da tarde não é igual ao da manhã. Adia-da a intenção, subtraido o individuo á atuação do meio constringente e opressor, principia a desvanecer-se a ideia que já todas se condensara para a obsessão.

O irremediavel porem aconteceu, e agora, Getulio, só nos resta lamentar tristemente a morte prematura que buscaste. Tereste os caminhos do destino e escreveste trágicos e dolorosos acontecimentos nas páginas inditas da nossa História. O teu nome porém, permanecerá imortal e talvez que o tempo mitifique e invendrel, ser que de uma sabedoria lendária e tua memória gloriosa, para a veneração da posteridade.

DINORÁ RAMOS

Novo ator

João Café Filho assume o governo com os melhores propósitos democráticos, e é justo que para que se creem os ânimos, se refreiem as paixões e a imprensa falada e escrita de todo o país colabore com o novo presidente.

Como nos F.F. U.U. S. Excia. pretende entrar em contacto com todos os representantes da imprensa credenciada junto ao Catete. Como os reis antigos ele quer ouvir da bôca do povo humilde, todos os dias sua crítica ou opinião e suas palestras.

S Excia veio do povo, lutou o dia a dia ao lado do povo. Ele sabe das virtudes do jornalismo honesto, porque já sofreu agressões e desterro por isso. Ele sabe enfrentar a tempestade porque ele já ouviu perto dos ouvidos o silvar da bala, e não é de duvidar que com sua intrepidez enfrente os seus inimigos da democracia com a sobranceria daquele outro nordestino, guindado ao Catete Epitácio Pessoa.

E' de esperar que o novo presidente que sentiu e viveu o flagelo da seca volva os olhos para o Nordeste com carinho e com justiça para attenuar o tormento dos que sentem fome e sede.

E' de esperar também que a imprensa e povo auxiliem o novo presidente a manter a tranquilidade e ordem to que Getúlio Vargas soube defender e manter.

SALVEMOS A DEMOCRACIA!

Francisco José SOARES

A Democracia é têm necessário à vida política dos povos como o sangue à vida orgânica do homem. Não podemos conceber hoje, no ponto de evolução social a que chegamos, qualquer afastado às instituições democráticas.

As forças armadas do Brasil cometeram há pouco com sua intervenção indébita nos negócios públicos, o maior dos crimes contra a Pátria, que foi o assassinato de Getúlio Vargas.

Sempre fui anti-getulista, mas não posso compreender que uma autoridade, legalmente constituida, seja obrigada a tomar tão extremas atitudes premeditada por aqueles cuja missão seria garantir-lhe a execução de seu mandato. Se o Sr. Getulio Vargas tornara-se indigno de gerir os destinos nacionais, cabaria aos politicos, mediante os recursos regimentais, e não aos militares, a deposição do Presidente. As forças armadas se prevaleceram do exagerado prestigio que gozam em nossa Pátria para exorbitar de suas atribuições.

Então, a oposição publica expressa nas urnas de nada valerá se, às candidatos dados pelos partidos de oposição?

Perdida assim a Democracia brasileira. Para salva-la é preciso conversar com os homens de fé, da que, num regime democratico, o voto de um general tem o mesmo valor de uma lavadeira.

N. do A.—Tenho recebido algumas cartas de leitores, solicitando me continuar com meus artigos queres por outro, venho fazendo no Correio da Semana. Agradeço a atenção e informo que quando dispuser de mais tempo, alimentarei minha colaboração.

CRONICA DA SEMANA

GETULIO

RIBEIRO RAMOS

A nação inteira ainda está sob a dolorosa impressão do gesto de desespero de Getulio Vargas, na trágica manhã de 24 "verano e cruento com um tiro no coração de revolver disparado com as próprias mãos.

Foi o desfecho inesperado e trágico dos acontecimentos da rua Tonelero-ao principio sem nós, quando do foi morto, por balas mercenarias, o Major aviador, Florentino Vaz, e ferido o jornalista Carlos Lacerda, o qual, pelas páginas da "Tribuna da Imprensa", movia tenaz campanha contra a familia Vargas, combatendo-a por todos os meios e em todas as ocasiões.

Não vamos aqui remoer fatos, por, tudo acontecera está bem vivo na memória de todos nós, pois, tôda a Nação acompanhou, pelo rádio e pela imprensa, a marcha dos acontecimentos que culminaram com a auto eliminação do Presidente Vargas, o homem mais discutido e quiçá o politico mais hábil que o Brasil já possuiu em todos os tempos.

Creio que muitos me contestarão o adjetivo mas o fato é que direi apenas:

—Vamos esperar pela História. Ela, somente ela, dirá, mais tarde, quando pelo

Evangelho de amanhã

XII DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Ditosos os olhos que vêem o que vós vêdes. Digo vos que foram muitos os profetas e reis que desejaram ver o que vós vêdes e não o viram; ouvir o que vós ouvis e não o ouviram.

E ele que se levantou um doutor da lei, e lhe disse, para o tentar: Mestre que hei eu de fazer para possuir a vida eterna? Disse-lhe então Jesus: que é o que está escrito na Lei? Como lê tu? Ele respondendo disse: amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao próximo como a ti mesmo. E Jesus lhe disse: respondeste bem: faze isto e viverás. Mas ele, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: e quem é o meu próximo? Jesus, prosseguindo no mesmo discurso, disse: Um homem baixava de Jerusalém a Jericó, e caiu em poder de ladrões, que logo o espoliaram de quanto levava, e depois de o terem ferido de muitas feridas, retiraram-se, deixando-o quasi morto. Aconteceu, pois, que um sacerdote ia descendo por aquele caminho, e vendo-o passou adiante. E igualmente um levita, apresentando-se naquele lugar, e vendo-o, passou adiante. Mas um samaritano, que ia pela estrada, chegou-se perto dêle, e quando o viu moveu-se á compaixão. E acercando-se dêle, atou-lhe as feridas, derramando sôbre elas azeite e vinho, e pondo-o sôbre a sua montaria, o levou a uma hospedaria e teve cuidado dêle. E no dia seguinte tirou dois dinheiros e os deu ao hospedeiro, e lhe disse: tem cuidado dêste, e tudo quanto gastares a mais eu to restituirei quando eu voltar. Qual destes três parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? Ao que lhe respondeu aquêle que usou de misericórdia. Então disse-lhe Jesus: pois vai, e faze tu o mesmo.

(São Lucas, X. 23-37)

REFLEXÕES

Para possuir a vida eterna, é indispensavel cumprir perfeitamente o duplo preceito da caridade: amar a Deus e ao próximo. Nisto se resume toda a Lei. A caridade para com o próximo deve estender-se a todos sem restrição. Nada nos dispensa de ver nos nossos semelhantes o nosso próximo e de os amar: nem as diferenças de raças ou mentalidade de condições, nem a diversidade de crenças, nem a distinção de nacionalidades. Tudo isso deve ceder à caridade. E esta caridade não deve ser só de sentimentos ou de palavras, mas deve ser efetiva e operosa: pondo os nossos haveres e a nossa mesma pessoa ao serviço dos necessitados espiritual ou corporalmente.

Atenção Srs. Candidatos !!!

Tipografia Correio da Semana

Confecciona cartazes, boletins e chapas para a campanha eleitoral.

EXPERIENCIA RECENTE — PREÇOS MODICOS

Rua Domingos Olimpio, 347

ELIXIR DE NOGUEIRA

ROTULOS para a guarnição dente, quinado, genebra, morango, na Tipografia «Correio da Semana».

EXPOSITADO NA VITRINE DA SILVEIRA

BRONQUITES?

AOS NOSSOS FREGUESES

Pedimos encarecidamente aos nossos distintos freguezes e assinantes cujas assinaturas se acham em atraso, que procurem saldar seus debitos para com esta Empresa com a possivel brevidade.

Motivos imperiosos determinaram esta apêlo que esperamos atendido e melhor atenção dos que transacionam conosco.

A GERENCIA

O SANGUE E' A VIDA

TEM REUMATISMO? PERNICIA — O SANGUE DE PREFERE TOMAGO

ELIXIR 914

O maravilhoso depurativo [illegible] NÃO FAÇA ISSO! JÁ EXISTE O ELIXIR 914

PARA OS PAIS, MESTRES E EDUCADORES

Antes que aprendam na Rua

A verdade na Livraria Correio da Semana

Joalheria, Relojoaria e Oficina "AFONSO"

de JOÃO AFONSO NETO

Vendedor dos afamados Relógios MA. ROLEX, DRACONIS, MIDO LONGINES, NORMAGON e outras marcas.

Bijouterias, artigos de Ótica. Joias em geral

Rua Dr. Severo Deocleciano, 780 — Telegrama «JOAFONSO»

Caixa Postal 37 — SOBRAL-CEARÁ

Dr. Valmir Araujo

DENTISTA

Clinica, Cirurgia e Prótese, Raio X

Praça 5 de Julho, 839

SOBRAL — CEARA'

Dr. George Pompeu

CIRURGIÃO DENTISTA

Consultorio:

Rua Domingos Olimpio, 190

SOBRAL — CEARA'

Farmacia N. S. da Conceição

A que mais barato vende e melhor atende

RUA ERNESTO DEOCLECIANO, 358

SOBRAL

Casa O CONRADO

Vendedora das linhas de Machine Cotton a preços reduzidos para revendedores

Sortimento completo e sempre reservado

Praça Dr. José Sabóia, 82 — SOBRAL

Oculos sob receita!

OTICA PINTO

Domingos Olimpio, 166

Sapataria Cearense

Calçados para homens, senhoras e crianças

Praça Dr. José Sabóia, 795

SOBRAL CEARA'

FIBRALA

Serraria e Movelaria

Moveis de todos os tipos para prenta retrega. Caibros, ripas, tacos, forro, soalho, taboas de cedro, pinho etc.

Carroceries para caminhão

Rua Cel. José Sabóia, 23 — Sobral-Ceará

Agencia Zélima

Peças e acessorios em geral para automoveis, caminhões e Jeepe.

Rad. Telegr. «ZELIMA»

Rua Cel. José Sabóia, 30 — Sobral

LABORATORIOS TECNICOS "SILVA"

PRÓTESE EM GERAL

Especialidade em dentes Marcia «ROACH»

PRAÇA DR. JOSÉ SABOIA, 783 — (Altos)

SOBRAL — CEARA'

J. Guimarães Torres

ARQUITETO

Especialista em Arte Decorativa

Rua Mestre Deus, 770

SOBRAL -CEARA'

Novenas e outras orações: á venda na Livraria Correio da Semana.

Guias de Exportação á venda nesta Empresa.

DISCOLANDIA

de RAIMUNDO PROTA, LIMA

DISCOS, RADIOS, PICK-UP VITROLAS, AGULHAS

PRAÇA 5 DE JULHO, 221

Sobral — Ceará

CASA DAS CAMISAS

de ANTONIO MOESIO SILVEIRA

Camisas Slack, Gravatas, Cintos, Linhos, Brins, Tropicais, Tricolines

e tudo mais que se relaciona para a elegancia masculina

Praça 5 Julho Nº 177

Vizinho ao Restaurante Bazaraki

SOBRAL — CEARA'

2 CASAS

para servir melhor á sua distinta freguezia

Parc-Royal e Royal-Parc

Artigos finos para os que têm bom gosto

Praça Dr. José Sabóia

Vende-se

Uma Bicicleta semi-nova marca Philips a tratar com José Gutemberg Mercearia Imperial, á Rua Domingos Olimpio, 166

Catecismos: 1º, 2º e 3º. Catecismos, á venda na Livraria Correio da Semana.

SERVIÇOS RAPIDOS E PERFEITOS? SO NESTA EMPRESA!

PRISÃO DE VENTRE

ESTOMAGO — FIGADO — INTESTINOS

PILULAS DO ABBADE MOSS

Agem directamente sobre o apparelho digestivo evitando a prisão de ventre. Proporcionam bom estar geral, bem-estar e disposição. Descongestionam o FIGADO, regularizam os funccões digestivas, e fazem desapparecer as enfermidades do ESTOMAGO, FIGADO e INTESTINOS.

CORREIO DA SEMANA

Bi-Semanario

Registrado sob o numero [illegible] — Sobral — Ceará

Gerente

Assinatura Rodrigues Carneiro

Ano [illegible] Cr$ 60,00

Para o Estado Cr$ 80,00

Numero atrasado Cr$ 1,00

Numero do mez Cr$ 5,00

Numero atrasado do mez Cr$ 10,00

Sobral — Ceará

Rua [illegible] 247

Sobral — Ceará

Pedimos vênia para traduzir e transcrever o presente trabalho, publicado por "La Documentation Catholique", nº 1167, de 21-2-1954, pag. 225-240.)

PROBLEMAS SOCIAIS NA ESPANHA

O JUSTO SALARIO

S Excia. Monsenhor Olaechea Loizaga, arcebispo de Valência, enviou a seus diocesanos a seguinte carta pastoral:

Veneraveis irmãos e caros filhos.

Ultimamente algumas patrões exemplares de nossa arquidiocese desejosos de cumprir conscienciosamente seus deveres, conforme quer a Igreja, apresentaram-nos a lista de seus empregados e trabalhadores e a folha diaria de pagamento de cada um, perguntando-nos se estavam se conduzindo como bons catolicos.

Objetivo da carta pastoral e dificuldades

Demoramos a responta, pois queriamos que ela servisse para todos os patrões de nossa arquidiocese tratando especialmente sôbre o salario minimo, mas justo dos trabalhadores, e isto não geralmente nem por meio de formulas vagas, mas de um modo muito concreto em nossa atual arquidiocese.

A tarefa que nós nos impusemos não é facil e certo que mais de um não nos compreenderá e muito não darão atenção a esta carta pastoral afim de não criarem dificuldades para si.

Aos patrões de bôa vontade.

Quanto a nós, damos graças a Deus si nossas palavras trazem mais luz a algum patrão e por conseguinte mais conforto a seus operarios no nobre exercicio de seus direitos e deveres respectivos. Escrevemos para os patrões de bôa vontade que sabem que, eles são irmãos de seus operarios e querem ser como tais.

Justiça social e caridade fraterna.

Escrevemos com o coração angustiado ao pensar que, cedo virá uma época vitima de extremas violencias, as quais somente se operá e a vinda de uma justiça social cristã, cheia de caridade fraterna.

Queremos no começo de nossa carta pastoral as palavras pelas quais o P. Alberto de Marco da Civilta Cattolica terminava sua conferencia durante o XX° semana social d' Italia "O sentimento de não ser prejudicado quanto a justa retribuição do trabalho, dará às massas laboriosas serenidade e felicidade no meio de suas modestas condições de vida." "Se mesmo reprimindo a cupidez dos outros (às vezes além de diminuir a sua propria) não se consegue na repartição das riquezas produzida pelo meio de retribuições elevadas, chegará uma autentica justiça, que é a aspiração profunda e irresistivel do espirito humano (tanto mais profunda e irresistivel quanto a consciencia de um direito violado é hoje mais repercutido e mais difundida) as classes laboriosas, de alma sensivel, perturbadas por uma propaganda interessada e odiosa, desfarçada sob uma aparencia de altruismo e prodiga de promessas messianicas, dirão bem alto que a exploração do trabalho e o desnivelamento economico são vicios natos do sistema capitalista, elas se lançarão noutras experiencias que, apesar da novidade, se apresentarão como mais eficazes para aquelas cujos efeitos bem conhecidos foram H], fóra e dentro das fronteiras da patria, estamos ameaçados de um monopolio do trabalho, destinado a transformar-se em uma ditadura tirania para os proprios operarios: a economia coletivista. "Não falamos; pois não existe problema de salario como exigencia da justiça lá onde o operario não goza da dignidade humana e não póde protestar contra aquele que lhe mereça um alto posto, sem levar em conta as suas necessidades nem o trabalho fornecido, o preço da retribuição. "Este filosofismo da miseria, esta dialetica da injustiça, as repartições das riquezas produzida, dialetica falsa mas inflexivel, esta dialetica do trabalho reduzido-nos bem em teoria, mas é somente na pratica que se pode combate-la e destrui-la: e não é declarando uma guerra mais ou menos aberta e insidiosa da direita para a esquerda, a propriedade particular, mas recorrendo às armas que extinguem a injustiça e o erro, sobretudo aplicando o direito na pratica geral e as duma verdadeira justiça."

Plano da pastoral

Estremos veneraveis irmãos e muito caros filhos, entremos na materia lembrando com clareza os ensinamentos da Igreja.

a) O que é salario? O que é o salario familiar relativo e absoluto?

b) A quais necessidades humanas deve prover o salario familiar absoluto?

c) Justiça do salario familiar absoluto

d) Causas que podem dispensar do salario familiar absoluto para chegar as conclusões concretas que nós propomos nesta carta pastoral

(Continua)

FARMACIA SÃO JOSÈ anuncia os Produtos do mês; uma FELIZ oportunidade que SOMENTE os seus freguezes TEM A PRIMAZIA de aproveitar:

Elixir Murure Caldas	16,00
Terra mater Inglez	22,00
Magic	13.00

Farmacia São José um indice de garantia e confiança!

BASTA procura-la uma só vez para prefere-la hoje, amanhã e sempre

Crônica da . . .

(Continuação da 4a. pagina)

Getúlio foi um caso único na História de Republica: elevado ao Poder, por fôrça de uma Revolução vitoriosa, tornou-se Ditador, e, como tal, fez se eleger pelo Congresso, Presidente constitucional do País; por uma golpe de fôrça tornou-se novo Ditador, criando o Estado Novo, para o qual apeado num momento em que a própria vida se ofuscava, e isto após quinze anos de intervencionismo do país, quando sempre esteve cercado por amigos fieis e vigiado sempre pelos Inimigos constantes, de todas as horas.

Apesar do poder pelo chamado "Grupo dos generais", todos julgavam que Getúlio não seria mais nada no Brasil. Recolhido em S. Borja, somente iria sair, a não ser para rápidas viagens com fins politicos; o homem fazendeiro, simultaneamente, Senador da República, pelo seu Estado Natal e por S. Paulo — mesmo Estado de Santos que fez a Revolução Constitucionalista — que Getúlio sufocou a ferro e fogo mandando contra ele o Brasil inteiro.

Terminado o governo Dutra e abertas as eleições para presidente lá estava Getúlio como candidato tendo como contendores o Brigadeiro Eduardo Gomes e Dr. Cristiano Machado.

E logo surgiu o "slogan" dos getulistas: Ele volta!

Politico de todas as correntes vaticinavam o retorno triunfante de Itú afirmando que a estrêla de Getúlio estava para sempre apagada.

E Ele mesmo voltou! E voltou nos braços do povo, confirmando assim os seus amigos com uma vitoria esmagadora sôbre os dois ilustres adversários, cada qual dêles apoiado por fôrças poderosas e poderaveis. A estrêla voltou a brilhar.

Um caso unico na História republicana. Getúlio Vargas.

Agora, envolvido — sem culpa, quem sabe? — nos tristes acontecimentos que determinaram a renúncia de uma crise politico-militar, Vargas viu-se diante das mesmas contingencias (menos a popularidade) em que êle próprio e os revolucionários de 30 colocaram o Sr. Washington Luis Pereira de Sousa, o fundador do Catete.

Homem forte, o Presidente recusou manter-se na linha proposta de só deixar o seu sitio de preso ou morto.

Preferiu êle a segunda solução. Só Deus e êle sabem as razões do supremo gesto, que uns julgam de suprema covardia e outros de coragem suprema.

A Deus cabe julgá-lo com infalibilidade e a História cabe levá-lo à imortalidade, exaltando-lhe os erros e as suas longas carreira de homem publico, ou deixá-lo no vale comum do esquecimento se lhe apontar apenas os erros cometidos.

Êle espera feliz o julgamento humano, mesmo quanto êste julgamento passe à Posteridade.

Que Deus se apiede do Brasil, na hora angustiosa que passa. Rezemos para isto.

Contra dôres
ASPIRINA
O remedio de confiança

Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Norte

Edital de concorrência

Em virtude de havermos aprovetado um projeto de lei abrindo um crédito para construção de uma Avenida nesta cidade e, pelo motivo exposto havermos aceito o encargo da execução de serviço, vimos por em concorrencia publica a mencionada construção, para que recebaremos propostas até o dia 31 deste mês.

Temos a planta em nosso poder e poderemos ser procurados a qualquer hora do dia.

Não serão validas as propostas cujos proponentes não sejam idôneos.

Santa Cruz do Norte, 1 de Agosto de 1954

Osvaldo Rosário Lemos
Vereador - Encarregado do Serviço

Está conforme:
Raimundo Capistrano de Castro — Prefeito Municipal

Quermasses

Realisar-se-ão na praça da Sé, à noite de hoje, quermasses em favor da Obra das Vocações Sacerdotais.

As referidas quermasses contam a acolhida de todos e dos catolicos em geral.

Edital

Faço saber que, por parte do José Peregrino Freire & Cia me foi entregue para ser protestada por falta de pagamento a Nota promissória de responsabilidade de Francisco Amaral Neto, do valor de Cr$. 20.00.00 (vinte mil cruzeiros), vencida desde o dia 15 de Maio do ano e não paga até hoje. E como não tenha encontrado o devedor nesta cidade para intima-lo deste protesto, o faço pelo presente edital.

Sobral, 16 de Agosto de 1954.

Ildefonso Sicio Mendes Carneiro - 1º. Escrivão interino.

Vende-se

Uma bicicleta Phillips completa.

A tratar com Manuel Calixto Aragão.
Praça do Mercado, 428

Correio Social

ANIVERSÁRIOS:

FIZERAM ANOS

ONTEM

—Maria Aparecida Ramos Ximenes, dileta filha do Snr. Atibaste Ximenes, já falecido.

—O Snr. Antonio Ferreira Guimarães, comerciante em Sobral

—O Snr. José de Sousa Gullim, comerciante em Independência.

FAZEM ANOS

HOJE

—João Dercir Pinto e Jaci Moacir Pinto, filhos do Snr. Cicero Pinto Mesquita

d. Maria de Alcântara Pinto.

—O jovem Moisés Ferreira da Ponte, filho do Sr. Pompeu Machado Ponte e d. Ernestina Ferreira da Ponte, de Orós-Ce — Aracati

— Miguel Ferreira da Ponte, residente nesta cidade.

[illegible] ANOS

[illegible]

—O Snr. Moacir Lima Feijão, mui estimado proprietário da Farmácia São Luis, desta cidade.

O Snr. Francisco Galdino de Oliveira, nosso assinante de Varzea Lindoso.

Noivado

O Snr. Antônio Quarigueira de Andrade tem a gentileza de comunicar-nos o noivado de sua filha, a prendada senhorinha Santinha de Andrade com o jovem José Benedito de Vasconcelos filho do falecido Snr. D. milagre Galeano e de sua esposa d. Leticia Caiasanga, residente nesta cidade.

Aos noivos os votos sinceros do "Correio da Semana"

Aseiante amigo pague a sua assinatura adeantadamente

A Crase

O prof. Eduardo Gomes de Matos, destacada figura de magisterio publicou um modesto livrinho de grande valor: "A Crase"

Tratando com simplicidade um problema tão complexo, o prof. Eduardo Gomes de Matos, realisou um trabalho com tal segurança de conceitos, com exemplificação variada que mereceu elogios de filologos como Sá Nunes e Martins de Aguiar, além de conhecidos fanos dos professores e estudantes.

O folheto, em questão, acha-se à venda na Livraria do "CORREIO DA SEMANA".

Sempre rapidos? Só nesta Imprensa

Fabrica de Mosaicos São José
de JONES POMPEU
End. Tel. JOPOMPEU

Fabricação tecnica de mosaicos pelo sistema de Tinta Líquida (Tipo Louça)

Esse novo tipo de mosaicos recebe em sua fabricação uma compressão três vezes superior aos de fabricação antiga "Sistema de peneiras"

Possue uma variadissima coleção de lindos modelos
PROCURE VÊR O MOSTRUARIO, A PRAÇA DR. JOSÉ SABOIA, Nº 827
Sobral-Ceará

Diagnóstico Roentgenológico
RAIOS X
de 300 mA — "Siemens"
RADIODIAGNÓSTICO-RADIOSCOPIA-SERIOGRAFIA
RUA JOAQ RIBEIRO 161 SOBRAL — Ceará
Consultorio do Dr. José [illegible]

Aos nossos assinantes

A Gerencia deste Jornal convida os Srs. assinantes a virem pagar as suas assinaturas que se acham em atraso

MONTE, DO EGITO LTDA.
Generos de exportação
Especialistas na venda de farinha, produto da melhor qualidade
ENTREGA IMEDIATA — SINCERIDADE NOS NEGOCIOS — PREÇOS RAZOAVEIS
Rua Cel. Vicente Saboia, 1021 — Caixa Postal 23 — End. Teleg.: JACARÉ
SOBRAL — CEARA'

ALGODÃO EM CAROÇO E PLUMA
Procure a USINA SANTA LUZIA de J. Mendes Adeodato & Cia.
Melhores preços e pronto pagamento
Preços especiais para CERA DE CARNAUBA, Paco-paco, Couros de boi, Peles, Bagas de Mamona, Semente de Oiticica e Castanha de Caju
Telegramma: — "ZEADEODATO"
Escritorio e Usina: Rua Cons. Rodrigues Junior s/n — DEPOSITOS: Rua Senador Paula, 923 — Sobral-Ceará

Lançada a candidatura do dr. João Ribeiro Ramos à Prefeitura de Sobral

O diretorio municipal da U.D.N., reunido no dia 25, sob a presidencia do dr. Ernesto Saboia, resolveu por unanimidade indicar ao povo o nome do dr. João Ribeiro Ramos para a Prefeitura de Sobral.

Logo em seguida às 7,30 da noite, ante uma multidão que espontaneamente se aglomerava na praça dr. José Saboia, houve um grande comicio.

Falaram o prof. João Frederico, o academico Julio Alvaro Coelho, o prof. Gerardo Rodrigues, o edvogado Moacir Sobreira, o estudante Paulo Aguiar e por ultimo entre as aclamações do povo, o candidato Ribeiro Ramos.

Em voz amavel, o dr. João Ribeiro Ramos traçou os planos de sua jornada politica, de sua futura administração, não antes de dizer dos motivos patrióticos e sentimentais que o levaram a aceitar o penoso encargo.

O povo depois levou o jornalista e radialista João Ribeiro Ramos à sua residencia, na Praça da Independencia, onde falaram: José Wison Brasil, o prof. João Frederico agradecendo a distinção e cordialidade da terra sobralense.

O candidato se recomenda ao sufrágio, dos amigos e correligionarios pelas suas virtudes morais e civicas, pela sua honestidade e pelo seu amor a Sobral a que está ligado fortemente por laços de fraternal amizade.

EDITORIAIS

Saudação do Professor Francisco das Chagas Tito,

Candidato a Deputado Estadual, pronunciada ao microfone da Radio Iracema de Sobral

D. José Tupinambá da Frota

Sobralenses e Cearenses da Zona Norte:

Amar a Deus é uma prerrogativa da própria divindade; amar a Pátria é um mandamento semelhante.

A Pátria é o País, o Estado, a cidade, o lugar onde alguém nasceu. A Pátria é, ainda, a residencia dos habitantes, o aglomerado dos habitantes, o aglomerado das sociedades, o núcleo das famílias. A Pátria, como parcela do Universo é obra divina. Se é criação de Deus, temos obrigação de servi-la em todos os tempos.

A minha Pátria é, portanto, êste Brasil imenso, o Ceará glorioso, é Sobral com tôda a sua zona Norte, bradando, conclamando os seus filhos para a arena da luta, contra o retrocesso, contra o marasmo, contra as ineficiências físicas, intelectuais e morais.

Sinto que a minha terra precisa de mim, compreendo que a minha gente reclama os meus esforços na hora mais angustiosa, na situação mais torrentosa por que passa a humanidade.

Gerou-se o cáos. Deu-se tido como o último a ser consultado; a Igreja considerada como uma instituição obsoleta; a moral, uma coisa antiquada; a pátria, um mito; a família, uma mera satisfação à sociedade.

Urge, por conseguinte, que trabalhemos pela restauração do espírito de Deus na sociedade, pela restauração dos bons costumes, pelo amor à nossa terra, pelo progresso do nosso conchego natal.

Muito felizmente, graças a Deus, observo que os filhos da nossa terra não estão de braços cruzados, quando se trata de elevar o nivel do nosso povo, os homens da zona norte estão se arregimentando para dar a esta região do Ceará aquilo de que ela precisa, para que ereça ao conceito e venha nivelar-se aos grandes centros do nosso país.

Já muitos cidadãos de bem, legionários da boa cruzada de nossa terra, são candidatos a postos eletivos e, tenho absoluta certeza, com o objetivo precípuo de servir a Deus nas culminancias do seu posto e trabalhar com desprendimento pelo nosso torrão natal.

Parabenizo-os a todos, ou melhor, congratulo-me com a minha gente por mais esta falange gloriosa de intrépidos e valorosos após tolos do bem, que muitos benefícios irão prestar ao desenvolvimento e aos interêsses de nossa terra comum.

Pois bem, meus caros companheiros de jornada, sou também filho desta terra que é nossa. Quando me detenho a abraçar a cruz da boa política, foi igualmente com a finalidade exclusiva de proporcionar a minha modesta colaboração na defesa dos postulados da Fé Cristã, quebrar lanças pelos direitos da Igreja e da sociedade bem constituida, e dar a minha parcela de operosidade e de dedicação ao povo que mourejo nesta zona progressista, onde ainda existe a sinceridade, a boa vontade e a união de vistas.

Sou filho desta terra que ainda tem o orgulho de possuir como chefe espiritual a figura incomparavel de D. José Tupinambá da Frota exemplo insofismável de santidade e de trabalho, de amor aos problemas de nossa terra e de dedicação á causa dos pobres.

Venero-o e consagro me totalmente a todas as suas decisões, porque foi das suas mãos que saí para as lutas do século onde vou vencendo facilmente, graças as armas que recebo do seu comando, armas que são a fé, a instrução e a tenacidade.

Estou no voso lado, como o mesmo ideal, sem partido partidário, mas ùnicamente com o propósito de levar diàriamente á Assembléia Estadual os anseios problemas da nossa terra e de nossas gentes, afim de que sejam imediatamente solucionados.

Peço a todos que me ajudem a vencer, pois, nobres candidatos a postos eletivos da zona norte. E a vós, eleitores nortistas do Ceará, eu vos felicito por mais esta plêiade de paladinos do patriotismo e do desprendimento!

Praza aos céus os vossos esforços conjugados confirmem para a nossa terra mais uma esperança fagueira, mais uma realidade confortadora, para aqueles que vos depositarem a sua confiança.

Estou ao vosso lado, como o mesmo ideal, sem partido partidário, mas ùnicamente com o propósito de levar diàriamente á Assembléia Estadual os anseios problemas da nossa terra e de nossas gentes, afim de que sejam imediatamente solucionados.

Que os vossos esforços que vos que ora vi nascer.

Eu vos rogo, pois, nobres candidatos a postos eletivos da zona norte. E a vós, eleitores nortistas do Ceará, eu vos felicito por mais esta plêiade de paladinos do patriotismo e do desprendimento!

Praza aos céus os vossos esforços conjugados confirmem para a nossa terra mais uma esperança fagueira, mais uma realidade confortadora, para aqueles que vos depositarem a sua confiança.

Estou ao vosso lado, como o mesmo ideal, sem partido partidário, mas ùnicamente com o propósito de levar diàriamente á Assembléia Estadual os anseios problemas da nossa terra e de nossas gentes, afim de que sejam imediatamente solucionados.

Correio da Semana
Ano XXXVII — Sobral Sabado 8 de Agosto de 1954 — N. 38

Bacharel Francisco José Soares

Foi concedida pelo Ministerio da Educação uma bolsa de estudo no sul do país, para um candidato normalista em PSICOLOGIA PEDAGOGIA ao jovem prof. conterrâneo Francisco José Soares. O beneficiado vai candidato a Pre-feito de Ibiapina, aproveitará o "intervalo" de novembro a janeiro próximos, deixando-se só a Argentina, onde observará as mais modernas institutos pedagógicos da cidade platina.

Cêra de Carnaúba
Não venda a sua cêra e bôrra de carnaúba antes de consultar os excepcionais preços da
EXPORTADORA MACHADO ARAUJO LIMITADA
Classificação criteriosa e pagamento imediato
ESCRITORIO — Rua José Avelino 88
USINA — Av. Francisco Sá, 3.897
Tele { gramas — «RAMACHADO» e «CARNAUBA»
fones — 28-48 e 21-48
CAIXA POSTAL, 720
FORTALEZA — CEARA'
AGENTES EM SOBRAL
LIMA & ARAGÃO
Tel. Cel. Vicente Saboia 1.027/51
Teleg.: "NESTOLIMA"

Chaveiro perdido

Pede-se a pessoa que tiver encontrado um chaveiro perdido (uma argola com 2 chaves), a fineza de entregar na filial da farmacia Monte, que será gratificada.

Meia noite, da "Filmex", com Arturo de Córdova e Eliza Aguirre.

Historia de um contrabandista, que, vendo-se obrigado a fugir para o interior, afim de livrar-se da perseguição da policia, se fez passar por mestre-escola, e, apaixonando-se por uma jovem, regenerando-se através dêste amor. Moralmente há restrições a fazer nos cenas de cabaret, prática de crime, uma sinio frio da amante do bandista. *Para adultos*. Apesar disso, com essa restrição-a

Código do amor, da "Universal," com Van Heflin, Patricia Neal, Gigi Perreau, Virginia Field, Jimmy [illegible]

Tesouro do condor de ouro (Para adultos)

Trute nuvem de estudos (Para adultos — aclarecidos)

Dr. Moacir Gomes Sobreira
ADVOGADO
Rua Conselheiro José Julio — Sobral-Ceará

Maria, Virgem Imaculada, os Congregados Marianos de todo o Brasil, te saúdam com humildade e devoção

REINO DE CRISTO

ANO XIV — SOBRAL, 9 DE MAIO DE 1954 — N. 6

Ao Santo Padre, PIO XII que enriqueceu as CC. MM. de benesses, a nossa homenagem.

Dia Mundial

E' sem duvida este dia destinado ao regosijo dos Congregados Marianos de todo o orbe Católico.

Dia de festa no qual todos procuram revestir-se da sua túnica nupcial, isto é, há uma aproximação do tribunal da penitência com as disposições mais acendradas. Cada um por sua vez quer comemorar este dia com maior santidade, como se fosse o dia da graça especial e efetivamente o é, pois, a Santa Igreja o enriqueceu com indulgencias extraordinárias Dai a necessidade das CC. M.M. neste mês procurarem proporcionar meios de atrair os congregados, da 2ª linha, os cansados, os tíbios afim de infundir-lhes o calor necessario a uma vida nova.

E' preciso que os frutos do ano mariano sejam aproveitados, é preciso que se multipliquem Nesta hora tão grave para o nosso Brasil, de tanta confusão, de tanta desordem, de amoralismo, faz-se mister que os católicos tomem uma posição definida, uma posição coerente com a sua fé. Não aplaudir o erro por que todos estão errados. Não, a Igreja está sempre certa e inflexivel, na sua doutrina. Cada individuo responde perante a Divina Justiça pelo erro que comete. Logo, um Congregado não deve, não pode ficar no mesmo pé de igualdade. Ele é e será sempre o protesto.

Mesmo no seu silêncio e por que não dizer, no exemplo edificante. Quando o congregado se identifica ao erro, não só nivela, mas desce mais que o outro. Ele será a corrução do bom senão do ótimo e quando o ótimo se corrompe torna-se péssimo. E' principio de filosofia.

Devemos ser em toda parte o estéio da boa sociedade. Devemos construir e não ajudar a destruição. Por que a mentalidade pagã só se compraz em destruir. E' destruir tudo, a moral, os bons costumes, destruir a sociedade até os seus alicerces. E o nosso papel é conservar e reconstruir tudo em Cristo e para Cristo.

Ao Revdmo. Mons José Osmar Carneiro DD. Diretor da Federação, a nossa homenagem

Ao nosso amado Pastor, a gratidão das CC. MM.

DA virtude da cruz manaram os sete sacramentos que são medicina e remedios para todas as necessidades e males de nossa alma.

GRANADA

«Oh maravilha! eu vejo Maria colocada em uma dignidade infinita porque toda natureza procedendo de Deus, a natureza de Cristo Deus procede toda de Maria que sua mãe». SANTO ANSELMO

Federação das Congregações Marianas

Dia das Mães

Magna é a data que comemoramos no dia 9 de Maio, dia das mães. Devemos homenagear a quem tanto amamos, ó autora de nossos dias Quem ja o perdeu chora por não poder prestar lhe o culto que ela merece.

Mas para estes há um meio de honrá-la, mandando celebrar uma Missa, comungando, enfim orando por ela.

«O nome Mãe contem sentimentos nobres que não podem ser traduzidos», disse um poeta.

E tinha razão porque mãe é a causa principal da vida

Nenhuma pena poderá calar se o coração do bom filho deve ser grato à aurôra de seus dias.

Seja êste uma premissa de homenagens por todos os dias que se sucedem.

Perto ou distante até de seus encantos, sempre nos nossos corações de eleitos, seja O Dia das Mães, todos os dias.

Nossa mãe é a vida e a luz de nossos olhos Com a evolução dos tempos tudo é mutavel e transitório mas um coração materno não muda. Disse Coelho Néto: "E's tú alma divina esta madona que nos embala na manhã da vida".

Mãe! oxítono musical e enfim não temos expressões necessárias por mais que façamos por ela não recompensaremos o que ela fez por nós. Mamãe... quanta meiguice nestas duas silabas! O' Mães, cujas almas são semelhantes aos puros sacrários onde habita Deus, ó mães, cujos corações são as únicas pérolas, que no revolto mar da nossa vida não nos ocultais no seio profundo das magoas, vós estais sempre presente na existência de vossos filhos bons ou ingratos que sejam.

Saúdo não somente a minha mãe e tambem com sinceta e viva admiração a todas que as que manejam como lustres e ornamento da nossa organização social, quer ainda as que vivem obscuras pelos varios recantos da Patria

Não possuimos apenas um mãe Temos tambem a Mãe do Céu que devemos amar mais que a da terra, aquela que teve a honra de ser Mãe de Jesus Cristo que morreu na cruz por nós.

A mais perfeita mulher dotada de excelsa virtude o melhor exemplo de mãe, é N Sra. que Deus escolheu para mãe de Jesus.

Como podemos homenagear a Mãe do Céu? Com a pratica da boas obras é o que mais lhe agrada.

Todos os cristãos devem agradecer o beneficio de nos ter dado uma mãe. Maria! que nos protege em todos os perigos deste mundo corrompido que nos leva para o mal.

Ela sabe dar a conformidade aos que se encontram desamparados Este mesmo mês é de Maria. Peçamo-lhe que derrame de suas mãos a labastrinas perenes graças para nossas mães

Ergamos com fé preces fervorosas ao Céu pedindo a Maria SSma dê-nos esta alegria para toda vida da nossa mãe querida

Lucia Maria

Festejos em comemoração ao DIA MUNDIAL DO CONGREGADO MARIANO

Maio 5 — *Visita ao Exmo. Sr. Bispo D. José Tupinambá da Frota, de todas as Congregações, seguindo-se para a novena na Catedral. Abrilhantará o desfile a Banda de Musica local*

« 6 — *Novena na Igreja N. S. das Graças.*

« 7 — *Idem na Igreja de N. S. do Patrocinio.*

« 8 — *Idem na Igreja da Sé*

« 9 — *A's 5 horas da manhã - alvorada com musica e foguetões.*

« « — *A's 6 horas da manhã — Missa na Catedral, celebrada por S Excia D José Tupinambá da Frota.*

« « — *A's 9 da manhã — SESSÃO MAGNA NA SEDE DA FEDERAÇÃO*

PROGRAMA:

I — Hino a D. José
II — Saudação pelo Revmo Monsenhor Vigario Geral
III — Numero de musica
IV — Discurso por uma Filha de Maria
V — Numero de musica
VI — Posse das Diretorias das Congregações
VII — Discurso pelo Congregado Mariano Expedito Vasconcelos
VIII Encerramento
X — Hino Nacional.

Logo após a sessão todos incorporados seguirão para um PIC NIC. no sitio ESCONDIDO de propriedade Sr. João Dias.

Nota — Cada desfile será presedido por um PADRE Diretor da Congregação. Nos quatro dias serão realizadas 4 conferencias na Radio Iracema.

"Coração de Mãe"

(Aos confrades Marianos)

Maio. O mes das flores e das preces votivas dos canticos religiosos dos hinos e das alegrias. Mês de Maria, a Virgem-Mãe do Cristo Redentor, a *Regina Coeli*: Santa das santos, bendita entre as mulheres.

Divino Apostolado — os Marianos! - Heróica legião catolica, Intransigentes e destemidos na defeza da fé

Sagrado Coração de Maria, a Ancila do Senhor - o mais sublime coração materno e a Virgem das virgens Triunfou sôbre o pecado original A castidade das castidades, e a Mulher mais sublimada que jamais apareceu no mundo.

Sacratissimo *Coração de Jesus* (o Coração do meu Deus e o Deus do meu coração) *Jesus Hostia* é a Eucaristia do Amor, a Imortalidade e a vida. A Imaculada Conceição. Maria SSma. é a Gloria das virgens, a Mãe dos homens e do Cristo de Deus - a Luz do mundo e o Salvador do genero humano - "Pai Nosso que está nos céus". O coração humano é um canteiro de saudade, orvalhada de lagrima Não ha vida sem dôr E' o prognóstico, a lei divina.

Dôr: o primeiro protesto de vida e o lagrima primeira, na expressão verbal do cismaroso cantor Pela sua intercessão, a Terra está esperando o triunfo imortal da cristandade e a paz universal

Maio. Mes de Maria - dos canticos e das flôres mes da alegria

Preces cheias de uncção e de misticismo.

Marianos insignes - eu vos saudo e idolatro

N *Sra* do *Brasil* é a esperança da juventude catolica

Mãe SSma ó Mãe clemente! - prôtegei-nos, dai-nos paz, vida e esperança.

Um sacrário de amôr o *Coração de Mãe!*

T. F.

Fatos e Comunicações

GRANJA -- Remeteu cr$ 100,00 para pagamento de 20 assinaturas do Boletim do ano de 1953. Comunicamos que o sr. Presidente da Federação não cobrará assinaturas este ano dada a irregularidade na saida do Boletim.

A FE'

"Mete a tua mão e reconhece o lugar dos cravos" — (S. João, 20-27). O Mestre amigo se revela ainda mais quando no cenáculo chama o seu discípulo Tomé e o induz a crer de maneira categórica na sua ressurreição. Fala no modo imperativo e impõe à fragilidade daquela alma uma fé robusta. E vergasta ao mesmo tempo a sua infidelidade, "toca nas minhas chagas" e vê as minhas mãos". Ainda tens dúvida a meu respeito? Ainda pões dúvida a minha missão divina? Tú és cego, porém, vê com os teus dedos as chagas das minhas mãos já que os olhos da tua alma são mais cegos que os do teu corpo. Vê! Mas ele era cego e o Mestre manda que ele veja. Ele viu com as pontas dos dedos porque era cego e o cego vê efectivamente pelo tacto. Tomé viu por que creu. E viu de uma vez com convicção tão forte como a de Pedro quando proclamou "Tú és filho de Deus vivo". "Tens palavra de vida eterna". Há diferença entre a proclamação de Pedro e a de Tomé. O primeiro creu na palavra do mestre antes do grande milagre e outro só quando ferido vergastado pelas palavras de reprovação do Mestre. Ainda, tu sabes e crês que fui crucificado, que tive as minhas e os meus pés rasgados pelos cravos que o meu lado foi rompido pela lança e que eu morri e fui sepultado. Tu nada viste, ó cego mas creste no que te revelaram. Porém, não crestes nos teus condiscípulos quando revelaram a minha ressurreição Cego, duplamente cego! Pois, mete o teu dedo nas chagas das minhas mãos e a tua no meu lado. E Tomé agora antes de chorar a sua infidelidade proclama "Meu Senhor e meu Deus"!

Sim, a cegueira da alma, entorpece até a razão. Ha muitos cegos porque enxergam a verdade revelada porém já se comprometeram publicamente de que eram incréus e se envergonham de dar um passo á frente se proclamarem cristãos. Bom, se visse um milagre nessas e naquelas condições eu acreditaria. E' possível que no decurso de dois mil anos, sábios, filósofos, reis, magistrados e um legião incalculável de criaturas, se gastam em perquirições em torno do sobrenatural, houve lutas, houve sangue derramado e depois de um trabalho ingente não conseguiram provar coisa alguma que destruisse o sacrifício de um só homem, saído da plebe e que mereceu morte desonrosa em uma cruz pela doutrina revolucionária que pregou.

Disse Gamilliel, o doutor da Sinagoga: E' preferivel parar com estas perseguições por que se este movimento é coisa dos homens não medrará isto é, se acabará por si mesmo. Tertuliano em carta a um amigo diz da seita que foi fundada por um nazareno, depois crucificado e quanto mais se perseguem os seus discípulos, mais aumenta a "pruga".

Ante prova tão irrefutável vamos adorar o Cristo ressuscitado e proclamemos: Meu Senhor e Meu Deus! E de joelhos digamos com toda a força do nosso coração: Senhor, eu creio na tua ressurreição, por que creio na tua palavra e na tua igreja firmada no teu sangue e nos teus martires, porque é verdade o que ela ensina. Mas, Senhor, aumentai a minha fé!

Francisco Ferreira Costa

Comemorações do Dia Mundial

Não é preciso que se recomende a solenização das festas deste Grande Dia. As Congregações promovam sessões de estudos na qual possibilitem aos elementos intelectuais do meio a proferirem trabalhos de caráter religioso, dando-lhes oportunidade de estudarem e meditarem nas verdades eternas.

NOSSO BOLETIM

Em virtude do encarregado deste Boletim ter se ausentado temporariamente, deixou o mesmo de circular durante o corrente ano, no entanto o sr. Presidente da Federação deliberou nada cobrar pelas edições que forem a lume no presente exercício.

Recomenda-se, no entanto, aos srs. Presidentes das Congregações que remetam com toda brevidade possível, as anuidades do ano passado e anteriores. Ha Congregações que estão a dever mais de um exercício.

Uma cronica...

O sol vai desaparecendo.. A' porta da choupana, sentada sôbre a esteira, tecida por suas habilidosas mãos de rústica sertaneja, Rosa, acaricia a cabeleira crespa de seu filho, a contar histórias bonitas: Maio é o mes de Maria, quando eu era do seu tamanhó, o Pe Martins fazia o oferecimento de flôres a N. Senhora, ali na igreja do Trapiá, etc, etc. e Zezinho ouve atentamente para depois repetir tudo como papagaio sabido

Continua o sol a encantar a paisagem vespertino, quando o sino da capelinha sonoriza a hora da prece! Param escutam, e cabeças baixadas rezam baixinho a "Ave-Maria". O coração de Rosa, naquele momento, pede a alguma coisa: Mãe do Céu, dá boa sorte ao meu filho, ele é teu

Zezinho, escuta e acredita que já é sacerdote! Quem duvida? A fé e a humildade nos ensinam a vencer com galhardia

G. M.

Sobral 1914/54.

ESTA edição é dedicada ao DIA MUNDIAL DO CONGREGADO MARIANO.

Congregados Marianos,

Na oportunidade da celebração do vosso DIA MUNDIAL, as vossas vistas mais uma vez, se voltam, sem duvidas, para a responsabilidade de vosso compromisso de honra. Outra não poderia ser a vossa alegria, nas vossas festas, senão a do dever cumprido, com os sacrificios que ele exige.

Vêde que esta responsabilidade cresce, a medida que diminue o numero dos bons, os homens de virtude, que enxergam a vida alem do horizonte temporal, fora do bem estar material. A tormenta que se avoluma está a despertar a vossa atenção. Confiai no auxilio que o nosso Grande Chefe, Jesus Cristo nos assegure: EU VENCI, VÓS VENCEREIS!

Ketemperai as vossas forças, nas santas alegrias do Dia Mundial, e selai novamente o vosso compromisso com a viveza de vossa fé.

No calor de vossas lutas, na pratica da virtude, olhai a Estrela que vos norteia, invocai Maria Imaculada, a Esperança do mundo ferido pelo dardo do mal.

Alegrai-vos, presados Marianos, e eu vos felicito pelas festas que mereceis, nesse grande Dia da união universal de todos os Congregados.

Mons. José Osmar Carneiro
Diretor da Federação

Sensacionalismo delinquente

Influencia nefasta tem sobre os novos, o sensacionalismos dos jornais e revistas a proposito de suicidos, assassinatos, latrocinios e crimes diversos contra a moral e bons costumes Somos pela restauração de um serviço de fiscalização rigorosa contra esta maneira prejudicialissima de fazer jornal, de grande proveito para empresário em detrimento da formação de um povo.

Ao Pe. Osvaldo Carneiro Chaves, a homenagem da C. M. de Moços.

No mês de janeiro foram divulgados, em dias seguidos, por mais de uma semana, suicidos e assassinios sem falar numa serie de agressões e outros atentados. Estes jornais, forçosamente, vão ter ás mãos de rapasolas inexperientes, mocinhas ingênuas e até mesmo de crianças de tenra idade, predispondo-os, no futuro a cometer tambem atos tresloucados. É aconselhavel que os responsáveis censurem os jornais antes que os seus filhos vejam já que os governos quedam indiferentes ante a sorte daqueles que deveriam ser, o futuro e a grandeza do Brasil, porque, a vigilancia paterna nem sempre chega a tempo de coibir a leitura desses veículos que se acham expostos á venda em toda parte. Nem se fale nas revistas de quadrinhos, muitas vezes condenadas e que deixam embevecidas mocinhas e meninos, contrariando até mesmo suas proprias tendências.

È preferível não ler nada do que sugar, inconscientemente, este veneno sutil e perigoso. Diz o adágio popular: "Mais vale um burro vivo do que um sábio morto." Apliquemos ao ponto de vista espiritual: mais vale a santidade ingênua de um São Pascoal Bailão do que a sabedoria nociva de um Voltaire.

Conhecemos uma boa velhinha que na lua de crepitude lamentava ainda as consequências de leitura de um romance. E que romance! Porém na sua mocidade a fez divagar enchendo a sua imaginação de sonhos que lhe corromperam o espirito. E agora, ao aproximar-se o momento de prestar contas á Divina Justiça, aquilo que na vida foi encarado, talvez sem gravidade, toma cores de delito e, ei-la a reproduzir o romance amoroso.

Filhas de Maria! Baluarte de virtude em meio á corrução moderna, relicários de santa pureza, pelo menos devem e podem ser neste mês consagrado á Santa Mãe de Deus, em q e se celebram suas grandes festas prometei á SSma. Virgem jamais fazer leituras que possam lhes prejudicar a vida espiritual.

Sobral, 20-4-54
Maria Dolores Costa

Trilhai sempre o caminho da virtude que vos garantirá a verdadeira felicidade, e guardai na memoria esta frase lapidar que sintetiza todo o programa da vida cristã: «A PRATICA DA VIRTUDE E' CONDIÇÃO INDISPENSAVEL PARA SER FELIZ» assim fala o nosso sábio e grande Bispo Diocesano, D. José Tupinamba da Frota.

Congregados. Avante! para a virtude pelo amor de Cristo!

Fatos e Comunicações

SOBRAL—A Cong. Operaria apresentou movimento espiritual de Fevereiro e Março com 5082 atos.

A Cong. de Moços comunicou a eleição e posse de sua Diretoria tendo como presidente o Sr. João Anastacio Dias.

MASSAPÊ— Movimento espiritual de Julho a Dezembro de 1953 com 59918 atos.

IPÚ—Movimento espiritual de Fev. a Dez. 53 com 123172 atos.

MORRINHOS— Remeteu decimas do ano passado no valor de cr$ 46,00.

MARCOS — Remeteu decimas do primeiro e terceiro trimestre no valor de cr$ 27,50.

UBAJARA — Comunicou a posse de sua nova diretoria tendo como presidente o sr. João Ribeiro Lima

NOVA RUSSAS—Remeteu cr$ 218,00 destinados ao seguinte: Decimas dos anos de 1947 a 1953 168 00

Assinaturas do Reino de Cristo de 1953, 50,00. Que as congregações devedoras imitem este gesto do sr. Jonas Rodrigues Tavares.

(Continua na 2a pagina)

Modificações no CENTRO ESTUDANTAL. O C. E. S. Reger-se-á a partir de Janeiro por sua própria constituição.

(Vide 3a. pag.)

Clarinadas

A Propósito da Faculdade de Filosofia

Sobral pretende trabalhar pela instalação de uma Faculdade de Filosofia.

A idéia surgiu na Academia de Estudos e Letras e foi lançada por seu presidente em sessão realizada a 15 do mês passado.

Os jornais noticiaram bastante o fato. A propósito, Josué de Brito, no «Unitário» do dia 25 p. passado, faz sôbre o assunto um comentário que me pareceu digno de nota.

Diz o cronista de Mural que a progressista de Crato, após reivindicar para si, a creação de uma Faculdade de Filosofia, mudou de idéia e agora pleiteia uma faculdade de Farmácia e Odontologia.

Crato vai pelo caminho certo diz o articulista.

Como sabemos, as Faculdades de Filosofia formam professores para os cursos ginasial e colegial.

Acontece que as nossas cidades estão repletas de licenciados. Nossos filosofandos tenam então de enfrentar logo de início absoluta falta de emprêgo.

Ao contrário, sabe-se que, tanto no interior do Ceará como da Paraíba e do Rio Grande do Norte, há muita falta de dentista e farmacêutico.

A princípio entusiasmado pela fundação da Faculdade de Filosofia não atentara para êste incoveniente. Agora compreendo que antes de se iniciar qualquer campanha neste sentido, é preciso levar em consideração êstes fatos.

Ao meu ver, antes de tudo, precisamos conseguir o completo funcionamento do Ciclo Colegial.

PREZADO AMIGO, ATENÇÃO!!!
Na Grafica «Santa Laura», de José Gerardo Silva, V. S. encontrará lindos cartões e mensagens para Natal e Ano Novo.
SOBRAL—CEARA

O CLARIM

ORGÃO DOS INTERESSES DO C. E. S.

ANO I — Sobral, 4 de Dezembro de 1955 — N. 3

Tomada de posições

Francisco José Lustosa da Costa

A nação brasileira vive momentos de angústia extrema que bem refletem a desorientação e o desespero que reinam entre todos os povos.

Nós sentimos que ao menos, no subconsciente estamos esperando o despontar dum "fato novo", algo terrível dum impacto inimaginado, de força desconhecida que poderá de inopino cair sobre a infeliz humanidade, sujeitando-a novamente a correr dum lado para outro sobre a face desnuda da terra.

Mas enquanto isto não acontece os falsos santos, os interesseiros, os frustrados procuram aproveitar-se dos últimos sobejos do festim. E esquecidos dos seus deveres, mistificados pelos falsos conselheiros, os homens de bem parecem esquecer seus deveres, para, invocando a lei, perpetrar a desordem, invocando a ordem, semear a anarquia.

E os choques dos interesses subalternos, dos caprichos mais mesquinhos envolvem a nacionalidade num fogo lento e destruidor e mais alargam as divergências e mais soterram a pátria, precipitando-a no abismo, onde se está prejudicando inegavelmente o seu futuro que doutra forma não estaria fortemente comprometido.

Os estudantes, entretanto, não permitiremos jamais que se subordinem as nossas liberdades, os nossos direitos individuais e irretorquíveis a estas tricas fúteis em que a humanidade é fértil.

Mas não há razões para descrer de nós em função do futuro. Saberemos algum dia como sair do caos, se já não houver chegado o fim. Cremos que as vantagens da educação escolar e política influam na pátria do porvir, fazendo-a equilibrar-se econômico-político e socialmente sem ser obrigada a perder-se em estéreis lutas internas, em que ela é a única ferida e a derradeira a ser lembrada.

Por isso as diretrizes que seguimos, o roteiro que tomamos é o da defesa intransigente dos postulados democráticos, sem cujo alento nenhuma nação pode sobreviver espiritualmente.

(Continúa no 2a. Pagina)

O CLARIM

Orgão de publicidade e propaganda do C. E. S.

DIRETOR
João Alberto M. Bezerra

REDATOR
Francisco José L. Costa

NOTA—A redação não se responsabiliza por artigo assinado.

Número avulso Cr$1.00

AVISO

A Diretoria do C. E. S. avisa aos interessados que estão abertas inscrições para os torneios de basquete e vôlei que serão promovidos por ocasião da vinda a esta cidade da Caravana do GLEJA (Grêmio Litero—esportivo José de Alencar.

Notinha Literária

F. J. L. C.

Dizia o romancista Aldous Huxley em seu romance Contraponto, que, as maiores obras de arte têm tido grandes assuntos; e que obras de assuntos pequenos, por mais bem acabadas que sejam, nunca são tão boas.

Talvez nos seja vedado discutir do analista e do ficionista de renome mundial, mas afrontando o sacrilégio, vamos expor humildemente nossas opiniões.

Se o grande escritor se referiu à arte pura e quis deixar de lado o jornalismo teve quase tôda a razão. Dizia, no entanto, outro dia um jornalista de grande evidência em todo o país que não há assuntos pequenos, há maus repórteres. Acrescentava o publicista que dum palito de fósforo que se apaga o homem de jornal poderia chegar a falar da devastação das florestas, do fenômeno das secas e dos vários males em correlação com estes fatos.

Um crítico referindo-se a alguns romancistas atuais, disse que os nossos grandes estilistas como Graciliano Ramos não tinham o que dizer; enquanto José Lins do Rego embora tivesse muito o que narrar não sabia fazê lo.

Há talvez uma pesada injustiça nesta assertiva que, no entanto, pode ter ali um cunho de verdade.

Um Machado de Assis tinha o que narrar (em que pese a opinião de serem os seus últimos cinco romances uma repetição, um pasticho de si mesmo) e sabia fazê-lo com graça e espírito.

Bem verdade que ao romancista de Brás Cubas falta aquela unidade de obra que se pode observar nas literaturas dos grandes países; pois os primeiros livros, Helena, A Mão e a Luva e Ressurreição, atendiam apenas ao gôsto da época e têm uma característica incolor, que todos os críticos machadianos reconhecem, mas não estudam em virtude do diminuto valor das obras citadas em relação do conjunto de obra.

Quase chegamos a concordar com Huxley; na arte e literatura é preciso trabalhar muito para aparecer. O silêncio neste caso não é de ouro. É o esquife dourado que leva os artesãos para a vala comum do esquecimento na diminuta expressão de seu tamanho.

Tomada de...

(Continuação da 1a. pagina)

Somos contra tôdas as medidas, emanadas de quem quer que seja e que visem cercear estas ambiconadas liberdades por que muitas gerações se sacrificaram e muitos heróis derramaram o seu sangue generoso e fértil.

Mas não iremos, de nenhum modo, contribuir para aumentar as divergências, alargar o fosso das dissenções, visando como visamos antes de tudo a união dos brasileiros, sem sacrifício de suas ideologias, sem prejuízo de sua dignidade, mas sobreprondo a tudo isto os alevantados interesses da pátria que ninguém de boa fé pode chegar a esquecer e a desprezar.

O C. E. S. reger-se-a...

Segundo informação prestada pelo presidente do C. E. S. a partir de janeiro, entrará em vigor a nova constituição do Centro Estudantal Sobralense.

Também serão creados na mesma época os departamentos Esportivo e Literário. Mas não se sabe até o momento quem dirigirá êstes departamentos.

Do departamento Metropolitano, recebemos o seguinte telegrama de solidariedade.

Fortaleza. 30 de Novembro
João Alberto Bezerra
Presidente Centro Estudantal

Departamento Metropolitano reunido ontem tomou conhecimento graves acusações formuladas cronista Alvaro Medeiros pt.

Desejamos informações sôbre referida assunto logo receba ofício enviamos hoje pt. Apresentamos caro presidente nossa solidariedade pondo nossos serviços vossa disposição deseja mandato colega Vice - Presidente Carlos Humberto. Sds.

Antonio Maia
Pres. Dep. Met. João Batista Leite
Diretor secretário

O GLEJA Visitará Sobral

Visitará o C. E. S. até o dia 6 de Janeiro vindouro luzida caravana do GLEJA (Grêmio litero esportivo José de Alencar.)

A comitiva é composta de vinte pessoas nela incluido-se uma equipe masculina de basquete e feminina de volei e vem chefiada pela Sra. Des. Daniel Lopes.

Essa nossa democracia...

(Continuação da 4a. pagina)

argentino e chileno, o sr. Oliveira Lima lá pelos meados de 1905 escrevia num jornal de S. Paulo, descrevendo uma situação que muito bem se assemelha a esta nossa, onde de cada lado se vêem "legalistas" ferrenhos, procurando salvaguardar na saberania da lei os seus inesquecidos interesses:

"A demagogia militar seguiu invadindo a esfera da administração ao som dos imortais princípios, da mesma forma que os girondinos e o próprio Rouget de Lisle subiram ao patíbulo ao som da Marselhesa redentora. Os demagogos dos quarteis e dos jornais intimavam que aqueles princípios não eram aceitados pelos fidalgos, pelos próceres, pelos reputados oligarcas, e no quererem aplicá-los, impondo-os a seu modo e a seu jeito, foram matando as liberdades. O autoritarismo, que não podera florescer na atmosfera trmperada do liberalismo, teve de se instalar aos poucos em reação à anarquia e como medida de salvação pública."

Escrito como está, não parece que o historiador e sociólogo pernambucano escrevesse há cincenta anos; mas a realidade atordoante obriga-nos a confessar que politicamente, somos povos iguais ou inferiores que O. Lima contemplava no despontar do século.

Um governo que as forças armadas impõem à nação, depois da deposição do anterior, bom ou mau, corrupto ou austero, mas sagrado nas urnas pelo sufrágio popular que lhe dera maioria quase absoluta, foi deposto na pessoa dum substituto, acusado de servir de joguete nas mãos de grupos político-militares que tramavam a subversão da ordem constitucional.

Um outro grupo arbitràrimente vinha preparando e concebendo um atentado em potencial contra a ordem constituída, sobre a alegativa de que outro o estava fazendo. O "Abdel Nasser" desse grupelho então impõe presidentes, força renúncias voluntárias, demite e nomeia ministros e dá esplendorosa lição de "vigor democrático", mandando tropas do exército, forças policiais com pesados aparatos bélicos acordar, nos parlamentares que se reuniam em suas casas de congresso, a chama do seu patriotismo e do seu inefável "legalismo".

Realmente estão certos perante à lei e a propria conciência estes folgazões e gordos chefetes militares, sempre formosos, bem tratados e elogiados, e tidos como cônscios de seus deveres.

"Gente bien" no "high-life" político estes militares não se cansam de repetir que a democracia é a melhor solução, que a república é boa que não têm aspirações políticas. No dia seguinte a menor afirmação dum rábula sem futuro e sem assunto de que houve uma "bruta ilegalidade" em segurar o presidente empossado, na ocasião de receber a faixa presidencial a cartola com as duas mãos; ou uma inconstitucionalidade na colocação dos botões da casaca dos milistros civis para agitar-se e levantar-se em armas a patuleia dos quarteis, a sordicia de alguns cabos de esquadra e tocar a ameaçar de pôr fogo às instituições, mandar às favas a constituição pela ilegalidade, pela inconstitucionalidade dum erro de alfaite.

É lamentável que ainda plantem certos grupos neuróticos e uniformizados, as ferraduras ásperas sobre a bandeira nacional, para desmoralizarem mais e mais a abençoada democracia cavalar que temos, a canalhocacia carnavalesca em cujas águas pardas boiamos todos nós.

Falando de Cinema

M. Jábster

Já nos batemos pela exibição de filmes europeus.

(O prazer que nos proporcionaram as últimas peliculas francêsas aqui rodadas pagariam a pena de qualquer esforço neste sentido.)

Aliás, é fácil notar, que a cinematografia francesa já conquistou a simpatia quasi unânime do público sobralense o que vale dizer que o cinema americano perdeu a liderança.

Mas enquanto as coisas melhoram por êste lado, a projeção do "Rangel" vai piorando cada vez mais.

Temos a impressão de um absoluto descaso ou imperícia da parte do operador.

É preciso portanto que o empresário tome providências enérgicas sôbre o caso.

A Cia. DE MELHORAMENTOS DE SOBRAL pretende construir no lugar do atual S. João e anexos terrenos adjacentes, um suntuoso edifício em estilo funcional onde se instalará um hotel, os estúdios da Radio e um Cinema.

O plano é maravilhoso e estamos pedindo a Deus que a sua excução seja para breve.

Mas por nos referirmos ao Cinema, cabe aqui uma observação da nossa parte.

Trata-se da futura administração do mesmo.

Primeiro comentou-se que seria feito um contrato com uma emprêsa de fora, a Cinemar p. ex..

Agora circulam boatos de que isto não é exato.

Seja como for, o que queremos acentuar é que assim com o povo, continuam solidários com a primeira opinião.

Ao nosso parecer é mais vantajoso, seja para "Companhia," seja para nós, que teremos assim, ensejo de ver filmes que nos são trancados, com nosso atual emresário cinematográfico.

Modificações...

Ao que tudo indica, em virtude dos últimos acontecimentos, o presidente do Centro tomará uma série de medidas afim de resguardar a integridade do C. E. S.

Já foi nomeada uma comissão de sindicância afim de apurar qualquer participação da P. E. êm movimentos que visem lesar o mandato da atual diretoria.

Acredita-se que será feita radical modificação no atual quadro da policia, permanecendo entretanto o seu atual diretor.

A BIBLIOTECA PúBLICA PRECISA SER REALIDADE

Não será inùtilmente que os estudantes e o povo em geral reclamam pela instituição de tão notável melhoramento — Sugestões de O CLARIM.

Não será em vão que jornais como o IDEALISTA e movimentos estudantis como o nosso, se hão de bater pela instalação duma Biblioteca Pública em Sobral.

Quando se fala da criação da Faculdade de Filosofia de Sobral, nenhuma ambição mais cabível, nenhum enseio mais justificado. Quando se pede a instalação da Biblioteca Pública é porque se sente em sua inexistência uma lacuna que é preciso preencher, uma necessidade primária do intelecto que é preciso satisfazer.

Os poderes públicos podem e devem ajudar-nos mas é mister que apelemos também para homens como o Revmo. Pe. Palhano de Saboia cujo dinamismo se comprovou há pouco, a fim de que ele nos auxilie nesta luta ou assume ele mesmo o comando desta campanha que os estudantes de Sobral talvez não possam realizar sem uma colaboração dêste gênero.

Essa nossa democracia de sargentos

Francisco José Lustosa da Costa

Quando dissemos certa vez que a nação brasileira estava ainda sob o 1º. dos três estados de Comte que se caracteriza pela preponderante influência e supremacia dos sacerdotes e dos militares não estávamos longe da razão.

Realmente não estará errado e não exagerará em demasia quem diga se o Brasil, uma choldra, um bando, uma quadrilha em que o uso da violência e a cegueira do fanatismo religioso soterram todos os ideiais políticos, e mandam às urtigas os desusados estatutos dos Direitos do Homem.

É triste e a ninguém mais que a nós compungem lamentar os melancólicos acontecimentos políticos de época recente. Não podemos mais falar com soberano desprezo de dez anos de cambaleante e indecisa democracia das quarteladas, dos "pronunciamentos", tão comuns nas republiquetas centrais, geralmente de sangue espanhol.

Referindo-se, se não nos enganamos ao povo

(Continúa na 3a. pag.)

O Congresso da Obra das Vocações Sacerdotais

Embora tarde os estudantes sobralenses não pode iam, deixar de apresentar por seu jornal, os mais efusivos e respeitosos parabéns a Dom José Tupinambá da Frota pela decorrência do 5º. aniversário de sua ordenação sacerdotal aniversário êste que Sobral comemorou com a pompa do Congresso da Obra das Vocações Sacerdotais.

O Referido Congresso trouxe para Sobral algumas das figuras mais representativas das diferentes esferas sociais render ao grande bispo, seu preito de homenagens.

As sessões constituíram um magnífico espétaculo de religiosidade e de fé. E os desfiles e procissões, tiveram um brilhantismo sem precedente.

Os estudantes de Sobral que na realização da sua semana se tinham antecipado em agradecimentos e homenagens a D. José Tupinambá da Frota, mais uma vez aqui erguem seus corações agradecidos aos céus e vão depositar junto ao trono do Altissimo, o seu preito de gratidão, as suas hosanas de regozijo,. pela ventura de ter como amigo e benfeitor êste portentoso bispo e grande brasileiro que é D. José.

Centro Cultural Domingos Olímpio

Fundou-se nesta cidade há meses o Centro Cultural Domingos Olimpio, entidade literária que tem por fim prestigiar e incentivar os novos talentos que desabrocham no seio amigo da terra sobralense.

A referida sociedade que no momento está sob a direção do estudante Evandro Alves Parente, publica mensalmente um bem redigido jornal, "Idealista" sob a direção do sr. Aldo Melo que já chegou ao quarto numero.

Pena é que a instituição de que falamos, não se reúna com a frequência desejada e consequentemente prestando à mocidade e á cultura sobralenses os serviços de que é capaz e que todos nós desejamos ap'audir e incentivar.

FALECIMENTO

Dr. José Maria Mont'Alverne

Faleceu a 22 de Novembro p/p. o Dr. José Maria Mont' Alverne, elemento de relevo das letras e da sociedade sobralense que há semanas guardava leito duma insidiosa moléstia que há muito o assaltava.

Sua morte foi grandemente sentida no seio de todas as classes, entre todas as camadas da população e os estudantes que nele tinham um amigo atenuoso e prestável (e aqui vale lembrar seu concurso nas festas de término de curso dos anos passados e na Semana do Estudante, há pouco realizada) muito sofreram com o seu passamento.

Com a sua morte inesperada e prematura, Sobral perde um lutador infatigável e sempre triunfador, a sociedade sobralense um "causeur" brilhante e insubstituível, e a família a que ele pertencia um de seus filhos mais delicados e queridos.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar à família enlutada as nossas condolências mais sensibilizadas.

Diário de um Repórter Político

O autor, de farda de gala do Educandário S. José, ao lado dos pais e alguns irmãos.

Sobral, 4 de outubro de 1947.

"Reuniu-se esta tarde a executiva municipal do Partido Social Democrático, sendo lançada a candidatura do Agrônomo Dr. Jacinto Antunes, com a presença do interventor da Light, capitão Josias F. Gomes, que impôs a candidatura de seu pai, Antenor F. Gomes, já antes Prefeito. Deu-se o rompimento do Deputado Francisco de Almeida Monte com os Srs. José Euclides F. Gomes e Antenor Ferreira Gomes."

"Esteve à noite lá em casa, no dia 4, o Reverendíssimo, digno e virtuoso sacerdote, o Vigário-Geral desta cidade de Sobral, nosso compadre Monsenhor Olavo Passos."

Sobral, 5 de outubro de 1947.

"Realizou-se, hoje, na rua Ernesto Diocleciano nº 1, a inauguração da amplificadora (para combater o comunismo) agora vendida à União Democrática Nacional, para propaganda política do prefeito, que é da UDN, o Dr. Bacharel João de Alencar Melo. Fui à casa do Deputado Francisco de Almeida Monte, meu padrinho de crisma, levando um bilhete propondo as candidaturas, para vereador, dos seguintes nomes: Dr. Olavo Rangel e Joaquim Anselmo Aguiar. Ainda não tivemos resposta do referido bilhete..."

Dia 6 de outubro de 1947.

"Consta que o Sr. Antenor Ferreira Gomes quer voltar para as hostes pessedistas sob a direção do Deputado Francisco de Almeida Monte."

Dia 13 de outubro de 1947.

"Eis, aí, o digno boletim que era para ter saído às vésperas da eleição de 7 de dezembro: Operário Sobralense! Alerta! Está aqui, agora, o candidato a vereador do PSD, o Revmº Padre Sabino Loyola."

Dia 18 de outubro de 1947.

"Hoje foi o grande dia da Convenção do Partido Social Democrático. Compareceram os seguintes Senhores: Walter de Sá Cavalcante, Parsifal Barroso, Ozires Pontes, Almir Pinto, Dr. Franklin Chaves, Dr. Vicente Augusto, Wilson Gonçalves, Dr. Tancredo Halley Alcântara, Pedro Mendes Carneiro, Dr. Walderi Uchôa e, inclusive o Dr. Francisco Menezes Pimentel, quase todos Deputados. Vim num automóvel com a esposa do Dr. Parsifal Barroso, que é a D. Olga. Fiquei atrás, praticamente no colo do Dr. Francisco Menezes Pimentel. Cheguei à casa do Coronel Francisco Monte, onde fiquei até a noite, às 23.40 h, quando o irmão do Edmir Ribeiro Parente me pegou para levar para casa. A comitiva saiu de lá umas poucas horas depois."

Dia 23 de outubro de 1947.

"Ontem, meu pai recebeu um bilhete do padrinho Chico Monte, solicitando ao papai que pedisse ao Capitão Raimundo Nonato a liberdade do José Pedroza. O Capitão atendeu e soltou o preso. Papai foi, então, ontem também, até o Bar "Cascatinha", para agradecer ao Capitão. Antes, tinha ido à casa dele, mas não o encontrara lá. Estava, mesmo, era no bar."

"Hoje saiu um protesto dos empregados da Fábrica do Dr. José Saboya, contra o boletim divulgado antes. É o caso de se dizer: "Já foi tarde!" Ou, então: "Doido, maluco, desonesto, etc." Esse protesto, quem inventou foi o candidato a vereador pela UDN, que é um advogado que se diz Doutor — o José Maria Mont'Alverne."

Dia 26 de outubro de 1947.

"Assisti a uma grande conferência dos Padres: Mons. Aluísio Pinto e Gerardo Ferreira Gomes, ouvindo, também, a palavra de pessoas importantes como Parsifal Barroso, etc."

Dia 6 de novembro de 1947.

"Esteve em nossa casa, o Revmº. Padre Gonçalo Eufrásio de Oliveira, membro da UDN. Regressa de sua visita pastoral, representando Dom José, o digno sacerdote e nosso compadre, Mons. Olavo Passos, DD. Vigário-Geral desta cidade."

"Hoje soltaram um boletim de críticas com um termo horrível: "Só para inchar o coco!" Deve ser do Eduardo Sanford, do PSD. Ontem, o João Melo (candidato a prefeito pela UDN) e o José Maria Mont'Alverne redigiram um boletim com o título: "Perguntas ao Operariado". Era dirigido contra um digno membro do PSD, o líder Pedro Mendes Carneiro."

"Hoje, também, saiu pela segunda vez, sob o mesmo título, o boletim: "Desminta quem puder". Deve ser de autoria do Jaguar, que é o Vicente Antenor Ferreira Gomes."

Dia 15 de novembro de 1947.

"Hoje é aniversário da Proclamação da República brasileira e, também, o aniversário natalício do digno sacerdote Mons. Olavo Passos. Hoje houve uma conferência ou convenção promovida pelo Zé da Mata, da UDN. O padre Francisco Leitão tomou café em nossa casa.

16 de novembro de 1947.

"Hoje, domingo, fui à missa na Catedral, a Igreja da Sé. Espalharam, lá uns versos datilografados falando dos candidatos: João Alencar Melo, da UDN; Jacinto, do PSD; e Zé Ferreira, do PRP."

"Ontem, assisti no Cine Teatro São João a convenção do Zé da Mata. Falaram diversos oradores: José Sabóia, João Alencar Melo, Francisco Melquíades, José Liliam e um estudante."

"Amanhã farei prova de Religião. Hoje, o Sr. João Dias nos contou que o Sr. José Maria Mont'Alverne mandou uma carta para o Delegado dizendo, digo, usando as seguintes palavras: "Massacre bem os pessedistas". O portador desta mesma cidade de Mucambo, que é udenista, perdeu a carta, que foi cair nas mãos de um pessedista, que logo entregou ao Deputado Paulo Sanford. Este reconheceu a assinatura e levou a carta para a Câmara Estadual, declarando que logo fará um processo."

Dia 18 de novembro de 1947.

"Hoje, o digno delegado do Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Comerciários (IAPC), que é o Dr. Agapito Santos Sátiro, passou um telegrama dizendo, digo, avisando que o papai e a servidora D. Judilita Borges Monte tinham sido promovidos. O papai, para a letra "J" e a D. Judilita, para a letra "H". O papai me deu Cr$ 10,00 e a D. Judilita outros Cr$ 10,00. O Sr. Júlio Coelho e o filho Aragão já tinham recebido o aviso."

Dia 9 de dezembro de 1947.

"Hoje o Dr. Jacinto já tem 236 votos de maioria."

Dia 10 de dezembro de 1947.

"Hoje é quarta-feira. O Dr. Jacinto já conta com 428 votos de maioria. Hoje se pode dizer que o Dr. Jacinto já ganhou."

Fantasia de Menino

Ainda o vejo cavalgando um velho cavalo rumo à escola. Saía de casa descendo uma várzea ornamentada de vegetação nativa, em que proliferavam matapastos e beldroegas. Tomava a estrada de terra batida, por onde trafegava, vez por outra, algum carro. No inverno, com dificuldade, desviava-se dos atoleiros. No verão, dos buracos. E lá se ia, cabeça tão cheia de pensamentos, que às vezes detinha o animal, sem querer, ou lhe reduzia a marcha, em seu caminhar entre cercados e fileiras irregulares de juremas e sabiás. Ali e acolá, um pau branco espargindo brancura pelas flores que eram muitas. Adiante, cruzava um córrego que somente nos invernos mais intensos ficava cheio, impedindo a passagem de veículos. Como era agradável às crianças esse banho, em que se deixavam arrastar, uns poucos metros, na pacífica correnteza! Oiticicas antigas, talvez centenárias, debruçavam sua sombra sobre o regato — sombra escura de árvore escura, crescida no úmido e envelhecida pelo beijo das águas passantes e boêmias.

Depois, ganhava a estrada real, pedregosa e ressequida, em meio a descampados onde o gado erguia um olhar vazio de esperança, para a cidade mais próxima, até encontrar, em toda sua lúgubre aparência, o matadouro — prédio esguio, cinzento, em torno do qual corvejavam, em vôos preguiçosos, espaçadas levas de urubus, tingindo o céu de azul-cinza.

Chegava, enfim, à estação de trem, à Santa Casa, à cancela rodoviária e, logo, estava dentro da cidade. Era bem cedo, mas já podia ver as primeiras casas abertas, aquele murmúrio precocemente cansado dos lugarejos, os velhos de pijama na calçada, jumentos que carregavam, pendurados em cada lado da cangalha, duas pipas de madeira para transporte de água. Uma grande pasmaceira em tudo! Rumava, então, de volta para casa, deixando para trás a alimária passada de anos, umidade e suor.

Em período de estudo, ia diretamente para o colégio, onde ouvia e prestava atenção a qualquer coisa, menos ao que dizia a professora...

A sineta tocava. Se era hora de recreio, merendava seu pão com doce. Se fim de aula, debandava, normalmente só. Costumava sair entre os últimos, sem correria ou atropelo, com algum amigo mais chegado, raramente alguma amiga.

Aproveitava a ocasião para falar de coisas grandes, distantes mundos de romance e fantasia por onde vagava sua imaginação irrequieta e abrasada de idéias.

Voltava para casa. Sol ainda a pino, muita fome e um desejo louco de amainar o tempo. Vinha-lhe aquela vontade de pegar a espingarda, caçar nos vaus ou nas grotas, de ir pescar carás e enguias, de dar longas caminhadas por sobre a areia branca, solta e fina, na qual era gostoso assentar o pé inquieto de seus nove anos.

Unitário. Ceará, 9 jan. 1970.

Má Coisa, a Memória

Cabeçudo como um anão de Velasquez (como diria Nelson Rodrigues), lá ia eu para o primeiro dia de aulas, vergado ao peso de uma bolsa de viajante que pertencera a meu pai. Não fui diretamente para a escola, mas à casa da diretora, sob cuja asa, deveria tomar o caminho do colégio. Senti que me aguardava um mundo hostil, diverso, inóspito. Quem me salvaria da ruína total, descobri logo, seria a professora-mestra, mãe, supermãe, Nossa Senhora, abrigo antiatômico, guarda-chuva em temporal... Pois ela foi tudo isso para mim, menino amedrontado e receoso de enfrentar um universo diferente do que conhecia: livros, solidão e companhia exclusiva de adultos. Hoje penso se não é graças às mulheres de minha vida, todas portadoras do leite da ternura humana de que falava Dickens, que se tornou inviável, em mim, a sobrevivência de qualquer tipo de amargor ou azedume.

Mas nem sempre foi perfeito assim. Um dia meu mundo caiu. Havia um rival em minha vida. Viria buscar a bem-amada (minha e dele) para casar. Lembro-me bem do caderno amarelo (a capa fora feita de envelopes grandes da repartição de meu pai) sobre o qual fazia um "exercício" que, segundo a pedagogia da época, se chamava Imitação de Caligrafia, cujas letras ficaram molhadas até se apagarem, confusas em meio às lágrimas que derramava copiosamente. Chorava que dava pena! Foram feitas *démarches,* gestões (meu pai tinha certa influência no colégio e a professora era pobre, muito pobre). O certo é que escapei da orfandade... Ou melhor dizendo, vi-a adiada. O casamento foi transferido para dezembro e a professora continuaria a estender-me o peito de onde jorrava tanta mansidão, até o fim do ano letivo. Fiquei eu, ficou ela.

Passou o ano, a professora casou, engravidou, botou filho no mundo, eu cresci, aprendi nos portais do colégio verdades elementares da vida, fumei escondido o primeiro cigarro e, um dia, viajei. Maravilha das maravilhas, sabem vocês aonde fui? À cidade de meu amor, daquela professora-quase-mãe (desculpem-me os analistas!). E lá fui eu, cheio de ansiedade, confrontar o passado com o presente, tentando extrair do passado alguma beleza que este, eventualmente tivesse esquecido de me mostrar. Se fui buscar beleza só encontrei decepção. Minha

amada era uma pobre criatura, cujos dentes a rapadura e o mau açúcar fizeram carear e enegrecer. Seu asseio, tanto quanto o do local, era pouco, no chão batido onde rolava uma criança nascida de sua traição a mim. Mirei meu rival, magro, dentadura igualmente maltratada e pensei, seriamente, no mau negócio que ela fizera, trocando-me por aquilo...

Adeus às ilusões! Botei pedra e cal em cima de minha saudade. Percebi, pela primeira vez, quão traiçoeira é a memória. Põe confete e confeito no que passou e foi bom, distribui "glamour" nas coisas pretéritas, só para aumentar o desgosto e a desdita da revelação. Mas nem todo esse sofrer adiantou ou me corrigiu da mania de sonhar.

Anos depois, barba feita, coração por fazer, eu amei. E amando, gastei, nas calçadas da rua, sua rua (da nova amada), a sola mais inteiriça de meu sapato. Por ela consumi conhaque e um quinado (havia disso naquele tempo). Talvez, até, cachaça, pois é geralmente imbatível o fígado ao despontar o primeiro amor. Fui acometido de esperanças violentas e desesperos mortais. Até que veio o "não". Empatara um romantismo incipiente, fígado igualmente incipiente, disponibilidade sentimental e o resultado era esse. "Não, não podia. Era comprometida. Não usava aliança, mas era comprometida. Namorava um rapaz que morava fora e estudava para o Banco do Brasil". O tempo passou. Enquanto me doíam coração e cotovelo, andou muito devagar.

Depois, correu a mais não poder. O concurso do Banco não se realizou. O amor era mofino e geográfico. Mudamo-nos ambos. Assim, também, o sentimento, que acabou. Anos mais tarde encontrei-a. Revi aquele rosto adorado, analisando as sardas que povoavam a face bronzeada (era morena, mas tinha sardas a valer!), o nariz arrebitado, um certo ar suburbano que antes me escapara e, surpreso, só soube dizer-lhe meio desastradamente: *"Mas, Maria Helena, como é que pude ser tão apaixonado por você?"*.

Nunca, até então, fora descortês com uma mulher. Poucas "gaffes" lamentei como a essa...

Em verdade, porém, hoje vos digo. Não houve, propriamente, descortesia. O que ocorreu foi uma séria e atroz traição da memória que, pérfida como cobra, mente que nem camelô.

Diante desse último ocorrido, fiz a solene promessa, vã talvez, de não mais volver meu pensamento à primeira professora ou ao amor pretérito.

Unitário. Ceará, 1968.

Velhos Casarões

Ah, os velhos casarões de nossa infância! A primeira casa de que me lembro era um sobrado: meio quarteirão de fundos, dois altos andares, vinte e tantos quartos, sombrios corredores. O quintal era quase um latifúndio. No assoalho de tábuas corridas ouvia-se, de madrugada, o "trotoir" inquieto de ratos invisíveis. Havia um terror constante de almas do outro mundo. Várias gerações conheceram a estória de um negro que fora enforcado debaixo da alongada escada desse casarão. Por isso sua alma penada promovia ruídos e agitação, perturbando o sono dos brancos.

Tempos depois outra casa. Desta vez térrea e comprida a mais não poder. Em seus corredores podia-se, até, jogar futebol. Menino tímido e solitário, acostumara-me a brincar sem companheiros. Só, deixava correr solta toda a criatividade guardada dentro de mim. Galgava impossíveis cumeeiras pregadas lá bem no alto. Velho casarão que se preze tem sótão e porão. No meu, o telhado tinha uma telha de vidro, por onde um sol implacável coava seus raios fugidios. Havia um mundo de papéis, de objetos abandonados por antigos moradores, jornais de passado remoto, trastes inúteis para os adultos, mas verdadeiras riquezas para minhas fantasias. E os porões? Ah, os porões de minha infância, repletos de ignotos mistérios! O primeiro cigarro fumado às escondidas e que tinha o gosto de cigarro feito de papel velho tragado após uma gripe. Engraçado como o vício é sempre desagradável em sua primícia...

Mais tarde, outro casarão antigo. Este, assentado em sapata alta e correndo ao longo da rua, como se não quisesse ter fim. Em meu quarto de adolescente, o piso era de tijolo. Tijolo vermelho e áspero. Da janela divisava pés de pinha, as atas de minha juventude. Pela porta principal, em madeira de lei rústica, quase não consegui entrar na primeira bebedeira, dia em que provei o amargor da primeira ressaca. Ali sonhei o primeiro amor. Era ela morena e usava vestido de *faille*. Apesar de sua morenice, aninhava sardas no rosto e uma total insensibilidade à minha devoção. Veio outra, depois.

Pobre. Via-a praticamente todos os fins de semana. Trazia sempre o mesmo vestido azul, de modo que convencionei chamá-la *Blue Gardenia*. Essa moça foi

tão importante, que se tornou assunto principal de minhas conversas com os amigos.

A sala de visitas, guarnecida de móveis antigos testemunhou minha primeira discussão política: desafio infanto-juvenil a um professor, padre, que decidira intrometer-se na política estudantil da terra. Lá, também, meu contacto inicial com a literatura dita "adulta". Logo vieram os telefonemas das namoradinhas, aconteceu o entressonhado amor, não obstante irrealizado. Vieram sucessos de brilho fácil e a primeira decepção. Despontava, já, a consciência de minha grande e vigorosa fragilidade diante da vida que, mais velho, denominaria incompetência existencial e tentaria remendar, consertar, remover.

Assim, povoados de saudades, são os casarões da infância de cada um de nós. Alguns chegam a abrigar quilômetros de recordações, anseios, desejos, pecados. São, igualmente, responsáveis por nosso defrontar com a miséria humana e com a penúria moral. E chega, enfim, o dia em que se tem certeza de nossa vulnerabilidade e de que somos feitos de barro frágil, sujo e falível.

Ah, os velhos casarões de nossa infância! Lugar onde os pés jamais pisarão de novo com passadas iguais às da criança inquieta que fomos! Velhas casas de pintura desbotada, portas rústicas e altíssimas cumeeiras. Patrimônios irresgatáveis de nosso *début* emocional de impossível retorno. Mas, para que voltar? O que buscar? E, no entanto, somos todos docemente coagidos pela memória a sonhar com a reedição daquele sabor e cheiro de infância e juventude. Temos o hábito de nos debruçar sobre as recordações desses prédios, porque geralmente foi lá que repousamos os membros ainda jovens, a alma descansada, o coração novinho em folha. Esse processo de relembrar ocorre como se alguém tivesse esquecido de nos vacinar contra um tão insuspeitado quanto penoso prêmio de lembranças passadas. Nada, porém, se pode esperar desses velhos casarões a não ser um inesperado e inexplicável esfriar de sangue na espinha.

Unitário. Ceará, 26 nov. 1969.

Sobral, a Campinas do Norte

"Eu tinha ansiedade de ver a cidade e por isso saímos, logo, a percorrê-la por todos os lados.

Dominava-me agradável impressão, pois que, à exceção de Campinas, em São Paulo, não tinha ainda visto outra cidade central que se equiparasse a esta em edificação, em tamanho, em asseio."

ANTÔNIO BEZERRA, 1884.

Em 17 de setembro de 1942 fui levado de Fortaleza a Sobral, onde me criei, no caminhão do "seu" Tibúrcio Lima.

Morei em um sobrado que hoje abriga o Bispo e o Museu Diocesano. Tinha cerca de quarenta janelas imensas e, como todos os casarões, fama de mal-assombrado. Com efeito, de madrugada, nas velhas escadarias ressoavam passos cadenciados. Seria o fantasma de Canterville? A alma penada de algum escravo torturado? Nada disso. Eram ratos notívagos que, noite e madrugada adentro, começavam seu *footing*. Ao descer ou subir, faziam-no socialmente pela escada, fermentando a imaginação afortunada de meninos solitários como eu.

De suas janelas assisti a muitas procissões. Nas varandas eram colocadas toalhas amarelas, visual retido até hoje em minha memória. Na festa da chegada dos "pracinhas" sobralenses, a cidade engalanou-se para aguardá-los. Depois fui com meu pai à festa de um amigo seu, que mandara dois filhos à Itália — um deles retornara com uma perna mecânica. Eu a vi! Um deles, seguindo tradição da família, mais tarde se converteria no rei da pecuária em Minas.

No velho sobradão eram representadas peças do Grupo Cênico Sobralense. Meu pai integrava o corpo de dirigentes. Recordo-me de Joaquim Anselmo, o flautista, de Clotário Aguiar, o alfaiate, de Hugo Viñas, o farmacêutico de ascendência espanhola.

Assistíamos às missas dominicais na Igreja do Menino Deus. Meu pai, por seu lado, mantinha estreitas as ligações com o clero, com a Ação Católica e com a Congregação Mariana, de modo que descobri como eram rígidos os costumes da época. O rei da cera, Raimundo Machado, teve de deixar as fileiras da Congregação. Onde já se viu filho de Maria pular carnaval?

Padre José Palhano de Sabóia estudava praticamente fora do Seminário, em Palácio, sob orientação direta de Dom José. Lembro-me de Dom José, do seminarista Palhano e de um padre à janela do hoje Museu Diocesano. A penicilina acabara de ser descoberta. Como meu pai indagasse da saúde de Palhano, Dom José respondeu num trocadilho em torno do seu desarranjo intestinal: *Ficou bom. Tomou penicolina!* Palhano era a simpatia em pessoa. Depois que comprou uma motocicleta vermelha, disparava pelas ruas de Sobral como um danado, rumo desconhecido. Isso até que foi mandado a Roma, para estudar.

Dom José liderava a cidade praticamente construída por ele. Rico, exigia que lhe beijássemos, em meia genuflexão, o anel episcopal e assinava-se Conde de Sobral. Era a sombra tutelar do PSD. O partido era formalmente comandado por Chico Monte, fazendeiro, machão, respeitado e temido. No partido antagonista, a UDN, outro patrício, José Sabóia de Albuquerque, ex-secretário de justiça, ex-juiz, fazendeiro, industrial, apreciador de Renan e dos clássicos franceses. Menino, ficava deslumbrado em vê-lo chegar a seu escritório, descendo de sua camioneta Studebacker, com a solenidade que lhe era típica.

Sobral, no entanto, era pequena para os dois. Surpreendeu-me bastante que o céu não se apressasse em castigar José Sabóia que ousara brigar com o Bispo. Como fora educado ouvindo estórias fantásticas de um cidadão cuja mão secara por haver esbofeteado um sacerdote, falar de padre parecia pecado. Melhor, pecadão desses capaz de acionar, fulminante, a represália divina.

Muito mais tarde, repórter político, me desavim com o então prefeito de Sobral, padre Palhano de Sabóia, usando palavras que o caso e a idade pareceram-me exigir. Fi-lo, porém, não sem um certo temor. De outra feita, falou-se, em casa de José Sabóia, de meu pai. O velho político indagou: *O Monsenhor Costa? Esse é do PSD.* Essa a atmosfera de sacristia de congregados marianos e de intrigas paroquiais em que fui criado.

O palácio do bispo, onde residíamos, estava situado à Avenida Senador Paula, na esquina da Praça São João, local do Cineteatro do mesmo nome, cuja construção fora iniciada na seca de 1877. Foi lá no São João que assisti ao meu primeiro filme. Creio que era alemão. Dormindo, voltei para casa carregado nos braços do hoje cartorário e atuante dirigente do *Lions,* Edson Almeida.

Às noites na cidade, ouvia-se, da calçada, a amplificadora, com músicas e discursos que se espalhavam pelas ruas e praças. A praça de São João era de parca

iluminação devido à pouca força da usina de Oriano Mendes. A alameda da Ema era a melhor aquinhoada, para o passeio dos brancos e ricos. Contava-se que, na década de 20, um rapaz bem nascido fora advertido pelo Delegado da Polícia, por ter passado para o outro lado, reservado ao "footing" dos pobres e pessoas de cor.

Comecei a estudar no Educandário São José, de Dona Honorina Passos, irmã do Monsenhor Olavo Passos, ambos grandes amigos da minha família. Verdadeiros santos, com um único defeito, o de serem udenistas... Ainda tenho presente a resposta de Dona Honorina em visita à minha mãe, quando esta lhe perguntou como ia. *Estou acabando de engolir a amarga pílula da eleição do General Dutra.* Fechou-se o tempo lá em casa!

Lá, também, sofri a primeira paixão. Bem natural! Menino solitário e superprotegido. No colégio, nada de misturas com a plebe ignara, com os colegas de classe. Meu pai ajudava Dona Honorina, auxiliando-a com documentos, organizando sua contabilidade e pedidos de subvenção. Daí meu prestígio... A despeito de tudo, o certo é que me apaixonei por ela. Amei desesperadamente a professora, meu refúgio, minha clareira. Um dia, soube que nos deixaria. Iria casar. Foi uma tragédia! Desabei o par de queixos e chorei de fazer dó. Umedeci o caderno de "cobrir" (àquele tempo, a professora escrevia as palavras de leve para os alunos cobrirem com o traço mais forte, a lápis). Meu pranto não cessava mais. Sosseguei apenas quando ela decidiu adiar seu casamento para o fim do ano. Conseguira, com a revelação do meu sofrer, uma prorrogação para o nosso caso. Anos depois tornei a vê-la. Casada, pobre, desdentada, cheia de filhos e barriga enorme, morando em Viçosa. Que decepção! Desde então abominei toda proximidade com mitos. Nunca mais tornei a ver essa professora, nem a primeira namorada.

Há lugares e pessoas, hoje, que apesar das saudades não desejo rever, porque descobri que só graças aos encantos e sortilégios da ótica privilegiada das crianças, podem ser preservadas em toda beleza e frescor das lembranças.

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 3 jun. 1973.

Fotos sem Filmes

Gerardo Rodrigues Coelho, o Coelhinho, foi escriturário de meu pai, quando este se lançou à aventura industrial, adquirindo, de Tabajara Melo, a Fábrica Santa Catarina, que ficava pertinho do antigo Cine Rangel. O tempo passou e Gerardo tornou-se dono do próprio nariz, instalando o Foto Coelho, tamanha sua garra e força de vontade, a despeito do pouco dinheiro.

Certa vez, recebemos a visita de um tio que morava na capital e papai convocou o ex-empregado para umas fotos de família. Coelhinho não se fez de rogado. Retratou-nos com largueza e imaginação. Correram dias, semanas, meses e o Coelhinho embromando, apesar de nossa insistência em relação às fotografias. Afinal, encostado na parede, confessou o crime:

"Seu Costa, fiquei encabulado de dizer-lhe que não tinha filmes, de forma que fiz de conta que tirava as fotos assim mesmo..."

O interventor do Estado, Menezes Pimentel, presta vassalagem a Dom José na inauguração do aeroporto de Crateús, em 1939.

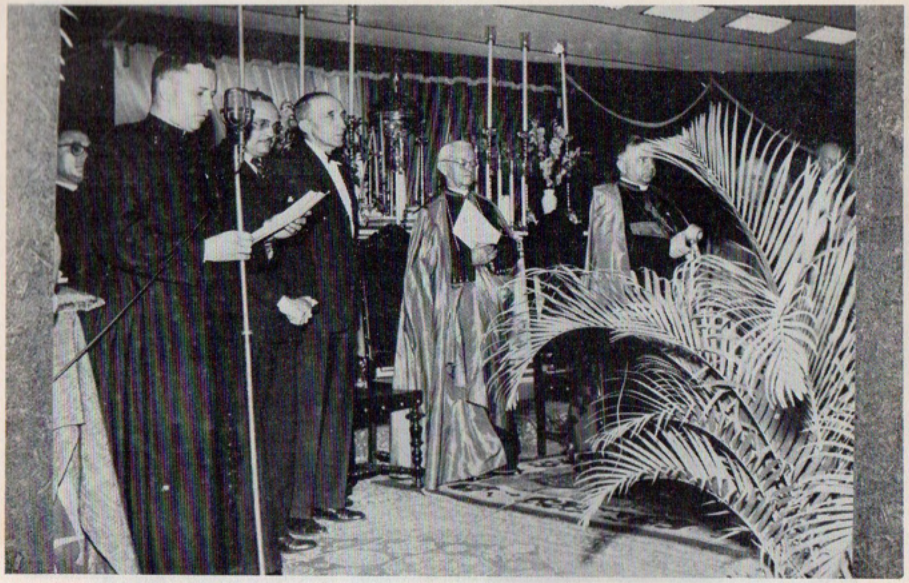
Ladeado pelo padre Palhano de Sabóia e pelo mons. Olavo Passos, D. José entra no recinto onde se realizou o Congresso, seguido dos monsenhores Aloísio Pinto, Arnóbio Andrade, Fortunato Linhares e Joviniano Loiola.

Padre José Palhano de Sabóia, pupilo de D. José que, durante vinte anos, exerceu decisiva influência sobre seu preceptor e sobre a Diocese de Sobral.

O Congresso das Vocações Sacerdotais, realizado de 24 a 29 de outubro de 1955, na comemoração dos 50 anos do sacerdócio de D. José, afastou-o definitivamente de Chico Monte. O prefeito de Sobral, Paulo de Almeida Sanford, não quis pagar as contas que lhe foram apresentadas pelo tesoureiro do encontro, padre Palhano, que viria a sucedê-lo em 1959, ao final de apaixonada campanha eleitoral.

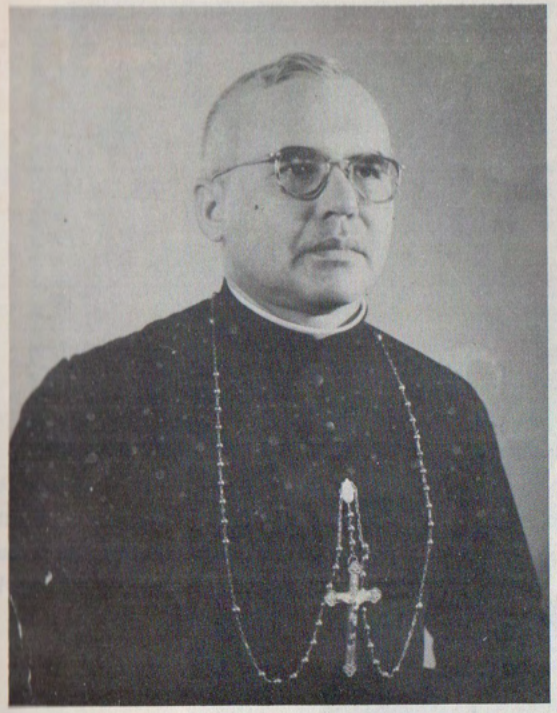
D. José concede entrevista, por telefone, a José Maria Soares, da Rádio Iracema de Sobral, no Congresso das Vocações Sacerdotais, 1955.

D. Antônio de Almeida Lustosa, D. Jaime Câmara e D. José. Um pouco atrás, D. Expedito Lopes.



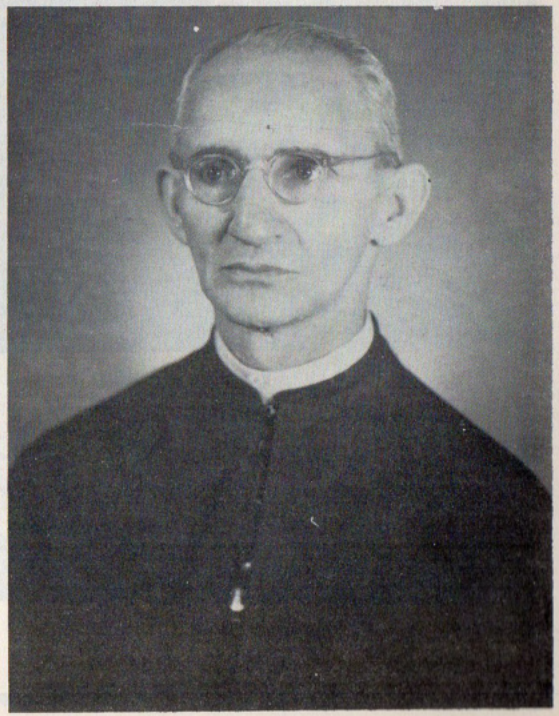
Padre Palhano de Sabóia discursa, ouvido atentamente pelo governador José Parsifal Barroso, o prefeito Paulo Sanford e D. José. Não estaria longe o dia em que o orador investiria contra os aliados de então, sob a proteção do Bispo. 1955

D. José ergue a hóstia na missa em que sagrou bispo D. Expedito Lopes.



D. Expedito Lopes, assassinado quando bispo de Garanhuns.

Mons. Olavo Passos expulsou José Sabóia da Irmandade do Santíssimo Sacramento.



D. José.

Padre Palhano.

Prédio do Museu Diocesano. Sobrado do major João Pedro da Cunha Bandeira, cuja construção se iniciou em 1844. O autor morou ali durante quatro anos. Em frente, ficava o sobrado de Dª Ana Figueiredo de Paula Pessoa, construído em 1858 para o Vigário Colado, Pe. Francisco Jorge de Souza, vendido em 1866 ao senador Francisco de Paula Pessoa.

Residência do senador Francisco de Paula Pessoa que iniciou sua construção a 28 de julho de 1836. Foi vendida em 1915, por vinte e dois contos de réis, para servir de residência ao Bispo, D. José, que ali viveu de 22 de julho de 1916 a 3 de novembro de 1933, quando a cedeu para o Colégio Sant'Ana.

A Praça do S. João, vendo-se ao fundo o Teatro do S. João, era dividida em duas alamedas. A da Ema, onde havia fonte em forma dessa ave, reservada aos ricos. A outra, destinada a pobres e pretos.

Catedral da Sé em 1953, por ocasião da passagem de Nossa Senhora de Fátima.

Dom José Tupynambá da Frota, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo de Sobral

Sendo o bi-hebdomadario intitulado "A Lucta", que se publica nesta cidade, sob a direcção e redacção do Sr. Deolindo Barretto nestes ultimos tempos summamente offensivo á consciencia catholica do povo pelos seus erros contra á fé, pela sua linguagem immoral e pelos insultos dirigidos aos ministros sagrados e á propria dignidade Episcopal, Nós, em virtude da Nossa Auctoridade Ordinaria, Proscrevemos e Condemnamos o dito bi-hebdomadario "A Lucta" e Prohibimos expressamente aos Fieis desta Nossa Diocese que o [illegible] sob pena de peccado mortal.

Palacio [illegible]pal de Sobral, 9 de Outubro de 1922.

[illegible] José, Bispo Diocesano.

Católicos, recebei as chapas de pessoas de vossa
inteira confiança. As armas da vitoria contra o co-
munismo são vigilancia e a disciplina dos cristãos.
Demitido o Prefeito de Sobral
Professorandas da Escola Normal Rural
Repulsa ao Comunismo
O Comunismo e a Igreja
CATEQUIST
DR. JOÃO DE ALENCAR MELO

O que eu Lia

Era péssima a luz da usina do Oriano Mendes, o que dava motivo a muitas gozações do pessoal da capital. A iluminação da cidade apagava antes da meia-noite. Felizmente não havia televisão, dormia-se cedo e, segundo a educação da época, meu limite de tempo para retornar a casa era 21 horas.

Criança e adolescente encabuladíssimo, desviava-me das calçadas onde as famílias, à noite, sentavam-se para dar um balanço nas fofocas do dia. Como não sabia dançar, geralmente não comparecia às festas. Menino bisonho, às vezes ia ao Cine Rangel ou, então, nos fins de semana, à Praça 5 de julho (hoje denominada Monsenhor Linhares), para namorar, de longe...

Algumas vezes, freqüentava o bilhar do Vicente Barbosa, na Praça do Rosário, com seu terrível cheiro de ácido úrico (havia pouco asseio nos sanitários) e o pior é que jogava mal.

Lia muito. Pedia livros, pelo reembolso postal, ficando de plantão, perto de meio-dia, em frente à Agência do Renato Borges, tocaiando a chegada do ônibus de Fortaleza, trazendo os jornais, distribuídos pelo Zé Osmar.

Um dia sofri bruta decepção. Na moita, sem dizer nada em casa, escrevera ao *Unitário,* oferecendo crônicas e perguntando (vejam a audácia, num País em que não se valoriza o trabalho intelectual) quanto pagariam por colaboração minha. Tem mais, garantia que meu trabalho seria igual ou melhor que o dos monstros sagrados da época: Caio Cid e João Clímaco Bezerra. Não deu outra. No suplemento literário de domingo, Jairo Martins Bastos pagou uma tremenda gozação ao petulante rapazinho do interior. Estávamos de férias, na casa das margens do açude Cachoeira quando, voltando do trabalho, papai desceu da charrete de cara fechada e, jogando-me o jornal, falou: *"Veja a vergonha que você me fez passar..."*

Nem tudo, porém, foram frustrações em minha vida literaria. Nessa mesma cidade de Sobral tive o desplante de fundar jornal de uma edição só, *O Idealista,* ao lado de Aldo Melo.

A Promotora Lucrécia Pinho, que morou lá em casa durante algum tempo, emprestou-me livros da autoria do prolífico e torrencial Otávio Faria. Um velhi-

nho simpático e de bela cabeleira branca, que morava na Praça de São Francisco, José Alarico Frota, proporcionou-me momentos de grande alegria, pondo-me em contacto com Paulo Setúbal e Assis Cintra. Na Biblioteca do Clube dos Artistas conheci as desventuras de Isaías Caminha. Confesso, porém, que somente bem mais tarde passei a amar Lima Barreto.

Minha ligação afetiva com Paris se deu com o "Arco do Triunfo", de Erich Marie Romarque, obra que li e reli na casa de Agenor Rodrigues. Este, por sua vez, já me emprestara livros como: "Contraponto", de Aldous Huxley e "Servidão Humana", de Somerset Maughan.

Hoje, consigo escrever de modo menos rebuscado e enrolado do que há vinte anos. Era tão pedante que, nos meus 15 anos, pedi de presente "Os Serões Gramaticais", de Carneiro Ribeiro e "A Réplica", de Rui Barbosa. Foi em Sobral, ainda, que, recém-saído do Seminário, me escandalizei gostosamente com Gilberto Freyre de "Casa Grande, Senzala" e "Nordeste".

Em 1954, a iluminação da cidade melhorou. Já era possível ouvir a Rádio Globo. À noite, logo após a reportagem social de Ibrahim Sued, escutava avidamente a pregação golpista de Carlos Lacerda.

Ah! Ia-me esquecendo! Quando fui morar na Capital, convidado por Eduardo Campos e, posteriormente estimulado por um sobralense, o Felizardo Mont'Alverne, tornei-me titular de uma das colunas políticas mais quentes da época. Exatamente no jornal *Unitário*.

Nessa fase, a democracia era risonha e franca e a classe política gozava de grande prestígio. Bons tempos, aqueles, de muita realização profissional...

Brasília, agosto 1982.

Sobral 38 Graus: a Formação de um Repórter

Jamais aprendi datilografia e, mesmo atualmente não passo de um catamilho que, menino, maltratava as máquinas do IAPC, órgão em que meu pai trabalhava como agente, em Sobral.

Nos descampados da noite, no enorme sobrado que abrigou essa repartição, minha família e hoje é a sede do Museu Diocesano, camundongos apressados trafegavam por sobre os teclados de velhas Remington, deixando às assustadas empregadas domésticas a impressão de que almas penadas tinham vindo concluir algum expediente, preparar faturas ou finalizar cartas deixadas sem terminar.

De dia, livre dos pseudofantasmas, lá estava eu, firme, no batente. Ante o espanto dos funcionários — quem sabe se para chamar-lhes a atenção — escrevia cartas ao Presidente da República, à revista *Era Uma Vez,* de Belo Horizonte, fazia pedidos à Editora Melhoramentos, redigia manifestos políticos e, ainda, mantinha um diário iniciado a quatro de outubro de 1947, no qual falava de padres, igrejas, missas e da campanha eleitoral do agrônomo Jacinto Antunes Pereira da Silva, para a prefeitura da cidade, como candidato do PDS de Francisco de Almeida Monte. Estava escrito: haveria de tornar-me repórter político.

Minha mãe, Maria Dolores Lustosa da Costa possuía uma letra que constituía o sucesso na cidade e seu rigor com o vernáculo, muitas vezes, levaram-na a enviar a filhos, cumprindo curso de mestrado no exterior, uma gramática ou um dicionário, caso flagrasse eventual transgressão às regras da língua portuguesa — fosse uma crase esquecida ou alguma concordância falha. Trazia ela, em sua bagagem cultural, de Cajazeiras, na Paraíba (meu Estado natal), o título de fundadora da revista *Flor de Liz*. Por outro lado, meu pai, Francisco Ferreira Costa foi, durante anos, editor de *O Reino de Cristo,* boletim mensal da Congregação Mariana e ressuscitador da Academia Sobralense de Letras, em 1943. D. Expedito Lopes, assim que foi escolhido bispo, o convocou para auxiliá-lo na redação da pastoral aos fiéis de Oeiras, no Piauí.

Em minha adolescência fui responsável, juntamente com Aldo Melo, pelo lançamento de um número de *O Idealista*. Quando ocorreu o suicídio de Getúlio

Vargas achava-me no comando do *Correio da Semana*. Liberados pelo Colégio sobralense, Edward Dias e eu fomos ouvir o noticiário da Rádio Nacional, referente à tragédia política de 1954 — uma antevisão de tantas outras a que assistiria nas décadas seguintes. À tarde, fechei o jornal, deixando manchete e matéria sobre o estadista morto. Lembro-me bem de haver desfiado todo um "rosário dos benefícios" por ele deixados ao povo brasileiro. Essa imagem, acredito, não ficou nada mal em um jornal de bispo...

Cheiro de Sacristia

Mons. Fortunato Alves Linhares, grande historiador, entrega um cálice a D. José, presente do clero da Diocese, sob as vistas de Mons. Domingos Sabóia e Padre Aristides Sales, por ocasião das bodas de ouro de sua ordenação sacerdotal.

Minha casa era fartamente visitada pelos padres, inclusive por um dos dois udenistas do clero, Gonçalo Eufrásio de Oliveira — mulato vivaz e sardônico. O outro dissidente das diretrizes bispais era o padre José Gerardo Ferreira Gomes.

De modo que fui educado ouvindo fuxicos de sacristia.

Sempre que apareciam, estendiam-se no papo. Mamãe, logo, cabeceava de sono, mal escorada em sua cadeira de balanço. Meu pai mandava servir água e café à padrecada, interessado em enfronhar-se nos mexericos da Igreja. A coisa ia a tal ponto, que o Dr. José Sabóia, chamava papai de "Monsenhor Costa".

O padre Expedito Lopes, assassinado em Garanhus, como bispo, era um dos mais diletos amigos de meu pai. Ajudei-o a celebrar muita missa na capela do

Colégio Santana. Outro, bastante chegado à família era o Monsenhor Olavo Passos, irmão da diretora de meu primeiro colégio, o Educandário São José, além de padrinho de um de meus irmãos. Magrinho, Mons. Olavo parecia eternamente incomodado pelo duro colarinho de plástico, de uso obrigatório para todos os padres e com a pesada batina negra que, não obstante, traziam inteiramente fechada. Numa cidade tórrida, mesmo antes do asfaltamento das ruas, o coitado vivia pigarreando e mexendo a cabeça para baixo e para cima, como se o pescoço estivesse apertando.

O pitoresco, no entanto, ficava por conta do padre Gonçalo, consegue chegar a monsenhor pouco antes de morrer.

No período em que foi responsável pelo internato do Ginásio Sobralense, por via das dúvidas, à noite fechava o acesso ao W.C. Supria a falta do banheiro com uma lata, que colocava no páteo para funcionar como mictório. No adiantado da noite, ao ter o sono interrompido por algum aluno utilizando o precário e improvisado recipiente, gritava de imediato com sua voz fanhosa: "Mija de tabela, fio, d'uma égua. Deixa eu dormir".

O clero, em Sobral, foi sempre rigidamente controlado, política e sexualmente, por Dom José. Não havia, por lá, notícias de Padres Amaros ou de liberalidades quaisquer. Tanto assim, que um dos assíduos freqüentadores de nossa casa, o padre Francisco Leitão, vigário de Nova Russa, só muito depois da morte do bispo teve coragem de tirar a batina para casar. Esse rigor se estendia, a mais não poder, ultrapassando o umbral da Igreja e interferindo nas decisões dos habitantes de Sobral. As esposas de maridos divorciados, por exemplo, recebiam tratamento semelhante ao dispensado às prostitutas. Ai de quem tivesse o azar de casar-se mal! Carregaria a cruz do preconceito da sociedade e da discriminação do clero pelo resto de sua vida.

Dom José, outrossim, vangloriava-se por não haver nenhum templo de outras religiões na diocese de Sobral. Os raros "crentes" que por lá apareceram, foram escorraçados a pedradas.

Gastei muita tarde de sábado na Conferência dos Vicentinos e muita manhã de domingo, participando de enfadonhas reuniões da Congregação Mariana. Assisti a tanta missa em Sobral e, mais tarde, no Seminário de Tianguá e em Campina Grande, que posso considerar-se sócio-remido da Igreja.

Sem risco de erro, considero ter pavimentado e florido meu caminho até o céu, dado o montante de investimentos acumulados, durante essa fase de minha vida, na poupança do Além.

Pressão do Clero

Nunca fui militante da luta universitária. Em Sobral, porém, ajudei a campanha de um amigo, tesoureiro do Centro Estudantil da terrinha, desejoso que estava em vê-lo ascender à Presidência. Seu adversário, na oposição, divulgou um boletim, acusando meu candidato de pretender essa promoção para encobrir desfalques financeiros. Assustado, pois não possuía grande desembaraço lingüístico, meu amigo correu a socorrer-se comigo. Preparei uma resposta bastante cruel e da qual me arrependo ainda hoje. Lembro-me que terminava com as seguintes palavras:

"... tenta lançar-me título que só a ele cabe e bem se ajusta, o de ladrão."

O adversário, de fato, não merecia réplica tão rude.

O padre José Ignácio Mendes Parente, não sei por que, chegou a intervir. Procurou meu pai, para pedir-lhe me pressionasse no sentido de abandonar o apoio dado à candidatura de Acácio Aguiar. O encontro se deu na sala de visitas, em nossa casa da rua Maestro José Pedro, repleta de móveis antigos. O sacerdote insistiu, pessoalmente, em sua tentativa de modificar minha orientação. E, concluiu com o argumento insidioso:

"Você não desistiria nem que seu pai lhe pedisse?"

Resisti:

"Não, padre. Nem peça porque não mudarei minha posição."

A duras penas mantive a palavra. Nem sei bem se valia tanto ... O importante é que assumira compromisso a que não poderia faltar.

Aniversário da Cidade

Sobral aniversaria. A pecuária e o algodão facultaram, no passado, o surgimento de uma elite intelectual e política. À época, eram mandados de lá para a Corte deputados e senadores do Império. Era, e é uma cidade de traços culturais nítidos. Hoje, luta com dificuldades para superar o empobrecimento geral do interior, a proximidade de um centro polarizador como Fortaleza, o que tem agravado sobremodo seus problemas.

Para mim, Sobral não é meramente uma cidade, e sim, lembrança amiga. Recordação daquela que me pegou criança e me devolveu adolescente a Fortaleza. Sou assim, cultural e sentimentalmente, sobralense. Quando lá cheguei fui morar em um enorme sobradão onde, ruídos de toda ordem, sobressaltavam meu sono. A crendice popular justificava o barulho como o vagabundear noturno de almas penadas, de escravos que teriam sido enterrados em seu porão.

Desse casarão, via passar as procissões, oportunidade em que se colocavam toalhas bordadas nas sacadas das varandas. De lá assisti à chegada dos pracinhas e a vários enterros.

Do alto das bicas em forma de focinho de jacaré, de suas fontes, era bom receber, na cabeça infantil, as pesadas bátegas da água da chuva que despencavam com estrépito e violência.

Como todas as cidades, Sobral tinha seus mitos e a todos eu reverenciava. José Sabóia, homem de boas letras francesas, industrial, ex-juiz e político, era um deles. Dos maiores acontecimentos era vê-lo descer de seu carro para ir ao escritório ou ao consultório médico. Outro desses mitos era D. José, construtor de palácios e colégios, que estimava ser tratado de Bispo-Conde. Um dia, os dois brigaram, comovendo a cidade inteira. José Sabóia, por força de lei, conseguiu publicar no jornal da Diocese, o *Correio da Semana,* uma resposta ao Bispo. De permeio, ficava a liderança popular de Chico Monte, que, um belo dia vi subir, sozinho, ao prédio de onde a amplificadora da UDN jogava insultos para dentro de seu sobrado, saindo satisfeito depois de quebrar o serviço de som.

Naquele tempo havia UDN e havia sobrados. Vale lembrar, igualmente, a figura impressionante do homem que, caído ao chão, baleado, mesmo assim conseguira matar o agressor, incendiando minha imaginação fértil de criança, que, por vontade própria, o escolhera para padrinho de crisma. E o que dizer-se do delfim do Bispo, seu mais dileto discípulo, o padre Palhano, que substituíra o usual transporte a cavalo por uma audaciosa motocicleta? Outro que virou lenda!

O colégio onde estudei, Educandário São José, era dirigido por Honorina Passos, mulher alta, esguia, enérgica e apaixonada, tanto que prolongado foi seu desconsolo e desolamento ao tomar conhecimento da derrota do Brigadeiro Eduardo Gomes, de quem era fã incondicional.

Infelizmente, há muito não vou a Sobral. Não tive mais chances de rever a terra que me viu crescer. Sim, Sobral, mais que cidade, é doce recordação que persiste em mim. Por tudo isso repito: *"Sobral não é só cidade, é uma lembrança que ouço chorar baixinho..."*

Correio do Ceará. Fortaleza, 13 de janeiro de 1971.

Eu, um Cavalo Velho e a Serra

Criança e rapazinho passava as férias em meio ao cheiro de mato e estrume de gado do curral, pegado à casa. Era ali, nas proximidades da fábrica de cimento de José Ermírio de Morais, num sítio chamado "Mucambinho", ou, depois, às margens do açude Cachoeira, em casa construída na fazenda de Eduardo Sanford, nos arredores de Sobral.

Menino, vinha do Mucambinho para a cidade, trotando em um cavalo velho e entediado, que também me levava à escola quando a temporada sertaneja se alongava. Foi esse o meu único período de equitação na vida. Devia ser um animal idoso. Tão manso era, que nem chegava a atrapalhar os devaneios a que me habituara.

Por falar de infância e de férias no Mucambinho, relembro os tempos de camisa aberta ao peito, os dias em que o açude sangrava e acompanhava os adultos à pesca. Na volta, esperavam-me cuscuz com coalhada, pamonha, milho cozido, cheiroso café quente. Ainda me lembro do cheiro da terra molhada e de bosta de gado, no curral.

Certa feita, alguém viu uma cobra no telhado. Estava presente um fulano de tal Dias, com uma espingarda que atirou rápido. O réptil desceu, colhido pela bala assassina, retorcendo-se e caiu ensangüentado no chão de cimento. Uma telha restou quebrada, abrindo uma nesga de céu que, tímido, invadia nossa casa. Nunca pude esquecer o atirador e como me pareceu galante com seu bigodinho preto, cheio de glostora, o fumo no bolso da camisa clara e seu chapéu escuro. Por algum tempo, foi o John Wayne de minha infância.

Houve uma outra experiência eqüestre. Aliás, eqüestre-eleitoral e, diga-se de passagem, bem mais tarde, em 1966. Ia ser votado deputado federal na terra de Florinda Bulcão. Lá me fui com Dorian Sampaio à colheita de votos na serra. Montamos todos à porta da casa de nosso candidato João Galdino. Os outros partiram. Só eu, não. Por que? O cavalo conhece o cavaleiro. O meu, ciente das deficiências de quem o tentava guiar, empacara. Não havia jeito de fazê-lo partir. Era uma situação que não podia admitir. Afinal, dentre os postulantes ali montados, era eu que disputava o mais alto posto. Usei o chicote. Medo era o que não me faltava, mas o ginete não desconfiou, rendeu-se e emparelhou com os outros. E lá subimos a serra, bendita entre todas as serras, como diria o velho Eça.

Que tormentosa, porém, é uma corrida eleitoral, principalmente quando se cumpre o ritual de percorrer toda a serra. Cada vez que o cavalo, numa descida, pisava em falso, meu coração saía pela boca. Quando escorregava numa grota, lá embaixo esperavam-me escancaradas as fauces temerosas do abismo. E eu, na frente, aguardava ansiosamente os intervalos entre uma e outra visita às casas dos eleitores, onde procurava descansar as partes mais afetadas do corpo, chupar laranjas e dormir no friozinho do chão de cimento. Isto levava o dia todo!

Lá pelo meio da subida, lembrei-me que teríamos de ir à casa do Gabrielzinho. Este fora sensível aos acenos pecuniários de Vilmar Pontes e abandonara nossa depauperada bandeira. Que fazer? Podíamos tentar o velho chavão: "Fique com o dinheiro dele, mas vote na gente". Fomos. Já passava de uma hora, a conversa se arrastava no alpendre e nada do Gabriel dizer em quem ia votar, nem anunciar o almoço. Coube a Dorian cobrá-lo. O anfitrião, esquivo, admirou-se de que a horas tão tardias ainda não tivéssemos comido. Não nos estava esperando. O máximo com que contava eram dois preás. Que viessem os preás! Cozidos de acordo com ditames da frugal culinária sertaneja, por um ex-correligionário sem qualquer intento de agradar, imaginem como ficou... Eu despistava e escapava comendo batata doce. Só de mau, Dorian indagou: "Quer mais um preazinho? Está ótimo. Não está, deputado?" E eu, por dentro, remordendo-me de fome e raiva, continuava a elogiar, aplaudia e bisava pondo mais uma porção, que substituía, jogando discretamente para cães e gatos que, debaixo da mesa, disputavam os despojos de nossa refeição. Não almoçamos direito, nem conseguimos que Dorian recuperasse os votos vendidos ao Vilmar!

Partimos. Na estrada, ainda tentei descer de bicicleta. Foi pior, muito pior e arriscado. Não havia freios que agüentassem. O jeito foi voltar no cavalo que, de longe, silencioso, porém, zombeteiro, me observava.

Bom e generoso povo de Uruburetama, berço de Florinda Bulcão e outras glórias! Certamente compreendeu a extensão de meu holocausto hípico e pagou, nas urnas e com justiça, o ressarcimento de minhas angústias, penares e assaduras.

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 10 mar., 1974.

O Derradeiro Triunfo

O ano de 1958 marcou o pique da carreira política de Chico Monte, com a conquista do Governo do Estado do Ceará. Seu desaparecimento, três anos depois, assinalou o término de uma das mais fortes lideranças da zona cearense. Foi liderado de José Sabóia, desde 1921, época em que se elegeu à Câmara Municipal. Como deputado estadual, a partir de 1933, esteve ligado a Olavo Oliveira. Após a queda do Estado Novo, tornou-se representante do Estado do Ceará na Assembléia Nacional Constituinte de 1946. Era, já, dono do próprio nariz.

À mesma época, Parsifal Barroso "dançou" ao alçar vôo sozinho, lançando-se candidato pelo Partido Democrata Cristão (PDC), confiante na força organizada do Clero. No ano seguinte, 1947, já no PSD de Chico Monte, viria eleger-se para a Assembléia Legislativa Estadual.

Fazendo da Prefeitura de Sobral — conquistada em dura disputa que registrei em meu diário — sua base política, Chico Monte enfrentou a ofensiva da UDN do Governador Faustino de Albuquerque. Em 1950 ousou ir mais longe, elegendo-se e levando consigo, para a Câmara dos Deputados, Parsifal — sofrendo enorme desgaste político causado pelo não cumprimento de vários acordos regionais. Permutara votos com diversos candidatos a Deputado Estadual e não pudera entrar com a parte que lhe cabia.

Àquele tempo não se comprava voto às escâncaras, como ocorre atualmente. O eleitor devia, ao Chefe, proteção contra a violência de outras facções e auxílio esporádico em dificuldades específicas. Em dia de eleição, tinha direito ao transporte numa carroceria de caminhão, até o local onde votava, além de "vale" para almoçar em algum frege, restaurante popular em que o asseio era usualmente escasso.

O bem-bom do oficialismo estadual, porém, estava distante. Logo após o pleito, Chico Monte não hesitou em romper com Raul Barbosa (recém-eleito Governador), que se negara a honrar a promessa de nomear Paulo Sanford, Secretário de Agricultura. Mal a notícia explodiu no rádio, fomos eu e meu pai, a seu

sobrado. E vi Chico Monte defronte a um pequeno e ordinário espelho de moldura vermelha, fazendo a barba com navalha e esbravejando contra o novo Chefe do Executivo:

"Vou esperar por ele atrás do toco da aroeira, lambendo rapadura".

Em frases curtas e inteligentes, Chico Monte timbrava seu falar de sabor sertanejo. Não ia ficar totalmente na chuva. Aderiu ao PTB comandado por Carlos Jereissati, filho de emigrantes que, na campanha eleitoral de 1950 tivera a coragem de hospedar Vargas, o que ninguém queria fazer, principalmente os que, quando da visita dele, Presidente da República e ditador, o haviam bajulado. Entre o estadista gaúcho, seu herdeiro João Goulart e Chico Monte havia, no mínimo, uma afinidade: o gado.

Chico Monte saiu de trás do toco de aroeira, em 1954, quando elegeu Parsifal Barroso para o Senado Federal, derrotando Raul Barbosa. Parsifal nem teve tempo de esquentar a cadeira na Câmara Alta. Juscelino Kubitschek o convidou para o Ministério do Trabalho, que deixaria em 1958, para conquistar o Governo de Estado, pleito no qual saiu perdendo Virgílio Távora que, como de hábito, montara um imbatível esquema de alianças das cúpulas partidárias. Quando, depois das eleições, Távora concedeu entrevista, queixando-se da manipulação das frentes de serviço do DNOCS a favor do adversário, Chico Monte, assediado pelos repórteres que tinham ido a Sobral para ouvi-lo, limitou-se a dizer:

"O Virgílio chora como bezerro desmamado..."

O que ocorrera, então, fora uma guerra entre dinheiros públicos federais e estaduais. O Governador Flávio Marcílio fazia o possível e o impossível para ajudar o concunhado, mobilizando largos recursos, máquinas e carros oficiais para Sobral. Virgílio Távora ia à terrinha, pelo menos uma vez por semana. Na tentativa de preencher o vazio deixado por José Sabóia, apostara tudo na liderança emergente de José Palhano de Sabóia, que terminou se elegendo Prefeito.

Sem a astúcia, a ousadia e a coragem do sogro, o Governador Parsifal não conseguiu manter a liderança estadual. Rompido com Carlos Jereissati, entrou para o PTN. Viabilizou a antiga aspiração das oligarquias (eleição sem disputa, em 1962, como agora, em 1982), unindo o PSD e a UDN que, até então, se revezavam no poder. Com a coordenação do ex-ministro da Justiça, Armando Falcão, foi criada a União Pelo Ceará (embrião da ARENA), para eleger, pela UDN: Virgílio Távora, governador e Figueiredo Correia, vice-governador pelo PSD; e, pelo PTN: Tancredo Halley Alcântara (advogado e antigo vereador de Sobral), senador. Caso fossem eleitos, Tancredo e seu suplente, José Frota Parente renunciariam, a fim de permitir o retorno de Parsifal ao Senado. A política, no entanto, costuma repelir fórmulas tão cerebrinas e soluções oblíquas. Quem se elegeu senador foi Carlos Jereissati, com ampla maioria em Fortaleza, o que não desagradou a Távora que, no Palácio da Luz, trataria o antecessor a pão e água.

Hostilizado pelos militares, a partir de 1964, devido a desaforado bilhete de sua mulher, Olga Monte Barroso ao então major Egmont Bastos Gonçalves (que chegou a indiciá-la num IPM), Parsifal fez-se substituir na Câmara, no período de 1967 a 1970, pelo filho Régis. Mais tarde voltaria a conquistar dois mandatos para a Câmara dos Deputados, a que renunciou, apenas, quando indicado ao cargo de Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal.

Brasília, setembro de 1982.

O Último dos Coronéis

Acho que foi esse o título de um artigo de Lúcio Lima, publicado no extinto *Diário do Povo,* quando Chico Monte morreu, a 16 de março de 1961. Foi ele, aliás, o primeiro Deputado Federal a falecer em Brasília.

Morreu de ódio, por não poder, como nos velhos tempos, matar o Prefeito Palhano Sabóia, que diariamente agredia não só a ele, como a filha Olga e o genro Parsifal Barroso.

Desde rapazinho, Chico Monte fora habituado a resolver suas paradas na marra, no tapa, com a peixeira desembainhada ou à bala. Contava-se que acoitava capangas em sua fazenda dos Pocinhos. Nunca se confirmou, porém, que recorresse à ajuda de outros para emboscadas ou tocaias. Resolvia tudo pessoalmente. Cara à cara.

Na campanha de 1954 para eleição de Paulo de Almeida Sanford à Prefeitura de Sobral (da qual participei ativamente), conheci um caboclinho baixo, chochinho, de chapéu de palha enfiado na cabeça e rosto meio triangular, puxando um pouco ao tipo do antigo "Amigo da Onça". Chamava-se Cícero. Manso, hu-

milde mesmo, costumava entabolar longos papos comigo, durante os comícios. Mais tarde vieram me dizer que ele era assassino alugado, que já matara cinco. Não cheguei a comprovar a informação.

A Dondon Feitosa, dona de uma pensão na Praça Cinco de Julho, rabelista doente (José Sabóia era marreta, vinculado aos Accioly), que conheci velhinha, sentada numa cadeira de balanço à porta de seu estabelecimento, atribuía-se haver instigado um dos hóspedes — tenente de polícia de nome Castelo Branco — a pôr fim aos desmandos de Chico Monte, com a frase: *"Tenente, se não tem coragem, vista a minha saia e me empreste sua farda."*

Em minha imaginação de menino, foi como nos filmes de faroeste. Provocado em seus brios e em seu amor próprio, o policial saiu pelas ruas quentes e poeirentas, atrás do "desordeiro Chico". Terminou por encontrá-lo bêbado, fanfarronando na Praça José Sabóia, sempre pronto para o que desse e viesse.

"Prepare-se para morrer, seu cabra safado!"

Ao grito do tenente seguiram-se seus tiros. Chico Monte caiu sangrando e ficou sem mexer, fingindo-se de morto. Quando Castelo Branco sobre ele se curvou para conferir o serviço, o "morto" levantou-se e matou-o com sua peixeira.

Vereador e liderado de Zé Sabóia, de outra feita foi um dos acusados pelo assassinato do jornalista Deolindo Barreto, ocorrido em 1925, no prédio da Câmara Municipal. Contam que Deolindo, em determinado momento, começara a atirar em uma fotografia pregada à parede. Ninguém se lembra de quem. Foi o bastante! Morreu ali, na horinha, crivado de balas, a primeira das quais dizem ter saído do revólver de Chico Monte.

Durante a campanha da Liga Eleitoral Católica (LEC), de 1933, em Sobral, num comício realizado na Praça Cinco de Julho, nos fundos da Igreja do Rosário, um dos oradores derramava sua demagogiazinha, falando do ateísmo de certo adversário, quando, do meio da multidão, um popular ousou gritar: *"E Fulano de Tal, que é da LEC? Não é ateu, também?"* Em fração de segundos Chico Monte subiu ao palanque, revólver em punho, para desafiar o aparteante. Logo não havia mais ninguém na Praça, tal o medo que inspirava.

Na oportunidade da eleição de Menezes Pimentel para a Presidência do Estado, sentia-se o cheiro de traição no ar. Chico Monte foi escalado para sentar ao lado de um colega da Assembléia, que se encontrava "em dúvida ..." a respeito de sua escolha eleitoral. Revólver à mostra, declarou simplesmente: *"Se o Pimentel perder, você sai daqui para o cemitério e eu para a cadeia."* Catequista com argumentos tão convincentes e claros, não tinha como desperdiçar seu latim. Pimentel foi eleito com a diferença de um voto.

Contam, também, que no Rio, quando da cassação do mandato de deputados comunistas, não gostou da reação de um deles, o gaúcho Trifino Correia. Punhal na mão, pulou sobre duas ou mais poltronas do Palácio Tiradentes, na tentativa de punir o atrevido.

Com olhos deslumbrados de criança, ví-o subir, sozinho, os degraus de um sobrado fronteiriço àquele em que morava, para cortar os fios de energia e derrubar os alto-falantes da amplificadora que, sem cessar, irradiava mensagens cáusticas à sua pessoa.

Na década de cinqüenta recebeu, de Carlos Jereissati (Presidente de seu partido, o PTB), um revólver a gás importado dos Estados Unidos. Disse-lhe, então, o amigo:

"Chico, essa arma é boa, porque quando você atira, o atacante fica desacordado até a chegada da Polícia."

Ao que Chico Monte retrucou:

"Bom! Assim, enquanto ele estiver caído, chego lá e costuro ele de faca."

Avesso a repartições, raramente freqüentou qualquer prédio público. Abriu exceção no governo Parsifal Barroso, quando decidiu visitar um primo querido, Marcelo Sanford, por ele indicado ao cargo de Diretor do DAER. A secretária do mesmo, coitada, totalmente desinformada sobre as idiossincrasias do coronel, cometeu a besteira de perguntar-lhe o nome e mandá-lo esperar. Aos palavrões e pontapés, derrubou a porta e invadiu o Gabinete, vermelho de irritação, cabeça erguida, leve coxear. Assim chegou até a mesa do parente, a essa altura assustado, perplexo e preocupado.

A última vez que o vi, já no fim da vida, foi em frente ao prédio da velha Assembléia. Eu era redator de uma coluna política considerada das mais quentes e críticas, no "Unitário". Meus artigos incomodavam e desgostavam a muitos, inclusive a Régis, filho do Governador Parsifal, mais tarde eleito Deputado Federal. Chico Monte chamou-me a um canto da calçada e tocou-me, brandamente, o ombro. Beijei-lhe as mãos com uma certa ponta de orgulho, apesar de adulto e jornalista da moda. Em tom afável, quase paternal, solicitou-me:

"Meu filho, vou lhe fazer um pedido. Não publique mais aquelas notinhas contra o Governo. Critique a mim, que não me importo. A questão é que a Olga e o Régis não gostam. Vivem reclamando..."

Brasília, julho de 1982.

Os Heróis da Decadência

Menino, conheci os três heróis da decadência de Sobral: D. José, José Sabóia e o Chico Monte. O trio se encontrava no auge do prestígio.

O Bispo posicionava-se bem acima dos outros dois, de acordo com seu próprio julgamento, uma vez que humildade não era o seu forte. Personalidade sufocante, o teocrata sobralense conseguia inibir a classe política. São de conhecimento geral suas soberbas realizações no campo educacional, cultural, assistencial e hospitalar, além dos grandes prédios que plantou. A Chico Monte ou ao outro aristocrata, José Sabóia, herdeiro da Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano, Sobral não deve uma pedra de calçamento. Ambos queriam o poder pelo poder.

O senador Plínio Pompeu — que integrou o Congresso quando efetivamente representava um dos poderes da República — ainda fez aprovar projeto de sua autoria, mandando construir os Açudes Araras e Banabuiú. O resto, foi crescimento vegetativo. Chegou como veio para todas as demais cidades. Não pelo empenho de seus expressivos homens públicos.

O Bispo e o doutor José Sabóia empatavam em vaidade. Eram dois bicudos que não se beijavam e passaram a vida inteira numa ciumeira que só vendo... Idoso, D. José compareceu à festa de bodas de ouro do casamento de seu adversário com dona Sinhá Sabóia (Maria da Soledade) — acontecimento de que temos registro fotográfico — ficando ambos, decerto, a fazer as derradeiras apostas, lá em cima, na outra vida.

O Bispo era faccioso. Simpatizante do integralismo, comandava ostensivamente a LEC e, por fim, o PSD contra a UDN de José Sabóia, Plínio Pompeu e de Faustino de Albuquerque. O ateísmo e, um pouco, o comunismo, constituíam a munição da maioria dos padres da Diocese, em acintosa mobilização eleitoral.

Ainda assim, o chefe udenista elegeu o genro, Plínio Pompeu, senador da República, com humilhante maioria sobre o ex-interventor Menezes Pimentel e fez praticamente metade da bancada federal da UDN cearense. A cidade tinha orgulho do velho juiz e industrial a quem os grandes da República vinham render homenagens. Segundo a lenda, duas vezes teria recusado o governo estadual. A primeira, quando este foi oferecido pelo general Machado Lopes, como interventoria. O Estado Novo desabara. A segunda, através de eleições e da tão sonhada união dos grandes partidos (PSD e UDN). Sonhada desde 1946, essa aliança partidária foi proposta já àquele tempo, pelo general Onofre Gomes de Lima, sobralense que terminou disputando o governo, pelo PSD, perdendo para o Desembargador Faustino de Albuquerque. Tudo com a desculpa bairrista de que: "Só aceito se a capital for transferida para Sobral".

Durante a campanha eleitoral de 1946, José Sabóia conseguiu publicar, à força de mandado judicial, no *Correio da Semana* — periódico que o malhava insistentemente a cada edição — resposta sua às críticas que lhe eram dirigidas. Às páginas tais, venenosamente fazia alusão aos "chifres" dos bois de Uberaba, cidade mineira para a qual Dom José fora designado Bispo e que, naturalmente, refugara.

O Dr. José Sabóia, como a maioria dos brasileiros, era bastante liberal, mas só até a porta de sua usina (no caso, de sua indústria), daí as acusações de mau patrão que sofreu; as causas trabalhistas que perdeu e que suscitaram enorme exploração de seus opositores nas campanhas eleitorais. Por essa razão, talvez, se apontasse o Juiz Floriano Benevides, autor de sentenças favoráveis a operários demitidos pelo Dr. José Sabóia, como tendo hospedado o Secretário-Geral do PC, Luiz Carlos Prestes, em uma de suas passagens clandestinas pela terrinha. A batalha eleitoral atingia o ápice, de modo que o boato da presença do "Cavaleiro da Esperança" em Sobral, chegara lá em casa baixinho, quase sussurrado, para não comprometer o magistrado que cutucava com seu ferrão, a Lúcifer, o chefe da facção adversária...

José Sabóia já era falecido quando, em 1954, surgiu novamente a idéia da coligação do PSD com a UDN. O objetivo era apoiar a candidatura de Plínio Pompeu, que contava com a simpatia de Getúlio Vargas. Com o suicídio do Presidente, os Távoras retiraram o apoio dado, até então, àquele político sobralense, livrando-se, desse modo e para sempre, de família que lhes fazia sombra dentro da UDN. Ernesto Sabóia de Albuquerque (criado como menino rico no Rio de Janeiro) ainda se elegeu Deputado Federal, pelo Ceará. Faltava-lhe, porém, o gosto pela política e a garra do pai.

A família Sabóia sumiu do mapa político do Ceará como expressão de poder decisório. Na jovialidade de seus 90 anos, o ex-senador Plínio Pompeu de Sabóia Magalhães, empresta sua autoridade moral à oposição. Apesar de tão respeitável apoio, o MDB, hoje PMDB, não "pegou" em Sobral.

Brasília, setembro de 1982.

Matando Saudades

Sobral, cidade de eternas saudades e inesgotáveis recordações, conheci quando apresentava resquícios de motivos para orgulho de seu povo. Sobrevivia ao declínio de sua liderança, de sua condição de centro comercial da região e responsável pelo abastecimento de toda a zona norte, além do atendimento a parte do Piauí e Maranhão. Em seu apogeu dispunha, inclusive, de um porto — o de Camocim. Seus líderes, no entanto, falavam de Fortaleza com certo despeito. E a cidade, então, ainda podia curtir fumos de emulação da capital, pois não se verificara seu total esvaziamento nem o inchaço de Fortaleza.

Famosa pela longevidade de alguns de seus moradores, pode-se ver na Sobral de hoje o ex-senador Plínio Pompeu, com seus noventa anos, dirigindo automóvel, resolvendo seus negócios sozinho e militando honradamente na oposição. Do mesmo jeito, os octogenários Paulo e Eduardo de Almeida Sanford. Há pouco tempo, a viúva do falecido Deputado Chico Monte, Dona Maria Monte, em seus gloriosos oitenta e seis anos, com muita dificuldade foi demovida pela filha, Olga Barroso, de viajar para a Rússia. Isso, para não mencionar os que se aproximam do centenário, como : Nico Capote, Ferreira Porto, José de Castro, José da Mata, Luiz Jácome, Randal Pompeu.

Sobral era dominada por três figuras exponenciais: o bispo, D. José, que chefiava o PSD por baixo do pano; Chico Monte, sogro de Parsifal Barroso e líder formal desse partido; e, José Sabóia, advogado, industrial e chefe da UDN, o qual, entre outras, fez do genro — Plínio Pompeu de Sabóia Magalhães, hoje com seus joviais 90 anos — senador da República. Era assim! Àquele tempo, a zona norte elegia governadores e senadores, tal era sua força política e poder econômico.

Dom José Tupinambá de Frota, que se assinava Bispo-Conde, era um aristocrata, com curso em Roma e milionário de cujo bolso saiu muito dinheiro para a construção de alguns dos imponentes prédios da cidade. O bispo inclinava o clero para o PSD. Somente os padres José Gerardo Ferreira Gomes e Gonçalo Eufrásio de Oliveira eram da UDN. No meu tempo, D. José chegara a romper publicamente com José Sabóia, que, por sua vez, através da Justiça, conseguiu

fosse publicado no órgão da Diocese, *Correio da Semana,* artigo altamente insultuoso ao bispo.

O chefe formal do PSD, Chico Monte, era fazendeiro e residia em um sobrado na Praça do Rosário que estava sempre franqueado ao homem do povo. Populista rural, seu estilo contrastava com o refinamento do Dr. José Sabóia. Homem de muita coragem pessoal e político astuto, exagerava o colorido de sua ignorância, a fim de nivelar-se ao matuto que o procurasse e, segundo se comentava, a fim de melhor acentuar sua diferença do "poseur" José Sabóia.

Ah! Sobral, quanto nos tens a contar!

Vice Assume em Sobral

O bairrismo de Dom José somente se equiparava a seu conservadorismo.

Nos últimos dias de sua vida, os concursos de beleza feminina eram o quente. Estavam no pique da moda. Quando Emília Correia Lima, por acaso nascida em Sobral, foi eleita Miss Brasil, a cidde toda se ouriçou. Em meio à descida da ladeira, era a glória nacional de que tanto carecia.

No ano seguinte, outra sobralense, essa da gema, aluna do Colégio Santana, foi à luta. Sua comitiva, integrada por pai, mãe, parentes e aderentes — e, como não poderia deixar de ser, por Stênio Azevedo, sobralense e coordenador do concurso — acompanhou-a até as margens do açude Cachoeira, onde se deixou fotografar de maiô, para a primeira página do *Correio do Ceará.* Quando o jornal chegou à cidade, a pobre moça viu-se expulsa do colégio das freiras.

José Monte (funcionário do IAPC, como o fora sua mãe Judilita Borges Monte), juntamente com Vilemar Carneiro, decidiu defendê-la, indo até o bispo, a fim de requerer a revogação daquele ato institucional.

Começaram a cantada, inocentemente, dizendo que a mãe da moça, cunhada de padre e freguesa diária da Igreja, abria o par de queixos a chorar, inconsolável, toda a vez que se lembrava da punição sofrida pela filha, e que considerava uma espécie de excomunhão ou seja, um vestibular para o fogo do inferno.

O bispo ouvia os argumentos desinteressado. Às páginas tais, Zé Monte lançou o golpe decisivo: "O Quixadá Felício até escreveu que Sobral nunca mais terá condições de fazer uma Miss Brasil". E, estrategicamente, desconversou, mudando de assunto. (Quixadá, diga-se de passagem, era médico de Crato — capital do Cariri, com que Sobral rivalizava — e escrevia crônicas para os jornais de Fortaleza.) Logo a seguir os dois tornaram a falar da religiosidade da família da Miss, da choradeira da mãe e, em determinado momento foram interrompidos por Dom José, que indagou a seu Secretário (eminência parda da Diocese):

"Valdemar, o Quixadá disse isso mesmo?".

Empertigado, Valdemar Albuquerque confirmou:

"Disse, Excelência".

Os dois emissários prosseguiram em sua cantilena. O Bispo, alheio ao que diziam e preocupado com o agravo de Quixada Felício voltava a consultar o camareiro:

"Valdemar, você acha que Sobral nunca mais elege Miss?".

"Elege sim, Excelência. É lógico, que elege".

Nesse meio tempo, o jogo prosseguia. Os jovens salientando o sofrimento moral da família da moça, de um lado, e o Bispo, mortificado pela eventual vantagem que Crato poderia extrair da rigidez de seu código.

O caso terminou, felizmente, com sua autorização para que o Monsenhor Aloísio Pinto, tio da moça, levantasse a punição.

Os dois embaixadores, no entanto, não escaparam de um castigo, ansiosos que estavam por sair e contar a vitória alcançada. Foram convidados a almoçar no sobrado do bispo, que comia pouco, simples e pobremente.

Em julho do corrente ano, quando Zé Monte me contou essa estória perguntei-lhe, à cata de maiores subsídios:

"E a *Maria Airdes Arruda* chegou a Miss Ceará?"

"Sim, por algum tempo. A titular casou-se seis meses antes de concluir o prazo de seu reinado, de modo que a Maria Airdes teve que assumir ..."

Não é fantástico?

Em um País em que Vice-Presidente não sucede ao Presidente da República, Sobral consagra a continuidade constitucional, pelo menos através de seu concurso de Miss...

Brasília, agosto de 1982.

O Delfim

Homem de austera vida pessoal, Dom José resolveu adotar José Palhano de Sabóia[1], menino pobre, insinuante e batalhador, como filho de seu outono. Pai-avô, Dom José só enxergava encantos e virtudes no guri, de forma que, vida afora cumulou-o de mimos, dinheiro, possantes motos e velozes automóveis, com os quais o jovem percorria ruidosamente a cidade. Até avião tinha esse Julien Sorel sobralense. Imagine-se o escândalo, há trinta e tantos anos, numa conservadora e tradicionalista cidade do interior nordestino!

Mesmo após seu desligamento do Seminário Maior, em Fortaleza, por indisciplina (ia passar todo o fim de semana em Sobral, apesar de proibição expressa do Reitor), Dom José decidiu ordená-lo sacerdote. Depois, mandou-o estudar no Colégio Pio Brasileiro, em Roma, para se doutorar. Como era fácil prever, não demorou muito, Palhano voltou à terrinha, aos seus esportes perigosos, às aven-

(1) "O Padre Palhano, embora parente nosso, foi sempre meu adversário político. Morreu pobre, sem sua rádio, etc., mas não há notícia, em Sobral, de sepultamento mais concorrido do que o seu. O féretro, transportado em carro do Corpo de Bombeiros para o cemitério novo, foi acompanhado por grande multidão de pessoas, durante cerca de dois quilômetros, com as ruas repletas de gente. Senti, pela primeira vez, o reconhecimento geral do carisma do padre. Repetindo o que ocorrera no velório, com a Igreja do Patrocínio sem lugar para ninguém mais, na missa de sétimo dia, tanto a Catedral, como o patamar e a praça ficaram completamente lotados. Essa missa foi celebrada pelo bispo D. Walfrido, com o auxílio de quatro padres, o que revelou sua cristandade e elegância, uma vez que, como esse gesto, apagava o ato impensado do Padre Palhano de contratar advogado para processar a seu Bispo (motivo pelo qual seria suspenso das ordens e, posteriormente, excomungado pelo Papa)."

No dia 22 de agosto do corrente ano, recebi essa carta de um dos mais venerandos homens públicos de Sobral, o ex-senador Plínio Pompeu, com detalhes a respeito. Continua: "Quando D. Walfrido percebeu que o padre estava irrecuperavelmente doente, teve receio de que morresse excomungado. Assim, foi à casa dele para dizer-lhe: *"Padre, no que depender de mim, você está perdoado. Mas a excomunhão só o Papa pode levantar. Como ele virá passar breve por Fortaleza, não gostaria de dirigir-lhe tal solicitação?"* A resposta do padre foi: *"Quero. Faça o pedido que assinarei."* A que D. Walfrido replicou: *"Não, você é bacharel, inteligente e saberá fazê-lo melhor do que eu. Encaminharei seu pedido ao Papa, com informações favoráveis."* Assim foi feito e o Papa retirou a excomunhão, conclui Plínio Pompeu.

turas, ao panfleto e ao pasquim. Pouco sobrava para o sacerdócio a que fora destinado por seu protetor. Seu céu, decididamente, não era o da prometida bem-aventurança eterna e, sim, o que ele, ousado piloto, conseguia cruzar, nas asas de seu avião.

Certa ocasião, diante das agressões nada cristãs do político Palhano, cheguei a pensar se ele não seria ateu...

Em 1958, com Dom José já senil, Palhano desafiou Chico Monte e, depois de campanha bastante ferina, elegeu-se Prefeito.

Por largo espaço de tempo, guardamos em nossa casa a bênção apostólica de Pio XII, que esse personagem lendário de minha infância e amigo pessoal de meus pais trouxera de Roma.

Mais tarde, colunista político do *Unitário* — numa época em que a democracia era bem mais franca — recebi ameaças de Palhano, que não gostara de determinadas referências feitas à sua pessoa. Ameaçado, repliquei com virulência desnecessária, perfeitamente compreensível para os meus vinte anos. Mesmo assim, por culpa da educação terrivelmente repressora, em termos de religiosidade, que me fora infligida, fiquei morto de medo de que minha mão secasse ou algum castigo celeste me fulminasse repentinamente.

Em outra oportunidade, entrevistado por João Ramos, em meu programa da TV Ceará, intitulado "Política, quase sempre", ante a pergunta de um telespectador sobre se ele, Palhano (que era padre), namorava, respondeu de imediato, no estilo que lhe era característico:

"Só se for com a mãe do telespectador que me formulou essa pergunta..."

Devido a seu tom normalmente desabusado foi-lhe atribuída a edição de um jornaleco clandestino (cujo nome era o que vulgarmente se dá ao órgão sexual feminino), que circulava em Sobral malhando coincidentemente, a seus inimigos.

Habituado às larguezas do preceptor, Palhano foi cassado, como Deputado Federal, em 1964, sob a acusação de desvio de verbas da Prefeitura. Encontrava-se sob o fogo cerrado de seu sucessor, Cesário Barreto e, do mesmo modo que os outros punidos por Atos Institucionais, não pôde jamais defender-se de tais acusações. Seu exílio foi no Rio de Janeiro, cidade na qual se diplomaria em Direito, como a maioria dos brasileiros de seu tempo.

Tão logo lhe foi possível, retornou a Sobral, onde morreu no corrente ano, pobre, triste, sem votos e, até, sem sua emissora de rádio. Não mais cultivava aquela atmosfera romântica de antes. Perdera o *glamour* criado em torno de si por sua tremenda vitalidade. Nunca pudera soltar-se integralmente, como homem porque não queria abandonar os privilégios de sacerdócio. Jamais foi padre de mesmo porque este foi um compromisso assumido, em seu nome, por Dom José.

Brasília, 1982.

O Impulsivo Bispo-Conde

Dom José, com raiva, era capaz dos maiores destemperos. Cabeça fria, era um cristão verdadeiro: generoso e liberal.

Padre Ivan, vigário de Coreaú, apaixonou-se por moça de sua paróquia e fugiu com ela para o Piauí. Três meses depois, desfez o casamento. Ferido de remorsos e arrasado, voltou a Sobral. Representava a própria imagem do pecador malsucedido. Ao sabê-lo em baixo, à porta de sua casa, Dom José desceu às escadas e recebeu o padre com um beijo em cada face. A partir daí colocou-o diretamente a seu serviço.

Conheci-o soturno e triste, atuando como fiscal do Colégio Sobralense.

Formalista por excelência, Dom José chegou a interromper uma visita pastoral a Tianguá — a que emprestava toda a pompa e muita solenidade — só porque um dos castiçais estava fora do lugar, desalinhando a disposição dos objetos no altar. Por "coincidência", o vigário, Mons. Agesilau Aguiar, era da UDN.

Em outra ocasião teve que celebrar na Capela do Forquilha, entregue ao padre Domingos Barreto Araújo que não primava pela organização. Ao abrir o gavetão da cômoda da sacristia deparou-se com a bagunça reinante: capas, estolas, alvas e solidéus embolados e sujos. Tudo numa tão perfeita confusão, que deixou escapar o seguinte comentário crítico:

Padre-vaqueiro!

Durante a cerimônia de sagração de Dom Expedito Lopes, quase estragou a festa jogando no chão sua mitra, que um dos acólitos tardou em recolher. Há fotos que o mostram, exasperado, arrancando a mitra da cabeça para arremessá-la longe. Um padre, mais atento a seus humores, salvou o espetáculo...

Um Padre Burro

Homem culto, não obstante seu livro "História de Sobral" seja fraquinho e aquém de sua reputação de intelectual, eram notórias as implicâncias de Dom José com aqueles que, coitados, fossem eleitos por sua idiossincrasia.

Uma das estórias, já no final da vida, foi relativamente ao Padre Luizito. Este lhe fora indicado para Secretário e, muito moço, não tivera tempo de ler todos os livros conhecidos pelo preceptor.

Certa ocasião, para testá-lo, o Bispo resolveu indagar:

"Já leu Humboldt?"

"Não, Excelência", respondeu-lhe o padre.

"Que padre burro!" Sussurrou o Bispo, com seus botões.

Tempos depois, outra pergunta:

"Conhece Bossuet?"

"Não, Excelência", replicou humildemente padre Luizito.

Dom José, como que se lamentando de sua má sorte, resmungou baixinho:

"Que padre burro!"

E todo o santo dia o pobre secretário sofria a mesma provação.

Finalmente, chegou a oportunidade de sentir-se melhor, vez em que supôs haver caído nas boas graças do chefe. Haviam falado de Virgílio e, na reiterada perseguição ao pupilo, o Bispo insistira:

"Lembra-se da Eneida?"

Qual não foi sua surpresa ao ouvir o padre dizer que sim e, confiante, começar a desfiar, com grande desembaraço e tranqüilidade, o *"Arma virumque cano..."*, que levaria até o fim se o Bispo não o interrompesse proclamando seu *"Basta!"*.

Dom José, como se estivesse só, lançou a apreciação sumária, num julgamento implacável:

"Boa memória, mas péssima pronúncia".

Brasília, setembro de 1982.

Nota: O padre Luizito Dias Rodrigues foi o último dos 98 sacerdotes ordenados por Dom José, na cidade de Sobral, em 8 de dezembro de 1958.

O Divino Balzac

Todos os dias era escolhido um seminarista para dormir no sobrado do Bispo e ajudá-lo a oficiar a missa. Para muitos isso correspondia a uma noite de terror; para o anfitrião, era mais um modo esperto de controlar o Seminário. Apavorados, os alunos iam temendo a sabatina do Bispo, severíssimo em matéria de cultura, além do que havia os mosquitos, vorazes em Sobral, mais que em qualquer outra cidade, que quase consumiam o sangue do futuro padre.

Sobressaltados, às quatro horas da manhã, os seminaristas viam Dom José passar por debaixo de suas redes em sua rota até o banheiro. Ia fazer a barba. Às cinco horas era o momento de despertar o acólito para o asseio e orações.

Dom José adorava dar "incertas" dentro do Seminário. Dono de tudo, entrava sem avisar na sala de aulas, jogava o professor para escanteio, continuava a preleção — gostava de pegar o bonde andando — ou interrogava alguns alunos.

Certa vez, interrompeu a aula de literatura do segundo ano do Seminário Menor, o ginasial. O padre-mestre ficou a um canto, mudo, inútil, sem saber o que fazer com as mãos. Excitado, o Bispo queria aferir as leituras dos futuros sacerdotes. Um apontava o Padre Manuel Bernardes, outro, ao Padre Antônio Vieira, um terceiro chegou a citar trechos de "A Vida de Jesus", de Plínio Salgado.

"E você?" Perguntou ele, procurando avaliar os gostos de um dos seminaristas, magrinho, de olhar brilhante e que arrastava a perna.

"Balzac", ouviu como resposta, na voz do jovem.

O Bispo fez que não entendeu. Disfarçou o susto sofrido. Não podia crer. Não era verdade. E insistiu:

"Como? Qual é o autor de sua preferência?"

Sem se atemorizar, o rapazinho reiterou:

"Honoré de Balzac, Excelência. É divino!"

O Bispo deixou a sala de aulas apoplético, atropelando mesas e cadeiras, deixando no ar ameaça de tenebrosas sanções que nunca se efetivaram.

Muito tempo após, o leitor de Balzac foi ordenado padre, por Dom José. Na hora decisiva de torná-lo sacerdote "ad aeternum", o Bispo, que não esquecera o incidente, afirmou:

"Espero que, doravante, seu divino seja outro..."

Há quem diga que ele jamais chegou a apreciar esse padrezinho atrevido, que lia Balzac, andava de bicicleta e escolhera morar entre os pobres, do outro lado do rio e que se chamava Oswaldo Chaves. Não obstante, viu-se forçado a respeitar o outro funcionário do Alto, que sabir ser uma humaníssima, generosa e doce personalidade.

Radicalismo com Hora e Lugar

A disputa entre Dom José e o Dr. José Sabóia foi sempre espertamente faturada pelo PSD. Os cabos eleitorais de João Germano da Ponte, candidato a vereador, contra Alarico Alverne, então na UDN, pressionavam os eleitores da Serra da Meruoca, de Alcântara, com a seguinte pergunta: *És pró Sabóia ou és bispo?"* De certa maneira, havia motivos para assim agirem, pois era notória a atuação do bispo como chefe do PSD, ainda que este partido fosse formalmente liderado por Chico Monte.

Esse radicalismo, no entanto, tinha hora e lugar. Em Sobral, Chico Monte não falava com Plínio Pompeu, genro de José Sabóia, nem quando o encontrava em enterros, festas cívicas ou na rua. Em Fortaleza, podiam trocar cumprimentos glaciais. Já no Rio, longe da terra natal, jogavam juntos na mais fraterna cordialidade.

Expedições Nostálgicas

De quando em vez vou a Sobral, onde passei infância e adolescência. Sou, como já devem ter notado, mordido por fundas nostalgias. Desta feita, visitei o sobradão do Museu Diocesano que habitei logo ao chegar à cidade — casarão enorme com quarenta e tantas portas e janelas. Fui cotejar as imensas paredes com o olhar maduro, não mais encontrando as dimensões da meninice. Como é exagerada nossa visão infantil! Tudo mais alto e mais bonito! Ou talvez sejam as traições da memória. Com o passar do tempo, ela vai polindo nossas recordações, daí os exageros que o adulto, melancolicamente, desfaz nesses retornos.

O mesmo acontece com a lembrança das pessoas que nos rodearam nos primeiros anos. Como nos parecem mais pobres, mais baixas, menos brilhantes, diferentes da imagem galante, valente, rica que fazíamos. São os desencantos da *idade madura*.

De todas, porém, há sempre algumas indeléveis. Nunca pude esquecer minha primeira professora. Meu primeiro e grande amor. Era um menino tímido e solitário. Não me ligava aos outros. Esperava o início da aula em casa da diretora, para quem meu pai aviava requerimentos e processos a fim de pleitear subvenções, de modo que me refugiava do mundo hostil no regaço da professora. Tudo ia no mais uterino e aquecedor dos mundos, até ser informado de que ela ia se casar, deixar-nos e residir numa cidade de Ibiapaba. Chorei até não poder mais. Lembrava sua letra com palavras escritas de leve para nós cobrirmos com cor mais forte, aprendendo caligrafia. Era um caderno amarelo, com capa aproveitada de grandes envelopes que ficaram repletos com minhas lágrimas. Foi tanto o choro e tamanho o prestígio de meu pai, que a professora só nos largou quando o ano já terminara.

Seis ou sete anos depois era aluno interno dos franciscanos em Tianguá. Houve uma excursão à cidade onde morava a professora. Lá me fui, rever o amorável passado. E me mandei a sua casa. Era uma residência humilde, chão de tijolo cru e sobre esse chão, suja e descuidada, brincava uma criança. A professora, em meio à sujeira, mexia no fogão rústico o mingau do filho. Ao lado, desdenta-

do, pálido e sem vida, o marido por quem ela me deixara. Só ficou em mim uma impressão de pobreza, falta de asseio e desleixo. Parti.

Anos depois, deixei o Seminário. Voltei a Sobral, aos salões de bilhar, ao *footing* onde as moças passeavam, vaporosas e cheias de anáguas, na pracinha, enquanto nós, marmanjos, parados e fumando nervosamente, as esperávamos, súplices, contando receber a graça das que passavam. Um dia, com a ajuda de quinados (bebia-se quinado a esta época e até o execrável conhaque São João da Barra), abordei-a. E ela me explicou ser comprometida. Negócio sério. O rapaz "estudava para o Banco do Brasil". Era uma expectativa de bancário e esta mera aspiração bastava para derrotar-me.

Os anos passaram. O pretendente não passou no concurso. Fez pior. Morreu num desastre de avião. Encontro, no TOP's, a criatura bem-amada. E não me contenho. Só me sai da boca uma expressão:

— *"Fulana, como pude ser tão apaixonado por ti?"*

Juro, foi sem querer. Foi só o que pude e o que soube dizer. Então, fora só aquilo que me pusera insone, que fizera gastar, em vão, tanta sola de sapato e o fígado, ainda estreante, das cargas ligeiras do Dionísio e Baco!

Nem vou contar, aqui, minha visão do sabiá da crônica que, no deslumbramento dos vinte anos, fui abordar no Iracema Plaza e encontrei, de cuecas, sonolento estremunhado e de pileque ou ressaca, aborrecido com minha inesperada invasão de leitor provinciano e admirador descontrolado.

Não tenho aprendido grande coisa ao longo de mais de três décadas. Mas uma coisa me ficou certa: não devemos ir em busca do passado exigindo dele mais do que já nos concedeu. Tampouco tentemos chegar perto de nossos ídolos. É sempre uma teimosia e improdutiva busca essa nostálgica expedição ao passado.

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 3 fev., 1974.

Sobral dos meus Nove Anos

O sobradão de Chico Monte, na rua do Rosário, estava sempre cheio de gente. Ao contrário de José Sabóia, intelectual e aristocrata, buscava apoio na faixa popular e na área rural. Em seu salão, que possuía duas filas de cadeiras de balanço, de frente uma para as outra, recebia os cabos locais, os chefes dos arredores e os simples eleitores. Na sua cadeira, distinta das demais e colocada próxima à janela, ouvia os cochichos e confidências de seus aliados. E, quando em vez, capengando um pouco (resultado do duelo mortal com o tenente Castelo Branco), ia até seu escritório, ou então à parte íntima da casa, onde Dona Maria Monte transava e coordenava detalhes da assistência ao eleitorado. No governo Raul Barbosa, não lhe quiseram dar, parece-me, a Secretaria de Agricultura ou o DAER. Rompeu com todos, no começo da administração. Só sei que, de frente à sua casa, na esquina, se instalou uma amplificadora. Do PSD? Não sei bem. Recordo-me falarem no nome de Cordeiro Neto. Seria da UDN? O certo é que, na política habitualmente violenta de Sobral, choviam insultos ao sobradão. A localização da irradiadora agravava a provocação. Era demais para o temperamento de coronel sertanejo. Principalmente para quem cultivava a fama de machão. Certa feita, eram mais ou menos quatro horas de tarde, estava eu na praça quando o vi descer de seu sobrado e rumar para o outro, defronte. Suspense na praça. Gente seguindo-o. Ele à frente da turba que se formava atrás de si. Subiu no prédio, cortou à faca os fios da emissora e, de lá de cima, numa cena que jamais esqueci, gritou explicações de que não admitia insultos etc e tal. As coisas sempre ocorrem em tais ocasiões. O certo é que os insultos calaram. As emissões deixaram de ser tão provocadoras. Na visão de menino, alijado de qualquer contexto, permaneceu a imagem do machão que não aceitava desaforo e fazia, com seus impetuosos gestos, pulsar corações.

Antes disso, tinha eu nove anos, começara um diário. Logo à primeira página falava de uma reunião do executivo municipal do PSD, "ocasião em que foi lançada a candidatura do agrônomo Dr. Jacinto Antunes, na presença do interventor da Light. Estando tudo acertado, chegou o referido interventor, Cap. Josias F. Gomes, impondo a candidatura de seu pai, Antenor Ferreira Gomes, que já fora prefeito. Deu-se o rompimento do Deputado Francisco Monte com os Srs.

José Euclides Ferreira Gomes e Antenor Ferreira Gomes, em decorrência do incidente".

Mais tarde, guardei alguns volantes. Um deles, do lançamento da candidatura de Jacinto Antunes Pereira da Silva para prefeito. Para a vereança concorriam: Padre Sabino Loyola, Tancredo Halley de Alcântara, Antônio Frota de Cavalcante, Eduardo de Almeida Sanford, Cesário César Ferreira Gomes, Diogo Honório Gomes Parente, José Peregrino da Frota, Alarico Montalverne, João Germano da Ponte, Ildefonso de Holanda Cavalcante e Renato Frota Parente. Cinco deles se qualificaram como criadores. Todos elementos de famílias tradicionais da cidade. As mesmas famílias que viriam a decair econômica e politicamente ou emigrariam mais tarde. Daí as reclamações de parcela dos sobralenses, insatisfeita com o surgimento de forasteiros ou novos ricos, na cena política da terra. Lamentos nostálgicos que refletiam, ainda de modo impreciso, as mudanças sociais porque passaria Sobral.

Outro volante colecionado, era, desta feita, dos mais acres e insidiosos, mas bem de acordo com o estilo polêmico da região. Dizia o seguinte:

"Operário, alerta!

Não vos deixeis iludir pelo canto da sereia.

João Melo é, de hoje, um êmulo do Dr. José Sabóia, o algoz dos operários de sua fábrica e que se tornou feroz inimigo do eminente e íntegro Juiz de Direito da Comarca, Dr. Floriano Benevides de Magalhães, pelo fato deste ter tido a coragem de vos fazer Justiça..."

E por aí se espalhava o panfleto, até chegar à demagogia religiosa, pois:

"Votar em João de Melo seria o mesmo que prestigiar José Sabóia, para que este pudesse afastar da cidade o Juiz que constituía um guardião e amparo de todos, ou para permitir que ele tornasse a ofender, publicamente, nosso amado Bispo."

Pelo visto, já na redemocratização fora um divisor de águas entre os dois aristocratas, na disputa pela liderança: o Bispo D. José, amparando, discretamente, o PSD de Chico Monte, contra a UDN, do Dr. José Sabóia de Albuquerque. Em um tal quadro, quem seria a força modernizadora? Chico Monte era, apenas, um intuitivo sem instrução regular, apesar de membro de uma família tradicional, fazendeiro e latifundiário. O Dr. José Sabóia, latifundiário e industrial, ao contrário, era versado nas boas leituras francesas. O Bispo constituía o terceiro elemento da base política da cidade. Como seria possível distinguir entre essas três figuras a mais progressista e com chances de promover a necessária modernização?

Mesmo nas anotações de meus nove anos haveria indicações de algumas lutas por terra e gado:

"Hoje, o Exmº Sr. Jacinto Antunes, candidato a prefeito pelo Partido Social Democrático, soltou um boletim no qual se restringia à transcrição de telegrama enviado pelo Sr. Raul Barbosa, Deputado Federal do supracitado partido, em que dizia haver ele sido readmitido no cargo de encarregado do Açude de Forquilha. Isso, porque o Dr. José Sabóia o tinha demitido, inimigo que era do Sr. Jacinto. Então, nosso Jacinto tomou uma das vazantes do Dr. José Sabóia de Albuquerque, ex-juiz da Comarca de Sobral."

Meu facciosismo político-infantil, portanto, refletia-se, até, na diversificação do tratamento dispensado a pessedistas e a udenistas.

Mais adiante releio uma descrição de comício do PSD, utilizando em minha reprodução pessoal a habitual carga de insultos e acusações ouvidos:

"... falou depois o Sr. Eduardo Almeida Sanford, que disse que o João do Gás ou João do Calçamento pedira um rebanho de vacas emprestado ao Cel. Francisco Monte e que, quando da restituição, faltava uma vaca, de modo que ficava redigindo, ao Cel. Francisco Monte, bilhetes em que declarava que sua dívida seria saldada hoje ou amanhã, mas nunca concretizou suas promessas. Por isso, o faltoso poderia e deveria ser cognominado de João da Vaca."

E, por aí seguiam os relatos dos comícios sobralenses, hoje, como ontem, repletos de violência verbal.

Perpassavam, em meu diário dos nove anos, nomes tanto da política quanto do clero sobralense.

Embora não pretenda fazer história e não tenha certeza de minha capacitação como contador de estórias, não resisti à tentação de reproduzir estas passagens de Sobral. É isso! Talvez, para autocontentamento haja tomado daquele velho caderno, escrito a lápis e a tinta, na letra derramada e irregular de menino do curso primário, o qual, entretanto, desde cedo descobrira sua vocação. E a ela ficou fiel.

Vinte e cinco anos passados, muita coisa do qual ali foi registrado, só a mim e a uns poucos interessaria. Foram algumas dessas passagens que enviei à Gazeta, ao serem anunciados as festas pelo bicentenário de Sobral.

Gazeta de Notícias, Fortaleza, 10 jun. 1973.

O "Bon Vivant"

Bon Vivant e gastador, João Nogueira Adeodato era figura das mais cativantes e simpáticas de Sobral.

Elegeu-se à Constituinte de 1946, gastando muito dinheiro, na tentativa de safar-se da primeira de suas três falências comerciais. No Rio de Janeiro, com charme, queijos e charutos, tornar-se-ia grande amigo do então Vice-Presidente da República, Dr. Nereu Ramos.

Graças a seu vozeirão e à fama de valente que acompanhava os cearenses àquela época, certa ocasião conseguiu impedir batessem em Lutero Vargas numa boite da Cidade Maravilhosa. Como recompensa foi nomeado Diretor da Carteira de Redescontos do Banco do Brasil, cargo que não pode aceitar, sob a alegação de suas poucas letras.

Muito gentil, tinha, em sua luxuosa fazenda do Mucambinho, uma égua luzidia e veloz, além de outros eqüinos de ótima raça. Guardava, ali, entre seu gado, meia dúzia de vacas e bezerros de meu pai. Era um favor, pois não possuíamos terras. Numa de suas falências, o ex-prefeito Jerônimo Prado — que lhe fornecia algodão — tentou ressarcir-se de prejuízo maior, expropriando 600 cabeças de gado de propriedade do devedor, levando, de combulhada, nossas seis reses. Olavo Oliveira, advogado de João Adeodato — que se elegera por seu partido, o PSP — quis que papai entrasse na briga, processando Jerônimo por haver levado, também, o que era nosso. Meu pai, porém, esquivou-se.

Na boquinha da década de 1940, Adeodato recebeu em sua casa o Cardeal Aloísio Masella, que viera a Sobral para prestigiar um congresso promovido por Dom José. Criado que fora num clima de absoluta "carolice", fiquei profundamente encucado ao tomar conhecimento, mais tarde, de que o visitante, balançando-se na rede branca e cheirosa, de quando em vez estendia a mão à garrafa para prover-se de boas doses do *scotch* larga e generosamente posto à sua disposição pelo hospitaleiro João Adeodato.

Brasília, ago. 1982.

Acaraú: Imagens Antigas e Novas

"Conto por segundo Districto desta Capitania o chamado de Acaraú, que terá 70 léguas de costa, correndo do Occidente para o Oriente e começando na margem do rio Parnaiba, que na costa divide esta, da Capitania do Maranhão, de que, em outro tempo foi parte, e pello interior das terras a separa da Capitania do Piauhy; finalizando o districto de que fallo, na margem do rio Mandahú, que o divide daquelle do Siará. Da costa para o interior das terras, terá este Districto de fundo, em partes, 40, 50, 60 e 70 léguas, sendo sempre sua maior extensão para a parte do Sul, onde vae comprehender huma considerável porção da Serra Grande ou da Ibiapaba. Toma este Districto o nome do rio maior, que por elle corre, chamado Acaraú, o qual tem a sua origem na Serra dos Coiós e decorre pello espaço de 60 léguas, athé entrar no mar. Na margem-Occidental deste rio está situada, na distância de 19 a 20 léguas por linha recta, da costa, a villa principal do Districto chamado Sobral, e em outro tempo Caissara e há huma das mais ricas e populozas de toda a Capitania.

A segunda Villa hé a da Granja, situada na margem occidental do rio Camossi, o qual vem de faldas de Serra Grande, pouco antes de finalisar, donde vem cortando as terras por mais de 30 léguas, athé entrar no mar, ficando a mencionada villa 5 léguas assima da sua foz, a direita da qual, para quem entra, fica a enseada da Jeruoca, quando pella esquerda, ao correr da costa e distancia 5 ou 6 léguas, se encontram já os bancos de almofada."

LUIS DOS SANTOS VILHENA

O rio da minha infância foi um açude. A rigor, nenhum rio banhou com freqüência meus primeiros anos, com suas águas barrentas. Criei-me em Sobral. Naquele tempo, a beira do rio Acaraú ficava longe. Atravessei-o, nas épocas calmas de inverno, com canoa, mas não me lembro do "outro lado do rio". É certo que se fundem, na memória, imagens antigas e novas: as lavadeiras, pernas cruzadas e

---

Nota:

VILHENA, Luis dos Santos. "Cartas de Vilhena: notícias soteropolitanas". Bahia, Imprensa Official do Estado, 1922. vol. II, p. 688.

"batendo" roupa, os primeiros lampejos de descoberta maliciosa (ainda não erótica, mas seguramente sensual); das raras fúrias do rio, que podia chegar até atrás da Igreja da Sé, na calçada alta da fábrica de Randal Pompeu. Vi esse rio tornar-se ainda mais ousado e chegar perto da antiga sede da Rádio Iracema, molhando as máquinas da usina de algodão do Dr. Adauto Araújo.

Um dia destes fui à cidade do Acaraú, lá onde ele se encontra com o oceano, perto do Porto de Cacimbas. Parti com José Rangel numa canoa a vela, lembrando que aquele fora um dos primeiros portos do Ceará. Rio fundo, para deixar entrar, em passado remoto, as sumacas[1] com as novidades de Recife e levar de volta a carne seca das "oficinas" e, mais recentemente, barcos de pequeno e médio porte, conduzindo sal. Com sua vara, Aldenor, o pescador, empurrava a canoa. Derreamos para a margem esquerda, à caça de caranguejos. O pescador pulou n'água, entrou no lodaçal de mansinho e fisgou o primeiro. Os outros saíram correndo, junto com a multidão de aratus[2], por sob a sombra das ramagens, em fuga desabalada. Era um divertido espetáculo! Havia os caranguejos que reagiam. Punham-se de pé, em fúria, com as tenazes armadas para pegar os dedos do captor. Outros, rápidos, escondiam-se em buracos na lama, onde os ia buscar o pescador, mesmo com risco de ferir-se. Afinal, surrão[3] cheio, voltamos ao Porto de Cacimbas, onde ancoravam outros vários lagosteiros e rebocadores, alguns imprestáveis, para devorar os caranguejos. Como vêem, os rios passaram célebres em minha infância como suas águas barrentas e ligeiras.

Com 3 ou 4 anos quase encerrei minha biografia numa lagoa de Messejana, lá onde Iracema fazia sua ablução. Mais tarde em Sobral o banho no Mucambinho, que não era o de propriedade de JoãoAdeodato, mas bem menor, nas imediações da hoje Fábrica de Cimento.

No inverno, pescava à mão o peixe que subia contra a correnteza do sangradouro ou surpreendia, nas grotas, carás[4] e muçuns[5]. Depois, veio o açude Cachoeira, em cujas margens, adolescente, li "Os Sertões". Além dos rios, adoro o mar, tanto que um fim de semana está perdido se não desfruto o sol à beira da praia, na água salgada. Mas isso são outros quinhentos mil réis...

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 06 mai., 1973.

1. Sumacas são pequenas embarcações de dois mastros, utilizadas para transporte de gêneros diversos, via fluvial.
2. Aratu é um pequeno caranguejo de forma quadrangular.
3. Surrão é uma bolsa ou saco de couro usado pelos pescadores para colocarem siris, caranguejos e pequenos mariscos apanhados na praia. É empregado, também, no pastoreio, com objetivo de carregar o farnel dos boiadeiros em suas longas viagens.
4. Cará é o nome dado a um peixe de água doce, comum, portanto, nos rios principalmente do Nordeste.
5. Muçum é a denominação de algumas espécies de enguias.

Os Doze do Beco

Já não são treze rapazes e moças, os filhos de Seu Costa e de Dona Dolores, criados todos em Sobral e saídos do Beco da Piedade, em Fortaleza, para o mundo. Morreu Alberto Lustosa.

Quando crianças e morando no sobrado do Bispo, havíamos perdido um irmão: era o Elcias, logo substituído por outro com o mesmo nome, hoje repórter do "Correio Braziliense". Morrera antes do fim da guerra, de infecção não identificada e devido à falta de penicilina, que não chegara ao norte do Ceará. Mal acabou de expirar, meu irmão Alberto indagou a nosso pai:

"Papai, será que posso beber o resto do guaraná?"

Referia-se ao guaraná champanhe, o qual, a essa altura do campeonato, se comprava especialmente para os doentes. Lembro-me bem, ainda, do pranto que uniu minha mãe e Dona Honorina Passos, madrinha do falecido. Outro fato que não esqueci foi seu enterro, acompanhado por meus colegas do Educandário São José.

Tímido, vivia eu maltratando as máquinas de escrever do escritório do IAPC, enquanto Alberto e Parsifal, mais audaciosos, desapropriavam temporariamente jumentos alheios, que levavam às margens do Açude Cachoeira, onde ficava nossa casa de campo, a fim de poderem realizar expedições ao alto da Serra da Meruoca — a Petrópolis sobralense — local onde os ricos possuíam casas de veraneio. Para roubar mangas e cajus.

A ousadia era tanta, que não titubeavam em levar nossos irmãos menores: Paulo (hoje Deputado Federal) e Elcias, para participarem de tais aventuras e, até, atravessarem o açude de canoa, o que àquela época e para a idade deles era extremamente perigoso.

Quantas vezes correram o risco de levar uma pedrada ou um balaço perdido, dos caseiros que cuidavam dos sítios nos quais iam colher goiabas?

Esse sobrado do Bispo foi palco de outro grave momento. Lá, nossa empregada doméstica pôs fim à vida, por ter engravidado. Tentara, primeiramente,

livrar-se do indesejado, com várias garrafadas — esse o nome de ervas diversas, que são ingeridas seja como medicamento, seja como abortivo. Tudo em vão. Por fim, decidiu fugir à vergonha de ser mãe-solteira, tomando veneno. Ainda posso escutar seus patéticos gemidos, no estertor, desesperada para escapar da morte que a colheria na Santa Casa da Misericórdia.

Brasília, agosto de 1982.

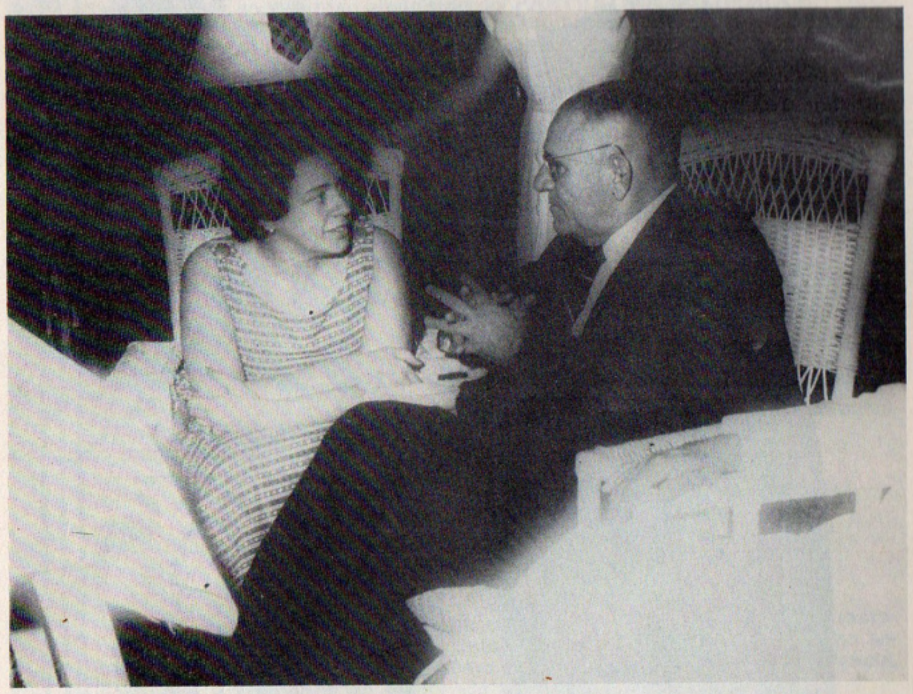
Deputados à Assembléia Legislativa do Ceará, eleitos pelo voto direto e pela representação classista, integrantes do grupo Olavo Oliveira. Sentados: José Euclides Ferreira Gomes, Silveira Aguiar, Olavo Oliveira, Joaquim Bastos e João Ramos. Em pé: Manuel Gomes Freitas, Pedro Paula Cavalcante, Parsifal Barroso, Antônio Carvalho Rocha, Stênio Gomes e Chico Monte, em 1936.

Maria Monte, Olga e Chico Monte

Parsifal Barroso e Chico Monte

Em pé: os Deputados Bonaparte P. Maia, Esmerino Arruda, Osires Pontes, Euclides Wicar, Ubirajara Índio do Ceará, o procurador-geral do Estado, professor Omar Paiva e um seu funcionário, o Deputado Francisco Monte, Salomão Pinheiro Maia, deputado à Assembléia Legislativa do Ceará. Sentados, o Senador Fausto Cabral, o Deputado Martins Rodrigues, o governador Parsifal Barroso, os Deputados Carlos Jereissati, Expedito Machado e Colombo de Souza.

Ladeado por Chico Monte e Marcelo Sanford, o governador Parsifal Barroso discursa na inauguração de obra pública em Sobral. Vêem-se ainda Haroldo Sanford, o então padre Marconi Montezuma. Entre Parsifal e Marcelo Sanford, o deputado estadual Melo Arruda.



Ivete Vargas e Chico Monte, deputados federais do PTB de São Paulo e do Ceará, respectivamente.

John e Minerva Sanford

AO POVO DE SOBRAL

Tenho a satisfação de comunicar ao povo sobralense e muito especialmente ao valoroso eleitorado do PARTIDO SOCIAL DEMOCRATICO que por deliberação do Diretorio Municipal desta agremiação politica, a qual tenho a honra de presidir, ficou assentado concorrermos ás eleições municipais de 7 de Desembro proximo, com a seguinte chapa:

PARA PREFEITO: Dr. Jacinto Antunes Pereira da Silva, agronomo e criador.

PARA VEREADORES:—Padre Sabino Loyola, sacerdote e jornalista.

Dr. Tancrêdo Halley de Alcantara, advogado e representante da classe trabalhista.

Antonio Frota Cavalcante, proprietario.

Eduardo de Almeida Sanford, criador.

Cesario Cesar Ferreira Gomes, criador.

Diogo Honorio Gomes Parente, criador.

José Peregrino da Frota, comerciante e proprietario.

Alarico Mont'Alverne, comerciante.

João Germano da Ponte Neto, agente comercial.

Ildefonso de Holanda Cavalcante, comerciante.

Renato Frota Parente, criador.

Para os nomes que constituem esta chapa não será preciso maiores recomendações, porquanto cada um, por seu valor e projeção na sociedade de nossa terra, se impõem de maneira decisiva á preferencia, simpatia e confiança do eleitorado sobralense.

Todos ás urnas, a 7 de Desembro, sufragando unanimente os candidatos do PARTIDO SOCIAL DEMOCRATICO, para mais uma retumbante vitoria do nosso invencivel partido, pelo que, antecipadamente, apresento os meus sinceros agradecimentos.

Viva o Partido Social Democratico!

Francisco de Almeida Monte

OPERARIO SOBRALENSE! ALERTA!

O Dr. João de Alencar Melo foi apresentado pela U. D. N. para o cargo de Prefeito Municipal. Para tal fim teve de VIRAR miseravel e covardemente aderindo á politica de injustiça e de opressão do Dr. José Saboia de Albuquerque, o homem que, ha pouco, em público, injuriou e ofendeu a dignidade do nosso amado Bispo, D. José Tupinambá da Frota, o maior benemerito de Sobral e o vosso mais decidido e dedicado amigo.

OPERARIO ALERTA

Não vos deixeis iludir pelo canto da sereia! João Melo é hoje um emulo do Dr. José Saboia, o algoz dos operarios de sua Fabrica e que se tornou feroz inimigo do eminente e integro Juiz de Direito da Comarca, Dr. Floriano Benevides de Magalhães pelo fato de ter tido a coragem de vos fazer Justiça, fazendo com que os vossos direitos, antes por ele conculcados, fossem respeitados, originando daí recebe as devidas indenisações a que fazeis jús.

Votar em João Melo é dar ganho de caus Dr. José Saboia, é prestigiá-lo para que ele poss fastar daqui o Juiz que é a guarda e o amparo d dos nós, para que ele venha ofender novamente o so amado Bispo.

SOBRALENSES! OPERARIO ALERTA!

...oreceres que transcrevi nesta pequena serie de artigos.

Resultantes da mais severa perquirição por altas autoridades, alheias às paixões locais, eles atestam, de modo concreto, a probidade de minha vida, minha dedicação á coisa pública e minha capacidade profissional.

Combati de cabeça erguida, escudado em minha consciencia impoluta, contra individuos inescrupulosos e sem consciencia, para os quais a dignidade alheia é cigalho desprezivel.

Emergi mais robustecido dessa luta titanica que pelejei sem esmorecimentos, de olhos fitos na Justiça, sem pedir favores, sem pedir misericordia.

Venci, na mais desigual das contendas, a "Mafia" temerosa, que outra coisa não é esse agrupamento politico que se chama "saboismo", operando no Norte do Ceará, e, agora, solertemente, estendendo seus tentaculos ao Sul do Estado, envenenando a parte sã de um partido, no seio do qual é ele o germe corrutor.

O sr Plinio Pompeu quer assumir a chefia da "Mafia" pois assoalha, ardilosamente, que o sêgro já está inteiramentecapto e deve passar a suas mãos o comando do bando, antes que alguem mais "gentil" se apodere do bando já inseguro, creando assim uma "barreira" intransponivel ao seu sonho da futura hegemonia plinesca.

Inchado de orgulho e vaidade, atira-se contra todos e contra tudo, em seus delirios de fatigado, vê como fantasmas rindo de sua insania.

Pede a publicação de ridiculas entrevistas dizendo que não vai mais ao Catete, e, no dia seguinte, "vaguejante e podremente", volta ao Palacio Presidencial, apresentando clorótica retratação; ataca o Tribunal Regional Eleitoral, por não querer aquela Alta Corte transformar-se em "seu grande eleitor"; investe contra juizes de reputação ilibada, como os drs. Humberto Fontenele da Silveira e Floriano Benevides de Magalhães, por não se adaptarem a "golei-

ros" de seu desmoralisado "team" politico comordia o deputado Francisco Monte, porque esse prestigioso politico tem elemento eleitoral e vem lhe infligindo sucessivas e vigorosas derrotas nas urnas; arreganha-se contra o Escrivão Eleitoral, sr. Othelino Nova Alves, porque esse cidadão não se presta a titere em suas mãos; escabuja contra mim, porque sabe que gargalho de seus logares, e, em sua apedreja, a torto e a direito ,quem lhe aparece no caminho.

Esse desequilibrio mental está se agravando célerenca-te e agora o sr. Plinio Pompeu deu para vêr em fasci-nante fantazia, o Palácio da Luz.

Ai, porém, de quem disser que essa visão é uma enganadora miragem !

O pobre homem está delirante.

Deus, porém, em sua infinita misericordia, amiserar-se-á do Ceará.

Jacyntho Antunes Ferreira da Silva em

" Paiva, Mequinha e nem por isso...

menos violenta !", replicou ao senador

Plinio Pompeu, publicada no jornal O ESTADO

de 21,22,23 e 26 de abril de 1949.

Vila Distinta e Real de Sobral

D. José em visita pastoral a S. Benedito em 1941

O processo civilizador de Sobral teve início na ribeira do Acaraú, em época bastante remota, quando os sesmeiros começaram a se estabelecer nessa parte do Ceará. De todas as fazendas aí instaladas, houve uma que logo extrapolou sua finalidade específica, transformando-se em povoação. foi o que aconteceu com a fazenda Caiçara, obrigada a transferir seus rebanhos para longe do rio Acaraú, a fim de facultar a ocupação de suas terras pelo próprio homem.

Em torno da Casa Grande, situada à margem esquerda do Acaraú, passou a crescer o casario. O nome Caiçara não tardou muito e deixou de estar ligado a

uma fazenda, passando a indicar a povoação em que se transformou, privilegiadamente que estava, situada a dezoito quilômetros da serra da Meruoca e a sessenta do porto do Acaraú. Tão rápida se deu a expansão urbana dessa localidade, que a Câmara de Aquirás chegou a sugerir a transferência do foro da Vila de Fortaleza para essa povoação. A medida, porém, era desnecessária porque, a 5 de julho de 1773, estava consolidado o prestígio de que já desfrutava, apenas com a mudança do nome Caiçara para o de Vila Distinta e Real de Sobral.

Favorecida pela sua posição geográfica e, sobretudo, pela prosperidade que começava a reinar entre seus filhos, a Vila de Sobral passou a polarizar toda a atividade econômica da zona norte do Ceará, assumindo a liderança de seus destinos políticos. Tudo isso veio justificar a sanção da Lei nº 229, de 12 de janeiro de 1841, que a transformou na fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú, em homenagem à princesa Januária, irmã de D. Pedro II. Menos de dois anos depois, a 25 de outubro de 1842, o Presidente José Joaquim Coelho sancionava outra lei, de nº 244, restaurando a denominação de Sobral.

A pecuária foi, durante muito tempo, a principal atividade econômica de Sobral, cujo desenvolvimento, já em 1854, era expresso pelas 244 fazendas de criação de gado. Suas exportações de couro, sola e demais produtos oriundos do pastoreio chegaram a alcançar enormes cifras, sendo os mercados do Maranhão e de Pernambuco seus principais clientes. Pelo porto de Acaraú era escoada toda a produção, incluindo-se a de procedência agrícola, representada pelo algodão, a farinha e cereais diversos.

Tomando a cidade por domicílio, os senhores rurais de Sobral conseguiram influir diretamente na formação da elite social aí constituída, além de contribuírem, materialmente, para soluções arquitetônicas que melhor se identificava, naquele momento histórico, com o apurado gosto de sua gente. Dentro de uma concepção estética própria, foram edificadas igrejas e, mais tarde, construídos seus bonitos sobrados — obras que ainda hoje enriquecem a paisagem urbana de Sobral. Os teatros Apolo Sobralense (aberto ao público em 1878) e São João (inaugurado em 1885) constituem, igualmente, testemunhos históricos do adiantado nível sócio-cultural do povo.

O comércio de Sobral, por largo período embasado na atividade agropecuária, foi reativado quando essa cidade se sentiu preparada para ingressar na área tecnológica, passando a industrializar ampla faixa de produtos, alguns, inclusive, de consumo nacional. Começando pela fase de beneficiamento do algodão, seus parques fabril e industrial tiveram uma rápida evolução, não tardando a atingir o estágio da extração de óleos comestíveis e o da fabricação de tecidos, situação que valeu a Sobral o lugar que hoje ocupa no Estado. A Companhia Cearense de Cimento Portland veio ampliar as dimensões desse parque já bastante incrementado, continuando a ser muito atrativas as perspectivas industriais da cidade.

Esse surto industrial veio aumentar consideravelmente as possibilidades comerciais de Sobral, que passou a manter amplo intercâmbio com os principais centros consumidores do Brasil, nos quais seus produtos chegaram a ter franca comercialização. Exportando cera de carnaúba, oiticica, óleo de algodão, couros, peles, mamona e artigos de palha, Sobral tem mantido elevada participação na balança comercial do Ceará, sendo bastante animadores os programas para seu futuro.

Sobral representa um ponto natural de confluência na imensa área geográfica do Nordeste. Servida pela Rede de Viação Cearense (RFFSA) e por um moderno sistema rodoviário (com ramificações para todos os municípios da zona Norte), não é, apenas, pólo econômico, mas também, centro cultural de toda essa extensa região, condição que lhe permitiu o direito de reivindicar a criação de sua própria Universidade, o que não tardará a se tornar realidade. Além disso, a Princesa do Norte mantém intensa vida social, constituindo seus clubes modernas projeções arquitetônicas dentro da cidade, outrora uma simples fazenda para criação de gado.

Anuário do Ceará. Ed. Dorian Sampaio e Lustosa da Costa, 1973. ps. 226-7.

Grandeza e Decadência de Sobral

Não tenho pretensões a historiador. No entanto, quando da publicação do *Anuário do Estado do Ceará,* os resultados das pesquisas realizadas estimularam minha curiosidade, no sentido de melhor conhecer Sobral — a terra, seus fatos, sua gesta.

A importância da pecuária de vila foi bastante significativa durante os cinqüenta anos antes do crescimento de Fortaleza, que, já em 1920, contava com 39.003 habitantes, contra apenas 78.536 da capital, embora Fortaleza apresentasse receita dez vezes superior, pois orçava em Cr$ 377.113, contra Cr$ 39.759.(1) Tais dados bem refletem a gradativa pauperização do interior, em contraste com o fenômeno de macrocefalia da principal cidade do Estado, tão freqüente nos Estados nordestinos.

Reuni alguns trechos de autores, antigos e contemporâneos, sobre a gênese, o apogeu e a decadência de Sobral. Teodoro Sampaio, por exemplo, narra:(2)

"Logo que os portugueses expulsaram os franceses da ilha do Maranhão, em 1616, a costa do norte, desde o rio Jaguaribe até o rio Parnaíba foi sendo povoada e recebendo numerosas fazendas de criação, ao longo da única estrada existente, a qual, saindo dos últimos estabelecimentos agrícolas do Rio Grande do Norte, rumava pelo litoral até atingir o porto de Jericoacoara, no Ceará."

Junto de Jericoacoara vem ter ao mar a ribeira do Acaraú, cujas pastagens, desde tempos remotos, se tornaram famosas pelo excelente e vasto gado que nelas se criava.(3)

1. *POMPEU SOBRINHO,* Thomaz. "O Ceará no Centenário da Independência do Brasil". Fortaleza, Impr. Univ. do Ceará, 1962.
2. *SAMPAIO,* Teodoro Fernandes. "A Pecuária no Ceará de Ildefonso Albano". p.8
3. *CASAL,* Manoel Ayres. "Geografia Brasílica".

Joaquim Alves (4) refere-se à pujança econômica da área embasada na pecuária, com as seguintes palavras:

"O Ceará ocupava, em 1766, o primeiro lugar em população, número de fazendas e engenhos. Quanto aos engenhos, era na região do vale do Cariri que se situavam, não havendo referências à sua existência nas demais zonas. A ribeira do Icó apresentava as mais ricas fazendas de criação, vindo em seguida a de Inhamuns. A primeira contava com 157 fazendas e a segunda 138. Sobral, que se estendia até o atual Município de Acaraú, possuía 105 fazendas."

Existe um documento na Biblioteca Nacional, geralmente citado por muitos autores,(5) que dá notícias da Capitania do Ceará, descrevendo-a em 1774. Nessa obra, temos a informação de que, no tangente ao rendimento dos dízimos, Acaraú fornecia 3.330$000, montante superior aos 3.840$000 do Jaguaribe e mais do dobro da ribeira do Ceará (que compreende a atual região da Grande Fortaleza), com seus 1.120$000. De julho de 1775 a junho de 1776, a arrecadação dos dízimos do Acaraú rendeu 2.081$000, contra 1.958$000 do Icó, no mesmo período.

Carlos Studart,(6) em um de seus estudos, refere-se à posição privilegiada de Sobral, só superada por Icó, a princesa dos sertões.

"... o Icó teve precoce desenvolvimento e alcançou rápida hegemonia sobre os outros povoados do interior. Criada a Vila, por Ordem Régia de 20 de outubro de 1736, tinha, em agosto de 1815, 303 casas e seu dízimo rendia 200$000, enquanto o número de habitantes de Sobral, sua rival, elevava-se a apenas 231 e, sua décima, a 121$000."

Em princípios do século dezessete, adensara-se o povoamento da ribeira do Acaraú. Essa migração foi atribuída à invasão holandesa e à Guerra dos Mascates. Antônio Bezerra(7) preferiu adotar a última explicação:

"O que parece é que, em conseqüência das vexações da Guerra dos Mascates, diversas famílias da Bahia e Pernambuco procuraram o interior do Ceará, estabelecendo-se basicamente nas margens do Jaguaribe, caminho obrigatório dos exploradores de um país desconhecido, e daí passaram para o norte. Assim se povoou a ribeira do Acaraú."

Multiplicaram-se, ali, rapidamente, gente e gado. A antiga fazenda Caiçara converteu-se em empório comercial. Por lá passou a estrada da Caiçara, que veio trazer, até os portos de Camocim, Acaraú e Granja, o gado em pé ou a ser charqueado na "Officina" do Acaraú, além de trazer mercadorias do Recife:(8)

4. *ALVES,* Joaquim. "História das Secas".
5. *BIBLIOTECA NACIONAL.* "Idéias da População da Capitania de Pernambuco e das suas anexas". *In: Revista do Instituto do Ceará,* de 1890, Tomo IV.
6. *STUDART FILHO,* Carlos. "Vias de Comunicação do Ceará Colonial". *In: Revista do Instituto do Ceará,* de 1937, tomo LI.
7. *BEZERRA,* Antônio. "Notas de Viagem".
8. Ibid. referência 6, p. 37.

"Tomando essa antiqüíssima trilha, podiam os estrangeiros das ribeiras do norte levar cavalos, boiadas ou tropas carregadas de couro, até o Recife, com muito maior rapidez e sem ônus de pesadíssimos fretes marítimos. Uma vez comercializado o produto que conduziam, era-lhes igualmente facultado retornar por mar até o porto do Acaraú, aproveitando os ventos favoráveis e trazendo consigo tecidos, objetos de couro e prata, artigos manufaturados e um ou outro negro. Desembarcadas na antiga "Officina", as mercadorias de interesse dos potentados sertanejos seguiam em carros de boi até Sobral, de onde eram encaminhadas pelos cargueiros para as fazendas e povoados próximos."

As estradas foram as grandes responsáveis pelo favorecimento da criação de Sobral e sua edificação como grande centro comercial da zona noroeste do Ceará, com ramificações para o Piauí e o Maranhão, como há quase cem anos fora previsto por Antônio Bezerra:[9]

"Não tenho a intenção de ofuscar o brilho de Sobral cuja prosperidade é visível, mas que estará estacionária logo que chegue a estrada ao Ipu. Sobral é, atualmente, o empório do comércio do norte da província, porquanto recebe auxílio dos municípios vizinhos. Mas esse auxílio há de perder, pelo menos em parte, quando procurarem pontos mais próximos e meios mais fáceis de transporte."

Palavras proféticas essas do autor de "Notas de Viagem". Com efeito, seriam os meios de comunicação que gerariam tanto a glória quanto, posteriormente, a decadência do comércio sobralense. As mesmas estradas responsáveis pela aproximação de Recife e Fortaleza até os consumidores, que antes se abasteciam em Sobral, acabaram ditando o fim de seu desempenho.

Voltando, porém, ao peso da pecuária na região, Luís dos Santos Vilhena,[10] com evidente exagero, descreveu a economia regional da seguinte forma:

"Os principais gêneros de que se compõe o comércio do distrito do Acaraú são, em primeiro lugar, couros, solas e carnes secas — produtos do imenso rebanho que nele se cria, podendo estender-se o número de suas fazendas de gado até duas mil, produzindo cada uma, anualmente, de quinhentos a mil bezerros. Todo o gado que não se emprega para consumo dos habitantes é levado para matança, em Camocim, em Acaraú ou em Itapajé, onde se extrai a carne, secando-a e salgando o couro. A tudo davam consumo e extração as cidades de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Esse comércio diminuiu muito, depois que a seca fez passar os comerciantes para o Rio Grande de São Pedro do Sul, conforme difusamente já havia noticiado."

9. Ibid. referência 7.

10. *VILHENA,* Luís dos Santos. "Cartas de Vilhena; notícias soteropolitanas e brasílicas". Bahia, Impr. Official do Est., 1802.

Embora a sonegação fosse conhecida *"fugindo muitos, porém, para outros lugares em sabendo que chegara o Ouvidor"*, como se lê em correspondência da época,[11] parece-nos padecer de evidente e precoce ufanismo o dado constante das Cartas de Vilhena. Tanto assim é que no livro "Autos e Contas", prestado pelo Procurador Antônio Furtado dos Santos ao Presidente da Câmara, José de Xerez da Furna Uchôa, em 21 de março de 1774, os cálculos referentes a um semestre mostram-se bem mais moderados:

"De 1470 bois, o imposto foi de 29.460 réis, imposto recebido da mão do primeiro cobrador do Porto do Camocim de 5 de julho a dezembro de 1773, e mais do sargento Antônio Álvares Linhares 44.802 réis, por 2.240 bois, que cobrou no pasto do Acaraú o primeiro cobrador dos vinténs, conforme estabelecera o Ouvidor José da Costa Carneiro e Sá."

Pelo que se depreende foi, inicialmente, a pecuária e, depois, a situação geográfica, que ditaram o acelerado desenvolvimento de Sobral, tornando-a a capital da região e uma das três cidades mais importantes do Estado, na época do Brasil colônia. Mais tarde, o algodão e o comércio fizeram surgir, paralelamente a outros fatores já mencionados, uma sociedade de comportamento aristocratizante e preocupada com a cultura. Teve início a construção dos sobradões e emergiu uma rígida estratificação social. Hoje em dia, retorna-se à agropecuária como um dos caminhos para o reerguimento da região, já que se esgotou seu papel como empório comercial. Por sua vez, a inflexível tendência para fixação em estratos sociais cedeu lugar ao desgosto e à mágoa de membros de famílias tradicionais, em face do aparecimento de novos ricos provenientes do Jaibara, de Massapê, dos fornecimentos da seca, do comércio em geral, os quais se apoderaram da cidade e, até, de seu comando político. Tais acontecimentos deixaram melancólicos os que de lá emigraram e traumatizaram os que, ficando, não tiveram condições de acompanhar as mudanças sofridas por Sobral.

Assim, quando reclamo a necessidade de um levantamento sócio-econômico dessa região do Ceará, não o faço com a mera intenção de homenagear Sobral, pela revisão de feliz passado. Acho, sim, que precisamos percorrer velhos caminhos para identificar a origem de sua deterioração e averiguar as potencialidades de sua recuperação. Em verdade, almejo encontrar outros que, se não puderem reconstituir a condição antiga, pelo menos revigorem sua economia, retemperando o otimismo de quantos amam aquela terra.

O bicentenário de Sobral não deve ser, apenas, fruto da nostalgia de seu passado glorioso. A presença do Governador César Cals e de equipes técnicas forçosamente terá o dom de olhar o presente e visar o futuro. Isso, sem relevarmos antigos fatores que contribuíram para a atual conjuntura. Essa, a melhor homenagem que se poderá prestar a Sobral.

11. Ibid. referência 5.

Pastoreio e Escravidão

Nos livros de tombamento da Câmara de Sobral, igualmente identificados para a pesquisa realizada pela professora Luciara Aragão, da SUDEC, pode-se encontrar uma descrição pormenorizada dos bens das fazendas do Ceará, no final do século XVIII. Nessa relação estão incluídos utensílios domésticos, carros e escravos. Vale a pena, inicialmente, dimensionar o número, ao que parece avultado, de escravos da área. É bem verdade que o pastoreio não exigia mão-de-obra em tão grande quantidade quanto o empreendimento açucareiro. Além do mais, por demandar grandes espaços e utilização de cavalos, não se compatibilizava com a escravidão.

O pastoreio foi sendo introduzido à medida em que as terras eram divididas entre sesmeiros e indígenas. Estes, já disseminados, adaptavam-se mais facilmente a tal regime econômico do que à agricultura. Esta a razão por que o Ceará precisou de menos negros, tão indispensáveis ao Nordeste agrícola e açucareiro. Conseqüentemente, a miscigenação aqui, mais do que em qualquer outra parte do Nordeste, foi de índios com brancos, o mesmo ocorrendo essencialmente, na região Norte.(1)

Como se explicaria a presença do negro, no interior? Ainda uma vez parece estar certo Capistrano, quando comenta ser o escravo mercadoria facilmente conversível e de grande valia, tanto que podia substituir, até, o dinheiro. Por isso a presença nas fazendas, do negro e de jóias e artefatos de ouro e prata, numa época de economia desmonetarizada. Cumpre assinalar, outrossim, a maior participação do indígena, recalcitrante e valente, para a formação do Estado. As razões econômicas da nova síntese foram marcadas por sua integração no contexto da região.

O Ceará foi, por longo período essencialmente pastoril, não só em decorrência de seu clima, desfavorável à agricultura, mas também porque o indígena

1. Trecho extraído da obra de José Honório Rodrigues, *In: Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 1959. p. 12.

melhor se adaptara à pecuária. Em 1800, escrevia, Bernardo Manuel de Vasconcelos, Governador da Capitania, serem as terras desta capitania, geralmente falando, muito arenosas e quase insuscetíveis de cultura, à exceção de algumas várzeas e fraldas de serra.

A própria história do povoamento do sertão se confunde, como tenho dito reiteradas vezes, sem pretensões de ser novidadeiro, com a da criação de gado.

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 18 de novembro de 1973.

Política em Sobral

Ainda está por ser estudada a vida política cearense, cuja zona norte, desde os tempos do Império, mandava governadores à Capital e senadores e deputados para a Corte.

Em Sobral, a cidade se dividia entre três lideranças: a do Bispo-Conde D. José Tupinambá da Frota rivalizava com a do chefe udenista Dr. José Sabóia de Albuquerque, aristocrata como ele, ledor de Renan, ex-juiz e industrial. Egresso das hostes de Zé Sabóia, Francisco de Almeida Monte concorreu e suplantou seu ex-chefe no comando da política da zona norte, sob a legenda do Partido Social Democrático. O PSD tinha o espólio da Liga Eleitoral Católica (LEC) na capital e, no interior, firme simpatia do bispo.

Chico Monte foi personagem de minha infância. Constituía real emoção subir até seu sobrado, na praça do Rosário, em cuja sala de visitas duas filas de cadeiras se defrontavam. Numa, de balanço, sentava-se o dono da casa. De quando em vez ouvia um correligionário. Às vezes ia ao interior da casa com ele, quando o problema era de dinheiro ou coisa mais séria. Assim também, quando se tratava de cadastrá-lo, pois o setor de arquivo e organização dos eleitores estava com Dona Maria Monte. Ali, o matuto era tratado com naturalidade e nem as cusparadas de seu fumo sobre o assoalho, conseguiam irritar o anfitrião.

Chico Monte, pelo charme de sua valentia pessoal e jeito bonacheirão, tinha o apoio popular, principalmente na sede do município. Para mim foi a glória, quando cortou os fios da amplificadora do PSD que, quase defronte à sua casa, despejava sobre ele insultos e provocações. Desceu de seu sobrado, firme, embora coxeando, subiu até o outro, cortou à faca os fios da irradiadora, sem reação dos amedrontados funcionários. E, já em baixo, desferiu palavrões e gritos contra os que o atacavam. Havia rompido com o PSD de Raul Barbosa e passara a vestir a camisa do PTB. E eu, em meio à massa, deslumbrado com a demonstração de machismo... Não fora a primeira! A ele se atribuía a autoria da morte do jornalista Deolindo Barreto, num conflito ocorrido no velho prédio da Câmara e da Prefeitura. De outra feita, um tenente da Polícia, de sobrenome Castelo Branco foi prendê-lo e viu-se enfrentado em campo aberto, no meio da rua. Jogado ao

chão pela bala que o deixaria, mais tarde, com o andar ligeiramente coxo, conseguiu matar o militar a facadas. Assim se contava o ocorrido, causando deslumbramento em meu mundo de criança.

Como definir a personalidade de líderes como José Sabóia, D. José, Chico Monte ou avaliar sua participação na política da região e do Estado? O que, efetivamente representavam eles? D. José se assinava "Bispo-Conde" e era herdeiro de grande fortuna, construtor de escolas, fundador de museus, aristocrata e ultramontano que se gabara, até a véspera de sua morte, de não haver um só protestante em sua Diocese. José Sabóia era industrial, um homem retraído, ledor de clássicos, ex-juiz e ex-Secretário de Estado. Chico Monte, o fazendeiro, embora homem de poucas letras, apoiava-se na plebe da qual era seu maior expoente. O certo é que Chico Monte mandou o quanto quis e morreu quando estava no Governo do Estado seu genro, o ex-Ministro e ex-Senador Parsifal Barroso. Homem de espírito, Chico Monte andou agastado com o deputado Paulo Sarasate. Encontrou rapidamente uma forma de o provocar. Numa roda de jornalistas do Palácio Tiradentes, disse haver três analfabetos na bancada cearense. Pediram-lhe os cronistas parlamentares declinasse os nomes. Era só o que queria. Citou, em seguida:

— *"Eu, meu compadre João Adeodato e o deputado Paulo Sarasate".*

A piada fez sucesso, porque se incluía em primeiro lugar, depois a um amigo dileto, mas de escassa instrução e por fim a um ex-professor, jornalista e homem de alto nível intelectual como o Sarasate.

Apesar de violento, seu bom coração fazia-no perdoar facilmente o que lhe fizessem. Não alimentava ódios e quando sabia de algum homicídio de caráter político ia ao velório e, se necessário, ajudava nas despesas do enterro, declarando aos amigos: "vamos enterrar o morto e tratar de soltar o vivo". A partir daí, começava intenso trabalho em favor do acusado que, quase sempre, terminava absolvido.

Costumava dizer que o político devia temer a fama de valente, rico e conquistador, porque do conquistador todos desconfiavam, ao rico pediam dinheiro e ao valente, queriam testar.

É difícil a quem, como eu, o conheceu, criança e adolescente, retratar numa só página, o líder, o homem, sem as distorções normalmente geradas pela proximidade e por meu encantamento. Um dia, quem sabe, há de aparecer alguém que o estude mais profundamente e delineie um retrato verdadeiro e completo de um dos coronéis políticos de maior importância e projeção dos últimos tempos.

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 3 de março de 1974.

Sobral: Obsessão por um Tema

Com respeito às observações de Antônio Bezerra sobre o rumo tomado no Nordeste, com a fundação de "Oficinas" e com o surgimento das primeiras fábricas na região próxima a Aracati, pode-se acrescentar comentários do Governador Bernardo Manuel de Vasconcelos, datados do início do Século XIX:

"A Villa da Granja, que domina a foz do rio de Camossi, tem, em si, um grande commercio de carnes e de algodão, que atrae, pelo seu comodo, muitas embarcações e traficantes das capitanias circunvizinhas."(1)

Nossa obsessiva preocupação com a pecuária, da zona noroeste do Estado — objeto de pesquisa da SUDEC, coordenada pela Professora Luciara Aragão — tem, entre os vários motivos, o de colocar em suas devidas proporções, o peso econômico da região, na economia colonial e do império, além de cotejá-la às demais áreas do Estado. Tudo isso, numa tentativa de identificar outros pólos econômicos como: Granja, Acaraú e Camocim, os quais, na qualidade de escoadouros da produção agropecuária, tiveram sua expressão engrandecida na época, embora de forma menos brilhante do que aconteceu com Sobral. Tal florescer foi responsável pelo surgimento das primeiras vias de penetração interna, ligando os portos aos centros de consumo.

"Cada vez mais freqüentada, à medida que novos colonos se iam fixando na bacia do Coreau, a estrada Camocim—Ibiapaba atingiu o ápice de sua projeção comercial, com a fundação das saladeiras de Granja, a cujos produtos dava vazão. Seu tráfego decresceu notavelmente depois das secas de 1792, quando aqueles sítios se armaram de bovinos."(2)

Só quando se visita o Museu Diocesano de Sobral é que se pode ter idéia do grande esforço que deveria ser o transporte em carro de boi de Acaraú a Sobral,

1. GIRÃO, Raimundo. "História Econômica do Ceará". Fortaleza, Imp. Univ. do Ceará, 19-ps. 158-9

2. STUDART FILHO, Carlos. "Vias de Comunicação do Ceará Colonial". *In: Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 1937. Tomo I p. 26

de objetos delicados como: imagens, aparelhos domésticos e lustres. É o que nos descreve Carlos Studart Filho, ao falar da estrada das boiadas:(3)

"Tomando essa antiquíssima trilha, podiam os estancieiros das ribeiras do Norte levar cavalos, boiadas ou tropas carregadas de couro, até o Recife, com muito maior rapidez e sem o ônus dos pesadíssimos fretes marítimos. Uma vez comercializado o produto que conduziam, era-lhes igualmente facultado retornar, por mar, até o porto do Acaraú, aproveitando os ventos favoráveis e trazendo consigo tecidos, objetos de couro e prata, artigos manufaturados e um ou outro negro. Desembarcadas na antiga "Oficina", as mercadorias adquiridas pelos potentados sertanejos seguiam em carro de boi até Sobral, de onde eram encaminhadas, em cargueiros, para as fazendas e povoados próximos."

Daí podemos inferir dados para visualizar a vocação comercial de Sobral, por mais de um século transformada no principal empório da região. Dava-se ao luxo, inclusive, de ter uma estrada de ferro que a ligava a Camocim e a Crateús, e, por meio destas, ao Piauí e Maranhão.

O suntuoso padrão de consumo dos ricos proprietários sobralenses, abrigados no alto de seus sobrados, a beleza da cidade, que o mesmo Antônio Bezerra denominou a "Campinas do Norte" e o aristocratismo de sua sociedade estão a exigir, como já disse em outras oportunidades, uma séria e aprofundada investigação do assunto, exàtamente por ter sido lá (e não nos portos de Acaraú, Granja ou Camocim — esta ligada por mar e pela ferrovia), que essa cidade cresceu tão cônscia de seu luxo, de sua cultura e de suas tradições.

Vale a pena pesquisar e descobrir toda a documentação eventualmente existente sobre o movimento de exportação dos referidos portos — principais elos de ligação com o mundo, antes que as picadas abertas pelos índios e pelos lusos permitissem a passagem das boiadas e a dos carros. Assim, quem sabe, se poderá ter algum levantamento estatístico dessa economia regional. Meu objetivo maior é, justamente, deflagrar a motivação, até hoje retardada, para exame dos dados bibliográficos feitos e tão escassos, visando, outrossim, estimular tais estudos e um aprofundamento das pesquisas realizadas dessa região que tem sido bastante descurada, ao longo dos tempos.

A história do Ceará tem tido cultores apaixonados, mas a área a que me refiro não mereceu, ainda, como devia, um tratamento compatível com sua relevância histórica. Com a finalidade de preencher tais lacunas, temos procurado incentivar, ao máximo, pesquisas sobre a região. Esse, um dever do jornalista, do estudioso e, mais do que isso, daquele que se criou em Sobral, cidade-lembrança, cidade-saudade.

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 20 jan., 1974.

3. Ibidem, p. 37

Nordeste: Tradição e Preconceito

Revendo Sobral, suas tradições, seus sobrados, suas igrejas, deixo meus pensamentos à deriva, vagando de modo a permitir-me uma série de especulações sobre o tema. Capital da Região Noroeste, importante empório comercial, terra de criação de gado, ela foi berço de acatadas figuras da política, do clero e da cultura do Ceará.

A que se deveu tudo isso?

Óbvio que, inicialmente, à privilegiada situação econômica de que desfrutou por um século ou mais — sua principal riqueza se assentou sobre a pecuária, depois sobre o algodão e o comércio.

Todavia, pesquisas ora empreendidas sob o patrocínio da SUDEC tendem a dimensionar o significado econômico da área, quase sempre inferior a cidades como, por exemplo, Icó. É o que nos diz Carlos Studart Filho:

"... Icó teve precoce desenvolvimento e alcançou rápida hegemonia sobre todos os outros povoados do interior. Criado Vila por Ordem Régia de 20 de outubro de 1736 tinha, em agosto de 1815, trezentas e três casas e o décimo rendia 200$000, enquanto o número de habitantes de Sobral, sua rival, elevava-se a apenas duzentos e trinta e um e sua décima a 121$000."(1)

Outro documento, desta feita de 1774(2) e redigido ao tempo da posse do Governador Capitão-General José César de Menezes, faz referências à ribeira do Acaraú, dizendo que nela *"há três portos a que costumam vir uns anos por outros vinte barcos a carregar carnes secas, couros e pau violeta, fazendo florescer seu comércio, bem como o da Capitania do Piauí, da qual se vem vender aqui muito gado; tem quatro freguesias de portugueses e uma povoação com suas respectivas paróquias de índios".*

"Essa Capitania está distribuída em quatro ribeiras, novecentos e setenta e duas fazendas, informando que a do Acaraú é a que mais apresenta fazendas (em número de 325, superando as 314 de Icó, as 240 do Jaguaribe e as 93 do Ceará). Já no tocante aos dízimos, o índice mais expressivo aparece para Acaraú, com 3:330$000, inferior aos 3:840$000 do Jaguaribe, que só rendia 2:929$000, e mais do dobro da Ribeira do Ceará, com seus 1:120$000."

Tendo índice menor que o apresentado pela criação no Jaguaribe, mesmo assim Sobral conquistou expressão política muito mais relevante. Por quê? Esta uma indagação que perturba a todos os estudiosos.

Residiria na melhor qualidade do povoador? Seria, já, o elemento branco habituado a um mais alto padrão de vida no País (como ocorria em Pernambuco?), ao escravagismo, à construção de sobrados imponentes. A opinião de Capistrano(3) é no sentido de que:

"Os pernambucanos preferiam outros recessos. Terminada a guerra flamenga, foram procurando as terras ao norte de Olinda até o Ceará (desanexado, afinal, do Maranhão), de onde todas as condições geográficas os repelia para os rios (de grande volume durante o inverno e secos ou cortados em poços no verão), em um amplo território flagelado pelas secas, com regularidade mais ou menos periódica, balizado pelo Borborema e pelos Cariris. Para arrematar, em Ibiapaba multiplicaram-se, constituindo um centro de povoamento comparável a São Paulo e a Bahia."

João Brígido(4) foi mais preciso ao citar que dessa origem, *"no longo período da guerra holandesa, o interior do Ceará começou a receber população de origem portuguesa".* Assim ocorreu a ocupação da ribeira do Acaraú.

Pelo menos em alguns pontos, com ele concorda Antônio Bezerra(5), ao declarar:

"O que parece é que tudo foi conseqüência das humilhações da Guerra dos Mascates. Diversas famílias da Bahia e Pernambuco procuraram o interior do Ceará, estabelecendo-se primeiramente nas margens do Jaguaribe (caminho obrigatório dos exploradores desse País desconhecido) e, daí, passaram mais tarde em direção ao norte."

Dever-se-á atribuir a esses povoados determinados traços culturais que marcaram a sociedade sobralense?

Seus sobrados — prédios que só podiam pertencer aos chamados "homens de bens" — não refletiam, apenas, o valor econômico da pecuária do século passado, espelhando principalmente um modo de viver senhorial e suntuoso, numa reprodução urbana da casa grande ou, no mínimo, numa imitação das moradias de segmentos privilegiados da população de Recife.

1. *STUDART FILHO,* Carlos. "Vias de Comunicação do Ceará Colonial". *In: Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, Imprensa Universitária, 1937. Tomo LL, p. 47.
2. Documento datado de 1774, *In: Revista do Instituto do Ceará,* 1890. Tomo IV.
3. *ABREU,* João Capistrano de. "Ensaios e Estudos: crítica e história". Rio, Civ. Bras., 19 — 2ª série.
4. *BRÍGIDO,* João. "Ceará (homens e factos)". 1919.
5. BEZERRA, Antônio. "Notas de Viagem". p. 316.

Todos esses fatores redundariam, posteriormente, numa separação bastante nítida de classes, dentro da sociedade sobralense, bem como num tradicionalismo tão arraigado e atrasado, que provocou comportamentos discriminadores e preconceituosos em relação aos homens de cor. Exemplos flagrantes disso, em Sobral, é a existência de uma alameda dos pobres e outra dos ricos, na Praça do Menino Deus, em frente ao centenário Teatro São João; do cemitério dos pobres e dos ricos; de um refinado clube, como o Palace, reservado à elite social (fundado por Oswaldo Rangel e hoje transformado em prédio do Fórum) e outro para os negros, o Clube dos Artistas (do qual foi presidente o ex-vereador José da Mata, hoje contando mais de noventa anos).

É, sem dúvida, surpreendente, numa região predominantemente pastoril, não só a existência do negro, mas, sobretudo, inadmissível a sobrevivência desse tipo de restrições feitas àquele que é considerado elemento inferior da Sociedade. Por outro lado, o escravo, numa economia não-monetária, foi resultado do escambo, como bem nos lembra o mestre Capistrano:

"... explica a aparente anomalia de, no Ceará, ter havido mais escravos no sertão, onde não existia agricultura, do que no agreste da marinha, além do luxo desconexo das fazendas finas, bacias de prata e colares de ouro medidos a vara, etc., em casas que agora são verdadeiras taperas."

Boa parcela dessa discriminação decorreu da participação do escravo, ainda que de pequenas proporções, uma vez que não foram encontrados dados que indicassem sua expressão numérica na cidade. Dom José informa: *"em agosto de 1881 havia, no Ceará, 24.193 escravos, dos quais Sobral tinha 1.984"*. Tais estatísticas incluiriam os negros das fazendas?

Talvez, daí, se possa inferir a ausência, na Igreja, dos negros, cujos ritos e festividades desgostaram o Bispo-Conde Dom José Tupinambá, que os aboliu. Sua entrada em clubes, avenidas e cemitérios dependia da qualificação social e de sua pigmentação. O tradicionalismo e ranço preconceituosos dessa sociedade foi tema aflorado por Parsifal Barroso em *O Cearense*.

Outra especulação lançada, residia no conservadorismo dessa sociedade, em decorrência não só de causas já assinaladas, como, talvez, do próprio pastoreio. Dali não saíram os Pinto Madeira, os Pereira Filgueira, o padre Cícero, muito embora se não possa relegar ao esquecimento o padre Mororó.

Seria o vaqueiro um conservador, em vista do largo tempo de lazer de suas atividades? Qualquer mudança ou quebra de rotina implicaria em novos encargos que lhe interessaria evitar? Tomaz Pompeu Sobrinho acentuou:

"O vaqueiro é conservador por excelência, tendo horror às coisas novas e às reformas. Com freqüência têm família grande: mulher e muitos filhos."

Todas essas são questões que proponho à consideração dos cientistas sociais e pesquisadores da terra, cada uma constituindo um desafio que cumpre esmiuçar, a fim de esclarecer aos leigos, impedindo-nos de, eventualmente, reincidir em erros já perpetrados antes.

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 13 jan., 1974

Sobral é Viável?

Registraram os jornais, recentemente, que Sobral perdeu o primeiro lugar na arrecadação estadual, ficando em terceiro, entre os municípios cearenses, em sua contribuição para os cofres da Secretaria da Fazenda.

Não sabemos se o fato se deve à maior ou menor eficiência dos funcionários fazendários, lotados nas principais comunidades do interior ou se a algum fator circunstancial. Tudo indica, de qualquer maneira, ter havido redução da vitalidade sobralense.

Realmente, a Vila Distinta e Real de Sobral, instituída a 5 de julho de 1773, na povoação Caiçara, durante mais de um século desempenhou papel de liderança junto à zona norte e no próprio Estado. Generais, bispos, políticos e escritores saíram dali, o que constituiu motivo de profundo orgulho e de bairrismo arraigado. A pecuária e o comércio possibilitaram uma hegemonia política, de que adveio a projeção de muitos de seus homens públicos como Ministros de Estado, Senadores, Governadores do Império e da República.

Admite-se que o empobrecimento de Sobral se deveu, principalmente a dois fatores: definhamento da atividade agropastoril em todo o interior do Estado e da posição de central do comércio, graças à multiplicação da rede de transportes. De fato, atualmente, as compras da zona norte, do Piauí e de parte do Maranhão se fazem diretamente em Fortaleza ou em São Luís e não mais, como ocorrera por muito tempo, na praça de Sobral. Quanto ao empobrecimento da agricultura e da pecuária, constitui realidade notória contra a qual, globalmente, pouco poderiam fazer os homens que se dedicaram ao setor primário.

Daí as queixas sobralenses. Primeiro contra uma intensa mobilidade social que desalojou de seu *status* muitas das famílias tradicionais o que, numa cidade como Sobral, tão ciosa de suas tradições, de seu passado e de seus vultos históricos, constituiu trauma dolorosíssimo. Em segundo lugar, contra a circunstância de ser o único grande investimento industrial da terra, pertencente a um grupo de fora, no caso, a Fábrica de Cimento do conglomerado liderado por José Ermínio de Morais.

Seria todavia, desarrazoado pessimismo, falar da inviabilidade de Sobral. A cidade tem, ainda, inúmeras chances de estimular o artesanato, de atualizar técnicas de sua agropecuária e de estimular projetos industriais. Se dificilmente lhe será devolvida a antiga liderança econômica sobre toda a região, ela dispõe de oportunidade ímpar — que fale a seu favor o fato de conservar-se, por muito tempo, como capital cultural, na medida em que dinamiza, promove e amplia sua universidade e atividades afins. Para tanto, dispõe de fatores positivos como o orgulho de sua gente e a qualificação superior de sua elite.

Tribuna do Ceará. Ceará, 23 fev., 1972.

Trilha do Gado na Caatinga

Dom Diogo de Meneses a quem José Honório Rodrigues[1] considerava, juntamente com Dom Diogo Botelho, padrinho de nascimento do Ceará para a História, forneceu observações a Diogo de Campos Moreno para suas anotações sobre o Ceará, escritas em 1613, período em que já se identificava a vinculação de nosso destino ao gado vacum.

Dizia Diogo Campos Moreno:

"A terra de esta capitania geralmente he terra fraqua, mas para gados e criações que para canaviaes e roças e as vezes faltam nelas chuvas, mas tem muitas partes em que se podem fazer fazendas, ainda que as agoas são restras."

A essa referência assinala José Honório Rodrigues:

"Se compararmos a esse texto a carta escrita ao Rei, em 1º de março de 1612, por Diogo de Meneses, notaremos observações idênticas sobre a qualidade e utilidade das terras até o Jaguaribe, consideradas "arenosas e fracas, boas, portanto, só para pastos e gados". Naturalmente, sendo a fonte de informação a mesma, ambos a registraram de modo similar."[2]

De onde vieram para nós as primeiras cabeças de rebanho?

"De relação, porém, ao Nordeste, seria muito mais cômodo vir o gado diretamente das Ilhas e, pelo menos no tocante à Bahia, sabe-se que Tomé de Souza importou uma partida de Cabo Verde, conforme o testemunha a Carta de 18 de junho de 1551: "Este ano passado veio a esta cidade a caravela Galga de V.A. com gado vacum que he a maior nobreza e fartura que pode aver nestas partes e eu a mandey tornar a carregar a Cabo Verde do mesmo gado, e um ano há que he partida daqui e non tenho nova della; se ella non he arribada... deve ser perida que este anno passado... se averá medo dele destas partes quanto ouver memoria de homens."[3]

1. *RODRIGUES,* José Honório. "A Historiografia Cearense". In: *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, Imprensa Universitária, 1959. p. 9
2. *Ibidem* referência 1, p. 10
3. *PORTO,* Costa. "Documentos para a História do Açúcar". p. 169

No que toca ao Ceará, que somente no Século XVII começou a ser objeto de algum interesse por parte de portugueses e holandeses, tudo indica que ele chegou com Martins Soares Moreno. Faz-nos companhia o sempre respeitado Capistrano.

Martins Soares Moreno, que até a invasão holandesa sintetiza e simboliza toda a história daquela região, obteve concessão de terras, nas quais pretendia plantar cana e levantar engenho. Parece que, desde logo, tratou de criar gados. Pode-se admitir que o gado tenha acorrido a nosso Estado, por diversos caminhos. De Pernambuco, pela costa e, da Bahia e do Piauí, pelos sertões. Como assinalou Joaquim Alves:[4]

"O terceiro caminho foi o do gado vindo do sertão do São Francisco com os paulistas. Seguia as águas do Pajeú até as nascentes, e, daí, vencida a contravertente, descia pelo curso do Piancó. Este último caminho foi o que deu acesso às terras do Ceará, através do Vale do Cariri, pela estrada que ainda hoje liga Pernambuco ao nosso Estado, passando pelo Município de Maniçobal, antigo Belmonte, para entrar em Jati, ex-Macapá. De Vila Bela, atual Município de Talhada, vinham as boiadas e comboios para o Cariri, passando por Salgueiro, para então, entrar em Jardim."

Não se pode esquecer o papel desempenhado pela Igreja na formação econômica e social da terra, à qual se fazia necessário suporte material. Foi gado e não engenho, ouro ou diamantes, que a fé dos contemporâneos entregou aos jesuítas, para que se fixassem na terra economicamente frustrada pela pobreza de seu subsolo:

"Ainda no tempo da administração do Padre Ascengo Gago, houve igualmente a missão serrana por sesmaria, na ribeira do Camocim, uma família denominada Tiaia, com quatro léguas de terra. Como não possuíssem, os religiosos, argumento com que a povoasse, o português Francisco da Cunha, morador no Poti, comarca do Piauí, resolveu o angustioso problema, doando à Igreja de N. Srª d'Assunção, em 1710, quatrocentas cabeças de gado vacum, vinte e sete cavalos e um negro chamado José, escravo afeito ao pastoreio, para cuidar de todo o rebanho. Desses bens ficavam os jesuítas depositários. (Von Martins) Estava, pois, impresso novo impulso à pecuária no nordeste da capitania do Ceará; constituía-se mais um núcleo de expansão da riqueza, que tanto opulentaria as ribeiras cearenses e que a grande seca dos fins do Século XVIII viria aniquilar definitivamente."[5]

Tanto se desenvolveu a pecuária, sob as bênçãos dos jesuítas que, em 1760, quando foram expulsos do Ceará pelo Marquês de Pombal, suas quatro fazendas — Emboeyra, Missão, Tiaya e Petinga — apresentavam 4.704 cabeças de gado bovino, 470 de gado cavalar e 200 de gado miúdo.

4. *ALVES,* Joaquim. "História das Secas". p. 23
5. *STUDART FILHO,* Carlos. "Estudos da História Seiscentista", p. 193

Na obra de Ildefonso Albano lemos:(6)

"Afirma Theberg que um escravo de Medrado, Procurador da Casa da Torre da Bahia, raptado quando menor de idade pelos índios cariris, com eles viveu durante algum tempo, até fugir e voltar para a Bahia, onde se ofereceu a Medrado para guia de uma expedição ao Cariri. Este, no intuito de aumentar os domínios da Casa da Torre, organizou uma bandeira e seguiu, em 1610, para aquele Vale. Batido pelos índios, deixou na Cachoeira de Missão Velha, uma ramada (cerca de caiçara), dez novilhas e um touro."

O certo é que o gado vacum rapidamente se espalhou pelos sertões, tornando exeqüível o fortalecimento da região que, como já foi dito, havia frustrado tanto aos portugueses, quanto aos holandeses, desejosos de riquezas minerais e resultados a curto prazo. Desenvolvendo-se principalmente no interior, a pecuária levou as cidades do Crato, Icó, Aracati e Sobral ao apogeu econômico, social e político, antes que isso ocorresse com Fortaleza. Talvez mesmo, esse progresso possa ser indicado como um dos efeitos da pressão exercida contra a capital, pelos mais diversos movimentos políticos sertanejos.

Os holandeses encontraram em Fortaleza, 221 cabeças de gado vacum e, treze meses depois, este número se elevava a 250. Contadas as reses e as crias continuam a aumentar diariamente. Houve quem dissesse que "em 1647 André Vidal de Negreiros veio ao Ceará com Barbosa Pinto e ajuntou cerca de 700 reses que levou para o campo dos brasileiros que combatiam pela expulsão dos holandeses". Não é esta, porém, a opinião expendida por Antônio Bezerra:(7)

"... se conclui logicamente que, se no baixo Jaguaribe não havia ainda brancos, em 1681, data da concessão de sesmarias pelo Governador-Geral Roque Barreto e as terras estavam devolutas, não podia haver gado, pois que os tapuias não o criavam e, por conseguinte, os 700 bois, para os independentes de Pernambuco, poderiam ter ido de Pernambuco, do Vale do São Francisco, da Bahia, de qualquer outra parte, enfim; do Ceará absolutamente é que não".

Mesmo que se concorde com o equívoco apontado por Antônio Bezerra, será inútil negar que o gado espraiou-se pelos sertões então já bastante devassados. A pecuária empurrou os índios para suas aldeias, utilizando seu trabalho nos rebanhos, atividade movimentada, nômade que lhes não causava tanta mortificação quanto a agricultura e a agro-indústria do açúcar.

Assim, a capitania viveu entre a agricultura de subsistência e a pecuária. Graças a esta, se podia manter o arremedo de administração civil e militar, e a região defesa da cupidez estrangeira, ditada inicialmente pela esperança de lá encontrar prata e ouro, além de outras razões de ordem estratégica.

---

6. *ALBANO*, Ildefonso. "A Pecuária no Ceará". Rio, Imprensa Nacional, 1917. p. 11 (1ª Conf. Pecuária, Rio — Min. Agric.)

7. *BEZERRA*, Antônio. "Algumas Origens do Ceará". p. 85

A pecuária foi de relevância capital para a fixação do homem à terra cearense. Enquanto Pernambuco e Bahia se entregavam a uma agricultura intensiva, a monocultura da cana, com produção voltada para o mercado externo, no interior do Rio Grande do Norte, do Ceará e do Piauí florescia a pecuária e eram cultivados gêneros de subsistência. Esse, o cenário do Ceará, isto é, de uma economia tipicamente complementar.

Os conflitos provocados pela penetração de animais em plantações devem ter sido grandes, pois o próprio governo português proibiu, finalmente, a criação de gado na faixa litorânea. E foi a separação das duas atividades econômicas — a açucareira e a criatória — que deu lugar ao surgimento de uma economia dependente, na região nordestina. A criação de gado — na forma como se desenvolveu na região do Nordeste e, posteriormente, do Sul do Brasil — era uma atividade de características radicalmente distintas das da açucareira.

Por aí se vê que a pecuária foi uma alternativa não só viável, como possível à região da caatinga.

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 28 out., 1973.

A Pecuária no Ceará

Já tive oportunidade de assinalar, em outros artigos, o caráter complementar e de subsistência da economia sertaneja, eis que *"os conflitos provocados pela penetração de animais e plantações devem ter sido muito grandes, pois o próprio governo português proibiu, finalmente, a criação de gado na faixa litorânea"*, segundo magistralmente relatado por Celso Furtado em uma de suas obras. Tais conflitos não estiveram restritos à história do passado, nem à fantasia cinematográfica norte-americana. A prova está em uma proposição da Câmara Municipal da Vila de Tianguá, datada de 19 de outubro de 1900, neste século, portanto, e endereçada ao Dr. Pedro Augusto Borges, então Presidente do Estado.

"Esta Câmara, reunida hoje em sessão extraordinária, deliberou fazer uma exposição, a V. Exª, sobre as condições do Município, relativamente aos muitos embaraços que se oferecem à boa e fiel execução das leis municipais, bem como pedir-vos, em seguida, vos digneis tomar providências a respeito. O Município de Tianguá, que compreende tão-somente uma serra, é muito pequeno e se acha dividido em duas zonas: uma denominada "Matos" e outra, "Carrasco", sendo a primeira composta de sítios e, pois, destinada exclusivamente a plantações e criação de gado grosso. A zona "Carrasco" possui uma chapada com meia légua de terra em seu comprimento e, mais ou menos, meia légua de largura, ali se encontrando cerca de duas mil cabeças (de gado)."

E prossegue, mais adiante:

"Tamanha quantidade de gado disperso em um território pequeno e mesquinho como o deste Município, dá lugar a uma luta horrorosa e titânica, entre criadores de gado e senhores de sítio — os agricultores — e, entre estes e a municipalidade."

No Ceará, o gado vacum e a pequena lavoura de subsistência empataram em sua batalha solitária, somente com a seca, não disputando a caatinga com a cultura da cana-de-açúcar. Por esse motivo, no primeiro meado do Século XVII, já o ciclo da pecuária atingia sua plenitude. O boi havia consolidado a ocupação da terra e era de grande importância, tanto que a maioria dos objetos encontrados nos lares e instrumentos de trabalho traziam a marca de sua presença.

Acrescenta João Brígido[1] que: *"No princípio do século, havia fazendeiros até nas imediações de Icó, possuidores de 4.000 reses. Em meados do século, tamanha era a produção que, além das remessas de gado para as feiras da Bahia e Pernambuco foram fundadas, no Aracati, afamadas "oficinas" ou charqueadas, que sustentaram um profuso comércio de carnes, denominadas "do Ceará", até que sobrevieram as secas trienais de 1792 e, a partir da Bahia, foi devastado todo o Norte do Brasil."*

Depois, veio a expedição liderada por Francisco Ribeiro de Sousa, de 1702, que promoveu o povoamento das margens do Banabuiú e, em 1709, lá havia trinta fazendas de gado. Na mesma época, no Vale do rio Salgado, podia-se encontrar fazendas com quatro mil cabeças de gado.

Qual o significado da pecuária da zona noroeste do Estado e de suas charqueadas, no Acaraú, Itapajé, Granja e Camocim? Esse dimensionamento representa dado fundamental para a compreensão da estrutura social da região, responsável pela existência de representativas personalidades de sua vida política, religiosa e cultural.

O padre João Mendes Lira, em artigo publicado na "Gazeta de Notícias" reportou-se aos primórdios da ocupação da área.:

"Em 1683, Manoel de Góis e mais seis companheiros conseguiram uma sesmaria com uma extensão de 21 (vinte e uma) léguas de terra. A referida sesmaria ia desde Acaraú até Groairas, passando por Sobral. Nessa época era tão difícil o acesso a tais lugares, que todos desistiram da posse e respectiva colonização. Coube, portanto, à Igreja o gigantesco trabalho de colonização. Em 1792, o Vigário da Freguesia de Fortaleza — o então padre Martinho — viajou da Vila de Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, para a foz do Acaraú e, subindo esse rio, chegou até nossa terra, onde tomou as primeiras provisões para uma catequese organizada e para possíveis aldeamentos."

LEVANTAMENTO DE PROPRIEDADES

Ildefonso Albano transcreveu os autos de demarcação de terras, segundo os quais existiam, no começo de 1707 somente onze fazendas de gado no Vale do Jaguaribe. Nesse ano foram concedidas cinqüenta e nove sesmarias; no ano seguinte, cinqüenta e três, tendo diminuído muito as concessões nos anos subseqüentes.

Eis a relação das 972 fazendas existentes no Ceará, entre 1774 e 1788:

RIBEIRA DO CEARÁ

Vila da Fortaleza de N. Srª d'Assunção	61
Vila de S. José de Ribamar dos Aquirás	32

1.*BRÍGIDO*, João. "Ceará, Homens e Factos". 1919.

RIBEIRA DO ACARAÚ(2)

Freguesia de S. José de Macaboqueira (Granja) 70
Vila de N. Srª da Conceição da Distinta Real Vila de Sobral 105
Freguesia de S. Gonçalo da Serra dos Cocos 97

RIBEIRA DO JAGUARIBE

Freguesia de N. Srª do Rosário das Russas 123
Freguesia de S. Antônio de Quixeramobim 117

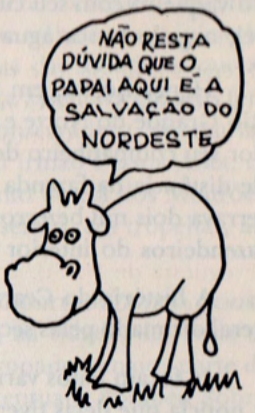
RIBEIRA DO ICÓ

Freguesia de N. Srª da Expectação da Vila do Icó 157
Freguesia de N. Srª do Carmo dos Inhamuns (Tauá) 138
Freguesia de S. José dos Cariris (Crato) 19

Gazeta de Notícias. Fortaleza, 18 nov., 1973

2. Segundo Luiz Carlos dos Santos *VILHENA*, na obra: "Cartas de Vilhena". Salvador, Impr. Official da Bahia, 1922. Vol. II, p. 643.

"Os generos principaes de que se compoem o commercio do Destricto de Acaraçú são em primeiro lugar couros, solas e carnes seccas, productos dos muitos gados que nelle se crião, podendo estender-se o número de suas fazendas de gados athé duas mil, produsindo cada huma annualmente de 500 a mil bezerros. Todos os gados que não se empregam no consumo dos habitantes são levados para as matanças do Camossi, Acaraçú e Itapagé, onde fabricão as suas carnes, secando-as e salgando os couros a que tudo davão consumo e extração Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, commercio que diminuio muito depois que a seca fez passar os commerciantes para o Rio Grande de S. Pedro do Sul, como difuzamente te noticiei na minha, em que te communiquei as notícias daquella famoza capitania."



O Boi: o Maior dos Cearenses

Numa ótica pessimista, Ferdinandi Denis afirmou que a História do Ceará é a história das suas secas. Talvez mais adequado seja, abordando por um ângulo positivo, dizer-se que é a história do boi, do pastoreio.

Realmente, é o gado vacum que viabiliza o Ceará, evitando seu abandono, enquanto não for intensificada a exploração mineral. A extraordinária fertilidade que Martins Soares Moreno registrara: *"para pasto de todo o gado são estas as melhores terras que hei visto, porque as porcas parem quatro vezes cada ano e muitos leitões de cada vez"*, ocorrera quando a pecuária, escorraçada do litoral, espraiou-se pelo interior do Ceará, enriquecendo-o.

O boi não oferece apenas a carne fresca para consumo de vilas esparsas e fazendas. No Acaraú, as "oficinas" foram pioneiras na fabricação e exportação de carne seca que dali, de Granja, viriam a ser, por longo tempo, imitadas no Aracati, até então a vila mais próspera da capitania. Há, também, o leite, para alimentação, o queijo, a manteiga da terra, além da roupa que veste o vaqueiro, o embornal, a sela, os arreios. Outros produtos são os utensílios domésticos: objetos de chifre e osso. Até o estrume, que fertiliza o chão, à noite, é queimado para afugentar os mosquitos. Com o gado teve origem a presença de escravos no interior, em conseqüência de escambo, numa economia desmonetizada.

O boi fixou o homem nas encruzilhadas, nascedouro das primeiras cidades. Quando o gado cansado ali se deixava ficar, em pouco conseguia revigorar-se, fazendo surgir, em breve, o curral, a venda, uma vila. Seus cascos amanharam o chão da caatinga e traçaram a rota para as primeiras estradas, por isso chamadas, com muita propriedade, "das boiadas". Sua captura fez gerar a vaquejada, colaborando para a legenda de heroísmo do vaqueiro. Contribuiu, também, para a formação dos latifúndios — era criado à solta nos descampados, pois requeria liberdade dos grandes espaços. De fato, o gado gera um modo de viver ocioso, conservador e libertário nos sertões. Exige pouco trabalho diário e escassa faina

do vaqueiro com seu cuidado. Reclama tão-somente espaço. Andarilho infatigável, o gado busca água e alimento onde estes se encontrem.

Henry Koster, em princípios do século passado, em suas andanças entre o Rio Grande do Norte e o Ceará, presenciou o encontro do "major" — um criador seu companheiro de viagem — com uma de suas vacas, a mais de cem léguas de distância da fazenda do "senador dos bois", Francisco de Paula Pessoa, que ferrava dois mil bezerros por ano e viria a ser ancestral da maioria dos políticos-fazendeiros do interior e dos homens públicos do Estado.

A história do Ceará é a epopéia do homem, sua luta pelo gado vacum, em geral dizimado pelas secas, mas sempre reconstituído e se multiplicando de novo.

Já foram feitos vários levantamentos sobre as charqueadas de Aracati, desde a notícia que delas tivemos, através do vereador Manuel Esteves de Almeida, em 1795. Cumpre notar que tais investigações esbarram ali. Nada foi realizado, em profundidade, para dimensionar o peso da pecuária na zona noroeste do Estado, sua exportação de carne seca pelas oficinas Itapajé e Granja ou seu reflexo na formação de uma área de alta expressão cultural, cujo arquétipo é Sobral. Todos *"capítulos esquecidos da economia pastoril"*, no dizer de Renato Braga, das nascentes do Acaraú até o Atlântico. Essa investigação é de interesse geral, para que se possa projetar que modelo de sociedade, que classes políticas, que comportamentos sociais, que cultura, enfim, se instalou na região, tendo Sobral como força centralizadora. É mais do que isto. Através do estudo de arquivos, de inventários, levantamento de fundação de paróquias e, inclusive, exame dos livros de exportação, na Alfândega, poder-se-á dimensionar seu valor econômico e traçar quadro comparativo com a situação do Jaguaribe. Há um documento na Biblioteca Nacional,[1] que dá notícias da terra e descreve sua força econômica. Quando se refere à ribeira do Acaraú diz que nela *"há três pontos a que costumam vir uns anos por outros 20 (vinte) barcos até a Capitania do Piauí, da qual vem vender aqui muitos gados"*. Descrevendo a capitania em 1774, há 199 anos, menciona 972 (novecentas e setenta e duas) fazendas distribuídas em quatro ribeiras, sendo a do Acaraú a que mais apresentava fazendas, ou seja, em número de 325 (trezentas e vinte e cinco), superior, pois, às 314 (trezentas e quatorze) do Icó. No que tange aos rendimentos dos dízimos, a de Acaraú oferecia 3:330$000, superior aos 3:840$000, do Jaguaribe, que só rendia 2:929$000, e mais do dobro da ribeira do Ceará, com o equivalente a 1:120$000.

Esta prosperidade da pecuária foi identificada muito depois de os Linhares, os Aragão, os Uchôa se terem estabelecido na área e possuído imensas porções de terras povoadas de gado.

---

1. *BIBLIOTECA NACIONAL.* "Idéia da população da capitania de Pernambuco e das suas anexas". *In: Revista do Instituto do Ceará,* de 1890, tomo IV.

O professor Paulo Roberto Pinto aceitou, com presteza, os desafios que fiz à SUDEC para que pesquisasse esta área ainda virgem. Esse trabalho teve início há cerca de dois anos. Pode-se, depois, esboçar a característica das sociedades que ali se implantaram. A ação política de seus líderes, cuja força assentava em seus feudos, bois, capangas e sobrados na cidade. Por vezes conservadora, governista, como o Senador Paula, ou contraditória como a de seu irmão Pessoa Anta, de traços heróicos como a do padre Mororó, arredio rebento do clã dos Mourões, família cujos feitos e banditismo atroaram por todo o sertão, em tropelias, arruaças e ferocidade.

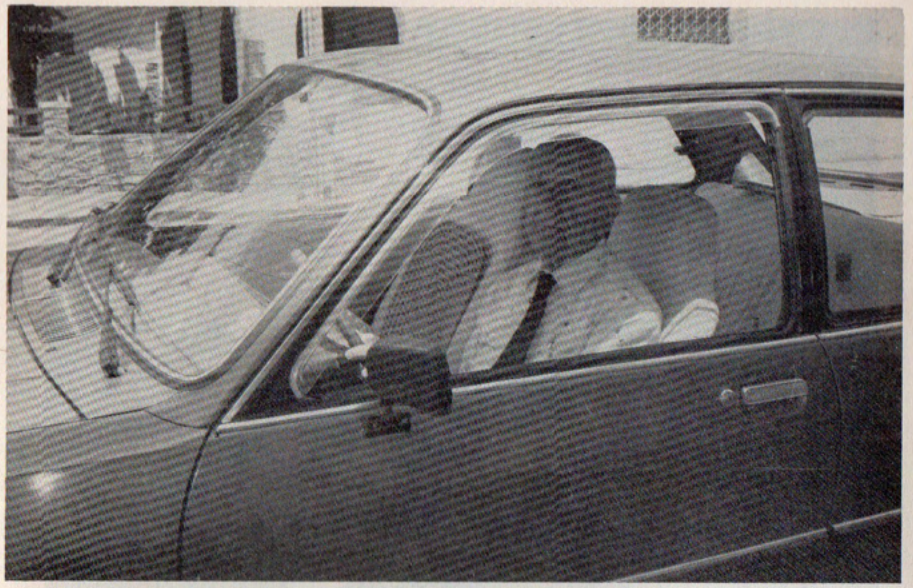
Até onde o gado realmente forjou uma tendência conservadora pela ociosidade que possibilitou ao fazendeiro, que vivia no lazer, na cidade, da renda de seus bezerros ou do vaqueiro, larva de fazendeiro, desocupado a maior parte do ano, imobilista, resistente a mudanças como bem o acentuara Pompeu Sobrinho? Até que ponto se pode afirmar que o pastoreio, por outro lado, exigindo grandes espaços, praticamente dispensou o escravo e gerou com o cavalo e a pega de boi — exercícios de bravura e destreza — um tipo revolucionário e libertário ou um pacato, aburguesado e conservador jeca-tatu, temente a Deus lá em cima e ao Governo cá embaixo, não se sabe...

Um exame acurado sobre o patrimônio das paróquias será, igualmente, de enorme valia. Nesses arquivos poderemos ter notícia não só do gado pertencente aos jesuítas e introduzido em 1695 ou 1696, em Ibiapaba, através do padre Ascenço Gago, mas das propriedades dos padres, das ricas e multifacetadas personalidades dos grandes fazendeiros, preocupados e zelosos pais de família, líderes políticos, que empunhavam simultaneamente seu breviário ou seu rifle em defesa dos interesses político-econômicos.

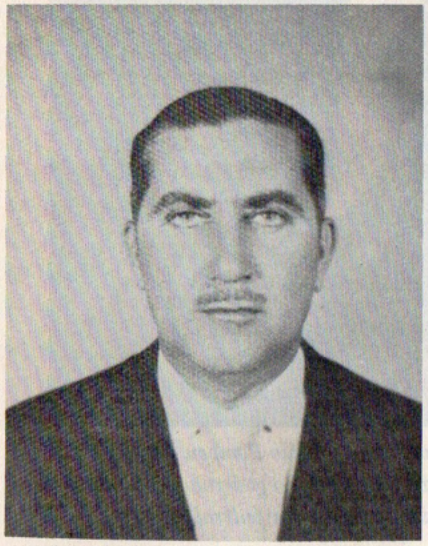
O mundo que o boi criou, no Ceará, tem espaços abertos e outros, virgens ainda, a palmilhar, investigar e estudar.

Ceará, 20 mai. 1973.

José Sabóia, após a queda do Estado Novo, elegeu Plínio Pompeu senador (derrotando o chefe do PDS, ex-interventor Menezes Pimentel), o governador do Estado, desembargador Faustino Albuquerque, e metade da bancada federal da UDN.



Ex-prefeito de Fortaleza, ex-deputado federal, ex-senador Plínio Pompeu, militante do PMDB, com mais de noventa anos de idade, dirige o próprio carro e dá expediente diário na Cia. de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano. Foi, durante semanas em 1954, candidato de conciliação ao governo do Estado, sob o patrocínio de Getúlio Vargas. Com o suicídio do Presidente da República os Távoras lhe tiraram o tapete e se viram livres, para sempre, da incômoda parceria dos Sabóia no comando da UDN.



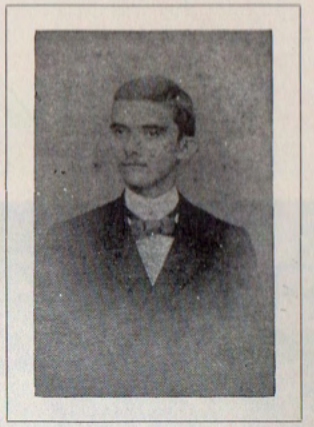
Ernesto Sabóia, eleito deputado federal uma vez, não tinha a garra nem o gênio político do pai.

José Maria Montalverne, cujo talento não teve cenário federal para se expandir.

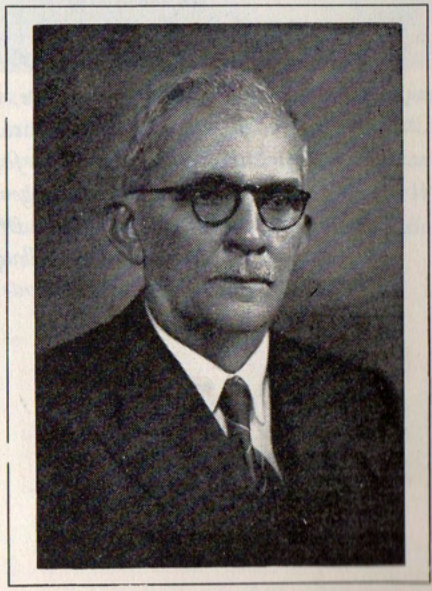
BÔDAS DE OURO DO CASAL
30 — XI — [illegible] — 1943

Dona Sinhá e o Dr. José Saboya, na epoca de seu casamento

DR. JOSÉ SABOYA DE ALBUQUERQUE
30 — XI — 1943



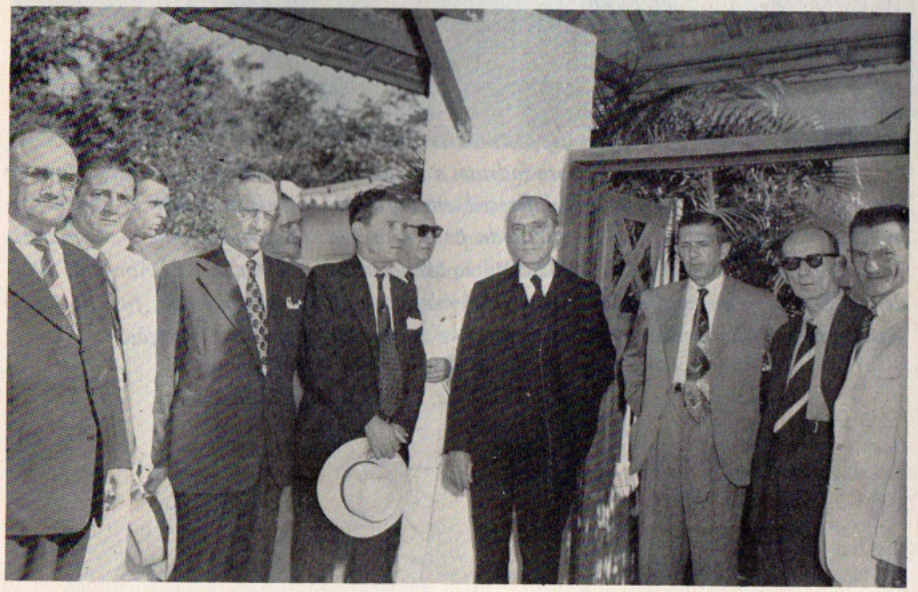
O ilustre casal em recente fotografia



As brigas de Dom José com o Dr. José Sabóia se acirraram a partir de 1912 quando este, como juiz de Direito, proibiu a extração de uma loteria particular, instituída pelo primeiro, então vigário-geral de Sobral, em favor da Santa Casa de Misericórdia. Em 1943, o bispo homenageou o rival por ocasião das bodas de ouro de seu casamento com Dª Sinhá Sabóia. Presentes os desembargadores Faustino de Albuquerque e Feliciano de Ataíde, pai do também longevo presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Ataíde.

José Sabóia e Fernandes Távora ladeiam o Brigadeiro Eduardo Gomes, durante jantar que, a 11 de novembro de 1947, lhe ofereceu, em Fortaleza, o chefe da UDN do Aracati, coronel Alexanzito Costa Lima. Da esquerda para a direita: Oswaldo Trigueiro, Fernandes Távora, Eduardo Gomes, José Sabóia, Otávio Mangabeira, José Américo de Almeida, Waldemar Ferreira, Alexandre Costa Lima, desembargador Leite Albuquerque, José de Borba Vasconcelos, Perilo Teixeira, Paulo Sarazate e Romeu de Andrade Conceição.

Desembargadores em torno do Dr. José Sabóia. Sentados da esquerda para a direita; Faustino de Albuquerque, Feliciano Ataíde, José Sabóia, Daniel Lopes e Leite Albuquerque. De pé; César Fontenele, Jaime Praxedes, Arnaud Baltar e Eugênio Avelar Rocha.



Ramir Valente, José Ricardo Neves, Edson Almeida, Manuel Honorato Cavalcante, Idelfonso Cavalcante, Plácido Aderaldo Castelo, o então candidato a governador Plínio Pompeu e o anfitrião João de Alencar Melo, entre outros.

O Dr. JOSÉ MARIA MONT'ALVERNE

RESPONDE AO PADRE TIBURCIO

Recebemos o seguinte telegrama:

Sobral, 11 — Urgente — (GAZETA DE NOTICIAS — Fortaleza.

A propósito um telegrama Vigário Cariré, dirigido Doutor Joaquim Bastos, publicado hoje «Correio da Semana», no qual se afirma, entre outras cousas, estar eu empenhado na «campanha mentirosa indispôr Bispo Sobral com Desembargador Faustino», venho declarar e pedir publicação seguinte:

Estando Fortaleza 1º. Março, recebi ali diversos telegramas procedentes Sobral, informando não haver sido permitida celebração missas gratulatórias ocasião posse novo Governador, nessa cidade nem em Cariré.

Tratando-se assunto interesse politico, forneci uma pessoa GAZETA resumo fiel conteúdo aqueles despachos, cujos signatários poderão ser facilmente identificados mediante simples diligência, por quem se interressar, junto repartição transmitiu mensagens pt.

Situação indisfarçavel constrangimento atualmente existente entre senhor Bispo Sobral e preclaro Governador Faustino, não foi criada ou provocada por mim, mas unicamente pelos excéssos de atividade partidária a que se entregaram alguns padres desta Diocese, os quais seguindo suas inclinações politicas, combateram pública e ostensivamente candidatura Desembargador, sob pretexto achar-se apoiada comunistas, e sobretudo, pela orientação do Jornal de Dom José, que hostilizou aquela candidatura até o fim, chegando mesmo, em sua edição de 14 de Janeiro passado, vesperas portanto do pleito, a condena-la em editorial e a enumerar, pela pena de seu diretor, em seis substanciosos itens, os motivos pelos quais o eleitorado católico não deveria votar em Faustino de Albuquerque pt.

O mal causado é do conhecimento de todos, inclusive do Desembargador candidato pt

Duvido que o Padre Tiburcio, a despeito do ardor com que defende seu superior, possa afirmar de público que isso é mentira pt

Assuma cada um, como já o fez dignamente Dom Antônio, a responsabilidade de seus atos ou omissões, e então estará tudo devidamente esclarecido, sem necessidade de se imputar aos que souberam guardar na campanha uma posição discréta, as consequências de erros alheios pt

Saudações.

José Maria Mont'Alverne.

Rebatendo Mentiras

Lendo no jornal "GAZETA DO CEARÁ", que se edita na Capital do Estado, edição de 1º. do corrente, um artigo, em forma de noticiario enviado desta cidade, sob o titulo "SUJEITOS A VERDADEIRA ESCRAVIDÃO, OS TRABALHADORES DE TECIDOS, EM SOBRAL", nós abaixo assinados, auxiliares e operarios da FABRICA SOBRAL não podendo deixar sem um protesto veemente as caluniosas imputações ali feitas aos Diretores da dita Fabrica Dr. José Saboya de Albuquerque e Dr. Josè Maria Mont'Alverne.

A materia contida na aludida publicação, vasada em linguagem evidentemente comunista, não mereceria reparos si os maleficos efeitos de suas insinuações caluniosas não pudessem encontrar aceitação em outros trabalhadores desapercebidos e desconhecedores da maneira como se efetivam as admissões e dispensas de elementos aos serviços da Fabrica Sobral.

A admissão de empregados pela Fabrica Sobral para seus serviços de construções é precedida da lavratura do respectivo contráto, na conformidade da vigente legislação, e lido êsse contrato em voz alta, na presença do admitido e das testemunhas convocadas para tal ato.

Depois de lavrado, lido, aceito e assinado, a atividade do empregador e empregado restringe-se aos seus termos, os quais incluem sempre, a clausula de "tempo certo".

Está claro que suspensas ou terminadas as obras em construção, não hà logar para indenizações por tempo de serviço, por força daquela clausula.

Não há, por conseguinte, nada de verdadeiro nas imputações feitas pelo noticiarista anonimo, que se abriga sob o titulo de "correspondente".

O Dr. José Saboya, que è, inegavelmente, uma das maiores reservas morais do Ceará, e o Dr. José Maria Mont'Alverne não serão jamais atingidos pelo labeu que lhes querem imputar aqueles que vivem semeando a discordia nas classes trabalhadoras obedecendo á orientação que lhes vem de ideologias extrangeiras, exoticas e dissolventes.

É por esse motivo que vimos de publico lançar o nosso veemente protesto contra a aleivosa publicação, que não atinge nem á Fabrica e nem a seus dirigentes, que prosseguirão a trabalhar pelo engrandecimento de Sobral, do Ceará e do Brasil.

I. Aguiar Filho, Osmando Arroxelas Galvão, Francisco Pontes Vasconcelos, Gerardo Aragão Santos, João Alves Pereira Miranda, Juvenal Carneiro Braga. Euclides Pinto, Herbert Edvin Taylor, Raimundo Nonato Arcanjo, Domingos Nogueira Borges, Francisco Ribeiro de Queiroz, Durçulino Gomes Parente, Raimundo Liberato Linhares, Fauslino Matias Feijão, José Maria Arruda, José Quincas de Sousa, Raimundo Cavalcante Aragão, José Thomaz Lourenço Sobrinho, Espedito Cavalcante Aragão, João Cordeiro de Almeida, Raimundo Anacleto Ximenes, Felix Alves Pereira, Francisco Lino Alves, Valdemiro Sousa Quixadá, Raimundo Rodrigues da Silva, José Radier de Queiroz. João Alberto Cruz, Manoel Frota Carneiro, Francisco Cavalcante Aragão, Julio Perciliano de Saboia, Francisco Coutinho, Raimundo Lourenço Nascimento, Luiz Carlos de Lima, Heitor Coelho Lima, Raimundo Nonato de Albuquerque, Francisco Chagas Gadelha, Domingos Ferreira. José Amadeu Rodrigues Francisco Alves da Silva, Antonio Camilo da Silva, Antonio Gadelha, Virgilio Alves de Souza. Francisco Rodrigues Duarte, Idalino Marques de Oliveira, Francisco Otaviano, Francisco Chagas Mariano, Adolfo Rodrigues, Manoel Rodrigues Sousa, Pedro Rodrigues Carvalho, Pedro Mesquita, Francisco Marques Damasceno, José Lucas Rodrigues Carvalho, José Braga, Manoel Gadelha Aragão, Antonio Lima Carvalho, José Nicodemos Gadelha, João Florencio Oliveira, Raimundo Pereira Silva, Regino Martins, Amancio B. Souza, Julio Valfrido dos Santos, Raimundo Martins de Sousa, Antonio Martins, João Holanda Silva, José Bandeira Sobrinho, Francisco Prudencio de Sousa, Joaquim Alves Bezerra, Francisco José Saraiva, Manoel Eufrásio, José Rufino da Silva, Agilio Barbosa Silva, Francisco das Chagas Gregorio, João Raimundo Farrapo, Melquiades Ribeiro, Francisco Gadelha, Françuá Nunes de Sousa, Oristacio Augusto de Sousa, Godofrêdo Rodrigues Medeiros, Florencio Pereira da Silva, João Gadelha e Silva, José Cicero Lourenço, Gervasio Soares, Francisco Sousa da Silva, João dos Santos, José Chagas de Assis, Francisco Chagas Silva, Manoel Mauricio, Francisco Casseano, Cesario Euclides Rodrigues, Francisco Muniz Farrapo, Luiz Perciliano de Saboia, João Marques de Lima, Raimundo Rodrigues, Lino Benedito Alves, João Lucio Sousa, João Batista, Antonio Sampaio Brito, Vicente Peregrino Gomes, José Monsaide Marques, José Lourenço da Silva, Antonio Brasiliano Ripardo, Francisco Macedo Sousa, Manoel Dias Nascimento, João Oliveira Lopes, Françuá Machado Alcantara, José Teixeira Mendes, Oseas Nunes Nascimento, Joaquim Valero, Francisco Pereira da Silva, José Apolinario, Antonio Rodrigues Freire, Raimundo Gadelha, Francisco Gomes, Josias Braga, Vicente Rodrigues Monção, José Laurindo Sobrinho, Mateús Alves Vieira, José Nemesio de Sousa, Joaquim Bezerra dos Santos, Antonio Basilio de Sousa, Josué Ximenes Aragão, Manoel Rodrigues de Sousa, Antonio Francisco Braga. Raimundo Felix Mesquita, Abilio Torres, José Osmar Aragão, Gerardo Ferreira, Francisco Sales de Sousa, Josè Alves Bezerra, Francisco Cavalcante Vasconcelos, Luiz Gonzaga Araujo, Francisco Chagas Nascimento, João Fernandes Sousa, Manoel Jeronimo Sobrinho, Diogo Marinho Paixão, Francisco Vieira Chagas, José Manoel da Silva, Epitacio Maximo Moura, José Gonçalves Nascimento, José Gomes dos Santos. João Alves, Antonio Silvino, Gaudencio Magalhães, João Francisco de França, Amancio Marques, Espedito Domingues Silva, Raimundo Gomes da Silva, Antonio Eduardo Moreira, João Marques, Oscar Silveira M. de Sousa, Antonio Barbosa de Sousa, Adolfo Felipe Albuquerque, Antonio Masciano Sousa, Antonio Candido Almeida, Luiz Humberto Candido, Manoel Messias Sousa, Francisco Chagas Sousa, Gerardo Mauricio, Gerardo Pantaleão Paschôa, Agenor Gadelha Lima, Pedro Machado, Joaquim Ferreira Santos, Antonio Paula, Francisco Rodrigues Ferreira, Francisco Piragibe Vasconcelos, Antonio Rodrigues Silva, Francisco Chagas Quiterio, Antonio Carneiro Santos, Manoel Espedito Sagrado, José Judá Carneiro, Francisco Adriano Sousa, Francisco Alves Ripardo, José Lopes Oliveira, Domingos Sales Fernandes, Francisco Moita Sousa, José Lopes da Silva, Julio Rodrigues de Carvalho, Raimundo Amorim Gomes, Antonio Vicente G. Per-

reira, Francisco Alexandre Oliveira, Rafael Edmilson Almeida, Antonio Ripardo de Almeida, José Florencio Sobrinho, Edsio Messias Oliveira e José Rufino Pereira.

Tecelagem e Fiação Secção Feminina:

Maria Braga, Rita Sousa Santiago, Maria Mirandir Martins, Antonia Sousa Leoncio, Antonièta Gonçalves Silva, Raimunda Mendes Sousa, Maria José Bezerra, Maria Auxiliadôra Martins, Maria Marçal, Raimunda Mendes, Maria Josè Martins, Maria jovina, Teresa Farias, Margarida Pereira Bastos, Teresa Mendes, Teresa Cipriano Elias, Quiteria Lopes Pereira, Maria das Graças Fernandes, Maria Mendes, Maria Malheiros, Raimunda Marçal Lopes, Francisca das Chagas Aragão, Raimunda Silva Campos, Antonia Nilsa Machado, Maria Laura Cesario, Maria José Marciel, Ana Sampaio Lessa, Maria Anselmo, Francisca Moreira Silva, Maria do Nascimento Castro, Maria Severino Gomes, Francisca Araujo Lima, Francisca Chagas Farias, Clotildes Ferreira, Raimunda Ferreira Gomes, Maria Zenaide Rocha, Maria Zilda Teta, Mirtes Rodrigues Bezerra, Maria Pereira Sousa, Maria Jandira Diogo, Francisca Paula Sousa, Amelia de Lima, Maria Marciel Marques, Maria José Barbosa, Maria Rodrigues Sousa, Maria da Costa Feitosa, Maria Rodrigues Melo, Maria Rodrigues, Adelina Mendes Costa, Teresa Cavalcante, Gerviz Pereira, Aldenôra Monteiro de Sousa, Maria Odeti Pontes, Francisca Pires, Luiza Rodrigues Sousa, Erotildes Maciel, Maria Hilda Sales, Maria Gonçala Nascimento, Maria Alice, Teresa Ferreira de Melo, Joana Gabriel Paiva, Francisca Paula, Elvira de Assis, Raimunda Arcanjo, Iracema de Assis Mendes, Ana Gomes Silva, Rita Alves Santos, Maria Benedita Pereira, Maria Socorro Silva, Teresinha Jesus Albuquerque, Margarida Cavalcante, Gerarda Felipe Albuquerque, Maria Lourdes Machado, Raimunda Viturino, Maria de Lourdes Nascimento, Maria José Lopes, Margarida Lino Nascimento, Jovelina Silva, Maria Maciel, Luiza Carneiro, Margarida Maria Sousa, Maria Carmo Neri, Raimunda Barbosa, Estelita Magalhães, Maria Marques Sousa, Berdanadeti Rodrigues Sousa, Aldenisa Cesario, Maria Zilda Carneiro, Ana Ferreira, Maria Raimunda Conceição, Francisca Felix Nascimento, Maria Neves Sena, Josefa Duarte, Judite Rodrigues Silva, Margarida Estevam, Maria Lopes, Raimunda Gadelha, Alfa Jesuino Albuquerque, Maria Conceição Paula, Mariana Guilherme, Joaquina Benigno, Iracema Mendes da Silva, Olga Gomes, Judite Alves, Aldenôra Alves, Maria Aires Sousa, Ana Fernandes Costa, Maria Luiza Sousa, Maria Otaviano, Maria Eva Sousa, Maria Elisa Santos, Marina Ferreira, Everalda Abel, Teresa Conceição Maia, Maria Conceição Mesquita, Maria Conceição Ripardo, Francisca Rodrigues Sousa, Maria José Mendes, Vicentina Nonato Silva, Raimunda Maria Gomes, Maria Cesarina Martins, Maria Dalva Sousa, Maria Augusto Pereira, Maria José Pereira, Julieta Amelia, Maria Nazaré Vasconcelos, Maria Jesus Martins, Maria Marcionilia Gadelha, Francisca Chagas Dias, Maria Raimunda Fernandes, Maria Assunção Sousa, Raimunda Belarmino, Francisca Olindina, Maria Socorro Pereira, Neusa Lopes Flor, Francisca Paiva Lima, Beatris Gomes Sousa, Maria Alice Paiva, Maria Ripardo, Judite Mendes, Auriana Fernandes, Maria Soledade Machado, Teresa Lopes Silva, Francisca Silva, Maria José Ferreira Lima, Maria Iracema Lourenço, Antonia Belarmino, Maria Erotildes Felix, Francisca Eugenio Gomes, Aldenôra Eugenio Gomes, Ana Lopes Silva, Nazaré Barbosa, Maria Teresa Martins, Maria Amelia Barros, Maria Jesuino, Dominencia Mendes, Maria Lourdes Prudencio, Teresa Silva, Teresinha Jesus Matos, Maria Dores Nogueira, Maria Sousa, Francisca Pinto Mesquita, Francisca Rodrigues Parente, Margarida Rodrigues, Maria Lourdes Menezes, Teresa Rodrigues Cruz, Teresinha Rodrigues Pontes, Maria Santusa Ferreira, Neli Lopes Silva, Maria Cipriano, Nailda Fernandes, Marta Lourenço, Josefa Sousa, Maria Leonardo, Francisca Chagas, Maria Raimunda Braga, Maria Ferreira, Joana Rodrigues Pinto, Raimunda Rodrigues, Margarida Mamede, Juliana Rodrigues Cavalcante, Maria Nazare Mendes, Enedina Maria, Margarida Lopes, Maria Auxiliadôra, Maria Dores Sousa, Maria Moreno, Teresa Soares, Rita Pedro Carneiro, Teresinha Damasceno, Joana Mendes, Teresa Sousa Costa, Maria Assunção Menezes, Maria de Jesus, Maria Ferreira, Raimunda Farias Furtuna, Raimunda Nonato Lucia, Maria José Firmino, Maria Julia Oliveira, Maria Idelzuite Teodosio, Maria Dores Felix, Maria Narciso, Isaura Gomes, Teresa Holanda, Gerarda Ferreira, Maria José Sousa e Maria Nazarè Felix.

NOTA

Todos os que êste assinam, em numero de 400 (por não se fazer preciso maior numero de assinaturas) auxiliares e operarios da "FABRICA DE FIACÃO E TECIDOS DE SOBRAL" estão precisamente inteirados de seu conteúdo, concientes de seu ato. E, hipotecam sua solidariedade aos seus dignos e honrados chefes Snrs.: DR. JOSÈ SABOIA DE ALBUQUERQUE e DR JOSÈ MARIA MONT'ALVERNE.

AOS ELEITORES CATÓLICOS

Eleitor Catolico! O dia 19 de Janeiro aproxima-se. Os abutres do teu voto esvoaçam, agourentamente, em volta de ti, explorando os teus sentimentos de fé, misturando Religião com Politica. Apavorados com a derrota das urnas de 19 de Janeiro, as aves de rapina do pimentelismo e do integralismo desceram das alturas de uma campanha decente para o monturo da **calunia, da difamação** e do **sofisma.** Os inimigos da candidatura Faustino já o acusaram de protestante e de comunista. Examina, um por um, os elementos pessedistas, que desejam infelicitar novamente o Ceará, e vê onde estão as esfinges do teu voto.

Faustino de Albuquerque declarou, respondendo ao questionario da Ação Catolica:

1.º) — "Ademais, como catolico, que já o afirmei ser, não posso simpatizar com a doutrina comunista, que se choca de fato com a organização politica atual, com a unidade nacional e com os sentimentos **catolicos do nosso povo".**

2.º) — "Sou candidato de três agremiações politicas — a **União Democratica Nacional,** o Partido Social Progressista e o Partido Republicano, com as quais, **somente,** mantenho compromissos". (Veja-se "O Nordeste" de 24 de Dezembro de 1946).

3.º) — "Darei ao Partido Comunista aquilo que lhe é assegurado pela Constituição e enquanto pautar a sua conduta dentro das normas traçadas pela mesma. Seria injustificavel que, como democrata e católico, lhe viesse a dar apoio no meu Governo". (Resposta ao 8.º item da Ação Catolica. — "O Nordeste", de 24-12-1946).

Diante disso tudo, como ainda se pode dizer que o Desembargador seja comunista? Hienas da reputação alheia, não julgueis os homens dignos pelos vossos apetites carnivoros!...

FILHOS DE MARIA! PIEDOSAS FILHAS DE MARIA E MAES CRISTAS! Os pimentelistas, que não rezam, que fogem do confessionario como o diabo da cruz e que não comungam, estão explorando tambem a vossa fita! A fita azul deve salvar o Brasil e o Ceará, mas não deve oficializar o jogo do bicho nem aprisionar sacerdotes!

ELEITOR CATOLICO! Fecha os ouvidos ao choro das madalenas pessedistas.

Dá o teu voto a Faustino de Albuquerque que não fez a 1.ª comunhão nas vesperas das eleições, mas já ha muitos anos.

Vota em Faustino que é catolico semelhante a ti.

Vota em Faustino que sempre soube respeitar os ministros de Cristo.

Vota em Faustino que é anti-comunista e que não tem compromissos com o Partido Comunista.

Vota em Faustino que não tem sangue fascista nas veias nem anda com os rabo-de-saia de Plinio Salgado.

Vota em Faustino para a felicidade do Ceará!

UNIÃO DEMOCRATICA NACIONAL

"Congratulo-me com os meus correligionarios, pelo brilhantismo desta reunião, tanto mais quanto lançamos o nosso candidato de viseira erguida, sem necessidade de camuflá-lo atrás de outro candidato, para poder merecer o sufragio do povo Sobralense."

(Palavras do Dr. José Saboia, encerrando a grande Convenção que no dia 27 do mês passado indicou o candidato da U. D. N. ao cargo de Prefeito Municipal)

Dr. João de Alencar Melo

brilhante advogado, conhecedor proveto dos problemas municipais e amigo devotado das classes trabalhadoras,

Esse Candidato, que não surgiu "camuflado", mas da consagradôra unanimidade de um diretório consciente e independente, após sucessivas reuniões, em que todos tiveram livre o direito de opinar, é o

ELEITOR AMIGO: VOTAR NO DR. JOÃO MELO, PARA PREFEITO MUNICIPAL, É GARANTIR O PROGRESSO DE SOBRAL E O BEM ESTAR DAS POPULAÇÕES RURAIS.

Para VEREADOR, escolhe o nome de tua predileção, entre os intrepidos batalhadores da relação abaixo, que disputarão o favôr das urnas, sob a bandeira da

UNIÃO DEMOCRATICA NACIONAL

ANTONIO GUARANI MONTALVERNE	— Medico	JOSÉ DA MATA E SILVA	— Representante Trabalhista
CESARIO TEIXEIRA LOPES	— Comerciario	JOAQUIM EUCLIDES ANDRADE	— Comerciante e Criador
RANDAL POMPEU DE S. MAGALHÃES	— Industrial	LUIS GONZAGA PRADO	— Agricultor
JOSÉ MARIA MONTALVERNE	— Advogado e industrial	JOSÉ DONATO DE ARAUJO	— Criador e Agricultor
GERARDO AGUIAR XIMENES	— Comerciante	LUIZ SANTOS DE AQUINO	— Comerciante
GERARDO RODRIGUES DE ALBUQUERQUE	— Professor		

SOBRAL, 6 de Outubro de 1947.

Concedido mandado de segurança em favor da amplificadora de Sobral

Sobral — (Do correspondente) — Em brilhante sentença exarada nos autos de um pedido de mandado de segurança impetrado pelo Diretorio Municipal de Sobral, da União Democratica Nacional, o integro Juiz de Direito da Comarca, dr. Inacio Moacir Catunda, acaba de conceder todas as garantias para que os alto-falantes da amplificadora "A Voz da Democracia" permaneçam nos lugares em que se acham instalados, pondo assim por terra a determinação do prefeito Jacinto Antunes, para retirada de um dos alto-falantes, assim como julgou nula de pleno direito a multa aplicada ao dr. José Saboia de Albuquerque, por ter este se recusado a cumprir a ilegal e arbitraria determinação. Foi a seguinte a conclusão da brilhante sentença daquele honrado magistrado:

"Hei por bem concretizar a promessa constitucional de garantia, para conceder a segurança impetrada, pelo diretorio municipal da União Democratica Nacional, cujo pedido julgo procedente, a fim de que o alto-falante continue funcionando no predio onde se acha instalado, á rua Cel. Ernesto Deocleciano, numero 1, e consequentemente declaro nenhum o efeito da malsinada e nula de pleno direito multa imposta ao suplicante, pela suplicada, Prefeitura Municipal de Sobral, que é condenada nas custas do processo."

"Povo" 8-3-49

SOBRAL

Precisa-se de um GATO para por na PREFEITURA, afim de comer os RATOS que impestam essa repartição.

Vicente Antenor Ferreira Gomes,

Presidente do Diretorio Municipal do P. S. D.,

não tendo concordado com a candidatura do Dr. Jacinto Antunes a Prefeito Municipal, desligou-se do deputado Francisco Monte, apresentando a sua candidatura a Prefeito de Sobral. Convida a todos os seus amigos e correligionarios politicos que tambem não concordarem com a referida candidatura do dr. Jacinto Antunes a se incorporarem em torno de seu nome.

Sobral, 4 de Outubro de 1947.

Vicente Antenor Ferreira Gomes

Chico Monte

Parsifal Barroso

Foi o autêntico e último líder político da Zona Norte, como símbolo do coronelismo, oriundo das fileiras comandadas pelo Coronel José Sabóia, no Partido Republicano Conservador, de que foi vereador, em 1921.

Quando o conheci, em 1931, já não mais pertencia ao grupo político saboísta, aprestando-se a integrar as forças que se agrupariam em torno da Liga Eleitoral Católica, mas se afigurando com a autonomia e a visão de um verdadeiro chefe político. Na LEC foi a principal figura política da Zona Norte, integrando o grupo formado pelo Professor Olavo Oliveira.

Quando passei a conviver com ele, a partir de 1931, comandava força política sua, notabilizara-se por sua coragem física de homem destemido e se tornara respeitado como um esteio de força moral. Seu crescente valor pessoal e seu ponderável prestígio político foram, sempre, caracterizados por essas qualidades que esmaltavam sua personalidade e crescentemente aprimoradas por um espírito público que o fazia pugnar, constantemente, pelo atendimento prioritário das necessidades de Sobral.

Sempre que me procurava, durante os longos anos de nossa convivência político-partidária, era para obter minha cooperação em favor de algum benefício a bem de Sobral e da Zona Norte. Não deixava, jamais, de receber, em sua casa, o homem simples da cidade ou o caboclo rústico da roça, que o procuravam na certeza de serem atendidos. Era, enfim, um homem do povo.

Tornou-se uma figura legendária da política cearense, porque tanto sabia enfrentar as ameaças dos seus inimigos, vencendo-os, como nunca mediu distâncias para ajudar os amigos nas horas de maior necessidade. Sempre foi leal e nunca negou "fogo".

Embora não tivesse oportunidade de fazer seus estudos secundários, supriu essa deficiência com a leitura assídua e permanente de jornais e livros de história política.

Fato inconteste é que Chico Monte chegou aos mais altos degraus de espontânea consagração popular e conseguiu gozar de estima e confiança públicas em todo o Estado do Ceará.

Ingressou no Partido Social Democrático, quando de sua fundação, na fase de reconstitucionalização de 1945 e, após ser constituinte federal, exerceu sucessivos mandatos de Deputado Federal, até sua morte em Brasília, a 16 de março de 1961. Guardo comigo a impressão de que a decisão sua de fixar-se no Partido Social Democrático decorreu do fato de não aceitar a chefia, na Zona Norte, do desesperado movimento do Presidente Getúlio Vargas, em favor de uma "Constituinte com Deus e Getúlio", na falsa suposição de que, por essa forma, ainda continuaria no Poder.

Muito aprendi e lucrei em conviver politicamente com Chico Monte, pois suas vivências político-partidárias muito me ensinaram, dado o admirável alcance de sua sabedoria prática, no trato com os mais sagazes líderes políticos. Até agora, para alegria minha, ouço comentários elogiosos a Chico Monte, pela sua grande habilidade em terçar armas com o falecido ex-Governador Raul Barbosa, com o qual rompera politicamente, antes do início de seu governo, passando a militar nas hostes do Partido Trabalhista Brasileiro, juntamente comigo.

Desejaria relembrar, finalmente, uma das cenas de sua argúcia política, por mim presenciada.

Ao cair de uma tarde, chegou à sua fazenda, "Pocinhos", um dos seus chefes na Zona Norte, para inteirar-se das perspectivas da campanha em favor do inesquecível Cristiano Machado, mostrando-se desanimado. Procurei incentivá-lo, mas sem qualquer resultado satisfatório.

Chico Monte, sentindo-me canhestro na conversa, interveio logo com uma frase que animou seu desconfiado amigo, garantindo-lhe a vitória eleitoral de Cristiano Machado com a seguinte frase:

"Não tenha medo de derrota, compadre, porque nosso Cristiano tem umas coisas boas escondidas lá em Minas Gerais e quando elas aparecerem vai ser um estouro."

A criatividade e imaginação que me faltara, mas que era imanente em Chico Monte, conseguiram reanimar o chefe que deixou a fazenda convicto da vitória de Cristiano Machado.

Brasília, 1982.

José Sabóia

Prudenciana Sabóia Mont'Alverne (Nazinha)

Aos dezessete anos começou sua vida pública, quando cursava a Faculdade de Direito de Recife e foi náufrago do navio "Bahia" que, em 1887, colidiu com o "Piabanha" à noite, a muitas milhas da costa. Sua força física, desprendimento e espírito de solidariedade permitiram que salvasse dois companheiros idosos, um dos quais se encontrava ferido. Colocou-os em um grajau,[1] achado casualmente e, aí, foi nadando e empurrando sua preciosa carga até a praia. Isso lhe valeu grandes homenagens por sua bravura.

Aos vinte e dois anos, já formado, assumiu o cargo de Juiz, na comarca de Sobral, onde trabalhou durante quarenta e quatro anos, até o dia em que a sanha política de seus adversários forjou sua aposentadoria compulsória. A partir de então, sempre na presidência da Fábrica de Tecidos Sobral, foi o escolhido para chefiar a UDN na Zona Norte, tal o prestígio de que desfrutava entre seus ilustres correligionários.

Durante a campanha eleitoral (sem compra de votos nem de consciências), ele alcançou enorme vitória para seus candidatos: desde o Governador (Faustino de Albuquerque), até o Senador, Deputados Federais e Estaduais. Tamanho sucesso desagradou a seus opositores da Liga Eleitoral Católica (LEC), como era intitulada, e custou-lhe, por conta de um de seus notáveis discursos, a expulsão da Irmandade do Santíssimo, de que era um dos fundadores. O fato acarretou tumultos, insultos pela imprensa, aos quais replicou com sobriedade e estilo declarando:

"Não me atingem os atos frutos de torpe vindita. *Guardo, porém, dentro do peito, as simbólicas insígnias que me exornam para, na hora derradeira, poder dispensar a assistência."*

1. Termo usado no Nordeste para representar uma espécie de cesto oblongo e fechado, em que os roceiros transportavam pequenos animais ao mercado ou carregavam peixe seco para venda no comércio mais próximo.

de algum padre simoníaco ou de outro que haja trocado a humildade de seu ministério pelas glórias da política partidária."

Finalmente, para bem demonstrar a elevação moral de que era dotado, destacaria o trecho com que encerrou seu testamento:

"Tendo vivido, sempre, sem ostentação de bem-estar, quaisquer que fossem as diferenças de minhas condições de fortuna, e embora tendo em pouca conta a opinião dos outros a meu respeito, sempre acatei os prejuízos eventualmente decorrentes, adaptando-me ao meio em que vivia.

Recomendo a meus filhos que observem a mesma norma de vida, evitando manifestações exageradas do bem-estar que porventura disponham, conservando entre si toda união e solidariedade. Peço-lhes, ainda, que não esqueçam as virtudes cristãs, o desprendimento em relação às posses de bens que devem ser, antes, um meio do que uma finalidade a que dediquem suas existências. Devem, também, honrar a tradição de caridade dos pais, favorecendo os pobres e humildes, mesmo que estes se mostrem desagradecidos, pois em sua submissão é que repousa a prosperidade de todos os que acumulam fortuna."

José Sabóia e a Igreja Católica

Plínio Pompeu

A Liga Eleitoral Católica, criada para escoimar dos cargos eletivos candidatos infensos às normas da Igreja Católica (como sejam: a indissolubilidade do matrimônio; o comunismo ateu que prega ser a religião um ópio das massas; a corrupção na administração pública, etc.), transformou-se, no Ceará, num partido com todos os defeitos que lhe são inerentes, agravados pela intolerância religiosa da maioria do clero cearense e explorado por fariseus e idealizadores dessa legenda, os quais contavam com a indulgência da direção religiosa e com a certeza de que seriam os beneficiários do domínio político do Estado.

Esta Liga jamais configurou um Partido Católico no seu sentido ideológico, mas partido que aproveitaria e exploraria, em seu próprio benefício, a catolicidade da grande massa eleitoral do Ceará. Com a aquiescência e, até, por determinação episcopal, os sacerdotes usavam o púlpito para fazer a propaganda eleitoral de seus candidatos, chegando a difamar candidatos que tivessem por sigla o PSD — traduzida como Partido sem Deus.

Essa, a situação política da LEC em todo o Estado do Ceará, embora tenha se mostrado mais intransigente na zona norte do Estado. Em Sobral, um virtuoso e digno sacerdote diariamente fazia seu sermão nas missas, recomendando a seus caros irmãos que votassem nos candidatos da Liga e que não desviassem nenhum voto para o Partido sem Deus.

Às vésperas das eleições para o Poder Legislativo, contrariando a lei que proíbe propaganda política nesses dias, as paróquias ouviram o costumeiro "sermão". Um dos membros do Diretório do PSD, presente, decidiu pedir a um juiz de Direito que mostrasse ao sacerdote que seu comportamento era infração e que constituía crime. No dia seguinte, horas antes da eleição, o sacerdote declarou na missa: "Estou sendo processado, a despeito de só estar no cumprimento de meu ofício. Posso, até, ir parar na cadeia, mas vou satisfeito. Mais do que eu, sofreu Cristo".

Por esse sistema eleita a primeira Assembléia Constituinte, com a finalidade de elaborar a Constituição, eleger o Governador do Estado e dois Senadores, não poderia representar outra coisa senão o fruto de um *pacote* esdrúxulo e repleto de mesquinharias e perseguições.

Para atingir o juiz de Direito de Sobral, incontestavelmente honrado em todas as suas decisões (numa longa judicatura de mais de quarenta anos e caso único na história, jamais tivera uma sentença reformada pelos Tribunais), enfim, desse acatado, justo, honesto e corajoso juiz da terra, os inimigos foram procurar a certidão de batismo nos arquivos da Diocese de Sobral, onde encontraram: José, filho de Ernesto Deocleciano de Albuquerque, nascido em 1870... (logo, o juiz estava perto de completar 65 anos). Em seguida, seus opositores decidiram incluir um artigo na Constituição, no qual se lia: "Os membros do Poder Judiciário, ao atingir a idade de 65 anos, serão aposentados compulsoriamente". Aprovada essa emenda constitucional e já próximo o dia de sua promulgação, verificaram que a data do nascimento não coincidia com a do aniversário daquele a quem visavam atingir. Mandaram, então, às pressas, um emissário para confirmar junto ao arquivo da Diocese essa divergência de datas. No livro de registro de batismo encontraram: "José, filho de Ernesto Deocleciano, nascido em junho de 1870" e, mais adiante: "José, filho de Ernesto Deocleciano, nascido em 6 de agosto de 1871..." O fato explicava-se com a morte do primogênito José, também, com menos de um ano de idade e cujo nome os pais repetiram para homenagear o avô Coronel José Sabóia. Não contentes com o que acharam, foi encaminhada nova emenda por outro deputado, visando alterar a redação da primeira, só que desta vez articulando a aposentadoria para quando o magistrado atingisse 64 anos de idade. Quanta vileza...!

Atitudes indignas como essas e tantas outras semelhantes foram praticadas pelos integrantes da politicalha dominante, endossada pela Diocese, que perdia assustadoramente seu prestígio e respeito não só no Ceará, como em toda a Federação brasileira.

Ao ser promulgada a Constituição, o Presidente do Tribunal Eleitoral, no mesmo dia, passou o seguinte telegrama ao Dr. Sabóia:

Dr. José Sabóia de Albuquerque — Sobral

"Tendo o *Diário Oficial* de ontem publicado ato do Governo aposentando-vos compulsoriamente, em virtude de dispositivo da Constituição Estadual adredemente concebido para afastar, da Magistratura cearense, juízes dignos, honrados e criteriosos como V. Sª, venho, na qualidade de Presidente do Tribunal Regional, agradecer-vos os grandiosos e relevantes serviços prestados à Justiça Eleitoral, lamentando encontre-se ela, agora, privada da eficiente colaboração de magistrados que aliam a um grande saber jurídico sua integridade e firmeza de caráter. Atenciosas saudações."

Leite Albuquerque — Presidente do Tribunal Eleitoral.

Demonstração idêntica e unânime foi a tomada pela Corte de Apelação do Estado do Ceará, cujo Presidente, Desembargador Abner Vasconcelos, transmitiu ao Dr. José Sabóia o texto de sua Sessão. O Desembargador-Presidente, usando da palavra, pela ordem, declarou: "Verifica-se, no *Diário Oficial* de ontem, que o Chefe do Poder Executivo, *ex vi* dos arts. 34, nº 9, e 35, § 1º, da nova Constituição do Estado, acaba de aposentar compulsoriamente o juiz de Direito de Sobral, Dr. José Sabóia de Albuquerque. Tratando-se de um dos mais dignos juízes do Estado e que por mais de quarenta anos honrou a Magistratura, servindo-a com a sua lúcida inteligência, cultura e incansável atividade, é justo que a Corte de Apelação, neste momento, lhe renda a sua homenagem, proclamando os bons serviços prestados à Justiça, bem como nossa estima e admiração pessoal alicerçada através de todo esse largo espaço de tempo. Por isto, proponho aos nobres colegas seja consignada em ata da Sessão de hoje nossa reverência e enviado telegrama ao Dr. José Sabóia, transmitindo-lhe a moção de louvor e agradecimento da Corte pelos reais serviços prestados à Justiça. A sugestão foi aprovada por unanimidade. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão, do que para constar lavrei a presente ata. (aa) Vicente de Arruda Gondim, Secretário, Abner Vasconcelos — Secretário..., em 30 de setembro de 1935".

Dom José Tupinambá da Frota, embora apoiador incondicional da LEC, não esperava tamanha torpeza dos políticos no poder. Então, acompanhado de seu secretário, Padre Sabino Loyola, dirigiu-se à residência do Dr. José Sabóia para demonstrar seu desagrado e pesar de autoridade eclesiástica pelo inqualificável ato do Governo. A todas as manifestações o Dr. José Sabóia agradecia comovido e, com tão nobre gesto do Bispo-Conde Dom José, ficou convencido de que a Liga perdera o respeito e a força, inclusive para opor-se aos desmandos dos politiqueiros, que enodoavam a história cearense. Mesmo certo de que essa Constituição não teria longa vida, não pôde evitar a mácula indelével daquele ato, que mostrou aos historiadores o que fora a fase política dos que exploraram o poder até o final da ditadura de 1945. Além das várias demonstrações (tanto da elite, quanto do povo cearense), oferecendo solidariedade ao Dr. José Sabóia, recebeu também centenas de cartas e telegramas de repúdio ao mesquinho ato.

As perseguições contra funcionários públicos e a repressão policial contra os adversários da LEC prolongaram-se até a estrondosa vitória eleitoral, em 1945, do partido contrário, a UDN, mais estrondosa, talvez, em decorrência dos desatinos cometidos pelo comando da LEC. A Zona Norte do Estado (justamente aquela em que a perseguição policial ocorreu com maior ênfase) elegeu a maioria dos Deputados Federais, Estaduais e Senadores da UDN, partido opositor à LEC e que se transformaria no Partido Social Democrático (PSD), não mais com a interpretação de Partido sem Deus.

Coincidência memorável, era candidato ao Senado da República o ex-governador e ex-interventor da ditadura, Menezes Pimentel — o mesmo que promulgou a famigerada Constituição.

Para seu oponente, o Dr. José Sabóia, que não aceitara cargo algum, apresentou o genro Plínio Pompeu, Deputado Federal até 1937 — data em que o Congresso foi dissolvido pela ditadura. O candidato católico perdeu a eleição com margem de mais de 60%, mas se fosse o Dr. José Sabóia a diferença seria dobrada.

Dr. José Sabóia jamais se ausentou de Sobral por longo período. Mais de uma vez convidado para ser membro do Tribunal de Justiça, respondia sentir-se muito bem trabalhando em Sobral, apesar de a Justiça, nessa cidade, abranger os Municípios de Massapé, Meruoca e Santa Quitéria e contar com apenas um juiz para exame de todos os processos, que trazia sempre em dia.

Certa ocasião, o Governador e Desembargador Moreira da Rocha perguntou-lhe: *"Quando você resolverá vir para o Tribunal de Justiça?"* A resposta foi: *"Quando você transferir esse órgão do Judiciário para Sobral"*. Parece que tinha opinião idêntica à de César, que preferia ser o primeiro numa aldeia a ser o segundo num império.

É verdade que esteve algum tempo como Secretário de Justiça no Governo de um primo seu, João Thomé de Saboya. Organizou a Secretaria, catalogou e imprimiu as datas-sesmarias do Estado, que era uma balbúrdia, e, menos de dois anos depois, voltou para Sobral.

Desde o tempo do Império que a família Sabóia tem um representante na Câmara ou no Senado. Quando não era alguém da família, era um político por esta indicado. Nunca pretendeu galgar cargos públicos, pois jamais teve tendências à manutenção de oligarquias.

Na qualidade de Juiz, o Dr. José Sabóia cultivava convicções políticas sem, no entanto, trabalhar por um partido específico em detrimento de outro. Sua independência não permitia que concordasse com maus governos. Não se tratava, portanto, de um ambicioso, acomodado e sem coragem moral para o qual é fácil viver, gozar a vida e enriquecer.

Um verdadeiro homem e pessoa corajoso, patriota, independente, constitui um obstáculo para governos corruptos e, por isso, deve ser afastado.

O Dr. José Sabóia era o único e verdadeiro líder carismático, sem ostentação, na singeleza dos gestos e querendo, sempre, desarmar com pilhéria aqueles que se sentiam vexados com sua presença, em momentos de brincadeira. Era respeitado e admirado até por seus adversários políticos (muitos, por favores recebidos), tornando-os seus amigos, ainda quando não filiados a seu partido.

Enquanto Juiz, o chefe político era seu irmão Vicente Sabóia, que costumava indicar, para cargos eletivos, políticos de valor, amigos ou parentes, a fim de manter aberto o contacto com a administração pública. Por outro lado, fazia a questão não passar de mero intermediário, pois não queria imiscuir-se por inteiro na política.

Aproximando-se o início do desenvolvimento do País, da vitória das democracias contra o nazismo e sob a pressão do Exército brasileiro que naquela época demonstrava patriotismo e civismo, o governo da ditadura viu-se obrigado a convocar eleições gerais para a elaboração de uma Constituição Democrática. As Forças Armadas brasileiras, que haviam derramado seu sangue para implantação da democracia contra as nefastas ditaduras, não poderiam consentir, sem quebra de dignidade, que a de seu País não fosse varrida.

Que Deus as ilumine outra vez, para merecerem a estima do povo brasileiro e o respeito dos países democráticos num mundo de liberdades.

Nenhum verdadeiro patriota poderia ficar indiferente à convocação para a restauração da democracia.

Coube ao Dr. José Sabóia convocar o povo cearense para essa grande cruzada. Foi uma clarinada, ouvida desde a praia até o mais longínquo sertão. Quanto aos cargos eletivos, escolheu para serem eleitos pela Zona Norte: um senador, sete deputados federais, dez deputados estaduais, dando liberdade aos eleitores de votarem em qualquer nome que constasse da chapa da UDN, se assim o preferissem. Todos os candidatos por ele apontados foram eleitos com grande maioria.

A eleição para o Governo do Estado não foi feita nessa ocasião e sim alguns meses depois, quando foi adotado o nome do Desembargador Faustino de Albuquerque pelos Drs. José Sabóia e Fernandes Távora, bem como pelo Sr. Olavo Oliveira.

Pouco mais tarde foi nomeado Interventor Federal o Coronel Machado Lopes, que resolveu substituí-lo pelo nome de Capitão Landry Sales, alegando que assim estaria promovendo uma conciliação na política cearense. Consultando o Dr. Fernandes Távora, este ficou de acordo, uma vez que o pai de Landry era da UDN. Convocado o Dr. José Sabóia, o Coronel Machado Lopes comunicou-lhe que resolvera substituir o nome de Faustino pelo de Landry Sales. *Estou ciente.* Respondeu-lhe o Dr. Sabóia. *Logo está de acordo?* "Não. Estou apenas ciente. Ficarei de acordo se o próprio Desembargador concordar com a retirada de seu nome. Só então adotarei o do Capitão Landry. Mesmo porque seu pai é um de meus melhores correligionários". *"Se é assim, aconselho o Desembargador a retirar sua candidatura". "Eu não farei isso. Só ele poderá retirá-la". "Se o Senhor não aceitar o Capitão Landry, vai ficar só, porque eu, o Dr. Távora e o PDS faremos o Capitão Landry Governador e, nesse caso, demitirei todos os seus prefeitos". "Estou acostumado a ficar na oposição, além disso, tenho aqui uma lista de delegados de polícia e alguns funcionários, para que V. Exª demita".* Após um longo silêncio, o Dr. Sabóia disse: *"Penso estar finda a nossa audiência. Com licença".* E retirou-se.

A candidatura do desembargador foi mantida e venceu por grande maioria e, como se esperava, o interventor foi substituído.

Pouco tempo depois de sua posse, o desembargador, molestado pela atitude do Dr. Távora, quis romper com ele, demitindo seu irmão da Chefia de Polícia, com o que não concordou o Dr. Sabóia, dizendo que ficaria solidário com o Dr. Távora. Dessa forma o Partido ficou unido em torno do desembargador.

No Rio o Coronel Machado Lopes declarou a um amigo: *"Que homem duro esse Dr. Sabóia!* O comentário mais correto talvez fosse: *"Que homem de caráter o Dr. Sabóia!"*

A liderança do Dr. Sabóia, incontestavelmente se consolidava em todo o Ceará. Os politiqueiros da LEC quiseram esmagá-lo e, no entanto, ele crescia cada vez mais.

Descontente com tão grande prestígio que o sombreava, Dom José Tupinambá, aproveitando o pretexto de uma publicação nos jornais, mandou Monsenhor Olavo Passos, Vigário-Geral, demitir o Dr. Sabóia da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Infeliz ato, cujas conseqüências, profundamente desagradáveis, jamais foram suspeitadas por Dom José.

Os mais destacados membros dessa Sociedade dirigiram a Monsenhor Olavo Passos o seguinte ofício:

> "Os que abaixo subscrevemos, todos membros efetivos dessa corporação religiosa, tivemos conhecimento de recente ato publicado, o qual excluiu, por questão de ordem política e debatida na Imprensa, o digníssimo Dr. José Sabóia de Albuquerque, com quem estamos solidários, nesta mesma associação.
>
> Protestando contra semelhante ato injusto e violento, que envolve e desvirtua os objetivos da Irmandade do Santíssimo Sacramento, do elevado plano espiritual em que se deve manter, estamos comunicando à Mesa Regedora, para os devidos fins, que, desde já, irrevogavelmente nos consideramos também excluídos da agremiação em apreço."
>
> Sobral, 28 de fevereiro de 1947.
>
> (Seguem trinta e uma assinaturas dos mais destacados integrantes da Associação.)

Monsenhor Olavo Passos procurou adesões dentre os membros da Irmandade que lhe fossem solidários. Dos quatrocentos, apenas quarenta assinaram um termo de solidariedade e 133 pessoas das mais destacadas na sociedade sobralense, muitos, inclusive, membros da Irmandade que não se haviam posicionado por vários motivos, redigiram ofício de veemente protesto, em solidariedade ao Dr. Sabóia.

De Fortaleza, Mons. Olavo recebeu um contundente telegrama de protesto, com 219 palavras, de toda a bancada federal, estadual, além da assinatura de trinta e três eminentes personalidades.

De vários municípios do Estado, como Ipu, Reriutaba, Santa Quitéria, etc., católicos da mais alta sociedade enviaram a Mons. Olavo idênticos telegramas de protesto, os quais abafaram completamente as quarenta e oito assinaturas conseguidas por Dom José. Parecia que o Bispo era o Dr. José Sabóia e não Dom José.

Esta, a história da Liga Eleitoral Católica que, por fraqueza e falta de tirocínio, foi absorvida pelos fariseus políticos, cujo resultado foi um enfraquecimento da obediência e respeito que o povo brasileiro sempre teve por seus prelados, principalmente os da alta hierarquia, como bispo, cardeais e, na cúpula suprema, o Papa.

Felizmente, a direção católica, atualmente, segue uma orientação bastante elevada, em defesa da justiça, da pobreza, elogiando ou condenando a administração pública, mas sem apoiar qualquer partido político.

Sobral, 15 de janeiro de 1982.

José Maria Mont'Alverne

Prudenciana Sabóia Mont'Alverne (Nazinha)

Escolhido por Deus, na pouca idade de dezesseis anos, para substituir o pai, desaparecido em doloroso acidente, José Maria assumiu a responsabilidade dos treze irmãos e de sua desolada mãe. Graças ao seu temperamento ativo, inteligente e equilibrado, foi um verdadeiro exemplo e condutor dos irmãos, todos diplomados e bem sucedidos na vida.

Com nosso casamento, em 1936, passamos a residir em uma casa vizinha a de meus pais, tornando-se José Maria amigo incondicional de todas as horas, naquele ambiente de muita compreensão e confiança, em que meu pai o destacava. Assim, foi assumindo posição de liderança já desfrutada junto aos que lhe estavam próximos e que, com o correr dos anos, lhe serviriam de apoio seguro nas campanhas políticas.

Por muitas vezes alvo de ataques maldosos dos adversários derrotados, José Maria jamais recuou, ao contrário, tomou sempre a dianteira em qualquer empreendimento, com renovado vigor. Na política foi suplente de senador, não sendo possível tomar posse por motivos estranhos das leis de então.

Com o falecimento de um gerente da Fábrica de Tecidos foi convidado por meu pai a assumir o cargo. Bem dotado de idéias progressistas, teve a iniciativa de sair, País afora, à procura de compradores para o grande estoque de tecidos, acumulados durante guerra. Começou pelo Acre, onde visitou tribos indígenas, trazendo inúmeras lembranças dos chefes dessas tribos. Em sua viagem atravessou o Brasil, indo parar na Argentina e, em Buenos Aires concretizou vendas altamente compensadoras. Graças à sua visão e perspicácia deu margem ao ineditismo da abertura desse mercado estrangeiro para a compra de tecidos de algodão, no caso, da Fábrica Sobral.

Ao ser eleito Presidente do Palace Clube, em 1953, reformou o prédio, inaugurou um palco que serviria a diversas promoções, fruto de seu espírito alegre e inventivo. Lá foi realizado o primeiro Baile de Debutantes da cidade, festa que

marcou por sua beleza e refinamento. Seu *hobby* preferido era a criação de cães dinamarqueses, como se pode ver de fotos com seu premiado "Emir da Renânia". Além de tudo isso, José Maria foi sócio fundador do Lions Club, para cuja presidência foi escolhido, no final de seus dias, não podendo tomar posse no cargo devido a seu estado de saúde, bastante abalado.

Voltando, porém, a seu empenho na Fábrica Sobral, com o passar dos anos, os velhos teares manuais tiveram que ser substituídos por equipamentos mais modernos, movido a energia elétrica. Essa eletricidade era fornecida pela mesma usina que propiciava iluminação à cidade, a despeito de sua pequena potência — a Usina Oriano Mendes.

A esse respeito, aliás, foi notável a eficiência de José Maria no desenrolar do projeto de instalação dessa usina e quando de sua execução. Pessoalmente, encarregou-se de ir receber as turbinas e complementos que haviam chegado, por mar, a Fortaleza, providenciando o transporte até Sobral em carretas. Num percurso de vários dias, acompanhou de perto o trabalho, junto ao engenheiro de obras. Com essa etapa vencida, deu início à fase de montagem. Preocupado com uma campanha de esclarecimento do povo da cidade, sobre a substituição da antiga pela nova iluminação, enfrentou e superou enormes entraves e dificuldades daqueles cuja miopia não deixava perceber a necessidade de tal melhoria.

José Maria, outrossim, primou pelo sucesso, fosse no cargo de gerente, como diretor comercial ou na presidência nefasta que, em pouco tempo de muito trabalho e responsabilidade, extinguiu sua saúde precária (segundo os laudos médicos, em conseqüência da constante absorção de pó de algodão).

Trabalhou até o fim de sua vida tão curta quão preciosa para a família de que era um chefe exemplar, deixando, ao partir, desolação e saudade em nosso lar.

Sobral, 1982.

Nota:

A 6 de janeiro de 1948 ocorreu a sessão solene de instalação da Câmara Municipal de Sobral (fechada durante a ditadura e reaberta somente após as eleições de 1947), tomando posse os seguintes vereadores:

Dr. José Maria Mont'Alverne — Bacharel
Dr. Tancredo Halley de Alcântara — Bacharel
Cel. Alarico Mont'Alverne — Pres. da Câmara
Randal Pompeu de Sabóia Magalhães
João Germano da Ponte Neto
Prof. Gerardo Rodrigues de Albuquerque
Renato Frota Parente
Ildefonso de Holanda Cavalcante
José Peregrino Frota (Pery)
Eduardo de Almeida Sanford
José Donato de Araújo

John Sanford

Francisco Ferreira Costa

O norte-americano John Sanford morava no lado oeste da cidade, nas proximidades do hoje bairro Fortaleza e morreu com mais de 97 anos de idade, falando muito mal o português. Aliás, nunca se deu bem com o gênero gramatical. Chamava a mulher de Minervo e um dos filhos, homem, de Paula. Tipo alegre e gozador, deixou numerosa descendência. Foi pai de Eduardo Sanford, avô do Deputado Federal Haroldo Sanford e do empresário Helvécio Sanford.

Certa vez, acometido de febre alta, foi trazido às pressas da Serra da Meruoca (onde cultivava café e, inclusive, montara uma fábrica de açúcar). Olavo Rangel, médico e genro de Paulo Sanford, não querendo assistir ao avô, recorreu a Thomaz Aragão, colega bastante conceituado em toda Sobral. Thomaz ficou admiradíssimo da excelente compleição física de Sanford, apesar dos oitenta anos e lá vai pedra. Perguntou-lhe qual o seu mal e por que razão, apesar da febre, aparentava tanto vigor. Rápido, Sanford, respondeu-lhe:

"Mim morar longe de médicas..."

Feito o exame, como a sintomatologia apresentada não justificasse a persistência da febre, Thomaz sugeriu uma coleta de sangue, que Sanford refugou de pronto:

"Oh, non! Faz noventa anos que mim usar esse sangue e mim não querer mudar."

Quando Paulo Sanford deixou Sobral para assumir sua cadeira na Assembléia, em Fortaleza, o pai estava a postos, para ver a partida do ônibus. Finalmente, não resistiu a mais uma piada:

"Que Deus guarda o chauffeur."

Ao completar cinqüenta anos de casado, filhas e netas procuraram convencê-lo a comparecer à cerimônia de bênção na Igreja Católica. Em determinado momento, deu a impressão de que iria fraquejar: *"Quem ser a noivo?"* A resposta naturalmente foi: *"É a vovó"*. Sanford respondeu: *"Este Minervo, não. Com este, já casei uma vez"*.

Fortaleza, 1982.

De "O Centenario" de Crave ro Filho, album historico e comemorativo do 1º centenario da Cidade de Sobral, da biblioteca do salvoado Marcos Monte

Comercio Exportador de Sobral

Sobral sempre possuiu possibilidade de criar com seus recursos financeiros, uma organisação comercial constituida em regimen coletivo ou individual, capáz de controlar, dentro da esféra de sua expansão, uma firma exportadora á altura de reter, em suas mãos, toda a exportação do municipio e da zona que contrôla.

Em éras que já vão longe o problema seria encarado não só sob o ponto de vista de capital, mas sob aspéctos outros que envolveriam o problema de transporte, de tempo e de bons aquizitores dos produtes de exportação para a outra banda do Atlantico ou restritamente nas grandes capitais compradoras do Brasil

A ausencia de união de vista entre os poucos capitalistas que poderiam contornar todas as dificuldades do empreendimento anulara de vez, a oportunidade de uma experiencia feliz. .

A nossa exportação ficou, afinal até bem pouco tempo e salvo rara excepção, na mão de meia duzia de exploradores do ramo que não dispondo de capital nem envergadura para tanta iniciativa, derraparam para o terreno pouco compensador e muito áquem da altitude buscada, de serem apenas freguezes ou intermediarios das casas exportadoras de Fortalêza.

De certo tempo a esta parte, porém, a exportação de Sobral está sendo controlada sob uma expectativa mais eficiente e mais direta •á finalidade futura. O caminhão recortando o hinterland em todas as direções, anulou o problema secular — a questão do transporte. O avião - as azas simbolicas do comercio — vencendo vertiginosamente as distancias, atraiu para as visinhanças da cidade as grandes firmas importador s mundiais, abrindo assim, paisagem para aquelles que tinham condições de vencer.

Entre os que possuiam estas condições, de logo destacou-se a figura sugestiva de João Nogueira Adeodato Ela projetou-se da estreita esfera onde girava para atingir novos ambientes de largas possibilidades, Dai a razão de ser preciso destacar esta firma de maneira quanto merêça, porque realmente entre nós e na zona, ela é a helice propulsora do dinamismo dêsse organismo comercial que, entre nós, chamamos exportação

Muito cêdo João Nogueira Adeodato compreendeu o que precisava fazer O prestigio de uma firma comercial não se faz de um dia para outro. O tempo, o capital e a inteligencia foram os coeficientes em que amparou a sua vitoriosa campanha Lutou e venceu

Alargou as vistas e realizou negocios. Subiu no ramo de exportação pela mêsma escada que muitos decerat. Firmou conceito comercial na rêde bancaria do Estado. Cercou-se de auxiliares inteligentes, honestos e dedicados criando assim nêstes o desdobiamento de sua individualidade comercial a coopéração eficiente inteirada, amiga de todos que ao seu lado trabalham no mesmo empreendimento

O exemplo dado no comercio exportador de Sobral por João Nogueira Adeodato está consolidado no espirito comercial dos que lhe seguiram as pegadas, o prestigio que só corguem os vencedores, o merito que só possuem os capazes pela inteligencia, pelo trabalho e pela honestidade.

CEL. JOÃO NOGUEIRA ADEODATO

A IMA das ruinas morais de uma era materialista que agoniza, assistida pelos coveiros da Maçonaria, e acima das heresias de uma civilização que surge com pecados bem graves, o Congresso Eucaristico de Sobral foi um convite aos homens de boa vontade para o rumo certo apontado por aquele que disse: "Eu sou a verdade, o caminho e a vida".

ANNO XXIV — CEARA—SOBRAL—SEXTA-FEIRA, 4 DE JULHO DE 1941 — N. 12

CORREIO SEMANAL

Orgam dos interesses religiosos da Diocese de Sobral — Director—Luiz Jacome Filho — Redactores—Diversos

O 1º. Congresso Eucaristico Diocesano de Sobral resultou numa exuberante demonstração de fé catolica do nosso povo

Aproximadamente vinte mil pessoas tomaram parte no imponente certamen religioso--A familia catolica de Sobral se encheu de jubilo com a presença do Exmo. Sr. Nuncio Apostolico -- O Jubileu Episcopal de D. José -- A elevação do nosso grande Bispo á dignidade de Arcebispo Romano--As solenidades.

A familia catolica de Sobral ainda não se refez das suaves emoções que a sacudiram durante os dias gloriosos em que se reuniu o Congresso Eucaristico Diocesano, realizado em homenagem ao Jubileu Episcopal de S. Excia. Revma. o Snr. D. José Tupinambá da Frota, e certamente levará muito tempo para tomar o seu ritmo normal de vida, porque, em verdade, não se pode esquecer tão depressa, tão facilmente, o que foi aquele grande acontecimento religioso, que ficará assinalado, em letras indestrutiveis, na historia desta cidade e de todo o sertão.

A data memoravel, inesperada durante quase um ano de preparativos, despertou em todos os espiritos um grande interesse, uma ansia de participação, que foi crescendo, crescendo, até vibrar, como nunca, em todos os corações, na hora em que se iniciaram as solenidades. Não era para menos, porque, de uma vez só, a cidade ia receber a visita de um Arcebispo, de um Nuncio Apostolico, de um Bispo, de um Abade, de um Prelado Domestico, de um Monsenhor, de um Conego, de um Vigario Geral, de um Vigario Forane, de um Vigario Cooperador, de um Cerimoniario, de um Mestre de Cerimonias, de um Secretario, de um Diacono, de um Sub-Diacono, de um Thesoureiro, de um Capelão, de um Missionario, de um Pregador, de um Confessor, de um Reitor, de um Vice-Reitor, de um Prefeito, de um Professor, de um Seminarista, de um Coadjutor, de um Sacristão, de um Porteiro, de um Mestre de Capela, de um Organista, de um Cantor, de um Thurifario, de um Ceroferario, de um Acolito, de um Turiferario, de um Cruciferario, de um Naveteiro, de um Ostiario, de um Subdiacono Assistente ao Solio Pontificio, de um Diacono Assistente ao Solio Pontificio, de um Presbitero Assistente ao Solio Pontificio, de um Bispo Assistente ao Solio Pontificio, de um Arcebispo Assistente ao Solio Pontificio, de um Arcebispo Romano

Correio da Semana

ORGÃO DOS INTERESSES RELIGIOSOS DA DIOCESE DE SOBRAL

ANO XXVIII | Sobral, 30 de Março de 1946 | N. 53

Semana em Revista

NO BRASIL

Morte do Estado do Rio terrível seca, estando em consequencia perdida a safra do milho e 20% do arroz. Até os rebanhos sofrão os seus reflexos.

—Vão ser construidos três arranha-ceus com 33 andares e 100 metros de altura na Capital de S. Paulo no vale do Anhangabaú, onde se realizou o Congresso Eucaristico.

—A frebre afitosa está atacando o gado bovino da ilha do Marajó.

—O ministro da Aeronautica desmentiu a noticia de origem russa segundo a qual o Brasil pretendia vender aos americanos as bases aereas Mas uma mentira dos sovietes, mas como faz parte do programa..

NO CEARA

Abre-se, hoje, em Fortaleza o 4º. Congresso Estudantil Cearense, promovido pela União Estadual dos Estudantes. Participarão do certame representações de varias cidades do Estado, entre os quais figuram Crato, Sobral, Limoeiro do Norte e Joazeiro.

Corre o rumor de que o dr. Pedro Firmeza será afastado da Interventoria Cearense, ficando logo no Rio deste vez.

—Será reaberta a 3ª feira de Amostra do Ceará afim de auxiliar os ex-combatentes da FEB Até agora ninguem se interessou pelos soldados da borracha, sacrificados em numero incomparavelmente maior pela dignidade do Brasil.

—Depois de 11 anos de serviço o funcionario Sr. Francisco Ferreira de Souza Lima foi aposentado com 40 cruzeiros mensais.

—O Interventor Pedro Firmeza entregou ao Conselho Administrativo um projeto de decreto-lei criando a capelania militar na Força Policial do Estado.

—Por um avião da Cruzeiro do Sul regressou esta semana do Rio, onde se achava há varias semanas, o Pe. José Bruno. Segundo noticia o «Unitario» vem trabalhar pela sua eleição no pleito Suplementar de 14 de Abril.

Reunidos em [illegible] convite do Secretario da Educação e Saude. Procedeu-se á a vacinação contra variola e tifo, conforme ficou estabelecido na reunião.

—O Dr. Cesar Cals, Prefeito de Fortaleza não cedeu deante da projetada greve dos proprietarios de padaria. O pão será mesmo vendido ali a cr$ 3,60, enquanto em Sobral vendem pelo preço que entendem.

IMPERIAL

não é o melhor Vinho do Mundo

MAS E' O

MELHOR VINHO DO BRASIL

Inaugurou-se a sède da Ação Catolica

Nomeação da Junta e Programa de 1946

Com a hôdrosa presença do Exmo. Sr. Bispo, de varios sacerdotes, muitos elementos de lai cato catolico sobralense inaugurou se no dia 17 deste a séde da Ação Catolica.

Continuou á Capela M. Deus cada ramo fundamental da Ação Catolica tem agora a sua modesta sala para o serviço de escritorio. Velo essa realização preencher uma sensivel necessidade para a eficiencia dos trabalhos. Professor Antonio Porto fez ligeira alocução e o Exmo. Sr. não faltou com a sua palavra de estimulo.

(Cont. na 6ª pag.)

Telegrama do Deputado Francisco Monte ao Diretor do "Correio"

Padre Sabino Loiola—Sobral

Lendo Correio Ceará dia 18 transcrição trecho comentario Correio Semana sobre nomeação Dr João Melo vg cumpre-me declarar vossa reverendissima não posse concordar tenha autoridade para querer inferferir assunto politica pessedista vg tendo sido ardoroso propagandista Brigadeiro atacando General Dutra tambem posso adiantar que como chefe politico só posso desejar desenvolvimento progresso Sobral vg extranhando e lamentando esteja jornal Diocese abertamente faccioso em questão puramente politica vg sem compreender fatos desviando finalidade superior espiritual impresa catolica. FRANCISCO MONTE

nos primórdios da revolução vermelha, descritas ao vivo por Joseph Duillet, em sua obra «*Moscovo sem mascaras*», testemunha que foi daquele tétrico periodo da historia russa.

Contra o Exército Na-

rio do Bispado, foi baixado por Portaria de 1º. de Fevereiro p. passado, para ocupar o mesmo cargo o Rev. Padre José Palhano de Sabóia, a quem cumprimentamos pela honrosa nomenação.

DE QUEM E' SOBRAL?

O telegrama que o Cel. Francisco Monte transmitiu ao Diretor desta folha não podia ficar sem a merecida resposta e esta lhe demos ontem pelo telegrafo.

Vão aqui duas palavras explicando a demora em responder aquele deputado que se ofendeu com a nota do Correio da Semana de 16 de Março sobre a, nomeação do Dr. João Melo.

[illegible] pena [illegible] não quando nos [illegible]

O contexto [illegible] cidade em cores [illegible] possem 2 1/2 inverdades: 1a. quando [illegible] diretor atacou o General Dutra; 2a. qualificando o facioso o jornal e 3a (a mais) quando chamou o nosso diretor de ardoroso propagandista do Brigadeiro.

Outrora quando os Ouvidores e Corregadores inauguram as suas audiencias gerais, começavam por perguntar aos presentes: De quem é esta vila? A resposta ritual era: D'El Rei Nosso Senhor.

Hoje passado o periodo ditatorial se um diretor de jornal em Sobral quer escrever sobre os acontecimentos que se referem á vida da cidade, ao seu progresso, (só um palpitesinho!) terá que fazer ideatica perguntas: de quem é esta cidade E não duvidamos que brotasse de alguns labios esta resposta: é do seu Chico Monte!

Ao menos é o que se supõe ou se depreende do seu telegrama de 18 do corrente e hoje publicado neste semanario.

Isso de ser chefe politico não nos interessa. Ademais não lhe devemos um só favor de ordem politica.

Adeus, Seu Chico, passe bem e volte ao Ceará com firmeza depois de ter perdido a terceira cartada.

Resposta do Diretor do "Correio"

Cel. Francisco Monte—Natal Hotel—Rio

Orgão Independente Correio Semana dispensa seu beneplacito como qualquer politico apreciação fatos relacionados progresso comuna cellula grandeza nacional pt Jornal catolico não abdica sentimentos brasilidade pt Quem ditou termos telegrama desconhece linha conduta semanario Diocese esquecendo facioso seria se frequencia tratasse assuntos politicos apresentados favoravelmente mesmo partido pt Sua afirmação ataquei General Dutra constitue inverdade pt Quem trabalhou trapesio partido sindicalista mostrou-se sempre indiferente causa catolica fechou olhos necessidades conterraneos não se interessou instituições locais qualquer genero, não fez unico melhoramento, limitou-se pedir empregos correligionarios, entravou ação repressiva policia favor desordeiros não possue absolutamente forca moral dizer deseja progresso Sobral, nem zelo cristão censurar orientação definida jornal aplaudirá autoridades combatem chagas morais promovem bem coletivo pt Poderia citar fatos provam Vossenhoria impediu desenvolvimento municipio.—PE SABINO LOYOLA Diretor Correio

O anti-clericalismo do Dr. José Sabóia ao lado dos inimigos da Igreja

A Circular nº 64 do Exmo. Sr. Arcebispo de Fortaleza que causou tanta celeuma nos arraiais liberais, está fazendo grande, imenso bem no Ceará dividiu os campos. Ficamos—os catolicos—sabendo quem está com a Igreja ou contra ela Louvado seja Deus

Com uma logica sesquipedal o pastor Natanael Cortez, protestante da seta (ou se quiserem da denominação) presbiteriana publicou duas notas, que não honrariam um professor primario. O grande mestre da maçonaria, Sr. Tarcisio de Melo veiu também á lus Os comunistas distribuiram boletins em profusão convidando os maçons os protestantes e os espiritas a organizarem uma frente contra a intolerancia da Igreja! E usando uma gimastica prodigiosa chegaram a colocar o Sr Arcebispo de Fortaleza contra a Constituição!

Em Sobral o Dr José Sabóia achou de fazer côro com os inimigos da Igreja Por ocasião do banquete oferecido ao Desembargador Faustino Paes de Andrade politico da zona norte do Estado, que [illegible] a linha de elegancia e cordialidade dominante em todas as esplendidas manifestações ao illustre Magistrado, fez intempestivo discurso em que atacou, faltando apenas declinar-lhes o nome, a Circular do Sr D Antonio Lustosa e a Ação Catolica.

Para se dessa maneira, com o espirito leiga e anti-clerical que o caracteriza, ao lado dos inimigos da Igreja, revelando-se docil ao sentido mando dos comunistas, feito por boletim. A cousa [illegible] não deveriamos [illegible] Democratas publicou, em primeira mão e com o destaque das manchetes, a passagem do discurso, [illegible] qualificando-o de [illegible]

Afirmando que [illegible] mente votaveis e não [illegible] adversarios nossos, [illegible] gio considera como [illegible] res do sufragio [illegible] suas cruzadas e ideas dos fieis, não [illegible] com ele [illegible] feitos. O dr José [illegible] foia mandaria ao um [illegible] operario com amplos poderes para representar sua pessôa?

Sociedade perfeita, a Igreja possue os seus departamentos e orgãos, legitimamente autorizados, pelos quais se movimenta e atua na defesa dos seus direitos inauferiveis. E os bispos postos pelo Espirito Santo para reger a Igreja de Deus, têm verdadeira jurisdição sobre os fieis, e podem, por isso mesmo, empregar os meios adequados para atingir a sua finalidade sobre a terra—salvar os homens. Não foi sem mais nem menos o que se fez, no Ceará, mandando a Ação Católica gio dos catolicos, sem direção de partidos e sem preferencias. Nada mais natural e coerente

O procedimento porém do dr. José Sabóia em relação ao voto dos operarios da fabrica está em flagrante oposição aos principios democraticos que prega. Nas eleições do dia 2 de Dezembro 1945 os «fabricantes» puseram se em fila [illegible] passagem do discurso, [illegible] qualificando-o de [illegible]

Afirmando que [illegible] mente votaveis e não [illegible] adversarios nossos, [illegible] gio considera como [illegible] res do sufragio [illegible] suas cruzadas e ideas dos fieis, não [illegible] com ele [illegible] feitos. O dr José [illegible] foia mandaria ao um [illegible] operario com amplos poderes para representar sua pessôa?

Sociedade perfeita, a Igreja possue os seus departamentos e orgãos, legitimamente autorizados, pelos quais se movimenta e atua na defesa dos seus direitos inauferiveis. E os bispos postos pelo Espirito Santo para reger a Igreja de Deus, têm verdadeira jurisdição sobre os fieis, e podem, por isso mesmo, empregar os meios adequados para atingir a sua finalidade sobre a terra—salvar os homens. Não foi sem mais nem menos o que se fez, no Ceará, mandando a Ação Católica gio dos catolicos, sem direção de partidos e sem preferencias. Nada mais natural e coerente

O procedimento porém do dr. José Sabóia em relação ao voto dos operarios da fabrica está em flagrante oposição aos principios democraticos que prega. Nas eleições do dia 2 de Dezembro 1945 os «fabricantes» puseram se em fila [illegible] passagem do discurso, [illegible] qualificando-o de [illegible]

Afirmando que [illegible] mente votaveis e não [illegible] adversarios nossos, [illegible] gio considera como [illegible] res do sufragio [illegible] suas cruzadas e ideas dos fieis, não [illegible] com ele [illegible] feitos. O dr José [illegible] foia mandaria ao um [illegible] operario com amplos poderes para representar sua pessôa?

Sociedade perfeita, a Igreja possue os seus departamentos e orgãos, legitimamente autorizados, pelos quais se movimenta e atua na defesa dos seus direitos inauferiveis. E os bispos postos pelo Espirito Santo para reger a Igreja de Deus, têm verdadeira jurisdição sobre os fieis, e podem, por isso mesmo, empregar os meios adequados para atingir a sua finalidade sobre a terra—salvar os homens. Não foi sem mais nem menos o que se fez, no Ceará, mandando a Ação Católica gio dos catolicos, sem direção de partidos e sem preferencias. Nada mais natural e coerente

O procedimento porém do dr. José Sabóia em relação ao voto dos operarios da fabrica está em flagrante oposição aos principios democraticos que prega. Nas eleições do dia 2 de Dezembro 1945 os «fabricantes» puseram se em fila [illegible]

ANO XXIX — N. 72

Correio da Semana

Sobral, 4 de Janeiro de 1947

ORGÃO DOS INTERESSES RELIGIOSOS DA DIOCESE DE SOBRAL

Manifestação do povo católico ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano

Pelo proximo domingo, 5 do corrente, pelas 17 horas, o povo de Sobral, por iniciativa da Ação Católica Diocesana, associações Pias, Operariado e Famílias politicas por causa de sua atitude desassombrada ao lado do Exmo Sr. Arcebispo de Fortaleza, que nas circular n.º 64 traçou as diretrizes católicas para o pleito de 19

Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão, e não vês a trave no teu?

(Palavras de Christo em S. Matheus VII,3)

Foi amplamente divulgado na imprensa de Fortaleza o brinde do Sr. Dr. José Sabóya, por ocasião do banquete oferecido nesta cidade pelos membros da União Democratica Nacional ao Sr. Desembargador Faustino de Albuquerque, candidato á corrida presidencial do Estado. Causou estupefação geral este brinde, muito mais do que o celebre toast do Conde Lavigérie.

Nele poderia S. S. ter omitido as infelizes e inopportunas referencias á Acção Catholica, ferindo e ridiculizando as Autoridades Ecclesiasticas do Ceará, cuja moderação em materia de politica é mais do que notoria. A linguagem do Sr. Dr. José Sabóya faz lembrar a sentença de Christo a aquillo de que está cheio o coração falla a bocca. (Matt. XII,34)

Que contraste com a serenidade, polidez e senso politico do Desembargador, do Dr. Fernandes Tavora, do Dr. Leite Marahão, e outros, que souberam guardar todas as conveniencias! Mesmo porque hoje, mais do que nunca, os homens estão attentos ao conselho de Seneca (De Virtutibus Cardinalibus)—olhe-se para o que se diz, e não para quem diz.

O Sr. Dr. José Sabóya escandalizou-se porque o Sr. Arcebispo do Ceará entre os indignos do voto, não contou os integralistas contra os quaes repetiu S. S. em termos fortes as accusações dos seus inimigos. No caso, lembraríamos ao illustre ex-magistrado aquelle sabio preceito: Audiatur et alter pars. Ouça-se tambem a outra parte. Mas isso não nos interessa.

O Sr. Dom Antonio Lustosa é litterato e conhece as obras primas da litteratura mundial. Deve, portanto, conhecer o celebre romance de Cervantes, «Dom Quixote de la Mancha», onde se fala da coragem do pseudo heróe disposto-se a atacar moinhos. Si o Integralismo, como partido politico não existe, por que haviamos de esperar do Arcebispo a reprovação de um adversario inexistente?

«A questão eleitoral no Ceará, dogmatizou o Dr. José Sabóya, se deslocou do terreno da confiança politica, para o dominio das affinidade religiosa, chegando mesmo alguns prelados diretores da consciencia catolica a dirigir questionarios aos candidatos, prescrutando lhes o foro intimo e querendo tornal-os responsaveis pelo ajuda que os eleitores tavados de indignos lhes viessem espontaneamente offerecer».

Verdadeiro amontoado de bolhas de sabão, unidas entre si pela tenue espessura de uma lamina liquida, luriscos, bonitas, mas de fragilima consistencia e tão fragil que basta um sopro para desfazel-as.

Perdôe-nos S. S., mas não logramos ver a sua coherencia. Que é um deputado?—E' o homem que o eleitor depute, constitue, nomeia, elege para represental-o em dadas funcções. Que é o presidente, senão o homem que o eleitor escolhe com o seu voto para governal-o? O deputado, pois, a pessôa do eleitor. Como poderia, em bôa logica, constituil-o seu representante, si ele não lhe merece confiança até poderá trahir os seus mais sagrados interesses? Portanto, o eleitor votará em quem lhe merecer confiança: do contrario seria um irresponsavel e inconsciente.

Como votaria num candidato se não conhecesse as suas intenções? Como conhecer as suas intenções, se elle não lh'as expõz com lealdade e clareza?

O eleitorado catholico está dividido entre as varias correntes politicas, e a Egreja deve dar a todos uma vez que todos os partidos são honestos e a sua fé e os seus direitos. Mas, como muito acima dos interesses politicos, geralmente pessoaes, estão os interesses geraes e religiosos d'esse ou aquelle eleitorado, se a esta ou aquella ou aquellas correntes politicas der a Egreja a sua confiança, ella o fará não porque esteja ligada a esse ou aquelle partido, mas porque esse ou aquelle partido offerece mais garantias de bem servir a Egreja e a Patria.

Cabe, pois, ao eleitorado catholico em face de cada candidato, procurar abrir os olhos dos catholicos, prestigial-os, guial-os, dirigil-os, coordenal-os. Si os catholicos não quizerem agir, serão somente os culpados.

Chamar a esses guias, moralisados e desinteressados, de pretensos directores de consciencia, é proferir uma insensatez.

Em vista e por força do que acima dissemos, os catholicos só podem e devem votar, em a6 consciencia, n'aquelles cidadãos que lhes merecerem a confiança e se comprometterem seriamente a respeitar os postulados minimos da Acção Catholica Brasileira.

A divisão de candidatos em «votaveis» e não votaveis», é dessas que nascem não da Acção Catholica, e nem da sabia Circular do Arcebispo, mas como dizem os philosophos ex natura rei», isto é, nasce da propria ordem das coisas.

Si o cidadão por suas qualidades moraes, religiosas e civicas, merecer confiança, é votavel. Caso contrario, é invotavel.

Vê, pois, o Sr. Dr. José Sabóya, que ser votavel ou não votavel, se habet ex parte rei, non ex intentione agentis.

E, na verdade: o Sr. Dr. José Sabóya, que sabe organizar tão bem as suas hostes eleitoraes e dar-lhes a palavra de ordem, (que seja dito de passagem, muitas vezes têm sido baralhadas porque o voto é secreto e livre, e a consciencia é terra onde ninguem entra), permittiria aos seus correligionarios e aos seus operarios votarem nos candidatos do P. R. P., do P. S. D., e de outros quaisquer PPP porventura existentes?

Evidentemente, não! E é logico. Pois é o que fazem os catholicos, foi o que fizeram o Sr. Arcebispo e a Acção Catholica.

Já vêem os leitores que não são admissiveis as recriminações do Sr. Dr. José Sabóya: não são as justificamos e estamos certos de que nem o Desembargador Faustino de Albuquerque.

Descabidas finalmente, nos pareceram estas affirmações do ardoroso paladino integralista: descabidas e inverideas: «os coriféus do partido dominante recorrem ás potencias celestes para colocar o seu candidato sob a egide de seus representantes na terra. Descabidas, porque o orador falava aos seus correligionarios catholicos presentes, aos quais não havia de agradar o tom farcesco, inadaptado ao momento e ao meio, tom que não agradaria nem sequer ao insuspeito Paulo Mantegazza. Inverideas, porque todos sabem que não houve tal recurso ás potencias celestiaes, da parte do partido dominante, para collocar se sob sua egide. O que tem havido é o recurso até dos partidarios de S. Senhoria á influencia social e moral do Clero e dos catholicos que ordem e respeitam as potencias celestes, ás quaes todos hão de prestar contas dos seus actos. E o facundo orador não pode desconhecer o interesse actual de muitos candidatos em se manifestarem e declararem catholicos: razão a mais para tacharmos o brinde do Sr. Dr. José Sabóya de inopportuno, anti-politico, contra-producente e, sobretudo desconcertante.

Dicant Paduani.

D. JOSÉ TUPYNAMBÁ

deste mês

Esse documento, cujos conceitos foram adotados plenamente pelo nosso estimado Antistite, deu ensejo a apreciações descabidas que estão provocando agora esse movimento inusitado, e definindo, ao mesmo tempo, a posição [illegible] católico em face do próximo pleito.

Explicação necessaria

A proposito do telegrama estampado em "O Estado" do dia 29 de dezembro ultimo sobre Sitio Monte, não sabia a visita da Caravana Cívica aludido despacho da U.D.N. a esta cidade, e não autorisei a inclusão do meu nome como seu signatario, como desejo esclarecer que também não participei direta ou indiretamente da qualquer manifestação á mesma caravana.

Heitor Araujo Farias

"Os Comunistas sempre foram e são inimigos da Igreja. Nunca poderiamos aconselhar aos eleitores católicos que sufraguem um candidato amparado pelos comunistas", (Da circular n. 64, de Dom Antonio de Almeida Lustosa, Arcebispo de Fortaleza).

O meu anti-clericalismo

Compensando-se da inibição jornalistica em que se tem mantido nos ultimo mezes, o Sr. D José Tupynambá, bispo de Sobral, viu chegar, nas vesperas das eleições estaduais, a ocasião azada para manifestar a sua má vontade para com os que sustentavam a candidatura do Desembargador Faustino de Albuquerque, contra a dadeleza da candidatura Faustino, enquanto não chegava o momento de dirigir suas baterias contra o proprio Dezembargador, como depois succedeu. Não pretendia revidar aos conceitos de S Excia., pois já o considerava suficientemente punido com as decepções e que o levaram o fracasso do plano diabolico da chamada Ação Catholica do Ceará, com a vitoria previsia do Desembargador Faustino. Terme-ia compensado do mau humor de *bomba* de arraial, uma publicação de sua amesgado de revide, por qual quer se faça publicar «parta de onde partir», sem nenhuma conveniencia com o seu jornal contendo as expressões de que usei em sua saudação ao Dezembargador Faustino, que, acha S. Excia. que com

daquele preludo. Palavra de ordem dada por intermedio da diocese para que todos os padres condenassem do pulpito a candidatura Faustino, e essas ordens não foram cassadas tanto assim que á vespera do pleito e até em missas de sufragios de defuntos, se fizeram calorosas pregações a esse respeito. Não se trata de D. Antonio. No que disse, somente me referi á Ação Catolica, pois não foi D Antonio quem digiu aos candidatos o questionario e foi contra os autores desse que formulei os meus reparos, por julgar-lhes faltar autoridade para doutrinar em materia politica, no momento atual pois sendo ela composta de elementos partidarios filiados ao pimentelismo, faltava-lhes isenção moral para julgar os candidatos perfeitamente a outros credos politicos. Quanto ao meu anticlericalismo, não me interessa dar explicações pois não sou candidato a cargos de qualquer espécie, cuja investidura faça perder o sono dos meus detratores, como parece vae acontecendo com as consequencias da vitoria do Dezembargador. Se tivesse de aduzir provas a esse respeito, o primeiro teste-

(Continua na 4a. pagina)

LAB. SCHERING

O meu anti-clericalismo

(Continuação da 1a. pagina)

munho que chamaria havia de ser o de S. Excia. a quem prestei a minha assistencia em dois transes dificeis de sua vida episcopal, amparei com meus esforços e donativos, todas as obras sociais em que S. Excia. se empenhou e que tanto desvanecem S. Excia. e aos seus conterraneos, contribuindo, ainda, com a minha aquiescencia, para que os haveres pertencentes a uma pessôa cara e que se achavam em minhas mãos, contribuissem eficientemente para estes e para muitos outros empreendimentos, o que nos valiam, então, a ela e a mim proprio, muitas deferencias. Somente depois que S. Excia se tornou chefe politico com a decantada Liga Eleitoral Catolica e dos dez anos de governo escuro de Menezes Pimentel, passou a ver em mim um adversario a quem era preciso demolir, fosse como fosse, o que S. Excia. está executando religiosamente; a culpa não é minha *si jam satis fata biberunt*—ou se o manancial esgotado foi julgado indigno de seus cuidados. Mesmo assim, ainda hoje saem de minhas mãos as contribuições mais avultadas de quantas são solicitadas para obras empreendidas pelos Padres. Quanto ao achar-me eu defendendo o comunismo, não sei como, de bôa fé, se pode considerar apoio a simples fato de estranhar que não fosse aplicado ao integralismo, corja maldita, a mesma condenação com que o comunismo fora cominado sem nenhum protesto meu, por julga-los ambos inimigos da Patria. Admitir essa interpretação contraria á lógica, é raciocinar como um insensato. Sei que a referencia pejorativa ao integralismo pondo-o em pé de igualdade com o comunismo, foi que determinou contra mim o assanhamento das iras eclesiásticas, pois que, a lembrança da ideologia verde se acha guardada como um relicario, dentro do coração de muitos nazi-fascistas que só, aguardam a oportunidade para expandil-a. Não compreendo como S. Excia. encontre paridade entre a atitude dos dirigentes da Ação Catolica Cearense, em relação aos candidatos e a atitude dos patrões para com seus operarios, por isto que aqueles não têm sobre estes nenhuma ascendencia, pois, representam, na Igraja uma superfetação, o mesmo não se dando com estes outros, que dos patrões recebem salarios e assistencia, a que devem corresponder com a sua solidariedade. Si, como diz S. Excia. para prescutar a consciencia dos nossos operarios, os fazemos seguir para seções eleitorais, acompanhados de fiscais, não é para esse fim que o fazemos, mas para livra-los da sanha de individuos inescrupulosos, entre os quais alguns Padres, que se dedicam ao papel indigno e criminoso de trocadores de chapas. Por ultimo, quero lastimar que as minhas pobres letras, por vezes motivo de imaginárias ofensas a S. Excia. dêm logar a tão repetidas manifestações de desagravo que, por sua frequencia, e sem razão de ser, já estão sendo encaradas pelo grosso público sob o prisma do ridiculo, e não representam mais do que simples manifestações de carater politico; ainda no ultimo *meeting* teve de ser cassada a palavra a um orador, por sinal, comunista fichado, que ali acorrêra, para exaltar a personalidade do candidato de S. Excia.. Os excéssos oratorios, porém, no que toca a S. Excia. não sofrem contraste, tanto assim, que no ultimo um dos oradores chegou ao ponto de taxar S. Excia. como sendo o maior sobralense, já porventura, nascido e ainda por nascer. Essa hiperbole que leva muito adeante as previsões da Genetica, nos desencanta, quanto ao passado, da figura do Padre Doutor Ibiapina, que sem ser considerado super-homem, construiu 18 casas de Caridades e outros tantos Orfanatos no interior de quatro Estados do Brasil, e no fututo, abre para os casaes sobralenses, a perspectiva desoladora de ver sair, de ora avante, das entranhas de suas mulheres, apenas creaturas abaixo de mediocre. Por hoje aqui fico, para responder ao artigo assinado por S Excia. esperando ver retirada a trave, que por caridade, S. Excia. resolveu pespegar nos olhos meus. Sobral, 28 de Janeiro de 1947. (a) José Saboya de Albuquerque.

Ginasio Sobralense

Equiparação permanente

E' o estabelecimento de ensino que se impõe á confiança dos pais de familia pelo interesse que toma na formação moral, inteletual e fisica de seus alunos.

Cursos primario e seriado internato, semi-intesnato e externato.

Exame de admissão a 25 de Fevereiro

Documentos exigidos

Certidão de idade civil
Atestado de saude
Atestado de vacina

O INEFAVEL SENADOR PLINIO POMPEU

PE. SABINO LOYOLA

O «Correio da Semana», na edição de 8 do corrente, transcreveu a entrevista que o delirante Senador Plinio Pompeu concedeu ao «Diario da Noite», no Rio. Damos hoje o repto que o Sr. Dom José dirigiu áquele «brilhante» parlamentar, em face das suas gratuitas e infundadas afirmações.

Após alguns dias li no «Correio do Ceará», um despacho do brilhante inteletuel conterraneo, aceitando o repto. Provarei isso, provarei aquilo, provarei mais aquilo outro e até agora as provas não saírem do cérebro fecundo e iluminado do Sr. Plinio Ensosso. E nem sairão á luz da publicidade visto ele proprio ter dito: «Levarei comigo as provas não para serem publicadas porque preencherão todas as paginas desse conceituado orgão». E agora me digam se esse homem não é mesmo «gosado»!

O Exmo. Sr. Bispo reptou-o a provar ter eu diariamente feito propaganda contra UDN elogiando Plinio Salgado quarto conforme declarações eliminações: 1º) Que a amplificadora foi comprada por ele, ou por iniciativa reação Reitor Seminario Padre José Oamar publicado Correio Semana treze corrente dito Sacerdele, que a mesma tenha recebido instdote nenhuma ordem recebeu de mim sobre questruções do Bispo, mormente em questões tão candidaturas quinto pão telegrafhel Diario Noite de candidatura. 2º) Que ele tivesse feito te repisado dito Senador mas apenas Nordeste diariamente viva propaganda contra a Estado pt Suportarei galhardamente desleais inUDN sempre elogiando Plinio Salgado. 3º) vevelidas gratuitos inimigos podendo rectificar, Que mandou que os padres divulgassem explicar quaisquer pontos acusações Incluseu acto politicogem upota quando a pedido Cura 84 que a UDN estava prócessando um sapedi Intervenlor Menezes Pimente nomeação seu cerdote. irmão cargo Tabellião Sobral como lembra pro-

Estamos esperando, ó inefavel Plinio. diu meu egregio amigo Coronel Dracon Barreto pt. Não é com falsidades que se escreve historia.

A platéia reclama impaciente... BISPO

Ainda o repto do Sr. D. José ao Senador Plinio

Sobral, 15 de Fevereiro de 1947
Nordeste—Estado—Correio Ceará
Fortaleza

Lendo declarações Senador Plinio Pompeu relativas meu repto venha reafirmar primeiro nenhuma ligação tive Amplificadora que nunca recebeu ordem qualquer minha segundo é falso ter eu mandado padres divulgassem occasião mistar UDN processando Cura 84, sendo esta atitude iniciativa padres solidariedade seu colle-

O Procurador Geral da Republica contra o P. C. B.

— O parecer do Procurador Geral da Republica "ad hoc", sr. Aloedo Barbedo sobre o pedido de fechamento do Partido Comunista do Brasil é um longo documento de vinte e seis laudas datilografadas. Diz inicialmente:

"Na apreciação do caso dos autos, ficaremos adstritos á interpretação e á aplicação do preceito constitucional no artigo 141, § 13, da Constituição de 1946, despreendo qualquer circunstancias que escapem aquela finalidade."

Depois de outras considerações passa a expôr: "Na verdade, desde 18 de Setembro de 1946 ao declarar da nova Constituição, os chamados partidos extremistas ou de tendencias totalitarias cairam no terreno da ilegalidade. Não seria por tanto, os fundamentos deste pobre parecer sem mesmo ao luzes do eminente Tribunal Eleitoral que hão de criar a situação apontada. A Constituição já dicidiu a especie dos autos de modo inclusivo".

Depois de analisar o artigo 141, § 13, refere se á duplicidade dos estatutos do Partido Comunista em longo capitulo, considerando provocado a dualidade. Depois faz relacionar Lei dos partidos extremistas, concluindo: "Diante do exposto invocando os supramencionados ilustres do relator, professor Sá Filho, um secretar, inteligencia e sabedoria que dignifica o nosso pais, e os demais juizes cujas virtudes se apreciam com as daquele—reiteramos que a partir da vigencia da Constituição de 1946 os chamados partidos extremistas ou de tendencias totalitarias ficaram ao terreno da ilegalidade, devendo ser cancelado o registro do Partido Comunista do Brasil. E assim decidindo, fará o tribunal como sempre, boa e serena justiça".

O traidor cada vez mais se afunda na traição

M. E. MORAIS REGIRO

Luiz Carlos Prestes de três milhões de pessôas para atingirmos o poder,» uma vez que na Russia o partido comunista assinou mais de cinco milhões. (Gazeta de Noticias de 14-2-47).

Diante de declarações deste jiez, compreende-se perfeitamente a atitude cinica desse "gauleiter" do fascismo sovietico, quando pretende matar menos

Depois da realidade, para a fim de conquistar o poder, o barbaro trucidamento de dez oficiais e soldados do nosso exercito representa coisa de somenos importancia. Ao lado de boje

Correio da Semana
Sobral, 18 de Fevereiro de 1947
ANO XXX — N. 94
ORGÃO DOS INTERESSES RELIGIOSOS DA DIOCESE DE SOBRAL

O ALVO NÃO FOI ATINGIDO

PE. SABINO LOYOLA

Estou aqui de novo com os mesmos propositos da semana recem-finda: desfazendo os aleives e não permitindo que se perpetrem, sem protesto desta folha, injustiças contra o eminente Bispo desta Diocese. Dou hoje por terminada a dissecação do «cadaver» —a agressiva «retificação» do dr. José Saboia que quis fria e calculadamente nos humilhar— o Sr. D. José e o Correio — com a desastrada produção de um cérebro que já não raciocina.

A população catolica de Sobral a esta hora já pode dar o testemunho de que soubemos revidar, sem desdouro e com destemor, aos que enebriados pelas riquezas, pensam que todos lhe devem homenagens, maximè nas horas de suas precarias e duvidosas vitorias.

Não podiamos suportar, como não suportamos, que a Igreja fosse atacada nos seus chefes, na «*manus longa*» da hierarquia eclesiastica e humilhada na pessôa sagrada e veneranda do inclito Pastor, sem que saisse da nossa pena justamente indignada, o veemente protesto e o merecido revide aos que tentaram, embora em vão, expor o Bispo de Sobral á derisão publica, ao descredito dos seus diocesanos. Dir-se-ia que o enfatuado chefe politico local estava lembrado da palavra da Sagrada Escritura: «Ferirei o pastor e dispersar-se-ão as ovelhas do rebanho (Mateus 26,31). No seu esforço baldado quis levar o Prelado Diocesano ao patibulo da opinião publica, como um mediocre, como um politiqueiro, como um bispo cheio de odio. Assim exposto o Sr. Bispo, desse modo tratado pelo insolente magistrado aposentado, o diretor desta folha, concio de sua responsabilidade, acha-se na liça, de fronte erguida, para defender e desagravar a dignidade episcopal.

Disse o dr. José Saboia: «*Os excessos oratorios, porém, no que toca a S. Excia. não sofrem contraste, tanto assim que no ultimo um dos oradores chegou ao ponto de taxar S. Excia. como sendo o maior sobralense, já porventura, nascido e ainda por nascer. Essa hiperbole que leva muito adiante as previsões da Genetica, nos desencanta, quanto ao passado, da figura do Padre Doutor Ibiapina, que sem ser considerado super-homem, construiu 18 casas de Caridade e outros tantos Orfanatos no interior de quatro Estados do Brasil*»...

Em mais de uma passagem da sua «formidavel» retificação mostra-se o dr. José Saboia incomodado com as homenagens e os elogios que se fazem ao Sr. D. José.

Admira que S. Sia. tido como versado em historia ao fazer a critica do valor de um homem se refira apenas ás suas construções de alvenaria. Que arrojo de critica cientifica! Pobre do Rui Barbosa, de Santos Dumont e muitos outros, se nunca construiram! Longe de estabelecer um confronto entre o Sr. D. José e o Padre Ibiapina, quero referir-me aos brazões de gloria do nosso ilustre Prelado.

Testemunhos valiosos—1°) O Pe. Dr. João Gualberto do Amaral, o expoente máximo da cultura do clero nacional, tem dito varias vezes que o Sr. D. José é a maior organização metafisica do Brasil.

2°) Os Padres Beneditinos do Convento do Rio, onde o Sr. Bispo esteve hospedado em 1924, depois de te-lo ouvido numa missa pontifical, disseram que executava, com perfeição, o canto gregoriano. Tal afirmação nos labios dos religiosos beneditinos, eximios cultores do canto eclesiastico, não pode ter o valor de simples elogio, feito com o fim de agradar.

3°) O Cardial Leme, que conheceu de perto o nosso Bispo, quer como companheiro na Universidade Gregoriana, quer como professor no Seminario Central de S. Paulo, não perdia oportunidade para fazer as melhores referencias á sua inteligencia privilegiada e á sua cultura profunda e vasta. O falecido Purpurado chegou a dizer que ensinava melhor teologia dogmatica, do que o Cardial Billot, renomado catedratico da Gregoriana. E no Congresso Eucaristico de Recife, ao receber a visita dos Cearenses, teceu verdadeiro hino de louvor ao saber do Bispo de Sobral.

4°) O Cardial Coppello, Arcebispo de Buenos Aires ao agradecer as homenagens que lhe tributou o ano passado uma comissão de medicos patricios disse: «Quero saudar a grande nação catolica que é o Brasil e o seu ilustrado Episcopado, do qual destaco, por suas excepcionais qualidades, D. José Tupynambá da Frota, Bispo de Sobral, um dos maiores bispos do mundo».

Fala correntemente o francês, o italiano, o espanhol; escreve com elegancia o latim e os classicos latinos lhe são familiares; conhece o alemão e o inglês, sem contudo falar esses dois idiomas; é doutor duas vezes, por ter defendido tese de Filosofia e de Teologia; licenciou-se em Direito Canonico (1); possue bons conhecimentos de medicina, é musico, liturgista, e senhor de vasta erudição. Numa palavra, tem das ciencias eclesiasticas e profanas conhecimentos que o colocam num posto elevado, a que bem poucos atingem.

Tanto em Sobral, como na Baia brilhou como *primus inter pares*, sobrepujando no Seminario de S. Salvador o melhor aluno do curso. Em 1905, conquistou, na Universidade Gregoriana, o premio de Teologia, sendo, porisso, felicitado, em nome do Governo Brasileiro, pelo nosso embaixador junto ao Quirinal.

Suas virtudes—Mais do que de sua inteligencia cintilante, são os sobralenses testemunhas presenciais do desprendimento, do espirito de sacrificio do seu inclito Prelado. Dedicação perfeita á causa da Igreja, labor incessante, reputação inatacavel, caridade extraordinaria, são algumas das muitas facetas do verdadeiro «homo Dei». Vivendo no desconforto, esquecido do seu bem-estar pessoal, tendo sempre mesa frugalissima, sacrificou, na realização das obras sociais, que engrandecem um povo, as suas economias as heranças paterna e materna.

(1) Três são os graus academicos: doutor, licenciado e bacharel. O mais elevado é o primeiro, e o menor, o mo. Enquanto o nosso Bispo é doutor duas vezes e licenciado uma, alguem é apenas bacharel em «direito».

(Continúa na 4ª pag

ANIVERSARIO, ONTEM, DA ELEIÇAO DO EXMO. SR. DOM JOSE' PARA BISPO DE SOBRAL

Por ordem do Exmo. Mons. Olavo Passos, Vigario Geral deste Bispado, celebrou-se, ontem, na Catedral e nas Matrizes desta circunscrição eclesiastica, o 31°. aniversario da eleição do Exmo. Sr. D. José Tupynambá da Frota, para reger uma Diocese então pobre de tudo.

Na Catedral houve missa cantada ás 7 horas, sendo a parte coral executada pelo "Schola Cantorum" do Seminario Diocesano sob a batuta do Pe. Joviniano Loiola. Oficiou na missa solene o R. Pe. José Osmar Carneiro, Reitor do Seminario e serviram de ministros os RR. PP. Expedito Lopes e José Lourenço.

Além do Sr. Ataliba Daltro Barreto, recentemente nomeado prefeito deste municipio, notava-se a presença do Clero da

cidade, do R. Frei Romualdo ofm como representante da Escola Apostolica S. José de Tianguà, representações das Associações Pias e Confrarias, do Ginasio Sobralense, do Ginasio Sant'Ana, dos Grupos Escolares, do Educandario S. José.

Apesar de ser dia util, a Catedral estava literalmente cheia de fieis que, assim, mais uma vez demonstram a sua inequivoca estima e veneração ao grande bemfeitor de Sobral.

O «Correio da Semana» associa-se inteiramente ás homenagens de filial amor, prestadas deante do altar de Deus vivo, pelos lidimos catolicos de Sobral ao seu Exmo. Chefe Espiritual e Guarda vigilante do rebanho.

Noticias diversas

Batista Luzardo quer ocupar o seu lugar

O ex embaixador do Brasil na Argentina, recentemente, distingindo com o bilhete azul que lhe deu o presidente Dutra, está disposto a exercer o seu mandato de deputado, do qual foi licenciado para atender ao pedido de quem agora não o quer mais no corpo diplomatico do Brasil.

O que terá feito o Sr. Batista?

O triunfo de Neto Campelo

O Senador Novais Filho declarou á agencia Meridional: "Não tenho duvida nenhuma de que a vitoria que o povo nos deu há de aparecer. Confio na Justiça Eleitoral. O triunfo de Neto Campelo foi conseguindo pelo voto livre. Estou certo de que ninguem o arrebatará".

Aniversario de coroação de Pio XII

Amanhã registrar-se á mais um aniversario da coroação do Sumo Pontifice Reinante, Pio XII, que 1939 assumiu a suprema responsabilidade do governo da Igreja Universal em tempos tão dificeis.

Queremos nos valer desta feliz oportunidade para reiterar nas colunas desse defensor da verdade, o testemunho do nosso acendrado amor filial ao Chefe da Cristandade E a Deus elevamos férvidas orações para que o conforte, o ilumine nestes atribulados dias de seu Pontificado.

E o fazemos com tanto maior solidariedade, quanto sentimos que, nesta hora tumultuaria, de dispersão e lutas, os catolicos devem sentir a necessidade de estreitar mais ainda a sua união com o Chefe Visivel da Igreja—o Papa

Todos os catolicos devem se interessar pela boa imprensa.

Do Pe. Tiburcio de Paula ao Presidente da Assemblea Estadual

Joaquim Bastos—Assembléa Constituinte
Fortaleza-Ceará

Fim resguardar autoridade Sr Bispo peço cientificar eminente dr. Faustino bipta

I—Não recebemos minima insinuação evitar celebrar missa gratulatoria.

II—Não me recusei a tal nem siquer recebi qualquer convite.

III—Telegrama publicado Gazeta é atribuido dr. José Maria Alverne empenhado campanha mentirosa fim indispor nosso Presidente com Sr. Bispo e Clero desta Diocese.

Abraços

PE. TIBURCIO

ANO XXIX — N. 99

Correio da Semana

Sobral, 11 de Março de 1947

ORGÃO DOS INTERESSES RELIGIOSOS DA DIOCESE DE SOBRAL

Banco de Credito Popular de Sobral SIA

O Banco de Credito Popular de Sobral S/A, por seu Presidente abaixo assinado, avisa aos Snrs. Acionistas que está pagando os dividendos a que têm direito, referente ao ano p. findo de 1946, nos dias uteis das 9 1/2 ás 11 e das 13 1/2 ás 15, em sua sede á praça 5 de Julho nº. 2

FRANCISCO JUVENCIO DE ANDRADE
Presidente

Auxilios para a compra da Amplificadora Popular Catolica

Banco Popular de Sobral S.A.	1.000,00
João Anastacio Dias	1.000,00
Pe. Sabino Loyola	1.000,00
Pe. José Inacio Parente	500,00
Pe. Joviniano Loyola	500,00
Pe. Domingos Araujo	500,00
Pe. Gerardo Gomes	500,00
Dias, Lopes & Cia.	500,00
Prefeitura de Sobral	500,00
Pe. Manoel Henriques	300,00
José Modesto F. Gomes	300,00
A. Salustiano Aguiar	300,00
Francisco de Almeida Monte	300,00
Luiz Firmino Lopes	200,00
José Anastacio Dias	200,00
M. F. Chagas	200,00
Raimunco Medeiros Frota	200,00
José Aguiar Frota	200,00
Rodrigues Irmão & Cia.	200,00
Frota Gentil de Sobral Ltda.	200,00
P. Frota Irmão	200,00
Pe. José Palhano de Sabóia	2000,0
Mons. Vicente Martins da Costa	200,00
Pe. José Aloisio Pinto	200,00
J. A. Araujo & Filho	200,00
Soares, Irmão & Cia.	200,00
Manoel Gomes Azevêdo	200,00
Pierre, Machado & Cia.	200,00
J. Marques	200,00
João de Maria Linhares	250,00
Lustosa, Costa & Cia.	200,00
Affonso Lima	200,00
(Assinatura elegivel)	200,00
Argemiro Arruda & Cia.	200,00
J. Soares & Cia.	200,00
Euripedes Alverne & Cia. Ltda.	200,00
Viuva Cialdini & Cia.	200,00
João de Alencar Melo	200,00
Francisco Rangel Parente	200,00
Oriano Mendes	200,00
Irapuam Mendes	200,00
Dias de Carvalho & Cia.	200,00
Pery Frota	200,00
F. Chagas Barreto & Cia.	200,00
José Sabóia de Albuquerque	200,00

(Continua)

Correio da Semana

ANO XXIX — SOBRAL, 11 DE MARÇO DE 1947 — N. 90

Ação Social...

(Continuação da 1a. pagina)

Mas está chegando a hora da reconsideração. Não curo de saber se despertamos ou fomos despertados. Sei, isso sim, que estamos de olhos abertos, ouvidos atentos. Tenho absoluta confiança nos grandes destinos da Igreja, porque também tenho absoluta confiança nas reservas morais do nosso povo. Com a massa que temos é muito possivel fabricar pão alvo e saboroso.

Parece que a consciencia é um fato. Despertam valores. Empregam-se energias. Trabalham inteligências. Porfiam dedicações. Os sintomas são alentadores, mesmo para aquêles que têm vivido de clava em punho. Combater nunca foi sinônimo de pessimismo. A Igreja, desde que nasceu, outra coisa não tem feito senão travar combates incriveis, e deixem lá que ainda não vi otimismo mais sadio que o dela.

A Semana da Ação Social da Bahia é como que um arrebol. Mas vamos e venhamos, que o terreno vinha sendo afeiçoamente preparado de há uns dez anos a esta parte. A Bahia, não me enganarei muito dizendo que ainda há de constituir uma consoladora surpresa para a cristandade brasileira. O Norte, em geral, dispõe de reservas com que nem todos atinam. Fiquemos certos de que, se um dia desabar inclemente furacão sôbre êste país, as árvores secas e despidas de folhagem que o sertão adusto mostra ao viandante, resistirão á prova com mais afoiteza que muitas arvoresinhas catitas e folhudas que se ostentam em certos parques das cidades cosmopolitas.

Confiemos e esperemos nas promessas que Jesus Cisto nos fez, e também nos esforços que de nós exige, nas faculdades que nos concedeu e nossa liberdade de fazermos o bem, de nos amarmos uns aos outros, de nos servirmos e ajudarmos nessa passagem rápida pelo mundo. Afinal, o mundo não é assim coisa tamanha, nem a vida coisa tão longa nem os corpos coisa tão preciosa que justifiquem a agressão de uns a outros, á desconfiança uns dos outros, o quererem uns o que do outros á.

A Ação Social consistem reconhecermos que nossa vida e a vida do próximo aqui na terra é importantissima do ponto de vista da eternidade, exatamente por ser uma preparação para ela.

Falecimento em Ipú

Naquela cidade, a 27 do mês passado, faleceu na idade de 88 anos, o Sr. Gonçalo de Oliveira Lima, conhecido por Gonçalo Manoel, natural de Ipú e residente na mesma cidade.

Foi casado com Da. Gonçalinha Pontes, falecida em 1942, e de cujo consorcio não houve familia. Era tio legitimo do ex-vigario de Ipú, Pé. Gonçalo Lima e do Sr. Joaquim Lima. Foi o referido morto grande amigo das Conferencias Vicentinas, as quaes auxiliava com frequentes e generosos donativos. Da sua modesta fortuna deixou boa parte para associações pias e de caridade.

Católico praticante e fervoroso fez a sua grande viagem confortado pelos Santos Sacramentos.

O seu enterro e as suas exequias foram concorridos—prova da estima de que gosava naquele meio, em que deixou falta bem sensivel.

Paz á sua alma. Pesames a sua familia, particularmente ao R. Pe. Gonçalo Lima.

Efeito da oração

Um celebre prégador, o Pe. Carbois, pregando em Lyon (França) disse que a oração piedosa e constante pode operar milagres.

Uma criança de dez anos que o ouviu (estava se preparando para la. Comunhão) tomou logo a resolução de pedir a conversão de seus pais.

No dia seguinte, foi ter com o dito sacerdote, queixando-se de que tinha rezado desde o dia do sermão pela conversão de seus pais, e que não tinha obtido.

O padre animou-a, e lembrou-lhe que era necessario rezar com constancia.

Na vespera de sua la. Comunhão, uma menina sua prima disse-lhe toda contente que seus pais haviam de comungar com ela no dia seguinte.

A criança ficou toda triste.

Em casa perguntaram-lhe a razão.

E', disse, porque os pais de minha prima vão comungar com ela e eu não terei essa felicidade.

O pai e a mãe ficaram tão comovidos que quiseram confessar-se e comungar.

A criança toda triunfante foi logo dizer ao P. Carbois que o milagre estava feito

A. A.

Lembra-te, catolico, que não mereces este nobre titulo, se não cumpres o preceito da confissão anual e da comunhão pascoal. A Quaresma é o tempo indicado pela Igreja para o cumprimento destes deveres. Quebra os laços que te prendem.

A VITO'RIA DA VERDADE

PE. SABINO LOYOLA

Por alguns dias o «Correio da Semana» deixou de se ocupar da campanha ingloria que o Sr. José Sabóia e os seus mais ardorosos correligionarios movem, com calculado objectivo, contra o Sr. D. José. Calar, porém, não significa recuar, como, parece me, estão pensando os Srs. Sabóia, Maria & Cia. ltda. Muito menos representa covardia deante do raciocinio em marcha-ré do ex-magistrado de Sobral. Sem ter retrocedido um millimetro aqui está o director deste bi-semanario, continuando o rebate aos ataques injustos e ás afirmações infundadas, feitas á Autoridade Diocesana com uma leviandade de pasmar.

Não fomos nós—o Sr. Bispo de Sobral e o «Correio da Semana»—que por primeiros provocámos este incidente. A Circular nº 64 do Sr. Arcebispo de Fortaleza, bem como os questionarios da Acção Catolica dirigidos aos candidatos indistintamente, exceptuados os comunistas, foram como que a senha para o inicio da ofensiva vermelho-maçonico-protestante contra o Sr. D. Antonio Lustosa e aquela instituição providencial. Aqui em Sobral, como já se tem dito em versículo, o Sr. José Sabóia fez eco com os inimigos da Igreja, *sem, entretanto, ser um deles*. Cabia-me, como director de um jornal catolico e como sacerdote, dar o troco merecido ás suas assacadilhas, de certo modo esperadas. (1) Como o ataque foi feito num ágape politico, os seus amigos mais apaixonados querem dar á nossa attitude côres partidarias. Só uma pessôa desatinada de bom senso, incapaz de refletir dirá que uma propaganda facciosa—suponhamos—feita por certo padre numa igreja, deixa de ser partidaria, pela circunstancia de ter sido num templo. Desse modo estão raciocinando alguns «fans» do Sr. José Sabóia, que viram nos reparos do «Correio da Semana» e na refuação do Sr. D. José ás intempestivas e infelizes afirmações do «prestigioso» chefe politico, uma ingerencia em assunto facciosa. Os diplomadas pela Faculdade da Motuca são mais numerosos do que se supunha. Respondam, por obsequio, os interessados qual a referencia desfavoravel feita á UDN e ao Desembargador Faustino naquelas duas publicações (2) do dia 4 de Janeiro? Quem se atreverá a tanto? Por ser de politicos o ambiente, poderia qualquer acometer, a seu bel prazer, um documento da Autoridade Eclesiastica? E nós haveriamos de nos calar só pelo receio (ou mesmo deante da certeza) de que nos acolmassem de partidarios? Dou mais importancia á voz da consciencia do que ao juizo apressado dos homens. No rumo dado á questão, descobre-se facilmente um jogo infeliz e um recurso barato para a um tempo coonestar a condistade umpolitico retrógrado e infirmar o indis-

(1) Dez a quinze dias antes do discurso do Sr. José Sabóia, soube que alguem havia dito que so elo sabia dar uma resposta boa á Ação Catolica.

(2) Ocupar-me-ei sobre a atitude do «Correio da Semana» perante a politica do Estado.

cutivel prestigio moral do nosso amado Pastor Diocesano. Com tal jogo e com semelhante recurso tentam os seus secarios criar artificialmente, como numa estufa, o clima propicio ao *generis*, explorado e alimentado pelos tréfegos promotores de protesto. Esse caso, desde seus pródromos, vem se caracterizando pela deslealdade dos que nos combatem e pelo desrespeito formal á verdade. Quantas afirmações gratuitas! frutos de imaginações exaltadas senão mórbidas. Meras conjecturas, apresentadas como juizos definitivos! Sombras tomadas como seres reais! A minha tarefa será, daqui por deante, demonstrar aos nossos sensatos leitores os recursos e meios escusos de que se utilizam certos «politicos», para que vejam aqueles que não é sobre lacedamento tão fragil que há de se erguer a gloria de um homem.

Em «O Povo» de 5 de Março o Sr. José Sabóia publicou mais um estudo sobre a sua propria pessôa. Revelou mais algumas facetas para a *vitoria escurecida* o «esplendido fracasso» de sua causa. Nesse novo capitulo de sua auto biografia o poderoso régulo de Sobral enfie conceitos que de minha parte reclamam retificação, ea os benevolos leitores me permitem o emprego do eufemismo. Cifro-me ás quatro principais passagens em que a verdade foi maltratada, desprezando por ora outros pontos da produção *sabarrá* vinda á luz após uma gestação semelhante a dos asininos.

Disse o dr. José Sabóia:

«Não estou com isso me defendendo, pois não pretendo *«volver o resipiscencias»*, conforme ridiculamente se me insinua; já me sinto bastante confortado com o fato de inumeros dos meus ex-irmãos que se recusaram a assinar as listas de solidariedade a S. Excia., e de condenação á minha conduta, pois, sendo de quasi 300 o numero dos associados, pouco mais de 40 assinaram ditas listas, ao mesmo tempo que 31 outros se eliminaram espontaneamente da Irmandade constituindo assim o apelo episcopal um esplendido fracasso, em holocausto a sua prepotencia».

Não houve ridicula insinuação no acto do Mons. Vigario Geral, que se limitou a apresentar os motivos em que se fundou aquela penalidade. Seria octoso esperar do seu eminente orgulho este passo. Os homens medíocres são incapazes de fazer um acto de publica humildade, por considerarem esta virtude crista uma indignidade e baixeza. A imaginação fertil e criadora do dr. José Sabóia se engana: em vez de pouco mais de 40, a lista de adesão recebeu 132 assinaturas dos seus ex-irmãos. E mais não se conseguiu por muitos (cerca de 70) residirem fora e longe desta cidade. Deixe que lhe diga: os 31 que se eliminaram da Irmandade não no fizeram tão espontaneamente como S. Sia. penas. Três deles já se dirigiram á Autoridade Diocesana, dando explicações do seu acto julgado espontaneo; dois outros já tinham incorrido em pena de eliminação e um nunca foi socio da Irmandade. Em vez de 31, são 25. Com tais cifras o inspirado polemista quis demonstrar indirectamente que é o homem de mais prestigio e valor dentro de Sobral. Não era preciso, já que estava provado pelo vós das urnas!—Não foi apelo episcopal. A medida partiu de Mons. Olavo Passos, que aliás promoveu identicas moções de solidariedade entre os Marianos e as Filhas de Maria, com resultado magnifico e surpreendente. E não admirou muito a attitude dos irmãos sabolistas, visto ser conhecida Irmandade como um sodalicio de disciplina frouxa.

«Quanto á minha expulsão em si, não me interessa discutir a sua legalidade; pois, tal como foi tomada, a deliberação nenhum efeito pode produzir; em vez de ser uma afronta, como se pretendeu, não passa de uma torpe vindicta, tomada pelo covardia nipônica dos que, há muito, a tinham preparado, como arma secreta, a ser desfechada contra mim desde que reformaram em moldes totalitarios o velho Compromisso de 180 anos de vigência, justamente ao tempo em que andou acesa outra polêmica a que fui arrastado pelo mau vezo de S. Excia em se imiscuir em questões partidarias». Depois desse periodo de uma legua, só tomando fôlego.

A Irmandade foi fundada em 1752, contando, portanto, com 195 anos de existencia. Consta que em 1915 foram reformados os estatutos. Tenho em mãos um exemplar dos que foram reformados em 1935, cujo artigo 4 corresponde ao artigo 7 dos estatutos retocados em 1944. Transcrevo, para cá um e outro.

Dos estatutos de 1935	Dos estatutos de 1944
Art. 4º Será eliminado o irmão que, por ato publico e formal, haja desacatado a Autoridade Diocesana ou seus Delegados e não queira volver á resipiscencia».	Art. 7º Será eliminado o irmão que, por ato publico e formal haja desacatado a Autoridade Diocesana ou seus Delegados e não queira volver á resipiscencia».

Só em Junho de 1945, dez anos depois da primeira reforma, andou SSa. lançando combustivel para «acender polemicas» pelo «mau vezo» que, tem de desrespeitar a Autoridade Eclesiastica, tomando nuvem por Venus e patenteando que além de um revoltado é um catolico muito vulneravel. Está longe de ser uma das grandes reservas morais do Ceará por este e outros motivos.

A medida energica e corajosa, justa e cristã do Vigario Geral não foi uma torpe vindicta, nem covardia nipônica, mas uma penalidade merecida, de perfeito acordo com o Direito Canonico, como provarei. Se, porém, S. Sa não se sujeita á penalidade, há um recurso, apenas um: apelar para Santa Sé.

Não fale em moldes totalitarios, porque tais vocabulos fazem lembrar entre outros factos o da demissão de dezenas de operarios da fabrica por terem cometido o crime de votar com liberdade no candidato de suas simpatias, direito que lhes asseguram as leis de um regime democratico.

Ainda ele.....

O Sr. Josè Maria Mont' Alverne, como advogado até de causas infelizes, deu no vêso de reproduzir em boletins os documentos, publicados na imprensa cearense pelo seu invicto sogro, pelo seu inefavel cunhado e até por si proprio sobre uma questão que, se não agora, ha de futuro encher de pasmo os leitores.

O nosso grande publicista não compreende que, longe de nos causar mal, está prestando um relevante serviço á causa da verdade e da justiça, não só porque das colunas deste jornal rebateremos vitoriosamente as "solenissimas mentiras despudoradas", como tambem porque proporciona aos Reverendos Parochos desta Diocese, todos solidarios com o seu Prelado, ocasião oportuna para em suas predicas dominicais denunciar perante os catolicos os inconcebiveis metodos de caluniar, de que estão lançando mão os inimigos da Igreja nesta diocese, e tambem retificar as noticias, intencionalmente propaladas contra o Bispo Diocesano.

E destas colunas do nosso jornal concitamos a todos os Parocos a defenderem a causa da verdade e da justiça, agora irmanada com a da Igreja.

O proverbial sportman nos seus boletins, que reproduzem o que o bom senso aconselha não se reproduza, para honra da firma Saboia, Maria & Cia. Ldta., emprega sempre um papel amarelo, escolhendo assim, e inteligentemente, a côr q' melhor traduz o papel de bajulador e de intrigante que está desempenhando nesta cidade e em quase todo o Ceará o atarefado boletinista.

Temos documentos para afirmar que o egregio bacharel, que tudo pode fazer menos bacharelices, foi quem mandou para todo o interior da diocese o esquema dos "inofensivos" e inoperantes protestos contra o justificado acto de Monsenhor Olavo Passos, e recomendou aos seus amigos que depois lhe mandassem a copia da obrinha para ver se corresponde aos cromosomas da geração alvernina. E aqui deixem-nos dizer os leitores, não sabemos o que mais admirar, (ou antes deplorar), si a monumental inepcia do gozadissimo diplomata, ou a subserviencia dos que atenderam ás exigencias descabidas de quem sabe "maravilhosamente" deturpar os factos e saltar de galho para outro, como si a esgrima intelectual não tivesse as suas leis, que quando inobservadas, podem até ferir de morte o esgrimista.

Ao sr. José Maria *de Mont' Alverne* lembramos o distico de Virgilio; "O Formose puer, nimium ne credas colori", o que em linguagem trivial soaria mais ou menos assim: nem tudo que reluz è ouro; não há nada como um dia depois do outro. Não suponha, senhor advogado bacharel, que o céu é perto, e que aqui temos medo de papão.

Federação Diocesana das Congregações Marianas

NOTA OFICIAL

Devidamente informada, a Federação Mariana declara que a noticia divulgada pela imprensa contra o Sr. José Otacilio de Sousa, presidente da Congregação Mariana de Ibiapina, carece de fundamento.

Cidadão digno e acatado, José Otacilio de Souza vem exercendo há varios anos, a contento geral, o honroso cargo de presidente dos marianos de Ibiapina, jamais lhe cabendo o epiteto de desordeiro, como caluniosamente lhe querem imputar.

Sobral, 20 de Março de 1947

A DIRETORIA

Correio da Semana

ANO XXIX — SOBRAL, 22 DE MARÇO DE 1947 — N. 93

A VOZ DO ORGULHO

J de Figueiredo Filho

O católico não pode ficar de armas ensarilhadas. Tem que entrar em plena liça, desprezando comodidades e o próprio bem estar.

Presenciamos, agora, no Ceará, intensa campanha contra o Bispo Diocesano. Sobral não se conformou com os dizeres de seu discurso ofensivo á circular nº. 64 de Dom Antônio, o dr. José Saboia passou a atacar a figura do grande Prelado que incontestavelmente è o orgulho civel intelectual daquela região criando colégios e outras instituições.

Quem visita aquela bela cidade sabe que os maiores indices de seu progresso foram filhos da iniciativa de seu grande Bispo.

O Padre Ibiapina foi de facto o grande apóstolo do Nordeste. Porém não disseminou mais beneficios do que Dom José. Os empreendimentos do exmo. sr. Bispo de Sobral são firmes e imorredouros O futuro mostrará. E Sobral nunca o esquecerá, apesar da campanha do dr. José Saboia está sujeito a passar de um momento para outro.

Enquanto o poder politico é sempre passageiro, a força moral da Igreja é eterna. Os partidos e os regimes passam e o

---

Espetacular desastre de caminhão em Sobral

O COMUNISMO JA' COMEÇOU EM SOBRAL

O Pe. Sabino Loyola foi notificado a comparecer ás 13,30 do dia 16 perante um juiz prestista

Pela primeira vez, na historia deste Foro, um sacerdote será arrastado á barra do Tribunal civil

O padre irá para a cadeia

Hoje, porque criticou vereadores em que os mesmos tais com objetividade na imprensa. O jornal e o reporte rio popular da historia, quer esta se desenrole nos amplos insalubre da vida interiorana. Por ai desfilam erros sem fim pode ser grandes repercussões. O publico e que este jornal dentia não é apenas esta cidade. E esse publico deve ser informado.

A nota publicada na edição de 8/3/47 desta folha sob a epigrafe «Manifestação ao Juiz» e cujo conteúdo comunica a [illegible] ao Juiz de Direito desta comarca que [illegible] Em face de certas explicações, em [illegible] o [illegible] do [illegible] Pois o batalhão para que os Srs. Cesar Ferreira, Raimundo [illegible] outros, requereram ao Juiz que interpelasse o Diretor do [illegible] objetivo é processar o Diretor do «Correio da Semana», o [illegible] declarasse o nome do pessoa a quem [illegible] Diocese «Correio da Semana» [illegible] Pois o batalhão para que os Srs. Cesar Ferreira, Raimundo [illegible] outros, requereram ao Juiz que interpelasse o Diretor do [illegible] objetivo é processar o Diretor do «Correio da Semana», o [illegible] declarasse o nome do pessoa a quem [illegible] Diocese «Correio da Semana» [illegible]

Correio da Semana

Sobral, 11 de Agosto de 1948 — ANO XXII — N. 39

ORGÃO DOS INTERESSES RELIGIOSOS DA DIOCESE DE SOBRAL

INSEGURANÇA NO ESTADO DE S. PAULO

Esperadas cenas de sangue na capital bandeirante

Provocadas por Ademar de Barros

Rio, O Ministro da Justiça acaba de telefonar [illegible] Presidente Gaspar Dutra [illegible] já tomou conhecimento [illegible] está sendo [illegible] povo de São Paulo. O [illegible] general Dutra [illegible] recebeu uma carta do [illegible] deputado federal Plinio [illegible] requerimento exis[illegible] na Assembléia [illegible] Estado, em que [illegible] atenção do [illegible] Federal não pode [illegible] [illegible] [illegible]

E' PERIGOSA PARA SOBRAL A PERMANENCIA DO DR. FLORIANO BENEVIDES A' FRENTE DESTA COMARCA

—Você sabe que Carlos Prestes passou por Sobral?

—Não sei, mas já ouvi falar nisso.

—Pois passou e hospedou-se de noite na casa de Dr. Floriano Benevides. E daqui foi de madrugada, num cargueiro, para Camocim.

Foi esse o dialogo que se reproduziu inumeras vezes há três ou quatro meses passados nesta cidade. Se tal historia tem algum fundamento não pudemos, nós saber ao certo. Mas esse rumor que rolou varios dias reflete o que se pensa na cidade sobre o Dr. Floriano Malevides, nome por que vai tambem ser conhecido. E' o reflexo da opinião publica.

Em Sobral só ignora quem quer o odio, uma das caracteristicas dos comunistas contra as classes patronal, a ferver no coração do Dr. Malevides. O seu odio de morte aos patrões assemelha-se ás cinzas de monturo. Sob a cadaverica palidez de lavra dia e noite, incessante e [illegible] de luta de [illegible] que no solicitalismo é [illegible] a alavanca mestra e o caldo de cultura da expansão da ideologia marxista. Ands esse magistrado fazendo casos trabalhistas com calculado objetivo de se insinuar hoje entre o povo como um dos seus libertadores, para amanhã, com a sonhada vitoria do fretismo, reduzir esse mesmo povo á escravidão mais hedionda e tetrica, como sucedeu na Russia e está sucedendo nos paises europeus em que o bolchevismo conseguiu firmar as garras do urso das estepes. A esse odio aos patrões, associa-se agora da parte dos vermelhos a perseguição ao padre, que tem sido uma das classicas vitimas do comunismo e o alvo preferido do odio dos maus.

A homenagem do dia 2 deste mês ao "democrata sincero" foi a advertencia viva de que a permanencia dele á frente desta Comarca representa um constante perigo nestes tempos de não desejando ameaça comunista. De quando em quando a imprensa do Brasil se refere a planejadas revoluções. Lá um dia a casa cai. Hoje é o sentimento de admiração pelo "distribuidor da justiça," amanhã será a adesão ás suas idéas. Hoje a simpatia pela pessoa, amanhã a solidariedade ao juiz em qualquer situação. Hoje certa gratidão dos operarios, amanhã a influencia da doutrina. E um dia será, tardiamente talvez para jugula-la, o explorador da revolução, a idéa fixa e obcecante diabolica dos comunistas.

Índice Remissivo de Assunto e Onomástico

A

ABREU, João Capistrano de
Abrigo Coração de Jesus
Academia Sobralense de Letras
Ação Católica
Acaraú, Cidade e Distrito
Acaraú, Ribeira e Rio
Acólito, (vide Seminário)
Açúcar, Cultura de
Açudes
ADEODATO, João Nogueira
Administração
Adolescência
Adolescente (vide Adolescência)
Agricultura
AGUIAR, Acácio
AGUIAR, Mons. Agesilau
AGUIAR, Clotário (Lojista)
AGUIAR, Joaquim Anselmo
ALBANO, Ildefonso
ALBUQUERQUE, Ernesto Deocleciano de
ALBUQUERQUE, Ernesto Sabóia de
ALBUQUERQUE, Faustino
ALBUQUERQUE, Gerardo Rodrigues
ALBUQUERQUE, José Sabóia de (vide *SABÓIA,* José)
ALBUQUERQUE, Valdemar
Alcântara
ALCÂNTARA, Tancredo Halley

Algodão
Aliança partidária
Alimária
Alma do outro mundo (vide Assombração)
Alma penada (vide Assombração)
ALMEIDA, Edson
ALMEIDA, Manuel Esteves
ALVERNE, Alarico (vide MONT'ALVERNE, Alarico)
ALVES, Joaquim
AMARAL, Gilberto
Amplificadora
ANDRADE, Pe. Egberto (Diretor da Rádio Educadora de Sobral)
ANSELMO, Joaquim (Flautista)
ANTA, Pessoa
ANTUNES, Jacinto
Anuário do Ceará
Aquirás
Aracati
ARAGÃO, Prof. Luciara
ARAGÃO, Dr. Thomaz
Araras — Açude de
Aratus
ARAÚJO, Adauto
ARAÚJO, Pe. Domingos Barreto
ARAÚJO, José Donato
ARAÚJO, Mons. Sadoc
ARENA, (Aliança Renovadora Nacional)
Aristocracia
Armas
ARRUDA, Maria Airdes
Assembléia Legislativa Estadual
Assembléia Nacional Constituinte (vide Constituinte)
Assombração
Ato Institucional
AUGUSTO, Vicente
AZEVEDO, Stênio

B

Bahia
Bairrismo

BALZAC, Honoré de
Banabuiú, Açude de
Bancada política
Banco do Brasil
Banheiro
Bar "Cascatinha"
BARBOSA, Raul
BARBOSA, Rui
BARBOSA, Vicente (Dono do salão de bilhar)
BARRETO, Cesário
BARRETO, Deolindo
BARRETO, Lima
BARRETO, Gov.-Geral Roque
BARROSO, Olga Monte
BARROSO, Parsifal
BARROSO, Régis
BASTOS, Jairo Martins
Bebedeira
Bebida
Beco da Piedade
Beldroega
Belo Horizonte
BENEVIDES, Juiz Floriano
BERNARDES, Pe. Manuel
BEZERRA, Antônio
BEZERRA, João Clímaco
Biblioteca Nacional
BILAS, Francisco
Bilhar, Salão de
Bispo-Conde (vide Dom José)
Boiada
Boletim
Borborema
BORGES, Pres. Est., Pedro Augusto (1900)
BORGES, Renato (Dono de agência transportadora)
BORGES, Sérgio
BOSSUET, Jacques Bénigne
BOTELHO, Dom Diogo
BRAGA, Renato
BRANCO, Castelo
BRASILEIRO, Lúcio

Brasília
BRÍGIDO, João
BULCÃO, Florinda
Burocracia

C

Caatinga
Cabo Verde
Caboclo
Cachoeira, Açude
Cacimbas, Porto de
Cajazeiras
Caiçara
CAIO, Cid
Caissára (vide Caiçara)
Caligrafia
CALS, César
Calvinismo
Câmara dos Deputados
Câmara Estadual (vide Assembléia Legislativa Estadual)
Câmara Municipal
Camocim, Cidade, porto e rio
Camossi (vide Camocim)
Campanha política
Campina Grande
Campinas
CAMPOS, Eduardo
Cangalha
Capela do Forquilha
Capitanias
CAPOTE, Nico
Carás
Cariri
Carnaubeira
Carnaval
CARNEIRO, Pedro Mendes
CARNEIRO, Vilemar

Carrasco, Zona de
CASAL, Manoel Ayres
Casarão
Cassação, Mandato político
CASTRO, José de
Catedral (vide Sé, Igreja da)
CAVALCANTE, Antônio Frota de
CAVALCANTE, Ildefonso de Holanda
CAVALCANTE, Walter de Sá
Ceará
Centro Estudantil
CHACON, Sérgio
Charqueada (vide Oficinas)
CHAVES, Franklin
CHAVES, Oswaldo
CÍCERO, Padre
Cimento, Cia. de
Cinco de Julho, Praça
Cine Rangel
Cine-Teatro São João
Cinemas (vide Cine)
CINTRA, Assis
Clero
Clube dos Artistas
Clubes
COELHO, Gerardo Rodrigues, o Coelhinho
COELHO, José Aragão
COELHO, José Joaquim
COELHO, Júlio Álvaro Aragão
Colégios
Colonização
Comércio
Comícios
Companhia Cearense de Cimento (vide Cimento, Cia. de)
Comunicação, Meios de
Comunismo
Congregação Mariana
Conservadorismo
Constituinte

CORDEIRO NETO
Coreaú
Coronelismo
CORREIA, Figueiredo
CORREIA, Trifino
Correio Braziliense (Jornal)
Correio do Ceará (Jornal)
Correio da Semana (Jornal)
Corrupção
Corte de Apelação
COSTA, Alberto Lustosa da
COSTA, Elcias Lustosa da
COSTA, Francisco Ferreira
COSTA, Maria Dolores Lustosa da
COSTA, Paulo Lustosa da
COSTA, Roberto Aurélio Lustosa da
COSTA, Verônica
Couro
Crateús
Crato
Criança (vide Infância)
CUNHA, Euclides da
CUNHA, Francisco da
Curral
Cuscuz

D

Decadência
Demagogia
DENIS, Ferdinandi
DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas)
Diário do Nordeste (Jornal)
Diário do Povo (Jornal)
DIAS, Edward
DIAS, João
DIAS, Rosa Maria
DICKENS, Charles

Diocese
DIOCLECIANO, Ernesto
DIÓGENES, Luciano
Discriminação (vide Preconceito)
Ditadura
Dízimos
DOM JOSÉ
Dona *NAZINHA* (vide MONT'ALVERNE, Prudenciana Sabóia)
DUTRA, Eurico Gaspar

E

Economia
Editora Melhoramentos
Educandário São José
Eleições
Eleitorado
Elites
Engenhos
Enterro
Era Uma Vez (Revista)
Escambo
Escola (vide Colégios e Educandário)
Escravidão
Espingarda (vide Armas)
Estado Novo
Estrangeiros
Estratificação
Excomunhão
Expedições
Exportação

F

Fábrica Santa Catarina
Fábrica de Tecidos "Ernesto Deocleciano"
Fábricas
Faca (vide Armas)

Facão (vide Armas)
Facção política
Facciosismo
FALCÃO, Armando
FALCÃO, João Emílio
Falência
Fantasma (vide Assombração)
FARIA, Otávio
Fazendas
FEITOSA, Dondon (Dona de pensão)
FELÍCIO, Dr. Quixadá
Férias
FERREIRA, Zé (vide GOMES, José Euclides Ferreira)
Ferrovias
Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú (vide Acaraú, Cidade e Distrito)
FILGUEIRA, Pereira
Flor de Liz (Revista)
Folclore
Footing
Forquilha, Açude de
Fortaleza
Fotos (vide Fotografias)
Fotografias
Franceses
Fretes
FREYRE, Gilberto
FROTA, Alarico
FROTA, José Peregrino da
FROTA, D. José Tupinambá da (vide Dom JOSÉ)
FROTA, Silvana
FROTA NETO
Funcionários
FURTADO, Celso
Futebol

G

Gado
GAGO, Pe. Ascenso
GALDINO, João
Garanhuns
GAULLE, Charles de
Gazeta de Notícias (Jornal)
GIRÃO, Raimundo
GÓIS, Manoel
GOMES, Antenor Ferreira
GOMES, Cesário César Ferreira
GOMES, Eduardo
GOMES, José Euclides Ferreira
GOMES, Pe. José Gerardo Ferreira
GOMES, Cap. Josias Ferreira
GOMES, Vicente Antenor Ferreira (vide *GOMES*, Antenor Ferreira)
GONÇALVES, Egmont Bastos
GONÇALVES, Wilson
GONDIM, Vicente de Arruda
GOULART, João
Grajaú
GRANJA, Porto e vila
Grota
Grupo Cênico Sobralense

H

Holandeses
Hotel Iracema Plaza
HUMBOLDT, Friedrich Heinrich Alexander Von
HUXLEY, Aldous

I

Ibiapaba
Icó
Igrejas
Impostos
Imprensa
Índios
Indústria
Infância
Inhamuns, Fazenda de

IPM (Inquérito Policial Militar)
IAPC (Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Comerciários)
Integralismo
Interiorização
Interventor
Ipu, Município de
Ipueiras
Irmandade do Santíssimo Sacramento
Itapajé
IVAN, Padre (Vigário de Coreaú)

J

Jaguaribe
Jaibara
Januária do Acaraú, Cidade de (vide Acaraú, Cidade)
JEREISSATI, Carlos
Jericoacoara, Porto de
Jornais
Jornalista
JOSÉ, Paulo
Judiciário
Jumento
Jurema
Justiça
Juventude

K

KOSTER, Henry
KUBITSCHEK, Juscelino

L

LACERDA, Carlos
Latifúndio
LEITÃO, Pe. Francisco (Vigário de Nova Russas)

Liberalismo
Liderança
LEC (Liga Eleitoral Católica)
LIGHT
LILIAM, José
LIMA, Emília Correia
LIMA, Lúcio
LIMA, Margareth
Lima, Onofre Gomes de
LIMA, Tibúrcio
LINHARES, Sarg. Antônio Alvares
Linhares, Praça Monsenhor (vide Cinco de Julho, Praça)
LIONS Clube
LIRA, Pe. João Mendes
Longevidade
LOPES, Dom Expedito
LOPES, Machado
LOYOLA, Pe. Sabino

M

Macaboqueira (vide Granja)
MACEDO, Dario
MACHADO, Cristiano
MACHADO, Raimundo
Machismo
MADEIRA, Pinto
MAGALHÃES, Juiz Floriano Benevides de
MAGALHÃES, Plínio Pompeu de Sabóia (vide POMPEU, Plínio)
MAGALHÃES, Randal Pompeu de Sabóia
MAIA, Francisco Alves
Maniçobal, Município de
Manifesto político
Maquinistas
Maranhão
MARCÍLIO, Flávio
MARTINHO, Padre
MARTIUS, Von
Mascates, Guerra dos
MASELLA, Cardeal Aloísio
Massapê

MATA, José da
Mata-pasto
Matadouro
Matos, Zona de
MAUGHAN. Somerset
MELO, Aldo
MELO, João de Alencar
MELO, José Luiz
MELO, Tabajara
MELQUÍADES, Francisco
Memórias
MENESES, Dom Diogo de
MENEZES, Gov. José César (Capitão-General)
Menino Deus, Igreja e Praça
Meruoca
Messejana, Lagoa de
Militares
Militarismo
Minas Gerais
Ministério da Justiça
Ministério do Trabalho
Ministérios
Miscigenação
Missa
MONT'ALVERNE, Alarico
MONT'ALVERNE, Felizardo
MONT'ALVERNE, José Maria
MONT'ALVERNE, Prudenciana Sabóia (D.Nazinha)
MONTE, Chico
MONTE. Francisco de Almeida (vide *MONTE*, Chico)
MONTE, José
MONTE, Judilita Borges
MONTE, Maria
MONTEIRO, Luiz Alencar
MORAIS, José Ermírio de
MORENO, Diogo Campos
MORENO, Martins Soares
MORORÓ, Padre
MDB (Movimento Democrático Brasileiro)
Mucambinho
Mucambo, Cidade de
Muçum

Municípios
Museu Diocesano

N

NEGREIROS, André Vidal de
Nobreza (vide Aristocracia)
NONATO, Cap. Raimundo
NORÔES, Edilmar
N. S. d'Assunção, Igreja

O

Oeiras
O Estado de S. Paulo (Jornal)
Oficinas
Officinas (vide Oficinas)
O Idealista (Jornal)
Oligarquias
Olinda
OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de (vide *KUBITSCHEK*, Juscelino)
OLIVEIRA, Mons. Gonçalo Eufrásio de
OLIVEIRA, Olavo
Operariado
Oposição política
Orações
O Reino de Cristo (Boletim)
Orçamento
OSMAR, José (Distribuidor de periódicos)
Ouvidor-Geral

P

Pajeú, Rio
Palácio da Luz
Palácio Tiradentes
Palácios
PALHANO, Pe. José

Pamonha
Panfleto
Papa
Paraíba
PARENTE, Diogo Honório Gomes
PARENTE, Edmir Ribeiro
PARENTE, José Frota
PARENTE, José Ignácio Mendes
PARENTE, Renato Frota
Parnahiba (vide Parnaíba, Rio)
Parnaíba, Rio
Paróquias
PCB (Partido Comunista Brasileiro)
PDC (Partido Democrata Cristão)
PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro)
PRC (Partido Republicano Conservador)
PRP (Partido Republicano Progressista)
PSD (Partido Social Democrático)
PTB (Partido Trabalhista Brasileiro)
PTN (Partido Trabalhista Nacional)
Partidos
PASSOS, Honorina
PASSOS, Mons. Olavo
Pastorais
Pastoreio
Patrocínio, Igreja do
Pecuária
PEDRO II, Dom
PEDROZA, José
Peixeira (vide Armas)
Pernambuco
Pesca
PESSOA, Francisco de Paula
Petrópolis
Piabanha, Navio
Piancó, Rio
Piauhy (vide Piauí)
Piauí
Pileque (vide Bebedeira)
PIMENTEL, Francisco Menezes
Pinha
PINHEIRO, Sônia
PINHO, Prom. Lucrécia

PINTO, Almir
PINTO, Mons. Aloísio
PINTO, Barbosa
PINTO, Prof. Paulo Roberto
Pinto Brasileiro, Colégio de Roma
Pleito (vide Eleições)
Pobreza
Pocinhos, Fazenda de
Poder Legislativo
Polícia
POMBAL, Marquês de
POMPEU, Plínio
POMPEU, Randal
POMPEU SOBRINHO, Thomaz
PONTE NETO, João Germano da
PONTES, Ozires
PONTES, Vilmar
População
Porão
PORTO, Costa
PORTO, Ferreira
Portos
Portugueses
Praças
PRADO, Jerônimo
Preá
Preconceito
Prédios
Prefeitura
PRESTES, Luís Carlos
Procissão
Professores
Propaganda política
Prostituição
Punhal (vide Armas)

Q

QUADROS, Jânio
QUEIRÓS, Eça de
Quintal

R

Racismo
Radicalismo
Rádio Globo
Rádio Iracema
Rádio Nacional
Rádios
RAMOS, João
RAMOS, Nereu
RANGEL, José
RANGEL, Dr. Olavo
Rebanho (vide Gado)
Recife
REMARQUE, Erich Maria
RENAN, Ernest
Repartição pública
Reriutaba, Município de
Revistas
RIBEIRO, Carneiro
Ribeira do Acaraú (vide Acaraú, Ribeira e rio)
Rio Grande do Norte
Rio Grande de São Pedro do Sul
Rio de Janeiro
ROCHA, Desemb. Moreira da
Rodovias
RODRIGUES, Agenor
RODRIGUES, José Honório
RODRIGUES, Pe. Luizito Dias
RODRIGUES, Nelson
ROSA, Jorge
Rosário, Igreja do
Rosário, Praça e rua do

S

SÁ, Ouvidor José da Costa Carneiro e Sabiá
SABÓIA, José
SABÓIA, José Palhano de (vide *PALHANO,* José)

SABÓIA, Sinhá (Maria da Soledade)
SABÓIA, Vicente
SABÓIA, João Thomé de
SABÓIA, José (vide *SABÓIA,* José)
Sacristia
SALES, Antônio
SALES, Cap. Landry
SALGADO, Plínio
Salgado, Rio
SAMPAIO, Dorian
SAMPAIO, Teodoro Fernandes
SANFORD, Eduardo de Almeida
SANFORD, Haroldo
SANFORD, Helvécio
SANFORD, John
SANFORD, Marcelo
SANFORD, Paulo de Almeida
Santa Casa de Misericórdia
Santa Quitéria, Município de
SANTOS, Proc. Antônio Furtado dos
São Francisco, Praça
São Francisco, Rio e Vale
São João, Praça
São José de Macaboquira (vide Granja)
São Luís
São Paulo
SARAIVA, Ciro
SARAIVA, Stênio
SARAZATE, Paulo
SÁTIRO, Agapito Santos
Sé, Igreja da
Secas
Secretaria de Agricultura
Secretaria da Fazenda
Secretaria da Justiça
Secretaria de Estado
Seminário
Seminário Maior
Seminário Menor
Seminarista (vide Seminário)
Senado Federal
Senzala
Sepultura (vide Enterro)

Serra dos Coiós
Serra Grande
Serra da Meruoca
Serras
SETÚBAL, Paulo
Siará (vide Ceará)
SILVA, Abdias
SILVA, Jacinto Antunes Pereira da (vide *ANTUNES*, Jacinto)
SOARES, José Maria
Sobrado
SOREL, Julien
Sótão
SOUSA, Francisco Ribeiro de (Expedição, em 1702)
SOUZA, Tomé de
STUDART FILHO, Carlos
SUED, Ibrahim
Sumacas
Surrão

T

TÁVORA, Fernandes
TÁVORA, Virgílio
Teatro Apolo Sobralense
Teatro São João (vide Cine-Teatro São João)
Teatros
Tecnologia
TELES, Bispo Valfredo
Televisão
Testamento
Tianguá
Tradicionalismo
Tribunal do Ceará (Jornal)
Tribunal de Contas do Distrito Federal
Tribunal Eleitoral
Tribunais

U

Uberaba
UCHÔA, José de Xerez da Furna

UCHÔA, Walderi
UDN (União Democrática Nacional)
União pelo Ceará
Unitário (Jornal)
Universidades
Uruburetama, Cidade
Usina "Oriano Mendes"
Usinas

V

Valentia
VARGAS, Getúlio
VARGAS, Lutero
VASCONCELOS, Desemb. Abner
Vasconcelos, Gov. Bernardo Manuel
Vau
VELÁSQUEZ, Diego
Velório
VIEIRA, Pe. Antônio
Vila de Fortaleza (vide Fortaleza)
Vila Distinta e Real de Sobral
VILHENA, Luís dos Santos
VIÑAS, Hugo (Farmacêutico)
VIRGILIUS, Publius
Volante
Voto

W

WALFRIDO, Dom
WAYNE, John

"Sobral do meu Tempo" é dedicado a Dom José Tupinambá da Frota em seu primeiro centenário, numa justa homenagem àquele que foi o segundo construtor da cidade; o fundador de sua primeira casa bancária; o edificador do Seminário; da Santa Casa de Misericórdia, dos Colégios Sobralense e Sant'Ana, do Asilo Coração de Jesus e do Patronato para Crianças. Teimoso e infatigável organizador do Museu Diocesano (sempre disposto a desapropriar riquezas e preciosas antigüidades de paróquias, para desespero de seus vigários). Esta, uma obra em honra ao aristocrata preocupado com genealogia e fumos de nobreza, que usava Doutor antes do nome, até substituí-lo pelo título romano de Conde; ao exaltado chefe de facção, que ameaçava adversários políticos, como Deolindo Barreto e José Sabóia, com o fogo do Inferno; ao príncipe feudal que exigia lhe beijassem o anel e que, apegado à etiqueta e à liturgia, trajava batina roxa com cauda (conduzida por um seminarista), tinha seu brasão, amava paramentos suntuosos, a ostentação em geral. Ofereço este livro, enfim, ao Bispo-Conde que, de forma idêntica a De Gaulle, falava na primeira pessoa do plural; seminarista prodígio do Colégio Pio Latino-Americano, de Roma, glória de sua terra desde mocinho; a Dom José, homem público que pretendeu moldar a cidade dentro de padrões europeus e que personificou, como ninguém, a pujança de Sobral — de uma Sobral que não mais existe — mas que existiu um dia, nos anos de fausto, e de que foi personalidade solar com a exacerbada consciência de sua superioridade sobre o meio e o comum dos mortais.

Brasília, 10 de setembro de 1982.